

BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS NOSSA LUTA É DIÁRIA

PERFORMANCES SÔNICAS E

ATIVISMO FEMINISTA

MARION VELASCO



ESTA ♀
LUTA É
DIÁRIA.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Banda de Garotas Instantâneas [livro eletrônico] :
nossa luta é diária performances sônicas e
ativismo feminista / Marion Velasco
organização Marion Velasco. -- Porto Alegre, RS :
Ed. das Autoras, 2023.
PDF

Outros autoras: Marion Velasco, Alice Porto,
Andressa Cantergiani, Cristina Ribas.
ISBN 978-65-00-77723-9

1. Arte contemporânea 2. Artes visuais
3. Feminismo 4. História da arte 5. Mulheres artistas
6. Performance (Arte) I. Ribas, Cristina.
II. Velasco, Marion. III. Porto, Alice.
IV. Cantergiani, Andressa. V. Título.

23-168495

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Performance : Artes visuais : Arte 700

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS.

NOSSA LUTA É DIÁRIA _ PERFORMANCES SÔNICAS E ATIVISMO FEMINISTA

Marion Velasco (org.)

2023

Um enunciado individual só tem alcance na medida em que pode entrar em conjunção com agenciamentos coletivos já funcionando efetivamente... Só um grupo-sujeito pode trabalhar os fluxos semióticos, quebrar as significações, abrir a linguagem para outros desejos e forjar outras realidades!

(GUATTARI, 1987 p. 178)

É PRECISO OCUPAR OS ESPAÇOS... **IV**

F. para Inflamadas | Cristina Ribas **XXIV**

Reconfigurações ligeiras para durar na instigação_ ou da instantaneidade das bandas à Banda de Garotas Instantâneas | Marion Velasco **LVI**

Processos de criação de textos para letras da Banda de Garotas Instantâneas/Instant Band Grrrls/IBG (2017-2022) | Alice Porto **CXVI**

Elas Estilhaçadas - Elas - BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS | Andressa Cantergiani **CXLII**

PERFORMANCES Instant Band Grrrls **5**

LAB de Criação **6**

1. Festival Vênus em Fúria #7 **10**
2. 31° Festival de Arte Cidade de Porto Alegre **46**
3. Nenhum Beat a Menos | Paredão das Minas **58**
4. Exposição Playlist _A Sala **76**

ENTREVISTA IBG | Jessica Porciúncula **102**

PERFORMANCES Banda de Garotas Instantâneas **142**

5. Projeto YOKO 1ª ed. **144**
6. Penduricalho | Ação entre Porto Alegre, Brasil <> Bruxelas, Bélgica **154**

Vídeo Penduricalho **200**

Para a Banda de Garotas Instantâneas (Depoimento) | Carol Grimm **248**
7. Aparição **264**

AÇÕES ONLINE **300**

In-Sonora SP | Playlist #2 | Radio Caso, Argentina **304**

Ovárias Ocupação 5ª ed. **310**

Fresta | Mostra de Audiovisual 5ª ed. | LIVE **315**

Sete Ao Entardecer 2021 | Festival **322**

Vídeo No Aquário **334**

SONGBOOK | Líricos e Partituras **365**

INTRO - Hard Soul | INTRO - Manifesto **365**

Gracyanne Barbosa **368**

Mãe **371**

Castro **374**

Elogio de Homem **377**

XXTAS - Cachoeira | BCT Fumegante **379**

Penduricalho **382**

Zona de Amizade **387**

M.D.F.D.P. **390**

Sobre Guitarras (Depoimento) | Mariana Kircher **394**

M.D.F.D.P. _ Apropriações e Contexto da Peça Sonora **396**

Garotas Instantâneas Releem Garotos Podres **409**

NÓS SOMOS **418**

É PRECISO OCUPAR OS ESPAÇOS...

Segundo semestre de 2021 e 2022. Nesse período, ainda enfrentávamos as dificuldades sanitárias mundiais impostas pela pandemia de Covid19. No contexto nacional, sofriamos com a política negacionista e violenta do governo Bolsonaro, pautada por restrições, danos e perseguições aos setores da saúde, educação e cultura. A pesquisa científica e as artes em geral foram rebaixadas e desmontadas. E, nós, artistas-pesquisadores ficamos à deriva. Para mim, outra camada se sobrepôs como um drama pessoal inédito, que exigiu (e ainda exige) muita paciência, firmeza e cuidado com a saúde e rotina das duas mulheres da minha família (mãe e irmã).

Mas como diz a frase de Louise Bourgeois, *Art is a Guaranty of Sanity* (Arte é uma garantia de sanidade), no magneto-obra (Collection Museum of Modern Art, NY, 2000) e complementada por Coisas *Boas* Acontecem AQUI, outra frase de magneto comprado nas ruas de Porto Alegre, vivi este período amparada pela arte. Tive projeto selecionado na chamada pública Postdoctoral Fellowship 2021 e em 2022 atuei como pesquisadora associada dos Encontros Hemisféricos: Desenvolvendo práticas transfronteiriças de pesquisa-criação da Universidade de York, Toronto, Canadá, desenvolvendo uma investigação transfronteiriça em performance e política.

Impossibilitada de me afastar do extremo sul do Brasil, América Latina, usei os recursos digitais e o conceito de operação ERRAGEM (ROLIM, 2017) _ para pequenas ações, errar para pequenos formatos (tempo, espaço em movimento e erro) para executar manobras virtuais para encontro e coleta de documentos de performance da banda de Garotas Instantâneas. Participei de encontros por lives, conversas por DM, e-mail, WhatsApp mas, também, articulei momentos

presenciais com viagens de curta duração, produção em estúdio de som profissional e outras visitas a colaboradores. O trabalho foi intenso, mais longo do que eu imaginava e como falei, atravessado por diversos sentimentos.

Um ano antes, uma versão deste projeto de publicação havia sido enviado a outros dois editais de fomento nacionais (governamental e privado) e apesar dos pareceres elogiosos, quanto ao mérito e ao ineditismo para a História da Arte Brasileira, não obteve sucesso na sua implementação financeira.

Desenvolver este projeto em meio a tantas mulheres incríveis me devolveu a alegria e resgatou alguma esperança em meio a tantas adversidades. Por tudo isso, sou muito grata ao Encontros Hemisféricos, através da sua diretora Laura Levin, da gerente de projetos Tracy Tidgwell e da co-investigadora e supervisora Maria José Contreras, bem como a Marcial Godoy-Anatívia (Instituto Hemisférico) pelo interesse e confiança neste trabalho, pelo suporte, fomento e convivência durante um ano e meio.

Assim, uma parte das atividades que se relacionam à pesquisa-criação com base nos **Arquivos Performáticos** se configurou nesta publicação online, com formato híbrido de (fan)zine-livro, fotolivro e songbook que reúne, organiza e apresenta a produção artística da **Banda de Garotas Instantâneas** de agosto/2017 a dezembro/2021

Batizada como Instant Band Grrrls (2017), depois IBG (2018), a Banda de Garotas Instantâneas (2019>) é um agrupamento colaborativo, multigeracional de artistas visuais mulheres. Sua prática artística se deu/se dá com performances sônicas ao vivo, orientadas para o vídeo e ações online. As composições das peças sonoras são

pluriautorais, experimentais com adição de música eletrônica, punk rock, ruído e poesia com abordagem político-feminista, transformada em líricos para recitação (spoken word).

A formação da banda tem as artistas visuais Alice Porto na poesia e voz, Andressa Cantergiani nos teclados e synth, Marion Velasco nas bases eletrônicas e voz. Mariana Kircher na guitarra, atuou de 2017 a 2020. A repórter fotográfica Luiza Castro participou da banda,

com voz e poesia, em 2017 <https://www.instagram.com/luizacastroft/> e a cientista social, produtora audiovisual e VJ Carol Grimm é responsável pela projeção de imagens ao vivo e edição dos vídeos da banda, desde 2020 <https://carolgrimm.carrd.co/>

No contexto deste trabalho estão as nossas vivências, enquanto mulheres brasileiras e sul-americanas, a arte contemporânea em conexão com o eferescente movimento feminista brasileiro e as intensas manifestações ocorridas na América Latina

(mas não só), a partir de 2015.

A estrutura flexível desta proposição performance-banda-peças sonoras autorais-poesia-ativismo feminista permitiu a sua difusão em diversos meios, mídias e formatos, tais como festivais, saraus, shows, Internet, rádio web, exposições de arte, feiras, publicações de fanzines e encontros acadêmicos. Ao longo da publicação, vários hiperlinks permitem o redirecionamento dos leitores aos documentos audiovisuais complementares em sites, redes sociais, plataformas e

outros lugares na Internet.

Desde o seu início, a banda administrou uma fanpage no Facebook <https://www.facebook.com/instantbandgrrrls> onde costumava postar fotos, fazer chamadas para lançamento das peças sonoras e vídeos, ações e performances, eventos e muito mais, mas por motivo desconhecido, as postagens anteriores a 30 de outubro de 2021, desapareceram. No perfil ainda é possível acessar postagens antigas seguindo as abas sobre, fotos, vídeos e mais.

Em função da fragmentação e dispersão das informações sobre a banda (o uso de três nomes diferentes também causou alguma confusão), foi preciso escavar a Internet para coletar, organizar e classificar os documentos.

No modo faça você mesma, assumi múltiplas tarefas e mergulhei no cenário entrópico das memórias e no labirinto das mídias e das redes sociais. Revirei pastas compartilhadas no Google Drive, no Google Docs, no WhatsApp, nos e-mails. Visitei as páginas das fotógrafas, dos sites dos eventos e suas disseminações virtuais. Também busquei as imagens originais em arquivos de celular, laptop, Ipad e pendrives.

No começo dos trabalhos, anotava os caminhos e o número dos arquivos movidos para a pasta Banda de Garotas Instantâneas criada no Google Drive. Depois

de um tempo, não foi possível contabilizar todas as manobras realizadas. Em abril de 2022, quando este trabalho começou, foram movidos 78 arquivos Jpeg e 7 vídeos do WhatsApp. Outros 3 vídeos vieram do Regrann. 52 arquivos foram baixados do Instagram. 55 arquivos do Facebook. Outros 2 arquivos para download e outros 2 para upload no Youtube e mais de 75 capturas de tela com os devidos procedimentos de corte. Com os vídeos gravados em câmera de ação, que não tinham qualidade sonora para a sua exibição, mas produziam belas imagens fixas, fiz diversos prints de tela. Os arquivos de Stories, publicações e streams nos perfis do Instagram das integrantes e da banda @garotasinstantaneas também foram visitados, revisados. Outros registros feitos em tempo real, enquanto as ações online aconteciam, como: transmissões das peças sonoras em radioweb e lives, construíram novas imagens por prints de tela. A

digitalização de documentos físicos como as partituras, cartazes, os fanzines e outros completaram o material. E todo este material alargou o repertório dos documentos de performance e ações da banda.

Esta etapa da pesquisa durou até agosto de 2022, mas isso não quer dizer que não apareceram novos materiais. Foi o caso da descoberta de imagens inéditas da performance no evento Nenhum Beat a Menos no Agulha Bar (2017) depois de uma conversa sobre a publicação com a fotógrafa Andressa Ahlert e que foram gentilmente cedidas e incorporadas ao trabalho.

Depois da coleta de documentos e da construção de imagens foi preciso classificar, selecionar, revisar, eliminar o material duplicado, rever a sua qualidade e fazer uma curadoria do que entraria na publicação.

Além de ordenar o material em subpastas das

performances, ações, interação com o público e outros documentos no Google Drive para compartilhamento com as designers e as professoras do PosDoc.

Naquele segundo semestre, também se deram os convites para a criação dos textos inéditos das colaboradoras Cristina Ribas, Alice Porto, Andressa Cantergiani e Mariana Kircher, a definição de prazos de envio e a produção de demandas específicas de cada texto. Foi o momento da escrita das aberturas de capítulo e tópicos, da busca, inclusão e revisão dos endereços e ativações dos hiperlinks. E então, todo o trabalho de revisão desta produção textual pela Simone Paixão.

Esta publicação contém o trabalho de muita gente. Não posso deixar de mandar um salve a todas estas pessoas que se envolveram no processo, que colaboraram, escutaram, conversaram e apoiaram de diversas formas o nosso trabalho. Diretamente, estiveram envolvidas mais de 10 pessoas, na sua maioria mulheres, mas não

só. Indiretamente, aparecem outros 24 nomes de artistas, artistes, gestoras dos espaços culturais onde as performances aconteceram, fotógrafas, produtoras, produtores de som, professoras, curadores e instituições. Além do público presente nas ações e de suas postagens nas redes sociais. Muitos são seguidores do trabalho e outros, haters, na sua maioria homens incomodados com os líricos.

Esta publicação discorre sobre quatro anos de trabalho artístico-poético-ativista-transdisciplinar, estabelece pontos de contato relevantes com lugares, pessoas e instituições e faz uma reflexão sobre o que fica na História (da Arte), como e por que determinados projetos, iniciativas e ações passam despercebidos, são ignorados, não são levados a sério e permanecem invisíveis? Assim, como diz a letra de INTRO Manifesto, Seguimos gritando...

Por mais que tenhamos avançado com as pautas feministas é preciso ocupar os espaços, seguir dando voz e visibilidade ao trabalho de artistas e artistes mulheres, materializar e disseminar estas participações e apoiar outras pautas contemporâneas, em busca de formas mais justas de viver em sociedade e ainda, contribuir na construção de uma nova história da arte.

A capa é uma fotografia da *pixo-ação* que realizei na parede de uma antiga locadora de vídeos pornô, já muito usada por artistas e divulgadores da programação cultural da cidade, localizada numa rua de grande fluxo na cidade de Porto Alegre. No final de uma tarde de verão, com uma caneta posca rosa metálico, escrevi entre os Lambes listrados, já existentes: BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS_NOSSA LUTA

É DIÁRIA, em seguida, coleí as expressões *performances sônicas e ativismo feminista*, pré-escrito com caneta permanente preta sobre *masking* tape vermelha, comprada em Santiago do Chile. Fiz a foto e encaminhei para o designer Cauan Ferreira complementar o trabalho, criando um *sticker* com fotos avulsas, encontradas na web, das integrantes da banda, porque, me dei conta que nunca fizemos uma 'foto de banda'. Só aparecemos, todas juntas, em performance. A foto da contracapa é uma visão mais aberta do lugar onde foi feita a escrita-pixo-ação.

A estrutura da publicação segue o organograma colorido que desenhei a mão no começo da pesquisa (sumário analógico fotografado). Ele dá um panorama das performances, das ações online, dos nomes usados, dos locais e períodos, entre outras coisas. A publicação se divide em quatro partes:

1-Apresentação da banda em quatro textos inéditos: **F. para Inflamadas** por Cristina Ribas; **Reconfigurações ligeiras para durar na instigação_ou da instantaneidade das bandas à Banda de Garotas Instantâneas** por Marion Velasco; **Processos de criação de textos para letras da Banda de Garotas Instantâneas/Instant Band Grrrls/IBG (2017-2022)** por Alice Porto e **Elas Estilhaçadas - Elas - BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS** por Andressa Cantergiani.

Os textos abordam os percursos pessoais, as memórias com a banda, a relação com a arte contemporânea, o feminismo e o ativismo, o contexto histórico e cultural onde nossa proposição performativa se insere e sua relação com contextos feministas mais amplos. Também traz o conceito de banda instantânea e o afastamento deste formato, as mudanças de nome, o processo de criação da poesia para líricos/letras e as sonoridades construídas com teclados e bases

eletrônicas.

2-Trajectoria da banda em sete performances sônicas realizadas ao vivo e quatro ações online produzidas durante a pandemia. Esta parte é um fotolivro com imagens de ARQUIVOS pessoais, das fotografias musicais, dos documentos disponíveis na Internet, dos hiperlinks para os vídeos, as peças sonoras, perfis da banda em plataformas e redes sociais, cards de lançamento das ações e as páginas dos eventos. Contém informações sobre os lugares, cidades e datas onde as performances aconteceram no modo presencial e as chamadas públicas e eventos no modo virtual. Contém fotografias de rua, detalhes das páginas dos fanzines, gravuras, colagens, carimbos, prints de tela dos vídeos, interação com o público (seguidores e haters). Também apresenta a transcrição para texto de uma entrevista inédita com a Banda de Garotas Instantâneas, feita no formato clipe de áudio, por

Jessica Porciúncula, em Pelotas/Brasil (2018). E o texto-depoimento da VJ e editora dos vídeos da banda, Carol Grimm. A estética de grafismos, texturas, cores e manchas do conjunto de trabalhos, foi criada pela designer Carmen Fonseca.

3- Songbook. Esta parte é composta de poesias-lírico em português e suas versões para o inglês, traduzidas por Alice Porto. Também apresenta as partituras dos teclados e das bases eletrônicas criadas pelas integrantes da banda. Também traz o depoimento e a partitura da guitarrista Mariana Kircher.

Este material é relevante para o entendimento sônico das performances realizadas e da composição das peças sonoras. Também é um lugar performativo, em stand by, que permite reperformance das peças sonoras e uma pesquisa mais específica sobre este tipo de performances.

4- Peça sonora M.D.F.D.P. | Marcel Duchamp filho da puta (2020-22). Apresentação do seu processo de criação, que iniciou na última performance ao vivo da banda (30/10/2020), foi gravada no Estúdio Cadela Records, no final de 2021 e editada, mixada e masterizada em junho de 2022.

O lírico comenta e questiona uma situação da História da Arte: a polêmica autoria da obra-ícone e conceito fundadora da arte contemporânea, A FONTE (urinol) por Marcel Duchamp (1917). Pesquisas recentes, que tratam da invisibilidade da mulher na História da Arte, apontam a sua autoria à baronesa Elsa von Freytag-Loringhoven. Para a criação da peça sonora, a banda releu a clássica canção punk rock brasileira: *Papai Noel, Velho Batuta* da Banda de Garotos Podres (1986), transportado o tema para o campo das Artes Visuais. Assim, GAROTAS Instantâneas releeram GAROTOS Podres. A letra assume que a autoria do urinol é de Elsa,

crítica Duchamp e, metaforicamente, propõe a morte da sua onipresença e onipotência na História da Arte. A peça sonora *M.D.F.D.P.* teve três lançamentos:

O primeiro foi numa palestra ministrada no Seminário Especial *Performance e seus registros: entre o ativismo e a encenação*, promovido pelas Professoras Elaine Tedesco e Paola Zordan, junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes e o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS- Universidade Federal do Rio grande do Sul, em 22 de setembro de 2022.

O segundo foi na apresentação-audição (online-presencial) **Arquivos de vídeo da Banda de Garotas Instantâneas com lançamento da peça sonora M.D.F.D.P.**, que eu e Alice Porto fizemos na *Disciplina Cinema e Vídeo II* da Professora Ana Maio, pelo ILA-Instituto de Artes e Letras da FURG-Universidade Federal do Rio

Grande, em 29 de setembro de 2022

O terceiro foi na conferência **Banda de Artista performando o sônico em Artes Visuais** para o *IV Simpósio Internacional de Estética e Filosofia da Música: Estéticas e Experiências Sonoras - SEFIM* online (PPGAV/PPGMUS), Instituto de Artes da UFRGS, em 30 de maio de 2023. O evento organizado pelo Professor e diretor do Instituto de Artes Raimundo Rajobac, Lia Tomás, Gerson Luís Trombetta e Marion Velasco.

A peça sonora *M.D.F.D.P.* também foi selecionada na convocatória pública online do Centro de Arte Sonoro #radiocaso Buenos Aires, Argentina para compor a **Playlist 24 Horas de BAILE** com duas transmissões em 20 de março de 2023.

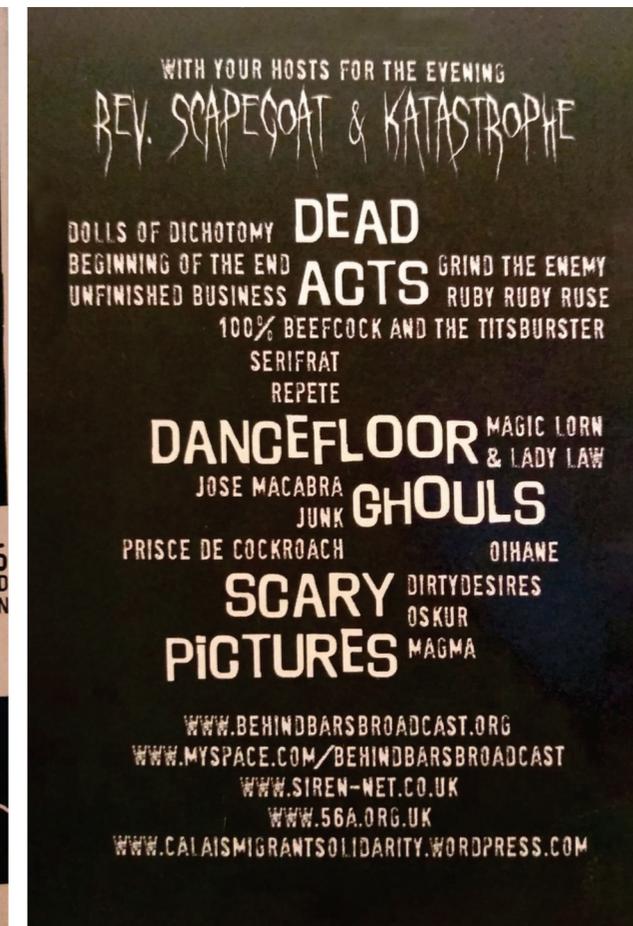
Marion Velasco

F. para inflamadas

Cristina T. Ribas

Uma festa

Um basement. Uma festa escura, um lugar desconhecido. Uma ocupação. Um squatt tipicamente londrino, sem muito alarde do lado de fora, mas cheio de vida do lado de dentro. É a Behind the bars, uma festa anual da cena anarquista londrina, festa que acontece para dar suporte a prisioneiros anarquistas - e que naquele ano, em especial, se dedicava a apoiar migrantes de Calais e um dos últimos espaços anarquistas existentes em Londres, o 56a <https://56a.org.uk/> **.Claro que o nome Behind the bars joga com as barras da prisão, mas também com bares como espaço de socialização, de encontro, de invenção de relações sociais.



Folder-programa da festa Behind The Bars. Londres, 31 de outubro de 2009. Acervo da autora.

****No arquivo de zines do 56a em Londres, numa parede fechada do teto ao chão de papéis A4 dobrados, eu encontrei a maior quantidade de zines feministas jamais vista. Foi por ali que vi as primeiras pistas das bandas que só fui conhecer anos depois – o movimento Riot Grrrl. Cartas, depoimentos, intimidade, cuidado, invenção.**

O porão frio da antiga fábrica é o local que temos acesso na Ocupa. Os andares superiores são as casas das pessoas. Há bebida, música, performances diversas. Faz frio, é 31 de outubro de 2009, dia em que acontece o halloween. O chão da fábrica ocupada é cheio de cimento solto, é preciso dançar para se esquentar. De repente sobem duas mulheres ao palco, que é baixo, muito perto do chão. Uma delas, na guitarra, usa um vestido branco, um tule arredondado, como se fosse a roupa do cisne branco do ballet. Reconheço melhor, ela leva um véu como de noiva, mas

um véu cortado, e o cabelo curto, estilo bob. A outra está de trás da bateria, não consigo ver muito ela. A banda começa: o lugar é de pronto arrombado, e também, o meu corpo. A bateria é seca, típica do punk, a anti-noiva tocando guitarra eriça todas suas cordas vocais ao microfone. Não precisamos de mais nada, nenhum instrumento mais. O imprevisto me arreata. E o estranhamento de testemunhar dois corpos tão pequenos em volume tão alto.

Por que não estou acostumada a presenciar mulheres fazendo tanto barulho?

Por que estranho tanto?

Corta. Doce retorno.

Sou irmã de cantora de jazz e MPB [Priscila Ribas]. Cresci com a música como uma aliada. Mas música pra mim é algo que faço como avesso ao meu trabalho de

artes visuais, pesquisa e vidas coletivas. Pra mim a música existe num registro do prazer, do tempo do não-trabalho e, talvez por isso, eu goste de olhar para a música como uma essa espécie de matéria mole que dá corpo para outras matérias, sejam elas textuais, materiais, corpóreas, coletivas e mais.

Encontrei a IBG_Banda de Garotas Instantâneas, pela primeira vez, em novembro de 2017, no teatro de uma cidade pequena, mas nem tão pequena, Porto Alegre, para onde voltei depois de muitos anos fora. Sala Álvaro Moreyra, Centro Municipal de Cultura. Ali acontecia o 31º Festival de Arte Cidade de Porto Alegre, no qual eu também estava realizando uma oficina a partir da publicação Vocabulário político para processos estéticos (2014). Que ali era refeita no desejo de trabalhar vocabulários/trans/arte, criando um terreno para passagens entre a estética e política, criando uma coletividade enunciada

provisória - e que acabou não acontecendo.

A sala onde a IBG se apresentava eu conhecia há muito tempo, assim como algumas integrantes que reconheci na silhueta e, talvez por tudo isso, me senti convidada a entrar. Não há qualquer separação, as arquibancadas para o público estão muito próximas do palco. O espaço é cênico, portanto há luz, cortinas, um piso de madeira. Tudo compõe para um espaço de invenção. A banda desenrola algo entre um ensaio aberto e uma performance, vejo um work in progress, sem dúvida, nas palavras de Renato Cohen. A poesia canta e palavreia a música, a música titubeia e embala, meio hipnose, meio ruptura, remixando palavras ou inventando sentidos que não existem. Como público, não somos convidadas a integrar a performance, mas tem algo aí, desse instantâneo, que parece um espaço aberto: no silêncio sutil entre beats, guitarra, teclado e voz. É preciso estar

presente para poder inflamar o próprio corpo e, nessa cena nada trivial, embalar (e extravasar) o próprio gênero.

Encontrar - e conhecer - a Banda de Garotas Instantâneas faz contar de trás para a frente, uma história sempre incompleta: história da arte e das mulheres que atravessa a música eletrônica, a performance, as bandas de rock, a poesia sonora, a poesia lida na voz baixa, a luz de cena, as corpos em cena, e tanto mais. As histórias machistas da arte já ganharam inúmeras revisões - de Guerrilla Girls*, às novas historiografias feministas que mudaram o curso daquilo que parecia tão acomodado. (E soma-se a isso as historiografias e narrativas descoloniais, latinas, afro-ameríndias, sexo dissidentes, situadas...). Mas tem algo mais aí, no ruído semiótico que essas garotas instantâneas produzem. Então, para me misturar nessa performance e narrar junto as

histórias feministas, invisto na trama de letrinhas, fluxo linguístico-semiótico que deve dar conta de criar efeitos, ou pasafronteras sonoros e seguir levando essa banda.

*Mas também de Riot Grrrl à Marcha das Vadias

A matéria musical da banda vem das experiências de Marion, Andressa e Mariana, que, cada uma à sua forma, fazem a cena gaúcha da música e da performance - **diversas, inventivas, radicais e hermanadas**. Essa cena da música é, portanto, absolutamente profissional. Mais de 20 anos para umas, mais de 35 anos de atuação para outras. Nessa banda se colocam explícitas as condições auto-organizadas com as quais se quer trabalhar: não a lógica machista, mas o prazer que elas relatam em várias conversas e entrevistas e, me dizem "também o alívio". Música para debochar com a seriedade de um mundo

antropofalocêntrico dos agás maiúsculos, das partituras fechadas em códigos estilísticos, dos “Penduricalhos”, como nomeia uma das composições da banda. Ou “Castro” que pode ser apodo de Fidel, centralidade política masculina vira verbo, “castro”.

A voz de Alice, uma das integrantes que navega pela poesia e pelo desenho, lê jogando matérias textuais de diversas ordens no ar. São seus escritos que atualizam a percepção das formas deveras absurdas que conduzem socialmente o desenho de um gênero, o olhar das mulheres para os gestos patriarcais medíocres. As letras da banda refutam o desenho das mulheres em todo seu funcionamento social, sua escravidão, sua subserviência. E “mulher” é posto como categoria política, diversa em gêneros e sexualidades – queer, não binário, trans. Mas não é do lugar de um vitimismo que a banda se enuncia (eterno fantasma que ronda quem nunca se aproximou de fato do feminismo).

O feminismo da IBG se enuncia já do lugar de uma reinvenção. Viragem, desdobramento, recolocar os problemas.

“Eu queria ser a Gracyanne Barbosa, pra deixar os caras com medo, se o meu olhar cruza com o deles por meio segundo, é um convite à agressão. Será que a Gracyanne também caminha olhando pro chão? Tomara que não. (...) Eu queria ter 2 metros quadrados, eu queria ter os bíceps da Gracyanne Barbosa (...) Cara de louca eu já tenho.”

“Não estamos aqui para embaçar, nossa palavra é de difícil dizer, fala comigo, diz para mim, aqui em meio à sujeira, o que se pode fazer? Em meio a esse jogo sujo. (...) Enquanto você finge, mascara, segue enrolando...”

O discurso desmonta a linearidade de um olhar

estruturado, porque o jogo semiótico do encontro entre um fragmento e outro fragmento reorganiza e embaralha os sentidos. A poesia é jogada no tempo imprevisível dos samples eletrônicos, que incitam nosso corpo vibrátil, memória e balanço de corpos inteiras, recompostas em mais-que-uma. São trilhas, são viagens sonoras, são profundidades que mexem com nossas próprias memórias. As Garotas Instantâneas não tomam de assalto, mas constroem um assalto no palco essencializado das performances musicais - onde figuram, majoritariamente, seres do gênero masculino. Criam um tipo de intervenção sonoro-visual inflamável. Por isso eu digo, F de flame, de fogo feminista, F. de inflamadas.

Balaclavas e pasafronteras

As peças sonoras das Garotas Instantâneas compõem com

e atravessam elementos conhecidos, desafiando narrativas críticas e historiográficas que podem encerrar num modo expressivo ou em outro. Como não se trata nem disso nem daquilo, mas “disso mesmo”, são passagens entre as linguagens vestidas de balaclava (ou pasafronteras), produzindo uma forma de performar entre a cena da arte contemporânea, da música e do do it yourself. Por que essa ira de garotas inflamadas, que tanto pode estranhar o senso comum, também tem outras pistas. De Riot Grrrl no contexto norte americano dos anos 80-90 (“girls to the front”) à Marcha das Vadias no Brasil pós junho de 2013, a banda chama a desenhar uma cartografia intensiva que nos falta fazer mais e mais. Outros artistas e grupos vem à memória: Pussy Riot, Maria Galindo, Berna Reale, Fabiana Faleiros aka Lady Incentivo, Elton Panamby.



De cima para baixo e da esquerda para a direita: Marcha das Vadias; Maria Galindo (Mujeres Creando 2015); Berna Reale (Rosa Púrpura 2014). Seleção de imagens da autora



Fabiana Faleiros (MasturBar 2018); Elton Panamby (Poéticas do Assombro 2015). Seleção de imagens da autora.

Às vezes é preciso usar uma balaclava como forma de embaralhar as referências e a moral que se ocupa de cada linguagem, de forma a liberar engrenagens e se deixar inserir, molecularmente, pelo estranhamento da matéria que vem.

As vozes suaves contam debaixo e no meio dos beats e samples de forma, hora dura, hora irônica, as tensões que classificam e oprimem as vidas das mulheres no seu presente. Como grita Maria Galindo: Mulher, gênero em conflito***. E repito: **mulher, categoria política.** Situadas no desassossego das tantas demandas sobre esse gênero - que não tarda de pensar e performar a si -, e situadas mais além das Histórias de agá maiúsculo e de agá minúsculo (não por acaso o mesmo que Homem), percebo que surge uma banda que não se diz definida em um gênero essencializado, nem com propostas de ser perene, mas instantânea. A banda inflama esse gênero, e pode se associar numa linhagem

não linear, bastarda e de sisters com as mães aborteiras feministas, com as escritoras lésbicas, com o slam das poetas negras. Feminismos da 4ª onda, podemos pensar. Com a performance, instantaneamente é possível inflamar o espaço de enunciação e instalar um modo de falar das coisas que se é, se percebe e se deseja, e isso, se sabe, não é possível que aconteça de forma homogênea.

*** Como o 'tense' de um verbo. Tensionar o gênero no seu próprio corpo, de cada corpo, e na espinha dorsal da sociedade. Tensionar de maneira a desprejar das binarizações que ainda regimentam tanto o ambiente doméstico, os movimentos organizados e os modos de reprodução permitindo a emergência de outros gêneros, de outros modos de cuidar, de transversalizar.
(Cristina Ribas)

Por isso não cabe nesse pasafonteras nenhum tipo de

litígio categórico entre punk e rock e a arte contemporânea. Ou, de outra parte, não podemos abrandar uma domesticação do punk na arte brasileira (afinal, Caroline Pivetta foi presa). Dora Longo Bahia, e a pintura com ruído, Arnaldo Antunes e a poesia que vira música. Viajo brevemente ao festival anarquista e vegano Verdurada em SP que, tendo começado numa garagem há quase 30 anos, apresenta bandas punk, queer e anarquistas. Outras bandas, outras manas vem à mente: Dominatrix, T.P.M (Trabalhar para morrer); e numa onda mais suave, Letrux, Tetine e mais. Em Porto Alegre, 3D, Lory F., The Plastic Dream, cuja letrista e vocalista era a Marion Velasco. Mas nada disso está organizado, de maneira lisa ou inerte.

Eles dizem carne de cavalo nos nossos pratos. Nós dizemos montemos nos cavalos para fugir juntos do abatedouro global. (Paul Preciado)

A música vem, portanto, pra desassentar as coisas. Estamos beeeem cansadas de apontar aquela indelével neutralidade ou naturalidade masculina ocupando os espaços da arte. (E em algum lugar se esconde a radicalidade nas narrativas que preparam o acontecimento da arte.) Por exemplo, encontrar uma exposição retrospectiva de um artista homem, e jovem, em um museu de arte é fato que se faz sem qualquer explicação maior. O espaço institucional parece, portanto, naturalmente construído para aquela identidade/subjetivação, que vem sendo, por outro lado, mais e mais inflamada pelas divergentes trajetórias de vida, corpo, raça, sexualidade, classe e desejo que não aquelas instituídas no suposto masculino bem-sucedido – o sujeito neoliberal, ideal de sucesso na exploração do capitalismo. Diante dessa subjetivação maior é como se fosse impossível não situar-se, não poner el cuerpo que irrompa o espaço

pacificado da performatividade neoliberal misógina – e do duplo excluído que ele projeta, a mulher. Na minha memória vou cassando por onde, na infância e adolescência, encontrei corpos que divergissem dos ideais as referências dessa mulher projetada por uma sistemática social na qual nunca fui (fomos) incluída a compor. Ao menos até que encontrasse ferramentas mínimas de suporte de subjetivações outras, sempre frágeis e sempre acontecimentais, para que eu desenhasse aquilo que se produz no mais íntimo fazer de mim. Cenas como Ney Matogrosso na tevê da casa dos primos, no domingo à tarde, Cássia Eller raivosa, linda, romântica e rouca na minha tevê.

Línguas loucas e violentas

Impossível recompor a si se não acessarmos uma política do desejo, como escreve Cecilia Palmeiro, integrante do Ni Una Menos na Argentina. Para ela,

nossas línguas são loucas, loucas por que afirmam que dão conta do seu próprio desejo, à revelia do que categorizam os discursos médicos, jurídicos, estatais – de que as mulheres, ou as pessoas sexo e gênero dissidentes, “não-normais”, fossem as/os loucos a serem confinados, educados, maltratados. A escritora pesquisa a sexo dissidência de Nestor Perlongher, e desde uma subjetividade dissidente, impossível de apreender, desenha o queer na Argentina. Cecilia passa pelas atualizações desse queer (que vira cuir e kuir) mas entende que “línguas loucas” é o melhor conceito para pensar a atualidade desse gênero em tensão – e produção. Para ela, “as línguas das loucas”, literalmente, é um conceito que abarca mais e é de raiz latino-americana.

“Porque nosso desejo é uma questão política, nós, as loucas, fazemos políticas do desejo. Porque para sermos sujeitas de direitos, o primeiro que

precisamos é sermos sujeitas de desejo. Porque política sem afeto é uma burocracia, inchamos a língua de afetos, ou de fluidos corporais, como queria Perlongher (...).”

Cecilia ajudou a organizar a luta feminista na Argentina intervindo e chamando a produção cultural, para que se pudesse rebater o discurso midiático misógino. O crescimento dos casos de feminicídio impulsionou uma campanha que começava a atravessar fronteiras. Surge então, em 2015, o Ni una menos (Nenhuma a menos), um pouco antes da Marea Verde pró aborto legal, que se fortalece mais em 2017.

Impossível pensar que a Banda de Garotas Instantâneas esteja separada desse contágio feminista (mesmo ano de surgimento da Banda), do contágio que assume que é preciso incendiar as línguas, e libertá-las, loucas, anti-fascistas, donas de si.

As línguas loucas da IBG me lembram também as “mulheres violentas” sobre o que escreve Juliana Dornelles (2014).

“Existe uma força na violência, uma energia. A que quebra um osso e a que quebra um padrão. O que salva a violência é que ela é um limite, um esgotamento, um desabafo. Tem nela um sem palavras, são atos, manifesto daquilo que é insuportável.”

Daquilo que poderia querer sossegar em diferenças de gênero, uma espécie de litígio do gênero que sempre coloca o patriarcado em voga, e a ideia de que “eles nos ganham ao nos dividir”, Juliana assim como a IBG, nos mostram que complexas são essas forças, que não se resolvem de maneira plana.

“É um tipo mulher de poder: a violência uterina, tão sedutora quanto avessa à razão. Escândalo do poder feminino.” (Juliana Dornelles)

“A literatura não é apenas um relógio histórico filosófico, no qual a materialidade da linguagem capta os impulsos insurgentes da sociedade, mas também lhes proporciona uma forma de expressão inesperada e perturbadora.” (Cecilia Palmeiro)

Manter o ruído

Para não se deixar dividir é preciso falar com a ira das emoções tal qual como elas são. Falar do que se evita falar (como faz Sara Ahmed). Emitir e manter o ruído. Coisa que se faz com uma base eletrônica, que monta, e desmonta o que parece que ainda não tem nome, ou nunca terá. Entre o estranho e o singular, nada está acomodado, ou poderá, momentaneamente, se acomodar. É preciso dizer 'MDFDP', coisa que se diz na língua dele, quando disse L.H.O.O.Q. **** Marcel Duchamp filho da puta, como dizem As Garotas

Instantâneas, em sua nova peça sonora. Como uma resposta ao que o artista ícone das vanguardas. L.H.O.O.Q. = "Elle a chaud au cul", "avoir chaud au cul", ele disse, quando desenhou bigodes numa reprodução da Mona Lisa de Leonardo da Vinci.

A mulher de rabo quente, em Marcel Duchamp, é que o gênero feminino não podia dizer por si? Ou o feminino é duplamente obliterado, uma vez que, no

Renascimento, as formas sociais da sexualidade já estavam organizadas pelo patriarcado - expresso na igreja e no estado. Quem, de tantas formas, decidiu decifrar o que ela, “na verdade”, expressa? Se sempre olhamos para a Mona Lisa presa em uma ingenuidade Renascentista, ou desejamos ver sua vida real como num folhetim, agora são todas aquelas que foram silenciadas num sorrisinho maroto que dizem “Marcel Duchamp filho da puta” = MDFDP, “eu vou te matar”.

Duchamp, feito-cânone, debochava. Ele sabe (sabia) que há um mito que se constrói sobre sua genialidade, mas esse deboche parece ser o mesmo jogo de incitação e dominação sexual. Não é possível passar incólume pela exposição dos corpos femininos em sua obra, da jogadora de xadrez nua à *Étant Donnés* - sua última obra. E, se em Freud, a janela é referente ao órgão sexual, o orifício, e aqui pode ser o buraco do voyer, o desejo da penetração; e, se Duchamp queria provocar esse signo sempre presente, mas de alguma maneira socialmente obliterado - a sexualidade - , como pensar tudo isso se descobrirmos com Gammel (2002), que a "Fonte" de R. Mutt não é nenhuma homenagem à *Vênus*, não é uma lingam contemporânea, mas é uma obra-ideia roubada de uma artista-mulher? A letra da IBG se refere à Fonte e à Baronesa Elsa, mas também a este pedestal que a História da Arte colocou Duchamp - e todos os gênios

do sexo masculino e suas histórias de dominação.

Instantâneo(a)s

Desestabilizar o instituído é também acessar o instantâneo, reacender o ruído. Não posso deixar de pensar que o instantâneo - o encontro com a obra - é também rápido como a fotografia, como a frase que diz: "A menstruação é um fogo de artifício no corpo" quando para alguns, na menstruação a mulher "sofre" por que a mulher "se despede de uma possível gestação". O instantâneo inflama. F. de fogo feminista, que conhece seus próprios incêndios. A imagem desses fogos (ou dessas inflamações) se produz de assemblages, incorpora meios, inventa modos. O acontecimento-banda precisa e pede formas também visuais. Os videoclipes, as experimentações do Estúdio 88 (Lucia Koch, Elaine Tedesco, Marion Velasco e outros artistas), as performances

instantâneas de rua de Marion (câmera de celular na mão e os encontros na cidade) estão (re)ativadas nesses instantâneos.

VER/OUVIR COM

Whispering (videoperformance). Estúdio 88, 1988

<https://youtu.be/5KcehthZVRc>

Instant Band_pero esto no es Música
(videoperformance). Marion Velasco, Valencia

(Espanha), 2016

<https://youtu.be/gzq6f4HumnA>

Performando no palco, mas também além do palco, a IBG provoca a proximidade intimista do podcast, que não deixa de ser a rádio contemporânea e, por isso, retrata problemas contemporâneos entre a individualidade e as coletividades, ou as políticas de subjetivação que não podem assentar em corpos mornos e codificados. O som e a palavra, encontros abruptos, se fazem sóidos e encadeados, acendem o ruído, a inflamar. A produção da IBG, então, desenha mais que um gênero dissidente, e mais que uma cartografia de fuga para o comando dos corpos. Com o tempo capturado, presente e produzido, evidentemente, há gozo. Assim como desenham com a luz - na cor da luz de cena, na cor das corpos, das roupas, das tatuagens, dos olhos, dos ouvidos e das bocas (sussurros, esmurros), desenham maneiras de atravessar fronteiras, maneiras de compor entre fragmentos de um incêndio - incêndio das políticas do desejo.

REFERÊNCIAS

Butler, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

Carvalhaes, Ana Goldenstein. *Persona Performática: Alteridade e Experiência na Obra de Renato Cohen*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012.

Dornelles, Juliana. "Mulheres-violência" Em: *Vocabulário político para processos estéticos*, Cristina T. Ribas (org.). Recife/Rio de Janeiro: Editora Aplicação, 2014. Acessível em <https://vocabpol.cristinaribas.org/mulheres-violencia-2/>

Gammel, Irene. *Baroness Elsa: Gender, Dada, and Everyday Modernity-A Cultural Biography*. Massachusetts: MIT Press, 2003.

Galindo, Maria. *Feminismo Urgente. A despatriarcar!* Buenos Aires: Editora Lavaca, 2016.

Palmeiro, Cecilia. "Ni una menos: las lenguas locas del grito colectivo a la marea global" Em: *Revista Javeriana*. Vol.23 Núm. 23 46 (2019) Acessível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/cualit/article/view/28423>

Porto, Alice. *DITO, NÃO DITO e MALDITO: redesenhar imagens feministas a partir de vestígios*. (Tese) UFRGS. (2021). Acessível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/238253>

Ribas, Cristina. "Cuidada" Em: *Glossário na Revista Mesa nº5*. (2018). Acessível em <http://institutomesa.org/revistamesa/edicoes/5/glossario/>

Tedesco, Elaine e Rabello, Lu (orgs.). *Estúdio 88: Documentação de Videoperformances*. Porto Alegre: Ed. Azulejo Arte Impressa, 2020. Acessível em <https://performatus.com.br/wp-content/uploads/2020/06/catalogo-estudio-88.pdf>

Rolim, Marion V. "faLei em Voz ALTA": *ERRAGEM, voz e outros sons em performances sônicas* (Tese) UFRGS. (2017). Acessível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/165242>

***Cristina (Thorstenberg) Ribas** trabalha como pesquisadora, artista e organizadora de projetos transdisciplinares. Nasceu em 1980. Brasileira sudaka e mãe. Tem doutorado (PhD) pela Goldsmiths College University of London (Bolsa Capes Doutorado pleno, 2012-2017). Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos (UERJ, 2008) e Graduação em Artes no Instituto de Artes (UFRGS, 2004). Foi pós-doutoranda no PPGAV-IA da UFRGS (PNPD-Capes, 2018-2023). Faz parte da rede Conceptualismos del Sur desde 2008, do Grupo de Pesquisa Epistemologias Afetivas Feministas (EAF) e da Associação I-Motirão. Organiza projetos interdisciplinares entre as artes, a psicologia social, a filosofia feminista e práticas de conhecimento livre e, mais recentemente, agenciando saberes e práticas dos povos originários.

Reconfigurações ligeiras para durar na instigação_ ou da instantaneidade das bandas à Banda de Garotas Instantâneas

Marion Velasco

Em 2017, recebi o convite para participar do Vênus em Fúria #7, que é um festival de música feito por mulheres e tem os fundos revertidos em benefício do projeto *Girls Rock Camp* em Porto Alegre, Brasil.

Para este contexto da cultura pop local, decidi configurar uma nova **Instant Band / IB / Banda Instantânea**, o formato-conceito que desenvolvi na pesquisa de doutorado defendida naquele ano, para **performar o sônico em Artes Visuais**. A *Instant Band **Grrrls*** deveria contar com a colaboração de artistas mulheres que atuam entre os campos e tratar de temas

feministas como a invisibilidade das mulheres no campo da arte, a autonomia do corpo, o etarismo e enfim, explicitar o funcionamento do patriarcado, identificando como a vida das mulheres é afetada cotidianamente. Esta indicação constava das considerações finais da tese. Como escrevi,

As Instant Bands permitem a continuidade da pesquisa, o seu desdobramento através de novos encontros, como **as Instant Band Grrrls** (...) e a investigação das bandas de artistas (visuais) que atuam no campo da Música e ou entre (...). As letras [das peças sonoras] e os textos usados em performances, também, parecem ser um bom desdobramento para a pesquisa. (ROLIM, 2017 p.154)

Ao *performar o sônico*, aponto **o som (inclusive a voz) como o principal elemento das performances** e indico que a ação se dá pela construção e manipulação da matéria sonora. Apesar do nome, as Instant Bands **não são uma banda** como ocorre no campo da Música. As IBs são **trabalhos colaborativos de curta duração**, pensados pela

descontinuidade de colaborador@s, temáticas e lugares. Ao lidar com o transitório e o de passagem, negociam a presença no aqui-e-agora. Por durar um instante, considero toda Instant Band um acontecimento.

Deleuze (1974 p.154) observou, a partir de Blanchot, que nos acontecimentos há uma parte que se realiza e se cumpre e outra “que o seu cumprimento não pode realizar”. Zourabichivilli (2016 p.118) explica que “o acontecimento já não é o que tem lugar no tempo, simples efetuação ou movimento, mas a síntese transcendental do irreversível, que reúne e distribui o antes e o depois, de ponta a ponta de uma cesura estática, o Instante”. Assim, “o instante não passa, pois nele coincidem o futuro e o passado”.

Sob esta perspectiva do acontecimento, entendo que uma Instant Band performa, efetua, realiza algo no presente, ao mesmo tempo que se comunica, em

intensidade, com o que é convergente, com todo ato de união, de cooperação e, também, com o que é impermanente, com a condição do que é finito, com a fugacidade. Uma Instant Band se associa a todas as outras Instant Bands e as suas temáticas. A *Instant Band Grrrls* se conecta ao movimento feminista, se relaciona com seus contextos, remete aos manifestos e a todas as urgências, das conquistas às violências, sem os absorver e os sequenciar.

A potência do formato instantâneo está na pluralidade dos encontros, na autonomia d@s colaborador@s, na mescla de expertises para a experimentação com o som, independentemente, de ter ou não, uma vivência no campo das sonoridades e da performance e, no que se constrói, se combina e se expressa a cada proposição.

Entre 2014 e 2017, criei várias IBs e as performances sônicas aconteceram em lugares específicos (encontrados,

preparados, públicos e privados), ao vivo, para um público convidado, uma audiência transitória e ou orientadas para o vídeo. As colaborações (*collab / feat*) promoveram encontros singulares entre artistas de vários países, produziram poesias e sonoridades inéditas com instrumentos e tecnologias variadas e trataram de temas diversos, como se pode ver em:



Instant Band **Shp s Clr** (2014). Colab com Itapa Rodrigues, Felipe Grimm, Daniel Sasso e Pátio Vazio Produções Cinematográficas. Terraço Ed.Tuiuty, Porto Alegre, Brasil. Print de tela da videoperformance <https://www.youtube.com/watch?v=2oS8mRjCFWk&t=166s>



Instant Band, **pero esto no es Música** (2015). Colab com Seth Rossano e Carlos Llavata. Calle Corona, Valencia, Espanha. Print de tela da videoperformance <https://www.youtube.com/watch?v=gzq6f4HumnA&t=38s>



Instant Band **Altavoz** na noite de performances Acción en el Núvol (2015). Colab com Seth Rossano e Jorge A Cid. Terraza em Valencia, Espanha em conexão (via skype) com o CCSP, São Paulo, Brasil. Print do registro audiovisual. <https://soundcloud.com/marion-velasco/instant-band-alta-voz-em-acciones-en-el-nuvol>



A Festa Profunda (2016). Colab com Liana Padilha e Bruno Mendonça.
Residência Artística PPPP da Galeria Península e KinoBeat Festival
3ªed. Porto Alegre, Brasil. Foto | Fabio Alt
<https://www.mixcloud.com/marionvelasco/a-festa-profunda-performance-de-marion-velasco-liana-padilha-e-bruno-mendon%C3%A7a/>

As IBs se configuram em torno de uma **instrução** e podem contar com um **laboratório para a criação de repertório**, mas não dependem de ensaios, pois trabalham com a imprevisibilidade. Na ação se assume os riscos e os erros são incorporados. Com isso, compartilho do pensamento de Nadya Tolokonnikova (2019 p.253), fundadora do coletivo e banda *Pussy Riot*, quando diz que “encontr[a] a perfeição nas tentativas, no progresso, nos riscos e, naturalmente, nas falhas”.

Mas o que é considerado erro, quando se está entre os campos e o que interessa é encontrar outras formas de fazer as coisas? É da intenção das performances sônicas, o descompromisso com as regras de um campo e de outro, para construir algo diverso.

Para configurar a *Instant Band Grrrls* convidei as artistas visuais Alice Porto, Andressa Cantergiani e Mariana Kircher, que desenvolviam suas pesquisas ou encerravam ciclos no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas nossas conexões não se limitavam ao campo acadêmico e às Artes Visuais.

Conheci Andressa em São Paulo, onde vivíamos, na primeira década de 2000. Tínhamos os mesmos interesses pela arte da performance, frequentamos as galerias de arte que trabalhavam com esta modalidade artística, fizemos mestrado e retornamos ao sul no mesmo período. Ela, por conta da maternidade e eu, por problemas decorrentes do climatério. Em Porto Alegre, trabalhamos juntas e com outras mulheres, no projeto PPPP_Programa Público de Performance Península, que ela concebeu quando foi gestora da Galeria Península (um espaço de arte contemporânea independente, localizado no Centro

Histórico de Porto Alegre). Andressa também performou com Mariana e o seu duo musical *Dating Robots*, ao tocarem baixo e guitarra ao vivo, no palco, em meio às ações de Andressa. Mariana e eu nos conhecemos no circuito do rock porto-alegrense, quando fazíamos shows com nossas bandas na década de 1990 e, como DeeJays, desenhávamos sets musicais em festas dos anos 2000. Alice e eu nos conhecemos na pós-graduação, na disciplina *O Espaço da Prática* da saudosa Prof^a e artista Maria Lucia Cattani e seguimos amigas nas redes sociais - lugar onde ela narrava, com humor sarcástico, as situações do seu dia-a-dia. Depois, Andressa e Alice foram colegas de turma no doutorado. Mariana e Alice se conheceram neste projeto.

SOMOS [+] INSTANTES

O primeiro encontro da *Instant Band Grrrls* aconteceu em agosto de 2017, num happy hour invernal no Café

Piperita, que ficava ao lado do Ocidente Bar, lugar onde o Festival aconteceria, no bairro Bom Fim, em Porto Alegre. Andressa não compareceu, porque estava em viagem à Berlim. Depois de uma conversa regada a cervejas, nossas expectativas estavam alinhadas e a oportunidade de fazer uma performance num espaço de resistência cultural da cidade, onde as mulheres estariam *in every where* (do *lineup* à produção) e os ingressos apoiariam a causa da educação musical pop-rock para meninas, empolgou a todas.

Por se vincular as minhas pesquisas acadêmicas, a *Instant Band Grrrls* seguiu as mesmas instruções das outras IBs: **criar a estrutura mínima de uma a três peças sonoras e performá-las ao vivo, uma única vez.** Um mês depois, na mesma semana do Festival, agendei um **estúdio de som profissional para ser usado como Laboratório de Criação.** Em cinco horas, divididas em dois dias, **compusemos cinco peças sonoras: Mãe, Gracyanne, XXota**

Cachoeira, Castro e Elogio de Homem. Andressa chegou de viagem no segundo dia do Lab e criou as linhas do teclado, a partir do que havíamos construído no encontro anterior. Nisso, a guitarra experimental e a base eletrônica que ocupavam todo o espaço sonoro, se redefiniram para receber o novo instrumento harmônico.

No dia do evento, levei uma estante de partitura para acomodar o Ipad, as notações, livros, fanzines e uma câmera de ação para captar imagens a partir do palco. Alice salvou as suas poesias no celular, Mariana levou diversos pedais para a guitarra e Andressa acomodou o teclado portátil Yamaha Porta Sound PSS-190, dos anos 1990, sobre uma mesa do bar.

No final da performance, ao mesmo tempo em que dizíamos: *Não somos uma banda. A banda se desconfigurará depois desta ação e 'quem viu-viu. Quem não viu-não-vê mais',* já **queríamos ocupar outros espaços e ampliar as**

discussões da agenda feminista, iniciadas ali. Concordamos que havia uma sinergia nesta configuração, pela mistura de campos, pelas poéticas associadas ao político e às demandas da igualdade de gênero que não cabiam numa única performance. Podíamos dizer-e-fazer muito mais com a performance e o ativismo. Outra vez, encontro eco nas palavras de Nadya-Pussy Riot (2019 p.95) quando diz que “a arte nos ajuda a criar uma subjetividade radical, um dos elementos-chave da transformação política”.

Então, seguimos juntas. Mas, durar na instigação não equalizou as nossas intenções com o trabalho. Seguir juntas não nos tornou um coletivo. Entendo que somos um aglomerado que se manteve junto (e se mantém, porque nunca decretamos um fim) pela pressão das urgências, pelo momento político brasileiro e por uma atração à experimentação e à diversão.

Assim, somos uma agrupação de artistas visuais e ou, simplesmente, mulheres trabalhando em colaboração com performance, som, voz e poesia, compartilhando experiências pessoais na diversidade sexual e etária, refletindo a respeito do feminino, expressando indignação frente às desigualdades e às consequências do patriarcado, como o machismo, a misoginia, os abusos de poder que enfrentamos no cotidiano, seja nos relacionamentos, na rua, nas redes sociais, no nosso campo profissional - o mundo das artes - e nas diferentes instâncias da sociedade.

Para mim, a produção artística de mulheres que rompem com as fronteiras da especialização, operam entre os campos e se apropriam de recursos variados, também se manifesta como uma questão política no sistema da arte, e esse é um lugar difícil de estar. As performances sônicas com elementos literários e abordagem política se inserem numa investigação mais ampla, das Bandas de

ARTISTAS visuais mulheres. O crítico de arte francês Nicolas Bourriaud (2007 p.15) atualizou esta discussão antiga da conexão entre as disciplinas e os campos, numa entrevista concedida aos curadores Fernando Oliva e Marcelo Rezende, por ocasião da exposição *Comunismo da Forma: som, imagem e política da arte*, realizada na Galeria Vermelho, São Paulo, em 2007. Bourriaud sugeriu que artistas inventem “pequenas máquinas interdisciplinares que funcionem”, seja entre arte e literatura, arte e cinema, etc., no sentido de ligar e traduzir, decodificar e negociar com os significados de uma e de outra disciplina. Entendo que o nosso pequeno formato de aglomerado-banda é uma “pequena máquina interdisciplinar” que funciona de modo intermitente.

Entre 2017 e 2018, fizemos outras performances sob o nome *Instant Band Grrrls*. Como a amplificação do som é fundamental para as performances acontecerem, nem sempre pudemos contar com um Rider técnico mínimo.

Acredito que a nossa periodicidade se manteve / se mantém aberta pelas dificuldades técnicas encontradas. Mas, mesmo sabendo que o resultado sonoro seria precário, não deixamos de performar. Por exemplo, nos apresentamos com um pequeno amplificador para a guitarra e uma única caixa de som de 50W para plugar o Ipad e o microfone. Através das redes sociais difundíamos os eventos, mas muitas vezes, também pedíamos apoio na sonorização e empréstimo de equipamentos. Uma performance só aconteceu pela apropriação dos equipamentos audiovisuais profissionais instalados para outro fim, no espaço cultural, onde aguardavam sua desprodução. De um dia para o outro, combinamos tudo pelo WhatsApp, informamos o público pelas redes sociais e fizemos uma *performance-relâmpago*.

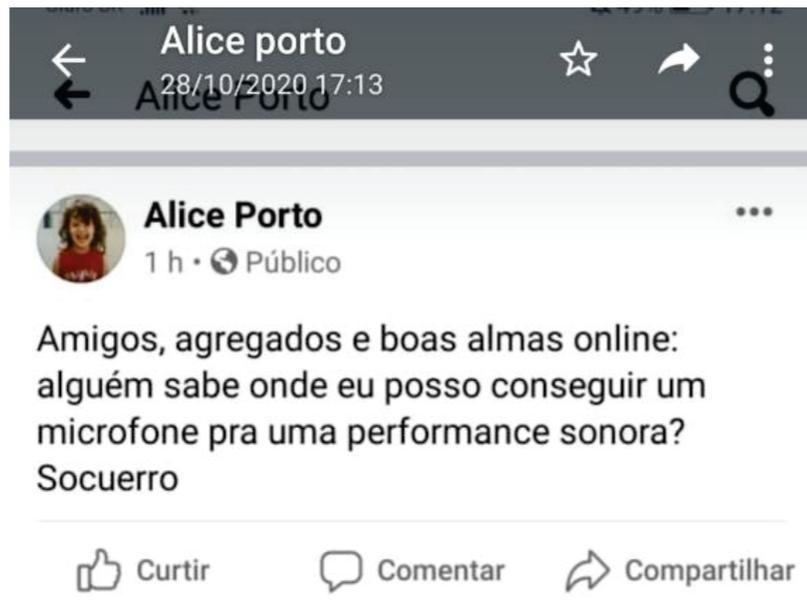
 Andressa Cantergiani está com Alice Porto e outras 2 pessoas. 16 de out. de 2018 · 🌐

SOS PELOTAS:
precisamos de um teclado
para hoje emprestado para
a INSTANT BAND
GIRRRLS.
URGENTE!



8 comentários · 1 compartilhamento

Prints de Tela de
postagens no Facebook
por Andressa (2018)
e Alice (2020)



Alice porto
28/10/2020 17:13

 **Alice Porto**
1 h · 🌐 Público

Amigos, agregados e boas almas online:
alguém sabe onde eu posso conseguir um
microfone pra uma performance sonora?
Socuerro

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Outras oportunidades surgiram sob demanda e aconteceram em lugares preparados com os recursos técnicos, como o convite para abrir um show internacional, num espaço cultural da cidade, mas isso não evitou que problemas técnicos acontecessem. A falta de ´retorno´ (caixa de som endereçada à banda) no palco fez com que Mariana descesse para a plateia, no meio da performance, para ouvir a banda, se ouvir pelo PA (Public Adress ou caixa de som endereçada ao público) e tocar a guitarra de lá. Para a residência artística no 31º Festival Cidade de Porto Alegre, ocupamos a sala multiuso Álvaro Moreyra (espaço de 172m², piso de madeira, noventa cadeiras móveis, dispostas em arquibancada e cabine de som e luz). Nesse momento, pudemos atualizar as peças sonoras, criadas na primeira performance, experimentar outros gêneros musicais como o funk, incluir poesias, contar com uma nova colaboração e fazer a performance com maior qualidade para a audiência do Festival.



Livros usados em performance:
Fanzine XXotas de Pelotas,
Trava-línguas, Mulheres poetas
Beatnik, Miranda July, Félix
Guattari, Chimamanda Ngozi
Adichie. Sala Álvaro Moreyra,
PMPA. Foto | Alice Porto

Nosso trabalho mais elaborado aconteceu no começo de 2020, quando realizamos uma performance híbrida (ao vivo e remota), num estúdio de som profissional em Porto Alegre e em conexão com uma residência de estudantes na cidade de Bruxelas, Bélgica, onde Alice estava fazendo um estágio de doutoramento. A performance foi autofinanciada e esta ação produziu documentos audiovisuais de qualidade que nos permitiram participar de diversas Chamadas Públicas e Editais de fomento online, durante o lockdown pela pandemia de Covid19.

3 nomes e 2 formatos

Mesmo desvinculada do formato-conceito inicial, algumas características das Instant Bands se mantiveram no nosso trabalho, como: *não adotar uma rotina de ensaios, praticar o improviso e manter a autonomia dos elementos sonoros.* Mas o nome *Instant Band Grrrls* começou a

incomodar e, na falta de uma ideia melhor, adotamos a sigla IBG, uma síntese do nome alinhada à sonoridade eletrônica que evitava o uso da língua inglesa, os atrapalhos trava-língua e o som forte na pronúncia dos erres.

A referência para os erres no nome da banda, veio da subcultura **Riot Grrrl** (música rock alternativo |hardcore |grunge, banda de mulheres, comportamento e atitudes DIY, vestimentas, fanzines, guerrilha feminista |Queer, etc) que surgiu em 1991, junto do **Manifesto Riot Grrrl** publicado em fanzine por Kathleen Hanna, vocalista das bandas estadunidenses **Bikini Kill e Le Tigre** e se difundiu pelo mundo.

Em 2018, adotamos o terceiro e definitivo nome: **Banda de Garotas Instantâneas**. Parecia óbvio, mas precisou de uma entrevista e uma provocação, na forma de um *jogo especulativo de traduções* do inglês para o

português, feitas pela artista Jéssica Porciúncula, para nos conduzir até ele. Por conta disso, os documentos das diversas fases do nosso trabalho se encontram difusos, disseminados na web sob os três nomes **Instant Band Grrrls | IBG | Banda de Garotas Instantâneas**.

Com a saída da guitarrista Mariana Kircher, no final de 2020, a banda passou **de um quarteto a um trio**. A nova formação manteve a base eletrônica (baixo-bateria-samples-efeitos), o teclado e o sintetizador, as vozes e a poesia.

No final de novembro de 2021, voltamos ao estúdio de som profissional para gravar, mixar e masterizar várias peças sonoras, depois de ter um projeto de vídeo selecionado em Edital público e comissionado pela Secretaria de Cultura (SECULT) da Prefeitura de Pelotas/RS, Brasil. O 2º vídeo (30´) da Banda foi

produzido com essas peças sonoras e uma colagem de imagens feita com vídeos gravados pelas artistas e trechos de filmes de banco de imagens gratuitas. Como sabíamos que 2022 seria um ano dedicado a viagens e aos projetos pessoais, aproveitamos este encontro no estúdio para gravar as bases e a voz da nova peça sonora M.D.F.D.P (Kill Duchamp). O material foi mixado e masterizado bem depois, em junho de 2022 com fundos da minha pesquisa de pós-doutorado pelo Hemispheric Encounters, YORKu, Toronto, Canadá.

_ mulheres mandando a real

A partir de entrevistas com jovens artistas e ativistas, a pesquisadora Duda Kuhnert (2018), constatou que “se autoneamar feminista ficou confortável apenas no início da década de 2010, especialmente a partir de 2015, quando o ativismo feminista ganhou grande visibilidade e a palavra das mulheres se impôs estrategicamente no campo das artes

e das letras” (Kuhnert apud HOLLANDA, 2018 p.75). E a performance apareceu como a principal linguagem para “pensar o corpo da mulher como plataforma de expressão”. A autora interrelaciona corpo, performance e ativismo com outros dados, como

A urgência de dizer de forma visível e audível, de passar uma mensagem, talvez até algumas advertências, sobre a realidade social anacrônica das mulheres em pleno século XXI. As questões que se multiplicam nas ruas, nas redes e nas hashtags inscrevem-se esteticamente nos corpos femininos de maneiras afetivas, ácidas, críticas, extremas. Arte se torna interpelação. Política se torna estética. A presença abrangente da performance e os usos múltiplos do corpo não só nas artes visuais, mas também na poesia, no teatro, na música e, sobretudo, no comportamento, denunciam a necessidade imperativa de uma expressão que se vê como inadiável. (KUHNERT, 2018 p.76).

A **Banda de Garotas Instantâneas** como proposição performativa entre o pessoal, o local e a história das mulheres, ressoa o contexto efervescente dos movimentos feministas no Brasil e se solidariza com os intensos protestos ocorridos na região Platina. Nossas performances sônicas, iniciadas em setembro de 2017, vão compor com as manifestações que rebentariam nas Américas.

Entre 2015 e 2019, aconteceram diversos atos coletivos, como **A Marcha das Vadias** que denuncia a cultura do estupro e os preconceitos que produzem a culpabilização da vítima - determinando que **O QUE a vítima veste, provoca a violência.**

A primeira Marcha aconteceu no Canadá em 2011, em resposta à orientação machista de um policial, dada às estudantes da Universidade de Toronto, ao dizer que evitariam estupros no Campus se deixassem de se

vestir como "vadias, putas e vagabundas". As ações foram organizadas pela Internet e protagonizadas pelas novas gerações nas ruas do mundo. No Brasil, a primeira Marcha das Vadias aconteceu em 2012 e mobilizou 23 cidades, inclusive, Porto Alegre. Outras edições aconteceram nos anos seguintes. As hashtags deste período foram:

#meucorpominhasregras ; #úterolaico ; #sempadrão ;
#meucorponãoéumconvite ; #SomosTodasVadias ;
#nãomereçoserestuprada ; #putalivre ;
#aculpanãodela

Em junho de 2015, aconteceram os protestos contra a violência de gênero sob a hashtag **#NiUnaAMenos** (Nem uma mulher a menos), no Uruguai, Argentina e Chile. Na Argentina, as manifestações se estenderam a junho de 2016, depois de assassinatos violentos, como da jovem grávida Chiara Páez de 14 anos, de Lucía Pérez, de 16 anos, dopada, estuprada, morta e empalada em

Mar del Plata, entre outros casos de feminicídio. No Brasil, no final de 2015, a abertura do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, pelo legislativo brasileiro, provocou atos e manifestações *pró-Dilma* que se desdobraram até a sua saída em 2016.

Em outubro de 2017, fomos atravessadas pela hashtag **#MeToo** (Eu Também), após o tuite da atriz estadunidense Alyssa Milano impactar, mundialmente, com denúncia de assédio envolvendo o produtor de filmes Harvey Weinstein (Miramax). O seu caso e a campanha reverberou, visibilizando outros casos de abuso e crimes sexuais sofridos pelas mulheres nos seus locais de trabalho, entre eles, o Manifesto das mulheres da indústria do entretenimento de Hollywood **#TimesUp**.

Em 2018, protestos massivos na Argentina, como as **Marchas das Mulheres** sustentaram a luta pró-aborto

legal. No mesmo ano, o movimento **#EleNão** promoveu atos de protesto de mulheres nas capitais brasileiras e no exterior, contra a candidatura à presidência da República do político de extrema direita, Jair Bolsonaro. O assassinato da vereadora **Marielle Franco** e do seu motorista Anderson Gomes, também, mobilizou a tod@s.

#MariellePresente ; #MarielleFrancoVive ;

#QuemMandouMatarMarielleeAnderson ;

#MexeuComUmaMexeuComTodas

Joanna Burigo (2022 p. 71-74), no seu livro *Patriarcado Gênero Feminismo*, comenta a adesão das mulheres aos **atos contra Bolsonaro**, no capítulo intitulado **ELE NÃO**. A autora lembra que, em 2018, o Brasil "ocupava a 5ª colocação no ranking mundial de feminicídios, segundo o Mapa da Violência, onde uma mulher era estuprada a cada 11 minutos de acordo com

o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (...)”. Sob estes números alarmantes, “as brasileiras manifestaram recusa a Bolsonaro por reconhecerem seu machismo, entenderem os efeitos concretos da misoginia em todos os aspectos de sua vida e verem [e, depois, constatarem] em sua encarnação como presidente a legitimação institucional da violência masculina” (Burigo, 2022 p.72).

Ato contra Bolsonaro em Porto Alegre e Selfie com filtro #EleNãO .
Fotos | Marion Velasco

Em outubro de 2019, no Chile, uma série de protestos civis, chamada de **Estallido Social**, expôs os governos obsoletos da América Latina e o modelo de estado que concorreu para o agravamento dos problemas sociais e econômicos. Os grupos feministas e estudantis seguiram fortes na revolta com atos de protesto, passeatas, denúncias com pichações (e seguem) reivindicando mudanças. Nesse momento, se destacam as performances de rua, com a convocação de mulheres para performar e recitar juntas e, em voz alta, os textos do coletivo feminista de Valparaíso LAS TESIS.

Novas questões sobre os corpos

Da esquerda para a direita: Andressa, Marion e Mariana no Estúdio Sangha. Foto | Alexandre Birck; Andressa com figurino #EleNãO e Alice. Galeria A Sala / UFPEL, Pelotas. Print de tela do vídeo de Adauany Zimovski; Marion com câmera de ação na mão. Bar Ocidente, Porto Alegre. Detalhe de Foto de Louise Soares & Juliana Mass



As performances sônicas da **Banda de Garotas Instantâneas** tem o protagonismo do som eletrônico e experimental, dos líricos com narrativas provocativas. Os gestos e as manobras no espaço oscilam entre uma *postura de concentração*: com cabeças baixas, foco nas manobras com os instrumentos e o celular e uma *postura informal*: com atitudes espontâneas e articuladas em meio às ações.

No começo de 2020, a videoartista Carol Grimm se incorporou à Banda e as performances ganharam novos recursos visuais, com a projeção de cores saturadas, temperatura alta sobre as imagens e colagens por espelhamentos, sobreposições e transparências nos espaços e nos nossos corpos. A montagem e a edição dos vídeos, também foram assinadas por Carol. Na última performance ao vivo, o 1º vídeo foi projetado sobre nossos corpos. O percurso em ziguezague, da projeção de cores e texturas nos corpos para o vídeo e do vídeo

editado, projetado sobre os corpos, criou outras camadas de tempo e uma estética visual, ainda, mais ruidosa.

A partir do campo da Sociologia e Antropologia, Carla Gomes e Bila Sorj (2014 p. 438) explicam que o corpo em manifestações e passeatas, adota o “artifício da provocação [...] para questionar as normas de gênero, em especial as **regras de apresentação do corpo feminino no espaço público**. Assim, o corpo é artefato no qual cada participante procura expressar alguma mensagem que o particulariza”.

Nunca combinamos como nossos corpos estariam em performance. Andressa preparou figurinos especiais para todas as ações, com uso de maiôs, meias coloridas, camisetas e peças transparentes com as palavras de ordem adesivadas: **#elenão**, **#p.u.t.a.**, patch com imagem de **vagina** no boné, brinco com pingentes de letras que

formavam a palavra **#RESISTE** e, na pandemia, máscara de respiração bordada com paetês. Alice usou vestidos estampados, jeans e camiseta com estampas desenhadas e impressas por ela, como a ilustração **#PIRANHA**.

Piranha é uma palavra tupi que se refere a uma espécie de peixe fluvial, que tem vários dentes afiados, é carnívoro e voraz. Pode ser encontrado nos rios brasileiros da Amazônia, do Centro Oeste e, recentemente, em diversos pontos do sul do país. Na linguagem informal é xingamento: sinônimo de vagabunda, vadia e prostituta e ou mulheres que fazem sexo com vários parceiros. Também faz referência a um acessório para os cabelos, uma presilha com encaixe dentado.

Mariana manteve o seu estilo-rocker diário, com o uso de botas, jeans skinny, camiseta baby look e macaquinho preto. Para mim, era importante equalizar a aparência nas performances com a imagem cotidiana,

principalmente, quando as ações aconteciam num palco_esse lugar carregado de significações, clichés e que geram expectativas. Meus vestidos pretos, minimalistas em linho, seda e jeans, abotoados como camisa, pijama ou fechados até o pescoço, também eram usados no cotidiano. A intenção era desviar a atenção do meu corpo, quebrar com os padrões de beleza e frustrar a imagem de *frontwoman*, tão explorada no campo da Música, até mesmo por mim, nos tempos em que fui vocalista de banda de rock e eletrônica.



Banda The Plastic Dream
ao vivo. Ópera Rock,
Porto Alegre, 1991.
Foto | Álvaro de Azevedo



Banda The Plastic Dream ao vivo.
Teatro Bar Porto de Elis,
Porto Alegre, 1991.
Foto | Alexandre Lopes Fagundes

Banda The Plastic Dream ao vivo. Ópera Rock,
Porto Alegre, 1991.
Foto | Álvaro de Azevedo



E acredito que tenha conseguido, porque no final de uma performance, disseram que eu era um misto de **maestra (regente), freira e professora**. As duas últimas associações me chamaram atenção, porque, historicamente, são posições aceitas e destinadas às mulheres. Na busca de uma imagem neutra, no palco, me amalgamei a outra imagem-clichê de mulher. Para enfatizar a câmera de ação na mão, gravando a performance e o público, usei luvas pintadas e cortadas, sem a ponta dos dedos.

A **Banda de Garotas Instantâneas** tem uma configuração intergeracional. Quando começamos, estávamos nas **faixas etárias dos 30, 40 e 50+**.

De acordo com Gomes e Sorj (2014), pelo trabalho de diferentes gerações, o feminismo se manteve presente na sociedade brasileira, mas a atualização e o aprofundamento das suas pautas aconteceram, mesmo, com

as marchas e hashtags citadas anteriormente. As autoras lembram que “para as gerações anteriores de feministas, a autonomia sobre o corpo aparecia atrelada às reivindicações pela descriminalização do aborto, pelo planejamento familiar e pela saúde da mulher” e para as gerações contemporâneas,

O corpo assume um significado mais amplo. Ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindia de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo. Assim, nas *marchas*, a sensualidade dos corpos é celebrada; os padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos; a menstruação é positivamente assumida. (GOMES; SORJ, 2014 p.438)

Fui adolescente nos anos 1970, quando reverberava o que

se convencionou chamar de segunda onda feminista, mas a pressão sentida por uma garota num contexto de ditadura militar, no Brasil, era imensa. Não existia lugar para a adolescência na sociedade. Você era criança e então, adulta.

Apesar das conquistas feministas das décadas de 60 e 70, no micromundo de uma cidade ao sul da América Latina, o patriarcado continuava oprimindo suas meninas e suas mulheres (e segue). Era preciso desconstruir o modelo de mulher desde o comportamento, dos gestos às vestimentas. Entendo o que Solnit (2020 p.133) diz com "tenho idade para lembrar do tempo em que as meninas não podiam ir à escola de calça comprida até o meio do primário", pois eu sonhava com o dia em que ganharia uma calça jeans. Falar sobre menstruação era um tabu. Colegas do ensino fundamental falavam do uso de 'tampões', mas isso era uma exceção. Usar uma simples camiseta *cropped* com a barriga à mostra era considerado

‘um convite aos homens’.

Encontro na memória um caso que me aconteceu aos treze anos. No final da cerimônia religiosa pelos sete dias da morte do meu avô paterno (que era tudo para mim e faleceu, de repente, num acidente de trânsito), com um imenso pesar, abracei a todos os familiares presentes, menos um tio que me barrou, recusou o abraço e explicou pra mim: "Com essa idade tu não pode mais chegar num homem assim". E fui tomada por um sentimento de inadequação. 'Assim' como?

O que significava este *novo mundo* que eu adentrava, onde o afeto genuíno, espontâneo e familiar não eram mais permitidos? Ou, o que meu corpo de jovem mulher provocava e por isso, precisava ser reprimido, travado, impedido de se expressar e se movimentar?

Não contei o caso aos meus pais, porque sabia que eles criticariam a minha atitude, o meu afeto e a minha

indignação e não o comportamento e a fala do meu tio. O constrangimento e a desconfiança seguiram comigo. Com o tempo, entendi que aquela situação era, entre outras coisas, uma manifestação prática do machismo. A partir daí, **seguí experienciando como “o gênero molda todos os espaços** - social, convencional, profissional e também literal - que nos são dados para ocupar” (SOLNIT, 2020 p.14).

Nos anos 1990, aos 30 anos, assumi os líricos e a voz de uma banda de rock e em 1992, de um duo de música eletrônica pop. Como *frontwoman* desses projetos, por diversas vezes, fui alvo de manifestações machistas e de *fake news*. Estas situações visavam ao apelo sexual e contribuíam para a **objetificação da mulher** sob o estereótipo da *Bad Girl*, a garota roqueira rebelde, malvada e vadia, quando espalhavam que, nos shows, sob os vestidos eu não usava calcinha, quando insistiam para eu subir no palco, segurando e bebendo uma garrafa de

cerveja e, ainda, quando numa entrevista de rádio, o apresentador começou assim: “Quem está *te pegando* na banda? Ou, quem está pegando quem?”.

Estes relatos fazem parte das minhas experiências e da revisão que tenho feito, a partir da escuta e da leitura de novas mulher@s escritor@s, ativist@s e artist@s, onde reconheço os avanços e as contradições da minha geração e identifico onde é preciso seguir *mandando a real*.... Esta reflexão é extensiva aos líricos da **Banda de Garotas Instantâneas** e ao que eles manifestam.

O conteúdo poético e político feminista das nossas peças sonoras, escrito e recitado por Alice Porto, partiu das suas experiências pessoais e do seu posicionamento sobre determinadas questões. Para além das situações narradas em primeira pessoa e do micromundo que nós representamos, os textos abordam questões históricas da luta feminista e demonstram a estrutura patriarcal e as

desigualdades da sociedade brasileira. Para mim, os líricos provocam, de forma proativa e debochada, um giro no entendimento dos temas:

medo de andar sozinha nas ruas. O assédio e o abuso de mulheres são constantes. Tod@s nós sabemos e ou temos alguma história para contar. Não importa o horário, se é dia ou é noite, o lugar, se é público ou privado, nas cidades latino-americanas (mas não só). Exigir respeito, desejar segurança e igualdade de condições, pode passar pelo **espelhamento de uma mulher autoconfiante com o seu corpo construído e investido de poder por próteses e super-músculos;**

No Brasil, depois de sucessivos casos de violência contra as mulheres em transportes públicos e a mobilização popular, a Lei nº 13.718/2018 que pune o assédio sexual em espaços públicos, inseriu o artigo 215-A do Código Penal, que trata como crime a

importunação sexual.

reprodução e maternidade. Por mais que tenhamos avançado na autonomia da mulher, os cuidados e a educação dos filhos ainda são atribuídos e assumidos pelas mães. Isso acontece pela ausência ou omissão dos deveres do pai. A maternidade impacta todos os aspectos da nossa vida. O lírico Mãe aponta uma escolha, não viver a maternidade. O tema cria várias camadas de entendimento dentro da banda (entre nós, três são mães e uma não) e fora dela;

ode ao corpo feminino. Resgate e valorização da vulva, da vagina e do processo da menstruação em conexão com a natureza e a ancestralidade. De outra forma, aborda a temática da reprodução pela exaltação da não-fecundação. Para isto, foi recitada e musicada uma das poesias do Zine coletivo *Xoxotas de Pelotas* (2016);

machismo. Há muita dificuldade em entender o movimento

feminista e, aqui, o lírico explicita o inconveniente enquadramento do ativismo e de quem o pratica, aos conceitos de bondade e maldade; **Falocentrismo e o ritual da castração**. Os homens vivenciam os seus privilégios na sociedade, defendem a sua superioridade a partir do falo e não veem problemas em ostentar a genitália em público, seja para se exhibir, urinar, abusar e ou estuprar mulheres e crianças (mas não só). As peças sonoras *Penduricalho* e *Castro* topam de frente, afrontam, intimidam, questionam a importância do órgão masculino, pelo deboche. Castro é um sobrenome e um verbo conjugado na primeira pessoa do singular. Nas performances, Alice elenca diversos nomes próprios masculinos, seguidos deste sobrenome-verbo. A lista é aberta, pode mudar e aumentar por sugestão de tod@s e de quem está presente na performance. Ninguém é poupado, são evocados políticos, atores famosos, amigos, ex-namorados, etc. O ritual irônico, metafórico e simbólico da castração, em meio a

uma cultura falocêntrica é um ato empoderador, movido pelo desejo de quebrar com a onipotência e onipresença do pênis. Em performance, este é o momento que acontece uma colagem poética com a recitação de um trecho do poema *Eighth Day* da poeta beatnik Ruth Weiss (2015 p.124-125) que diz: *No podemos ser amigos pero no tenemos por qué ser enemigos | we can't be friends but e don't have to enemies.*

Não estamos brincando e ainda dá pra dançar

Desde o início da banda, assumi uma posição inusitada e um tanto desconfortável que foi **compor as bases eletrônicas de todas as peças sonoras e tocá-las ao vivo**. Compor não era uma questão. O desafio era tocar ao vivo e, a cada apresentação, repetir a sequência de sons da camada rítmica (baixo, bateria e efeitos) sobre a qual os outros elementos sonoros (guitarras, teclados, vozes) e literários desenhavam os seus percursos. A

repetição da sonoridade, valorizada no campo da Música e discutida no caso de Reperformance, se tornou necessária quando decidimos fazer a proposição durar e as apresentações começaram a acontecer.

A posição é inusitada porque nunca toquei um instrumento. E não se trata de um *instrumento*, eu uso um controlador de som_o app Novation Launchpad baixado, gratuitamente da Internet para o IPAD Air. Minha experiência com outras bandas e projetos sonoros, tem a minha voz como protagonista e a colaboração de músicos e produtores musicais na construção do som. Uma solução de fácil execução seria gravar, previamente, as bases para dispará-las e, apenas inserir alguns elementos, ao vivo, mas este *playback* deixaria a performance artificial.

No processo, entendi que este era um novo lugar para a investigação e por isso, o trabalho era corajoso e

generoso. A **Banda de Garotas Instantâneas** se configurou para desacomodar, através da temática, dos líricos diretos, sarcásticos e provocativos, em meio a construções melódicas dançantes, mas esta impertinência servia para nós, também, enquanto artistas.

Com isso, as partituras se tornaram documentos importantes para as reperformances, orientando as minhas ações e permitindo o acesso às peças sonoras para quem quiser pesquisá-las e ou executá-las. As partituras das bases eletrônicas foram escritas em papéis vegetais reciclados e coloridos em verde e azul (material, originalmente, usado para separar e proteger outros materiais) e incorporadas às performances como **elementos plásticos e protagonistas em algumas ações.**

Nosso **processo de construção** sempre foi **espontâneo, desafetado e democrático, onde todas são propositoras e autoras. Dá pra dizer que nos guiamos pelo tempo da**

surpresa e não pelo metrônomo.

Mesmo com repetições (pelas partituras, samples, loops e notas musicais), a sonoridade se altera durante as performances. Isso acontece, porque as peças sonoras mantém os tempos abertos e a duração não tem compromisso com regularidades. Nesses momentos, praticamos o improviso, quando cada artista busca para si uma estrutura que negocia com as demais e se adapta o tempo todo. Um exemplo disso, acontece na recitação. A voz mantém um acordo instável com os outros sons, criando entradas e saídas incertas. Ao vivo, as peças sonoras funcionam como um quebra-cabeças, onde a virtuosidade não é um imperativo, mas o desembaraço sim.

Um processo incerto favorece o uso da intuição, direciona a atenção aos detalhes e à colaboração coletiva para que, no final, tudo se encaixe.

O campo da Música entende a improvisação como um modo de composição, sobretudo no Jazz. Nas Artes Visuais este recurso foi incorporado à estrutura do Happening, concebido por Allan Kaprow, no final dos anos 1950.

O uso do Ipad | App controlador de som, também, é experimental pelas manobras que faço para desviar das repetições, como: acionar as células do app, pela pressão da mão inteira sobre o dispositivo. Com isso, vários pontos são tocados e os sons são disparados, aleatoriamente; fazer mudanças radicais no tempo, acelerando e desacelerando os BPMs (batidas por minuto), para enfatizar um momento na recitação e na poesia.

A autonomia na construção da base eletrônica me permitiu criar linhas de baixo, bateria e efeitos, com vários gêneros musicais dançantes, como o House, o Techno, e Tech House e o Drumbass. Em alguns momentos, construí sonoridades ruidosas pela sobreposição de samples e

tempos descompassados no uso dos efeitos.

A maioria das nossas performances sônicas aconteceram com audiência e ou público presenciais. Mas em dois momentos, entramos em estúdio de som profissional para performar, gravar as peças sonoras em vários canais e orientar o trabalho para o vídeo.

Em *Penduricalho* (2020), tudo foi articulado a partir do estúdio de som em Porto Alegre. A base eletrônica, o teclado e a guitarra foram tocados e captados, ao vivo, numa sala do estúdio. Enquanto acontecia a projeção de imagens sobre os nossos corpos e o celular no pedestal com a chamada ativa, por vídeo via WhatsApp e a voz em recitação captada num canal do estúdio, de forma remota e linha direta com a cidade de Bruxelas. Lá, a tradução da poesia era adaptada em tempo real, pela conexão de postagens e conversas tecladas nas redes sociais.

Em *No Aquário* (2021), o processo de criação foi

diferente. A formação do trio manteve as bases eletrônicas, o sintetizador e as vozes. Em casa, eu toquei e gravei no próprio *app* do Ipad, as bases eletrônicas das peças sonoras que iam compor o vídeo. Para isso, usei as partituras e defini os tempos das bases (como falei, anteriormente, ao vivo eram abertos), recitando os líricos, de forma rítmica e concisa, enquanto tocava. As gravações foram enviadas para o estúdio, serviram de guias e depois foram mixadas às vozes e ao sintetizador. O material sonoro masterizado tem 30 minutos e a sequência sonora de **INTRO Manifesto**, Gracyanne, Mãe a Penduricalho, determinou a estrutura do vídeo.

Além de compor e tocar as bases, a minha voz apareceu de duas formas: na recitação da peça sonora **INTRO Manifesto** que abriu todas as performances ao vivo e nas colagens poéticas que se juntam à poesia de Alice.

INTRO é uma adaptação de outra poesia, garimpada num arquivo de textos para serem musicados pela minha banda de rock *The Plastic Dream*. A poesia, intitulada, **HARD SOUL | ALMA DURA/HOSTIL** (1991) foi escrita em colaboração com o músico curitibano Norberto Pie e nunca foi musicada. Não lembro a motivação destes versos, quando foram escritos. Eles anunciam um posicionamento indefinido, mas cada negação é carregada de firmeza, por isso, a entendo como **um Manifesto e a recito com uma voz enfática**. Esta é a **única vez que fazemos uma referência a NÓS | WE, pronome pessoal direto e plural**.

O contexto mundial, quando a poesia foi criada, nos leva ao começo dos anos 1990_da reunificação da Alemanha, da dissolução da União Soviética, da Guerra do Golfo, do começo da União Europeia. No Brasil, aconteceu o primeiro governo eleito pelo voto do povo, depois da ditadura militar, mas foi um governo infeliz, que congelou a economia, confiscou o dinheiro do povo,

demituiu funcionários públicos, se corrompeu e gerou indignação de diferentes setores. E destacou-se o movimento **Caras-pintadas**, formado, em especial, por estudantes e jovens que lutaram pelo impeachment do presidente Fernando Collor. Naquele momento, era preciso dizer e fazer algo e, na maioria das vezes, isso é duro, pesado e hostil.

WE are not here to play | WE are not here to dream | WE are not here to drift | I have a hard word to say (VELASCO, PIE, 1991)

Também é possível entender o período, pelo contexto musical e comportamental do movimento *Riot Grrrls | Grunge Rock*, do “som distorcido das guitarras e letras angustiadas e sarcásticas” das bandas Bikini Kill, Sleater-Kinney e 7 Year Bitch, entre outras mulheres artistas estadunidenses, como Queen Latifah e Yo-Yo, no Hip Hop e as inglesas do Brit Pop, das bandas Elastica e

Sleeper.

Ao contextualizar a letra, na história das mulheres, o lírico de 1991 ganha em complexidade e faz todo sentido resgatá-lo como poesia das **Garotas Instantâneas**. Quando nos reunimos, o período político no Brasil era de pós-impeachment da presidenta Dilma Rousseff e nosso sentir era de que *não podíamos brincar, derivar e sonhar*. A poesia, ainda, se alinha pela negação, **um modo de apresentação da Banda** que sempre enfatizou “Não somos uma banda”. “Não somos um coletivo”. “Não fazemos ensaios”.

Para a base de **Intro Manifesto**, abri um novo projeto no app Novation, joguei os *samples* (*amostras* de ruídos variados) de motores de fábrica dos anos 1920 (arquivos de paisagens sonoras históricas) e os acionei **aos poucos e em loop**. A sobreposição das sonoridades de **silvos, suspiros e graves** criam uma base sonora ruidosa. Quando

todos os *samples* soam juntos é atingido o ápice e é a hora de recitar os versos. **INTRO** sempre foi apresentada em inglês, mas em 2020, escrevi uma versão da letra em português e adicionei um final. Nas performances ao vivo, até 2020, a peça sonora contava com guitarra e teclado. A nova versão com os *samples*, teclado e voz foi gravada como **INTRO MANIFESTO** para o vídeo **No Aquário** (dez.2021).

Nossa palavra é DE difícil dizer | Nossa palavra É difícil dizer | Então, fala comigo, diz pra mim | Aqui, em meio à sujeira | O que se pode fazer nesse jogo sujo?! | Seguimos gritando! | Enquanto você finge, mascara, segue enrolando... (VELASCO, 2020)

REFERENCIAS

BOURRIAUD, Nicolas apud OLIVA, Fernando; REZENDE, Marcelo (orgs). *Comunismo da Forma: som, imagem e política da arte*. São Paulo: Alameda. 2007 – Coleção Situações

BURIGO, Joanna. *Patriarcado Gênero Feminismo*. Porto Alegre: Zouk, 2022

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1974

FREITAS, Angélica; PORTO, Alice; CUQUI, Camila et all. *Xoxotas de Pelotas_Fanzine*. Florianópolis: Edição das artistas, 2016. 2ª edição. (exemplar 57 de 100)

GOMES, Carla; SORJ, Bila. *Corpo, Geração e Identidade: a Marcha das Vadias no Brasil*. Revista Sociedade e Estado - Volume 29 Número 2 Maio/Agosto, 2014. PDF (p.433-447)

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987

KUHNERT, Duda apud HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

ROLIM, Marion Velasco. *"Falei em voz ALTA": ERRAGEM, voz e outros sons em performances sônicas*. Tese de Doutorado PPGAV / Instituto de Artes / UFRGS. Porto Alegre, 2017. Acessível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/165242>

SOLNIT, Rebecca. *De quem é essa história?: Feminismos para os tempos atuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

TOLOKONNIKOVA, Nadya. *Um guia Pussy Riot para o Ativismo*. São Paulo: UBU Editora, 2019.

WEISS, Ruth. *Beat Attitude: Antología de Mujeres Poetas de la Generación Beat*. Poesía. Traducción, selección y prólogo de Annalisa Marí Pegrum. Madrid: Bartleby Editores, 2015

ZOURABICHIVILLI, François. *Deleuze: Uma Filosofia do Acontecimento*. São Paulo: Editora 34, 2016

LINKS

BIKINI KILL | Alien She (1993):

<https://www.youtube.com/watch?v=gduzrdch-nM>

ELASTICA | Stutter (1993):

<https://www.youtube.com/watch?v=0ie4x8hWYYE>

FERREIRA, Ayllana. Tudo o que Você precisa saber sobre o movimento riot grrrls (2022):

<https://www.terra.com.br/diversao/musica/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-movimento-riot-grrrl,4bf0ac7391b2dc585fd1b87ca29fb024homol1hn.html>

LAS TESIS | Un violador en tu caminho:

https://www.youtube.com/watch?v=_0ed59v2hQE

SLEEPER | The IT Girl_Álbum (1996):

<https://altrockchick.com/2022/10/02/sleeper-the-it-girl-classic-music-review/>

Processos de criação de textos para letras da Banda de Garotas Instantâneas/ Instant Band Grrrls/IBG (2017-2022)

Alice Porto

O material a partir do qual me debrucei para compor aquilo que se tornaria as primeiras letras desse projeto é composto por algumas postagens curtas feitas na rede social Facebook, a partir de pensamentos que me ocorriam no dia a dia, muito influenciadas pela leitura de alguns livros de teoria feminista que me faziam questionar coisas até então para mim invisíveis da vivência cotidiana. Eram uma

forma de processar em primeira pessoa algumas ideias sobre os efeitos micro da dominação masculina. Anotações rápidas, esboçadas, muito próximas da linguagem oral, como se estivesse conversando com alguém. Um pensamento arremessado na rede, sem destinatário, para quem quisesse reagir, participar.

Tenho já há muitos anos o costume de escrever nesses espaços como forma de compartilhar ideias com redes afetivas híbridas, frequentados tanto por pessoas com quem convivo presencialmente quanto por outros que conheci nesse mesmo lugar. Desenvolvi, com o tempo, uma escrita com alguns aspectos de diário, às vezes pendendo para a micro crônica, às vezes sendo atravessado pela militância virtual.

Gosto da liberdade que sinto ao escrever no Facebook principalmente pelos seus defeitos: por ser a rede social mais ordinária, onde se intercalam discussões políticas com selfies, fotos de animais de estimação,

mais selfies, reclamações sobre o clima e tantas outras expressões do banal. Ela me dá o mesmo tipo de tranquilidade de escrever num papel sulfite: se der errado, tudo bem. Se for bobo, inútil, desprezível, equivocado, é só mais detalhe num mar de irrelevância, sem maiores impactos. Não existem as expectativas que materiais caros ou espaços mais dignos às vezes impõem ao processo. Isso me facilitou escrever em público, o que acabou por constituir um pequeno público, que acompanha e interage com essas ideias. Me interessa especialmente pelos jogos de palavras, as formas de narrar, de criar pontes entre a experiência individual e essa convivência mediada, indireta.

Certa vez encontrei a professora e escritora Daniela Kern na escadaria da universidade - não esqueço desse dia - ela literalmente me chacoalhou pelos ombros (até então nunca havíamos conversado ao vivo) e

disse, de maneira enfática, que eu deveria publicar essas coisas. Essas mesmas, que eu escrevia e publicava no Facebook como quem joga no lixo. A partir desse acontecimento resolvi pensar a sério sobre esses textos como possibilidade de criação artística, para além de algo que fazia no meu tempo livre porque achava engraçado (um motivo sempre válido para se fazer algo, no meu entender). Essa movimentação de coisas que faço por diversão para dentro do território daquilo que defini por minha "prática artística séria" tem sido uma característica comum em quase tudo que tenho produzido nestes últimos anos, no exercício de levar o humor e a leveza a sério, ou entender a seriedade como espaço também para diversão, borrar esses limites.

Passei então a percorrer o meu feed de publicações no sentido cronológico inverso, buscando anotações com potencial artístico/literário, ainda sem saber ao

certo o que fazer com aquilo. Por dias selecionei textos, separando em categorias temáticas. Esse arquivo ficou um bom tempo inerte, esperando algum tipo de direcionamento ou ativação, porque um texto escrito para uma plataforma específica tem marcas de sua origem, o espaço para onde o texto se molda e opera tem regras e fluxos que definem um tipo de leitura/atenção/contexto. Simplesmente recortar trechos formatados para aquele espaço, sem mais nem menos, seria um movimento brusco que faria se perder parte do seu sentido de leitura e funcionamento. Além da seleção dos textos era necessário outro tipo de operação.

Assim se passaram alguns anos de espera e indefinição até que, em 2017, fui convidada pela Marion Velasco para fazer uma participação no projeto IBG, um desdobramento da pesquisa dela de doutorado, que envolvia música e performance, duas coisas para mim

apavorantes, tendo em vista que evito a todo custo atividades nas quais me faça visível (a pessoa quase nunca se especializa em gravura por acaso, é só observar por aí), que dirá ser “*frontwoman*” de um projeto musical, no centro dos holofotes. Ao mesmo tempo e no sentido oposto desse sentimento, tenho interesse pelo inusitado, e gosto de experimentar as coisas para descobrir até onde elas podem chegar. Levando em conta que não era (naquele momento) uma banda e seria apenas uma apresentação, topei escrever letras para o acontecimento. Desnecessário dizer aqui que isso não foi exatamente o que aconteceu, chegamos até essa publicação (por enquanto), mais longe do que qualquer uma de nós poderia prever.

Coincidentemente, nesse momento estava de passagem por Porto Alegre minha amiga e conterrânea Angélica Freitas, rumo ao projeto de escrita “Refúgio Poético”, no qual ela iria ministrar diversas oficinas

de poesia ao longo de um final de semana numa pousada rústica paradisíaca em Vespasiano Correia (interior do RS), e me convidou para ir junto. Imprimi o meu arquivo de textos publicados no Facebook e rumamos para uma casa no campo, onde lemos muita poesia nacional, bebemos vinho, fizemos experimentos de escrita, e desdobrei algumas daquelas publicações com temática feminista para o formato de poesia. Tivemos ainda um momento de leitura pública, onde os participantes da oficina me incentivaram a ler e reler os textos até conseguir fazer isso em público de maneira mais ou menos assertiva. Tenho muito a agradecer a aquele grupo que me apoiou e funcionou quase como um "pré-público", me preparando para o acontecimento. Assim nasceram os textos base para as músicas "Gracyanne", "Elogio de Homem", "Castro" e "Mãe", a serem apresentados no festival Vênus em Fúria, no bar Ocidente.





Figura 1 - Oficinas de escrita Refúgio Poético, com Angélica Freitas.
Fotos de Ariele Louise Barichello Cunha. 2017.

Chamo de textos base porque, conforme as performances foram se dando, senti a necessidade de ir dizendo mais coisas sobre aqueles assuntos, improvisando, conforme o que me ocorria na hora. Isso me parecia apropriado tendo em vista que não tínhamos músicas no sentido estrito, nem ensaios propriamente ditos, mas algumas intenções e encaixes que tomavam forma mesmo nas apresentações. Posteriormente, a partir dos registros sonoros das apresentações, eu anotava os novos fragmentos de textos que surgiam durante essas improvisações e aderira às letras prévias, que se tornavam os novos textos base, e assim por diante. O texto ia se construindo a cada ativação do projeto, se desdobrando, de forma espontânea, mas também calculada dentro de um certo território de provocações e intenções do que eu pretendia dizer.

Essa primeira leva de textos, produzidos no Refúgio Poético, foi produzida a partir dessas publicações em 2014/2015:



Alice Porto

26 de janeiro de 2015 · 🧑



E quando o cara além de super babaca ainda tem o sobrenome Castro? Eu repito mentalmente "castro mesmo, chega mais". Entendedoras entenderão a quem me refiro.



Alice Porto

7 de julho de 2015 · 🌐



Essa frase que ouvi esses dias vai ser difícil de esquecer: "eu sinto que tu é uma pessoa boa, apesar de feminista tu tem um bom coração"
Os homens, eles falam essas coisas tentando elogiar



Alice Porto

23 de dezembro de 2014 · 🧑



Às vezes eu queria ser bombadona tipo a [Gracyanne Barbosa](#) pra poder andar na rua metendo medo nos ôme ao invés de andar com medo de cruzar o meu olhar com um deles por mais de meio segundo, coisa que eles interpretam como um convite à agressão.
Com este belo pensamento vou lá treinar, bjs



Alice Porto

17 de fevereiro de 2014 · ⚙️



Melhor anti-concepcional do mundo essa criança gritando no restaurante: "Mãe! Mãe! Mãe!! Mãe!!!! MÃE!!!!!!!" (ao infinito e cada vez mais alto, que bela goela saudável).
Reparem também que a pobre criança não tem pai.

Para mim, "Castro" e "Elogio de Homem" tem uma origem em comum, que é a brincadeira com o estereótipo tão antigo, e ao mesmo tempo ainda presente, da feminista terrível, má, perigosa e sem sentimentos, uma parte do imaginário popular que pensa que, se as mulheres tivessem a chance, revidariam a violência masculina na mesma moeda. Eu acho engraçado ironizar isso porque, sendo assumidamente feminista, me vejo inúmeras vezes sendo destinatária dessa caricatura. Isso depõe contra mim - contra nós, que falamos frontalmente da nossa realidade sem pedir desculpas por incomodar - tanto no território dos afetos quanto na vida profissional, o que me coloca na situação patética de ter que explicar que eu sou, surpreendentemente para alguns, um ser humano com sentimentos, e que "até tenho amigos que são homens". Essa caricatura do feminismo como um estado constante de histeria e guerra indiscriminada a todos os

homens, num surto alucinatório de ódio - ao invés de uma reação legítima organizada de defesa contra violências reais, sistemáticas - é também uma forma de violência e desumanização, uma sanção social por infringir regras preestabelecidas de subserviência, o que só dá mais raiva da situação toda. Mas sentir raiva pura e simplesmente, no seco, é algo que faz mal, então prefiro rir e devolver a caricatura, exagerando a coisa toda pra que talvez seja perceptível o quão ridícula a coisa toda é (é preciso sublinhar o óbvio e o absurdo). Se puder fazer minhas amigas rir junto, melhor.

"Gracyanne" é um elogio à quebra do estereótipo de gênero por mulheres que rompem com a imposição de ser, ou no mínimo aparentar ser, frágeis e indefesas. Nessa época eu treinava artes marciais (até parar de treinar, por sofrer assédio do professor, irônico, não?) e percebia meu corpo e minha confiança

crescendo, algo que mudou significativamente minha percepção sobre o espaço público. Uma diferença sutil para quem via de fora, mas imensa pelo lado de dentro. Daí eu imagino o que possa ser a experiência do corpo de alguém que se transformou completamente e é super musculosa. Nós somos acostumadas a conviver desde pequenas com o medo que deriva dessa desproporção de força física entre homens e mulheres, como se isso fosse natural, o que nos impede de fazer muitas coisas, porque na rua somos ameaçadas com frequência, de forma mais ou menos velada. E se eu pudesse ser muito mais forte, eu poderia chupar um picolé ou comer uma banana na rua sob olhares masculinos? Poderia usar roupa curta no calor, poderia caminhar por qualquer lugar temendo no máximo ser assaltada? Quem sabe a Gracyanne Barbosa poderia responder (quando quiser me liga, me manda um e-mail).

E, por fim, “Mãe” é uma observação do lugar imposto para mulheres que tem filhos: a sobrecarga, a solidão. Sempre temi que essa música pudesse ser mal compreendida por amigas que tem filhos como uma crítica a elas, e não à estrutura ao redor, mas por sorte isso nunca aconteceu.

Essas quatro músicas foram durante um tempo o único repertório de letras, além de alguns experimentos que fizemos com fragmentos de textos do zine Xoxotas de Pelotas, de autoria coletiva - eu + Angélica + artistas feministas de (ou em) Pelotas naquela época, entre 2015 e 2016 -, e de Um Útero é do Tamanho de Um Punho, livro icônico de poesia feminista, também da Angélica, tentativas que acabamos deixando pelo caminho.

Nossa próxima composição, “Penduricalho”, também surgiu de um fragmento das redes sociais. Certa vez

estava num embate (chamar de debate seria um exagero) quando, ao criticar a postura falocêntrica de alguém, que jamais lembrarei quem era, disse “você supervalorizam esse penduricalho”. Minha amiga/colega de militância Ana Beys fez um print dessa frase e compartilhou em outro contexto, criando um deslocamento da origem. Junto a essa frase, costurei uma outra publicação sobre os rastros e efeitos de homens e quadrúpedes no espaço público das cidades:



Alice Porto

1 de agosto de 2015 · 🧑

O eterno mistério do xixi na calçada: homem ou cachorro?

A partir dessa ideia rabisquei algo, mas senti que não tinha encontrado uma forma satisfatória, conclusiva, pra esse texto. Deixei novamente em suspenso até que, ao chegar em Bruxelas para meu estágio de doutorado sanduíche, fui surpreendida com inúmeras estátuas e fontes de crianças e cachorros fazendo xixi, que tem um papel central na arte pública local. Foi inevitável falar sobre isso na música, trazendo um contraponto cultural entre Bruxelas e POA/Pelotas relativo a corpo, ocupar o espaço público, imaginários envolvendo xixi, nudez e assim por diante.

Para a gravação que fizemos, simultânea entre Bruxelas e POA, da ação para vídeo Penduricalho, joguei na minha rede uma pergunta para acionar vocabulários diversos: como traduzir “penduricalho” com o mesmo desdém, do português para o inglês?

 **Alice Porto**
11 de março de 2020 · 🧑‍🤝‍🧑

Como vocês traduziriam "penduricalho" pro inglês? É pra ser uma maneira pejorativa de se referir ao anexo dos rapazes
Estou pensando em little appendix mas não sei bem
Socorro universitários

😂👍 33 80 comentários

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Mais relevantes ▾

 **José Rafael Bordin**
hang thing/stuff? 👍

[Curtir](#) Responder 2 a

 **Thays Prado**
dangly thingy? 👍😂 10

[Haha](#) Responder 2 a

↳  Bruno Maestrini respondeu · 10 respostas

 **Felipe Leitao**
pen do rick i low 😂👍 17

[Haha](#) Responder 2 a

↳  Alice Porto respondeu · 1 resposta

 **Patrícia**
A princípio, acredito que poderia ser pendant, mas se tiver a conotação de algo barato, balangandã, pode dar uma olhada no substantivo blaube, se é isso - blaube são penduricalhos de árvore de Natal, mas tb bijuteria, algo barato

[Curtir](#) Responder 2 a

↳  Patrícia respondeu · 19 respostas

 **Patrícia**

Eu buscava uma palavra ou expressão, porém recebi várias, então escolhi por trazer essas possibilidades (pelo menos as que achei mais divertidas) para a letra. Eu tinha algumas anotações e frases que pretendia dizer, mas ainda não sabia exatamente como, em que ritmo/formato iria se formar quando chegasse o momento, nem quais outras coisas poderiam me ocorrer. Muitas pessoas participaram dessa construção coletiva, de várias partes do Brasil e até mesmo de outros países, e foram citadas nos créditos do vídeo.

Houve ainda um último desdobramento desse texto quando, depois do meu retorno ao Brasil, fizemos uma apresentação na Galeria Bronze. A versão inicial foi escrita em inglês por motivos muito práticos: havia uma previsão de apresentar esse material numa exposição individual que eu estava organizando em uma galeria em Bruxelas - que acabou não acontecendo, boicotada pela pandemia de covid. Dessa forma, a

maior parte do público dessa música era de não falantes de inglês, algo que me incomoda, porque escrevo sempre com a intenção de ser compreendida. Porém, no retorno ao Brasil, traduzi de volta para o português, para que meus conterrâneos pudessem entender, o que trouxe novos movimentos e desdobramentos no texto. Assim como eu, o texto de Penduricalho atravessou o oceano de ida e volta, esboçado em português, traduzido para o inglês e retornando para a língua mãe duplamente traduzido e ressignificado.

Sendo assim, resolvi repetir a imersão no vocabulário alheio através de um convite pelo Facebook:

 **Alice Porto**
19 de novembro de 2021 · 

ativando a rede de sarcasmo aqui. que eufemismos vocês usariam pra descrever pejorativamente o anexo masculino? é pra uma arte

até o momento tenho:
penduricalho,
aquela coisinha pendurada
salsicha balançante
bugiganga
coisinha encolhida
quinquilharia
mini cenoura
flauta de passarinho

confio em vcs

  Ligia Audibert, Lunara Santos e outras 45 pessoas 88 comentários

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Ver 7 comentários anteriores Mais relevantes ▼

 **Minau Ribeiro**
Uma das q acho mais nojentas: **linguiça de carne**
Haha Responder 42 sem  2

 **Ligia Audibert**
Mixaria  2
Haha Responder 42 sem

 **Nikki Corgi**
Jeba, rola, bigulim 
Haha Responder 42 sem

 **Nikki Corgi**
<https://youtu.be/caLztB9uzJY>

 **YOUTUBE.COM** 

Por fim escrevi Marcel Duchamp FDP a partir de uma brincadeira que propus no grupo de WhatsApp da IBG, parodiando esse clássico da banda Garotos Podres, me referindo à discussão sobre autoria da Fonte: possivelmente de Elsa von Freytag-Loringhoven, obscurecida pela narrativa canônica da história da arte, muito ao contrário do que aconteceu com Marcel Duchamp. Eu pessoalmente tenho muito poucas convicções a respeito do que houve no quesito dessa autoria em específico, mas tenho certeza (e disso temos muitos estudos e evidências) que tantas vezes homens se apossam das construções artísticas e intelectuais de mulheres e fica por isso mesmo. Afinal se existem boas ideias no mundo, elas devem ter ocorrido aos homens. E se essas mesmas ideias ocorrem às mulheres, não devem ser assim tão boas quanto aparentam ser (dizem por aí, andei ouvindo).

A cada movimento do texto (de um print das redes para

um poema, para o texto falado/cantado que comporta improvisações, rasuras, extensões, para o inglês e de volta para o português) surgem novas aberturas e marcas dessa escrita, que é maleável e porosa. Os textos são sempre transitórios, eles esticam e comprimem, quebram e colam, se adequam a situações e humores. Sempre que toco neles, mudam de lugar. Em "Castro", por exemplo, quando haviam homens conhecidos na plateia, eu citava nominalmente enquanto olhava eles nos olhos, uma espécie de ameaça encenada, até hoje sempre recebida com um riso.

A IBG é para mim uma oportunidade de experimentar com a escrita através do som e da presença, de deslocar textos de um registro a outro, e expandir minha pesquisa sobre anotações de percepções do cotidiano, modos de narrar em primeira pessoa que se conectam com histórias e vocabulários coletivos.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Angélica. Um útero é do tamanho de um punho. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

FREITAS, Angélica; PORTO, Alice; CUQUI, Camila et all. *Xoxotas de Pelotas_Fanzine*. Florianópolis: Edição das artistas, 2016. 2ª edição. (exemplar 57 de 100)

PORTO, Alice. Dito, não dito e maldito : redesenhar imagens feministas a partir de vestígios (Tese), UFRGS, 2021.
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/238253>

Elas Estilhaçadas - Elas - BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS

Andressa Cantergiani

(Berlin/ Nov.2022 | Porto Alegre/ Jul.2023)

Intro

Sons de vidro rasgando, quebrando, mas com muito grave. Ruídos. Interferências, sobreposições, camadas infinitas de timbres, luzes, fumaça, imagens e sensações. Vou começar falando de experiência imersiva e estética criada por sons... sons do estilhaço.

Acabo de sair imbuída e estilhaçada pela experiência provocada por um festival de música eletrônica experimental, talvez o mais incrível que já vivi: *Atonal-Berlin*. Esta edição especial, intitulada *Berlin Atonal X100*, presta uma homenagem ao legado de Iannis Xenakis (1922-2001). O compositor e arquiteto grego-francês desempenhou um papel significativo no desenvolvimento da música do século XX, especialmente na música eletrônica e na música contemporânea. Xenakis impactou a História da música e da arte experimental, inspirando gerações com seu legado. O Festival *Atonal-Berlin* é uma incubadora de artistas contemporâneos de diversas linguagens e suportes, gerando uma experiência sensorial única e potente entre música eletrônica experimental, tecnologia e cognição.

Fui exposta a uma fusão de sons distópicos, programas de computadores que transformam impulsos gráficos em música, iluminação e multisensorialidade artística. Da

maluquice experimental vocal da Ana Maria Avram's, da vertigem de Marcus Schmickler, dos órgãos internos amaciados pela Kali Malone à performance multissensorial do LABOUR.

Esse festival me deixou com a *cabeça frita*! E "fritar a cabeça com som" me leva a *Lógicas de Sensações* (Deleuze), associações de ideias que me fazem viajar no tempo diretamente ao *Polenta Frita- Festival de Punk/Hardcore* dos anos 90, onde começa minha relação com ter/ser uma banda em Caxias do Sul/RS, minha cidade natal. *Polenta Frita*, batizado assim devido ao apelido local dado a cidade pelos moradores por conta comida típica e popular da região colonizada por imigrantes italianos do norte da Itália. Uma coisa une o hardcore punk, rude e cru do *Polenta Frita* com o *Atonal*: a experiência catártica do estilhaço.

Mas qual seria o som do estilhaço?

Experiências que acionam o estilhaço pelo som, que tem a potência do grito, do ruído, da polifonia, mistura de hertz e fragmentos. Imagem de um material que se fragmenta e se parte em vários outros pedaços e partes. Um vidro quebrado, uma madeira lascada ou até mesmo, o som da fritura. O *noyse* e o *hardcore* produzem em mim sensações de estilhaço, seja em Berlin no *Festival Atonal* ou no Parque dos Macaquinhos no *Polenta Frita* em Caxias do Sul/RS.

Ser estilhaçada, partida em mil pedaços, em milhões de partículas, através de uma experiência sonora me conduzem para um espelhamento de sensações que me conectam com o fazer som em Garotas Instantâneas (GI), tanto no processo de criação quanto nas aparições performativas. As GI me estilhaçam e, para mim, ser estilhaçada é também uma forma, como diria, Dewey em *Arte Como Experiência* (2010), de ser educada pela experiência. Cada pedaço do estilhaçado gera

desdobramentos de novos insights, sinapses conexões que fritam.

O estilhaço também pode vir de experiências traumáticas nas nossas batalhas diárias, enquanto mulheres, queers e LGBTQIAPN+ nas ruas e casas do nosso Brasil profundo. Todas nós, de alguma forma fomos/somos estilhaçadas pelo patriarcado, por vezes não pelo estilhaço da potência criativa, mas pelo estilhaço de um mundo desigual e violento. Um estilhaço pela via social e política. Estilhaçadas.

A Banda de Garotas Instantâneas tem em sua proposição, como pano de fundo, as nossas histórias pessoais, os nossos estilhaços individuais.

E é na fusão dos nossos passados/presentes/futuros que trazemos o nosso experimentalismo, multissensorialidade, improviso, nosso hibridismo de linguagens com uma pitada de punk, efemeridade,

underground, ativismo feminista e, ainda, com um processo de criação fluído, inconstante e caótico. Somos os mil pedaços de nós mesmas e assim compusemos juntas essas peças sonoras. Estilhaçadas.

Processos

Começamos por um convite da Marion. As GI começam de um desdobramento, proposta da pesquisa dela de doutorado. Procedimento operacional de criação que ela vem fazendo há anos, na sua pesquisa com bandas de artista, bandas instantâneas, música e performance nas artes visuais.

Eu e Marion nos conectamos na segunda metade dos anos 2000 em São Paulo durante os nossos mestrados. Fomos de fato trabalhar juntas na Galeria Península (@galeriapeninsula) em 2016, onde eu era artista-etc-gestora, coordenadora e curadora do Programa PPPP-Programa Público de Performance Península. Marion

1-Conceito de Ricardo Bausbaum. Manual do artista-etc / Ricardo Roclaw Basbaum. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Beco do. Azougue, 2013. https://rbtxt.files.wordpress.com/2020/04/manual_do_artista_etc.pdf

criou a *Festa Profunda* em colaboração com Bruno Mendonça e Liana Padilha_uma residência artística de performance da 1ª edição do PPPP, onde o foco era a experimentação sonora no campo da performance, explorando o *spoken word*, poesia e, claro, a banda instantânea. Essa residência foi financiada pelo FAC-ProCulturaRS - Fomento de Espaços Culturais/2016 e apoiada pelo 3º KinoBeat Festival Porto Alegre, Brasil.

Em 2017, um ano depois dessa residência, Marion fez um convite para colaborar com uma banda instantânea de sua pesquisa, dessa vez, com uma temática feminista, pois havia sido convidada para o Festival *Vênus em Fúria #7*. Marion propôs a criação de uma IB, dessa vez a *Instant Band Grrrls*, comigo nos teclados e sintetizadores, Alice Porto na poesia/voz e Mari Kircher nas guitarras.

Eu e Mari tivemos uma experiência juntas em 2010, no meu último espetáculo teatral com dramaturgia, o *Anatomia da Boneca*, onde Mari junto com Edu Normann, faziam a banda ao vivo: Mari tocava baixo, eu acabei tocando guitarras, na época. Nesse espetáculo, provocado pelo livro *Problemas de Gênero* de Judith Butler, eu tratava de temas feministas e trazia cenas que misturavam as minhas vivências com experiências e histórias coletadas. Durante o processo de espetáculo, engravidei e tive meu filho Gabriel.



Andressa Cantergiani, João de Ricardo,
Carina Sehn, Cisco Vasquez (próteses) em
Anatomia da Boneca. Teatro de Câmara
Túlio Piva, Porto Alegre, Brasil, 2010.
Fotos | André Tiago Susin.

Andressa, Mariana Kircher e Eduardo Normann. Print de Tela do vídeo *Ensaio com **Dating Robots***. Porto Alegre, 2010. (Blogspot)



O espetáculo era muito performance no sentido da não-encenação em algumas partes. No período de amamentação, criei uma cena onde eu extraía leite materno com uma bombinha e depois bebia. O nome da cena era "Mãe Sinistra", enquanto isso, Mari improvisava com a guitarra. Foi uma experiência muito radical e potente. Poderia também dizer que foi uma experiência de estilhaço.

O espírito multimídia e experimentalista, acompanha a gente em muitos trabalhos anteriores, um exemplo são as parcerias citadas anteriormente. Estilhaçadas somos e como artistas muito férteis fazemos muitas coisas, multiartistas, multimídias, sedentas por provar, testar e de certa forma, revolucionar a nós mesmas no que fazemos. Estilhaçadas que estilhaçam.

E foi assim, depois de uma primeira performance, que nos encantamos com esse processo de fazer música

experimentando e improvisando, seguimos juntas, ainda que as instruções para essa primeira performance no *Vênus em Fúria* foi de um encontro de brainstorm-criação-experimentação e o outro, a performance. Nessa primeira ação, lembro que elas se encontraram antes, eu estava em viagem numa residência artística em Berlin. A *insurgências.net*. Quando entrei no estúdio para criar, elas já tinham tido dois encontros, e já existiam 5 peças sonoras com abertura para eu criar o teclado em cima.

Poesias e protestos feministas, guitarras distorcidas com muito improvisado, beats eletrônicos do *breakbeat* ao *techno*. Comecei a trazer algo meio erudito misturado com improvisado.

Minha forma de tocar, ainda que aberta à experimentação, parte muito do lugar da técnica em piano, das aulas ao longo da vida em períodos

diferentes. Meu contato com a música vem desde a infância e me abriu um portal de escuta onde consigo "tirar o som de ouvido" e entendo a melodia e a intersecção entre ruído e o melódico de forma muito orgânica.

Além do meu piano elétrico, que é diferente de um teclado pois ele tem 7 oitavas, é um piano mesmo, usei um Yamaha pequeno da Marion, modelo PSS-190, era dos anos 1990, com timbres muito sintéticos e analógico, uma fofura! Misturei ele com o piano clássico. Sempre quis trazer um sintetizador mais pancada, até mesmo um modular, mas era algo que teria que investir e o espírito DIY tomava conta dessa vivência, então era preciso usar o que tinha e dessa vez, tirar "leite de pedra" e não mais das tetas.

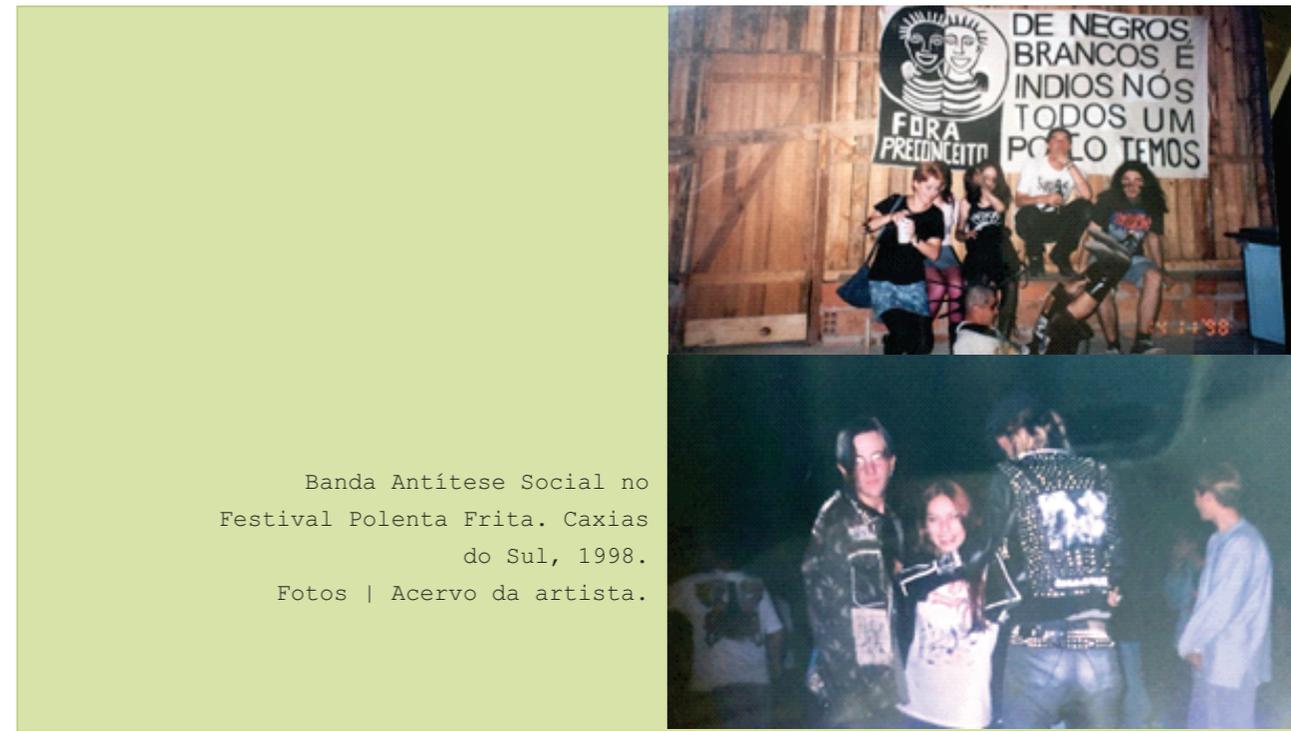
Acabei trazendo uma energia mais melódica, porque na experimentação, antes da performance, eu achava que

tudo soava muito ruidoso, com poucos compassos concatenados e foi através de alguns compassos mais melódicos e de frases que se repetiam na melodia que consegui, com a Mari e a Marion, criar algo que pudéssemos repetir. A partitura foi se estabelecendo com anotações, combinações, memórias, e assim conseguimos compor as 5 peças que tocamos no *Vênus em Fúria*, no clássico *Bar Ocidente* de Porto Alegre. No final, a IBG não foi tão instantânea, porque a gente acabou fazendo outras 6 performances.

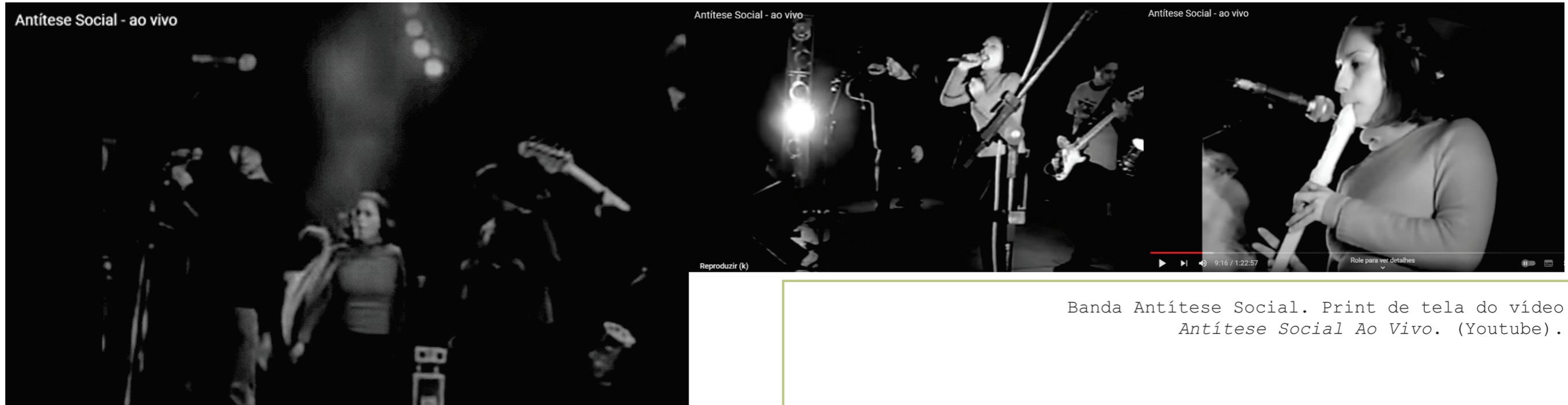
Comecei esse texto em novembro de 2022, depois do *Atonal X100* e depois, meu Gmail foi hakeado. Perdi ele por 6 meses e, agora, em julho de 2023, o recupero e retomo essa escrita-experiência.

Como comentei, tive outras bandas que atravessaram anos por festivais punks e hardcore, a *Antítese Social*, a mais relevante e longeva delas, outra banda psicodélica, na época em que eu cursava artes cênicas

na UFRGS nos anos 2000, a *Anárvores Planetarios*, com o Zé do Trompete, a Bibiana Graeff nos teclados, Juba na bateria, eu cantava e falava coisas. Na antítese até flauta doce eu toquei.



Banda Antítese Social no Festival Polenta Frita. Caxias do Sul, 1998.
Fotos | Acervo da artista.



Banda Antítese Social. Print de tela do vídeo
Antítese Social Ao Vivo. (Youtube).

Bandas e música sempre fizeram parte da minha vida, de um jeito muito mais leve e amador, mais no sentido de fazer por amor do que "ganhar a vida". Assim, sempre vi a IBG como um projeto que me tirava do peso que encaro meu trabalho autoral de performance. Ela chega para mim no espaço-tempo da música, que sempre foi algo que me tirou do peso de "ganhar a vida" e por ser um projeto ativista, também, conectava com as militâncias que sempre estiveram no meu caminho através de muitos projetos em diferentes instâncias.

Diferente da Marion, que sempre achou que a gente tinha que ter um processo mais efêmero, eu tinha vontade de experimentar mais, de encontrar com mais frequência e virar uma banda não tão instantânea, mas como diz a Marion, muita repetição enrijece os processos, mata a vida pulsante desse tipo de projeto.

Na minha forma de ver o som, as peças sonoras precisam de uma maturação, mesmo que sejam ruídos, mesmo que não sejam exatamente música, mas a repetição, para mim, leva a uma fruição e a uma espécie de catarse, outro tipo de estilhaço, que talvez, nem no teatro e nem na performance corporal eu tenha chegado. E com o som eu acho que já cheguei. Estilhaçada.

Com as *Instantâneas* eu fico na espera da próxima catarse, do próximo estilhaço e por ser algo efêmero e processual, sabemos que não há um fim, há algo sempre aberto e pulsante para ser ativado novamente. Assim é o repertório da performance, algo vivo que pode ser vivido de novo.

Assim somos/fomos instantâneas, efêmeras, estilhaçadas, cada uma com suas peculiaridades sonoras, artísticas e performativas, do desenho à

guitarra, da poesia ao grito de protesto, das escalas maiores e menores ao techno. **Do Impulso ao grito.** No desejo de ficar para a História da Arte, de gerar um *Rastro Performativo*², feminista, experimental, transfronteiriço, somos/fomos instantâneas, mas estamos aqui agora, nem tanto, nesse registro/documento.

Referências

ANATOMIA DA BONECA. <https://anatomyaboneca.blogspot.com/>

Antítese Social | Banda. https://bandas.fandom.com/pt-br/wiki/Ant%C3%ADtese_Social ; <https://fb.watch/lT4-StAMKU/>; https://www.youtube.com/watch?v=NAuD_PHeSf8

Berlin Atonal. <https://www.instagram.com/berlinatonal/>; https://www.facebook.com/berlinatonal/?locale=pt_BR

Berlin Atonal 2023. <https://berlin-atonal.com/>

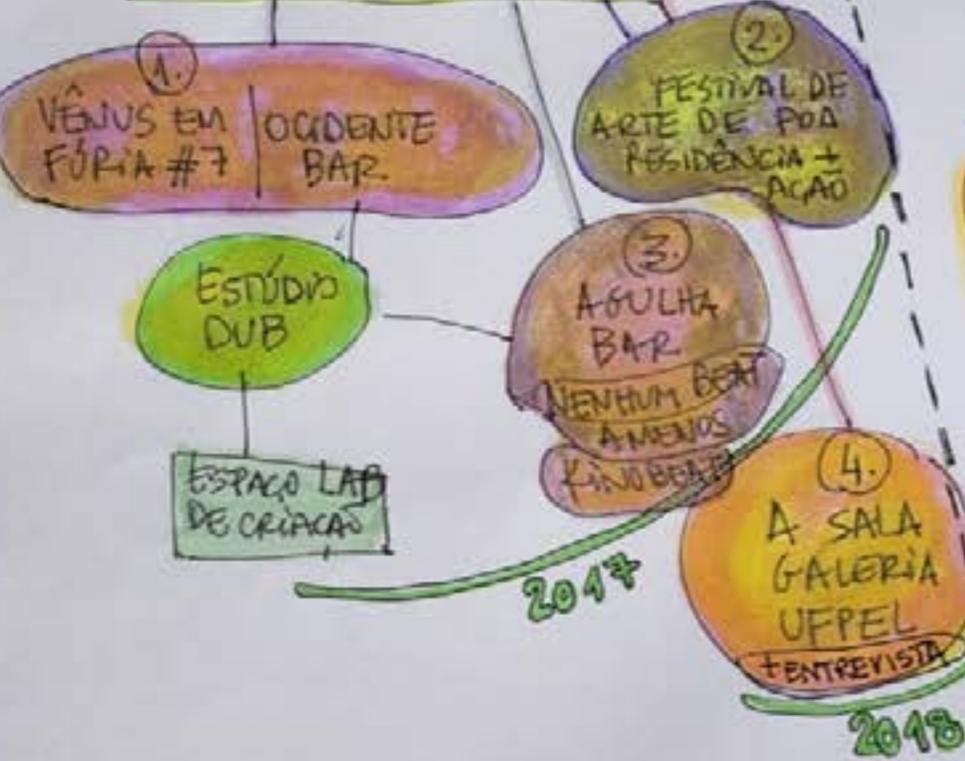
BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

CANTERGIANI, Andressa. Rastro Performativo: Vestígios das Ações como Potências do Corpo (Tese) UFRGS, 2021. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/237550>

XENAKIS, Iannis. <https://www.iannis-xenakis.org/en/xenakis-x100-festival-in-berlin-from-18th-to-20th-november-2022/>

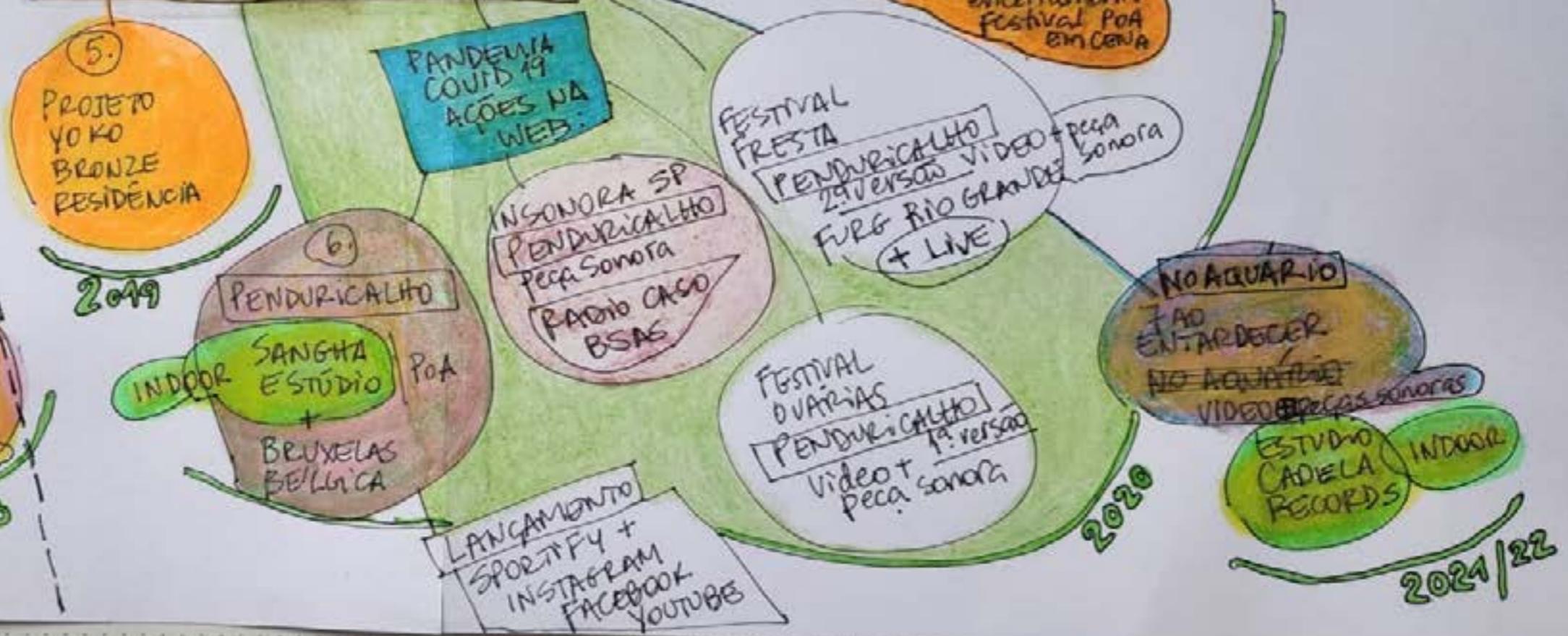
2-Conceito desenvolvido por mim na tese *Rastro Performativo: Vestígios das Ações como Potências do Corpo* (2021) PPGAV-Instituto de Artes/UFRGS

INSTANT BAND GRRRLS



BG

BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS





Lab de Criação | Estúdio Dub

1. Festival Vênus em Fúria #7 |
Ocidente Bar

**2. 31° Festival de Arte Cidade de
Porto Alegre** | Sala Álvaro Moreyra
| Centro Municipal de Cultura

3. Nenhum Beat a Menos | Paredão das
Mina | Kinobeat | AGULHA BAR

4. Playlist A Sala Exposição | A
SALA Galeria | CEArt UFPEL PELOTAS

Entrevista IBG | Jessica
Porciúncula | Curi Palace Hotel |
PELOTAS

performances



A materialização da Instant Band Grrrls se deu a partir do convite feito por Julia Barth** a Marion Velasco, para participar do Festival VÊNUS EM FÚRIA #7*, em setembro de 2017. O 1º encontro entre Marion, Alice Porto e Mariana Kircher aconteceu no dia 21/08/17, no Café Píperita, Bom Fim, Porto Alegre, onde ficou combinado que um estúdio de gravação de som seria usado como Laboratório de Criação das peças sonoras. Assim, dois novos encontros, de duas horas cada, foram agendados no DUB Studio***, em 19 e 22/09/17. Andressa Cantergiani, que estava em viagem, se juntou às GRRRLS no último dia. Durante este período, foram compostas cinco peças sonoras para serem performadas no Festival.

* <https://www.facebook.com/festivalvenusemfuria/>

**Julia Barth é atriz e musicista. Atua como vocalista da banda icônica de punk-rock Os Replicantes, entre outras. Também é Dj, organizadora e produtora das festas Blow Up e das primeiras edições do Girls Rock Camp em Porto Alegre.

***Dub Studio é um estúdio de som e gravadora, localizado na Cidade Baixa, Porto Alegre. Tem duas salas para ensaio e gravação profissional (digital e analógico), um bar/pub e uma loja, onde trabalham e se encontram as bandas de rock e pop da cidade.

<https://dubstudio.com.br/web/>

LAB DE CRIAÇÃO | ESTÚDIO DUB



<https://www.youtube.com/watch?v=kUtwwbL-IT0>

Vídeo | Eduardo Norman



<https://on.soundcloud.com/Zn345>



1- Elogio de Homem

2- Gracyanne

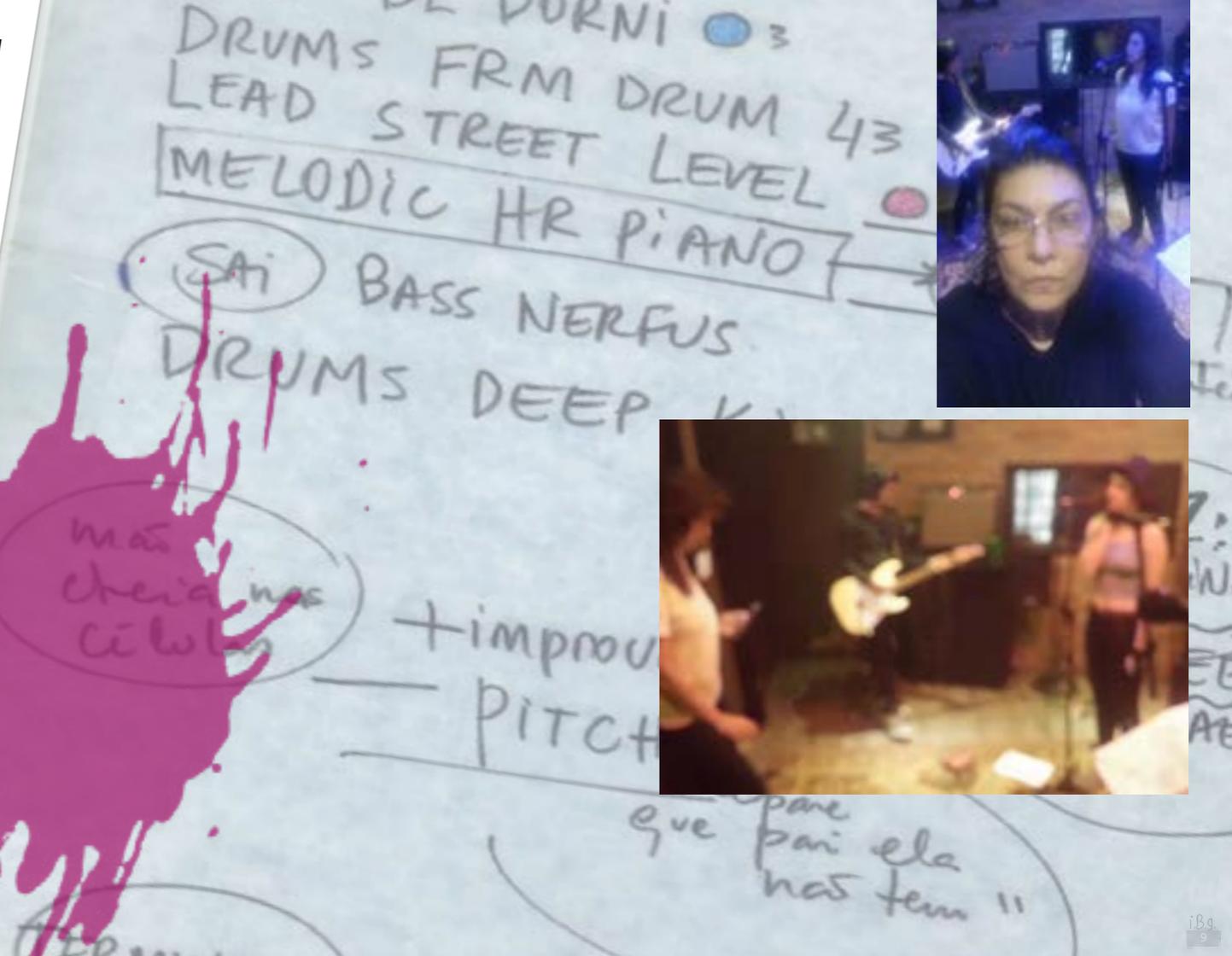
3- Mãe

4- Castro

5- XXT Cachoeira /BCT Fumegante



GRACY ZINE 2ª EDIÇÃO | ALICE PORTO





FESTIVAL VÊNUS EM FÚRIA #7 | OCIDENTE BAR

24/09/17



VÊNUS em FÚRIA

BENEFIT GRCPOA #7

THE BIGGS (SP)
QUARTETA (SP)
MEDIALUNAS
VOLOOPIA
LOSNA

RAP4LOVE
ALICE KRANEN
PROJETO INSTANT BAND GIRRRLS

DOMINGO 24/9
OCIDENTE 16H

THIS MACHINE KILLS FASCISTS

SPONSORS: AYRHE, CORVEXO, CHICABOLACHA, H-HAT, etc.

O Festival reúne o trabalho sonoro e musical de mulheres e tem os fundos revertidos para o GIRLS ROCK CAMP Porto Alegre*. A 7ª edição aconteceu no dia 24 de setembro de 2017, a partir das 16h, no Ocidente Bar**. A Instant Band Grrrlls performou no final do dia por volta das 19h***. A equipe técnica e de registro do evento foi formada, em sua maioria, por mulheres e não houve passagem de som e luz. Ao final da ação, as artistas receberam uma janta vegetariana.

* <https://www.facebook.com/grcportoalegre/>

** Ocidente Bar se localiza num casarão de esquina, em frente ao Parque Farroupilha, no bairro Bom Fim. Iniciou suas atividades nos anos 1980, como um clube e um lugar de festas que reunia a vanguarda artística da cidade, configurada nas subculturas punk, gótica e new-wave e nas propostas artísticas diversas, como performances, shows, desfiles, saraus, entre outras. A diversidade de gênero foi, naturalmente, respeitada e acolhida. Por tudo isso e, pelos almoços ao meio-dia, se tornou um lugar icônico de resistência da arte, cultura, política e gastronomia vegetariana de Porto Alegre.

<http://barocidente.com.br/historia>

*** <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.1967206590218713&type=3>

*** <https://www.flickr.com/photos/minutaimq/albums/72157686691659701>





Alice Porto
Voz e poesia



Andressa Cantergiani
Teclados

INSTANT BAND GRRRLS

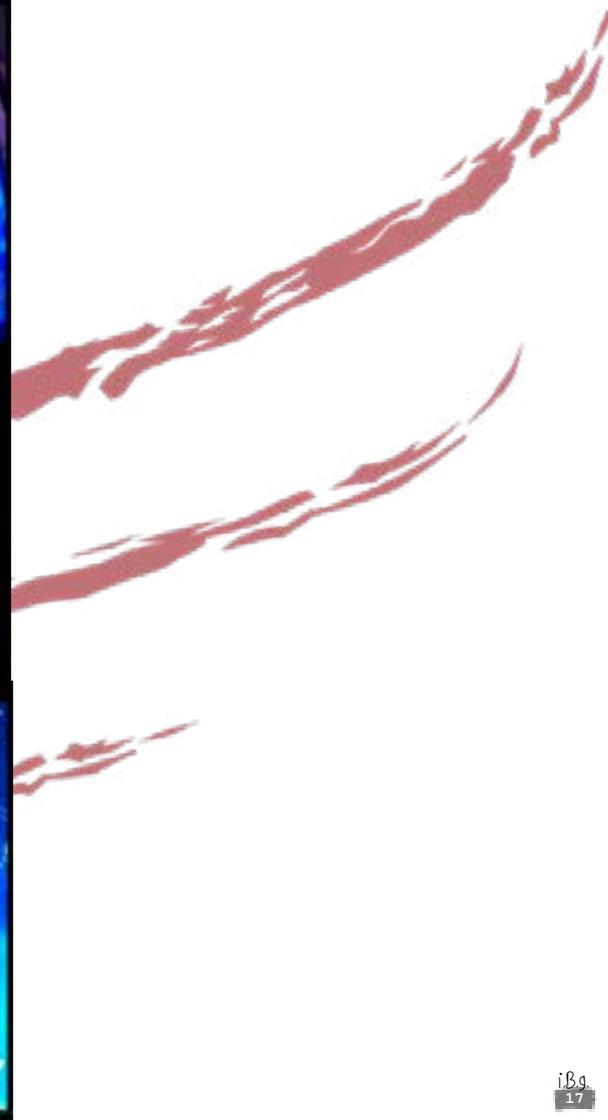


Mariana Kircher
Guitarra e pedais



Marion Velasco
Voz e bases eletrônicas







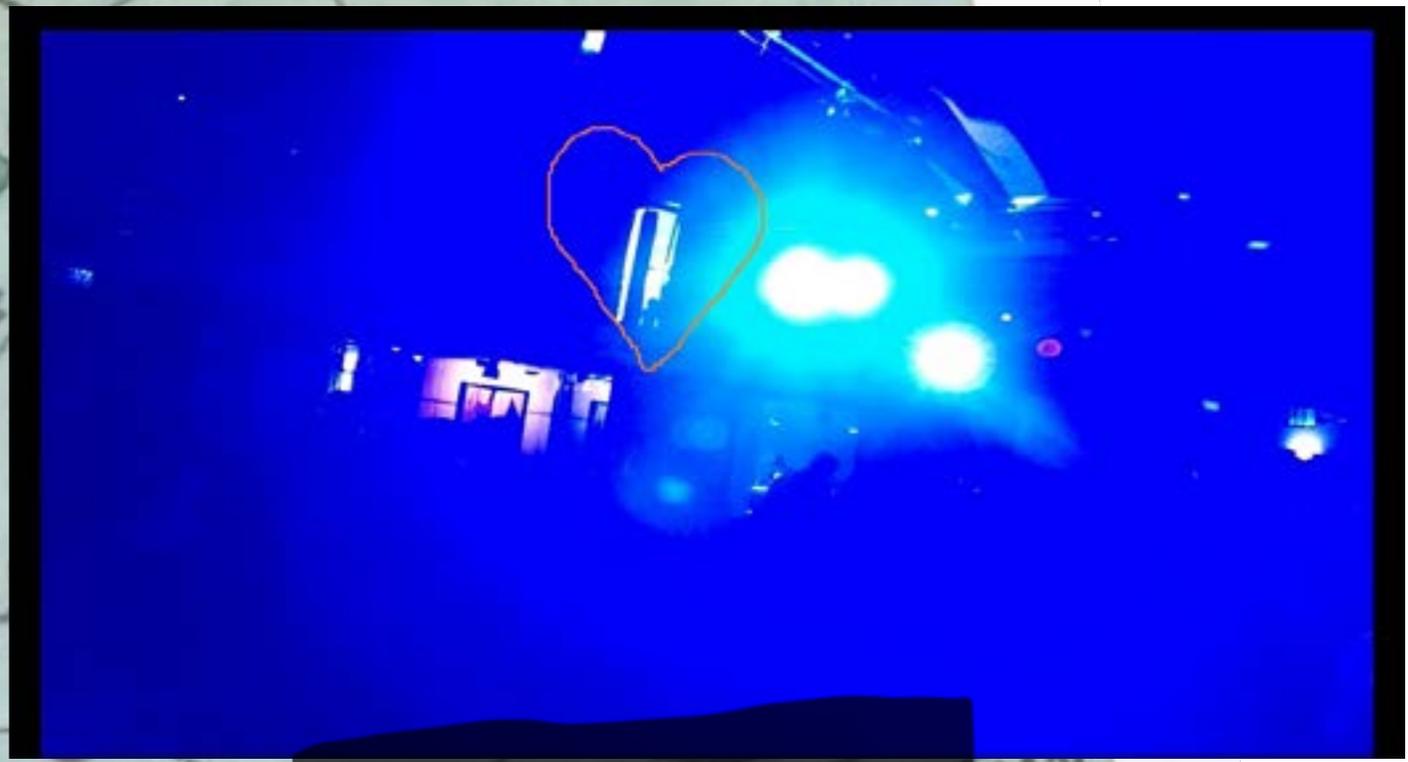




CASTRO



01
B
03
X
URON
ZE



LEAD NIGHT

1) → E quando o cara é ba bac

NO PODEMOS SER AMIGOS



uma jovem e cachoeira
sente sensível
artes
va intensa
aberta ou fechada
no as raízes da lua
do da buceta da lua

LEONINA, GÂNCERIANA,
TAURINA, LIBRIANA,
ESCORPIONINA, PISCINA,
MINIARINA, GEMINIANA,
CAPRICORNIANA,
SAGITARIANA. <

OCTAVO DIA

no podemos ser amigos
pero no tenemos por que ser enemigos

la bruja-cangrejo
se convierte
en hechicera
atlantis vuelve a ascender en marte
la violencia se desgasta
dejándose ir

solo el pájaro de fuego posado
sobre la cumbre de la piramide
su pico abierto todavia hacia las estrellas
en garras fijas y mojadas

los mitos son ciertos
tambien tú
quienquiera que sea el tú
en el momento de contar
el contador que cuenta
el último en crecer

subitamente la energia se extra
una destrucción payaso-pajaro
hasta el extremo alar
buse las alas y pasa zambando



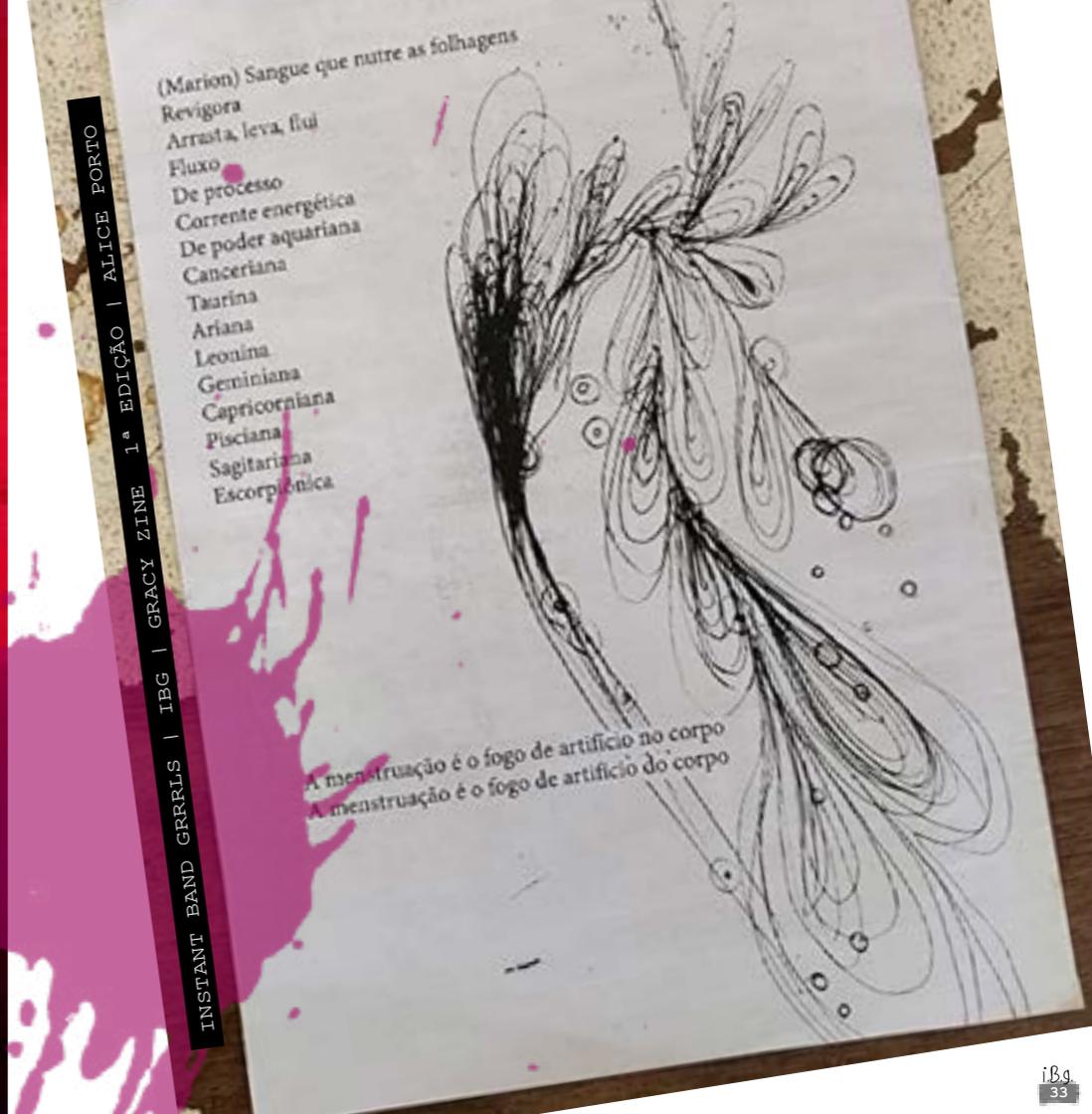


DASS NERFUS
DORNI
RM DRUM
FET LEVEL
PIANO
RFUS
KICK

PITCH

HICKING
AAN





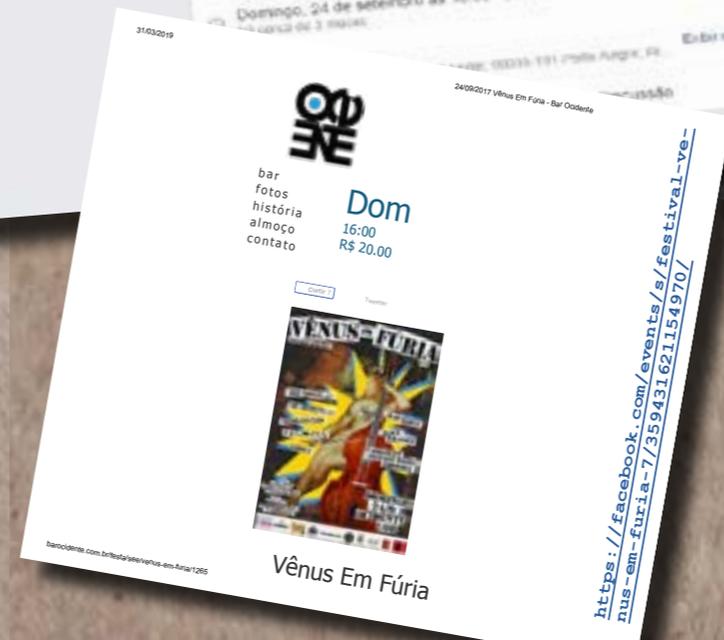






INSTANT BAND GRRRLS

INSTANT
NAS REDES



12:47 67%

no foto do perfil

← Lembranças

Julia Barth está com Mariana Kircher e outras 18 pessoas.
21 de set de 2017 às 11:28

Está chegando o Festival Vênus em Fúria #7 e vai ser tão, mas tão lindo... Vai ter The Biggs, Medialunas, Losna, Rap4Love, Projeto Instant Band Girrls, Voloopia, Alice Kranen e Quarteta, as mina no som, rango vegano delicia da maravilhosa Graci La Bruja Stener, feira de produtos feito por mulheres e todas juntas pela mesma causa: o Girls Rock Camp Porto Alegre! É nesse DOMINGO, é no Bar Ocidente!

95
9 comentários · 8 compartilhamentos

Mariana Kircher
Instant Band Girrls no Festival Vênus em Fúria que rolou ontem no Ocidente. Foi muito bom, muito massa todas as bandas que tocaram, foi incrível! Valeu
Foto por Eduardo Normann

25 DE SET DE 2017

55
2 comentários

Alice Porto
Foto da Aline Rodrigues! Ainda não acredito ontem — com Mariana Kircher e outras 3 p Bar Ocidente.

25 DE SET DE 2017

180
32 comentários

Uau
Comentar Compartilhar



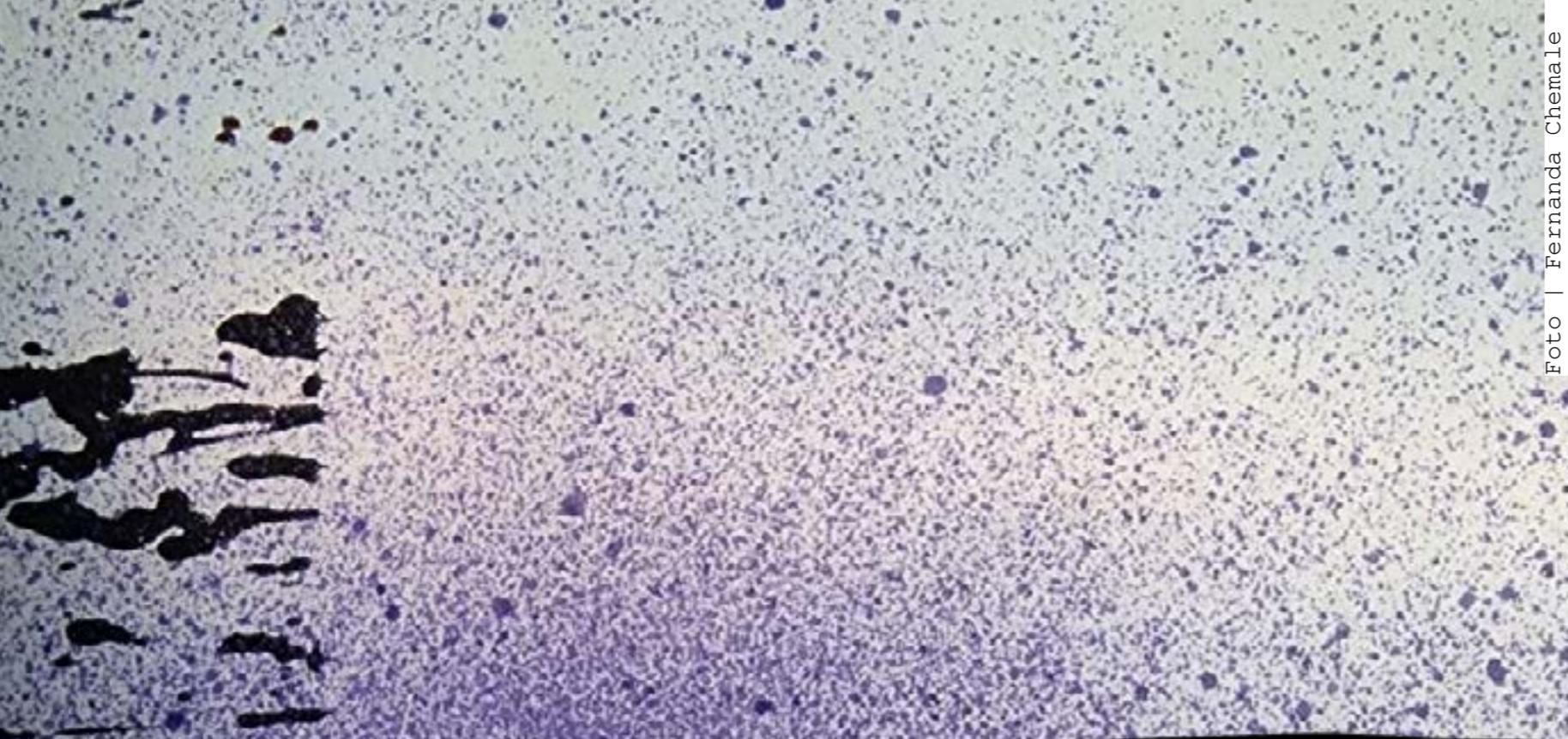
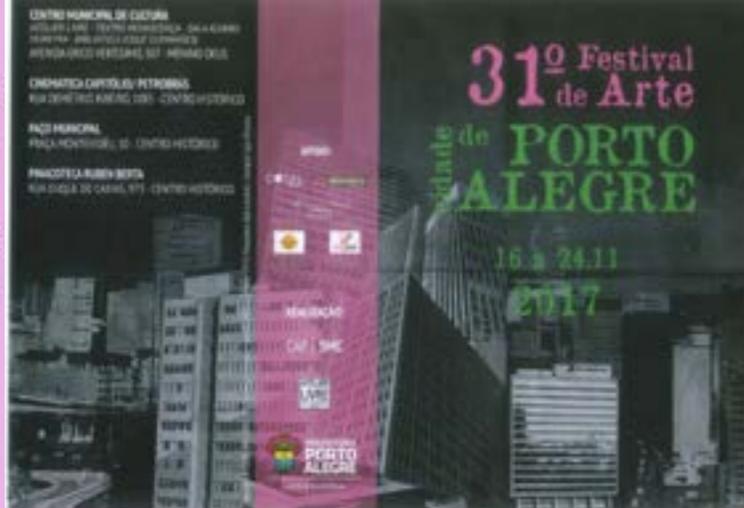


Foto | Fernanda Chemale



31º FESTIVAL DE ARTE CIDADE DE PORTO ALEGRE | CENTRO MUNICIPAL DE CULTURA

SALA ÁLVARO MOREYRA | 22/11/17



OFICINAS

20 e 22 | **MARION VELASCO (POA)**
 Participando com um dos seus trabalhos de arte e vídeo, com o objetivo de apresentar a obra e discutir o processo de criação e a relação entre arte e vídeo.

21 e 23 | **CARINA LEVITAN (POA)**
 Sessão para Mulheres (12 a 17 anos). A oficina aborda temas de gênero e identidade, abordando a construção da identidade e a relação entre arte e vídeo.

21 a 23 | **ROCHELLE COSTI (SP)**
 A oficina aborda temas de gênero e identidade, abordando a construção da identidade e a relação entre arte e vídeo.

21 a 24 | **CRISTINA RIBAS (RJ)**
 Participando com um dos seus trabalhos de arte e vídeo, com o objetivo de apresentar a obra e discutir o processo de criação e a relação entre arte e vídeo.

22 a 24 | **LÉO FELIPE (POA)**
 Sessão para Mulheres (12 a 17 anos). A oficina aborda temas de gênero e identidade, abordando a construção da identidade e a relação entre arte e vídeo.

SHOW

INFORMAÇÕES
 info@ibg.org.br
 (51) 3229-1000
 IBG@GMAIL.COM

LOCAL
 SALA ÁLVARO MOREYRA
 CENTRO MUNICIPAL DE CULTURA LUPICÍNIO RODRIGUES

OFICINA GRATUITA | **OFICINAS COM INSCRIÇÃO DE LIBRE**

Em **novembro 2017**, dois meses depois da 1ª performance, a **IBG** criou novas peças sonoras durante a residência artística **Performando com som em Artes Visuais**, na Sala Álvaro Moreyra – Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues, que integrou a programação do **31º Festival de Arte Cidade de Porto Alegre** e performou, no **formato ensaio-aberto-para-convidados**, no dia 22 de novembro. Nessa apresentação, a **IBG** contou com a participação de Luiza Castro.





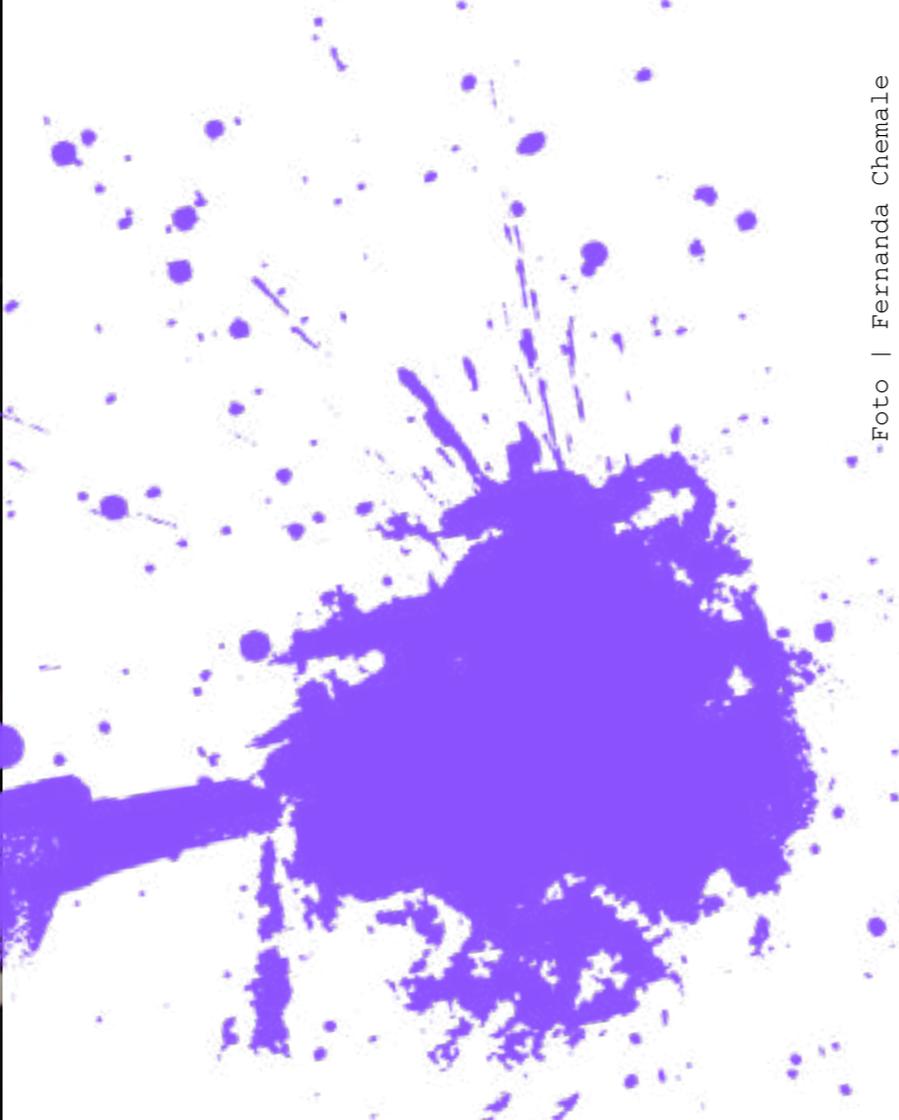


Foto | Fernanda Chemale

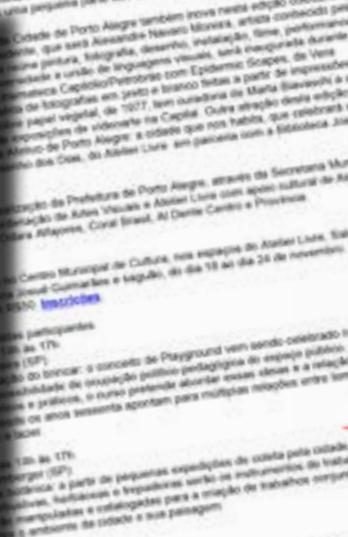




<https://www.youtube.com/watch?v=nYMuWZKZy2o>



INSTANT
NA WEB





NENHUM BEAT A MENOS | KINOBEAT | AGULHA BAR

02/12/17





Kino Beat

APRESENTA

NENHUM
beAT
A MENOS



Instant Band Grrrlss
Deborah Blank
Posada

02/DEZ_23H 02/DEZ_23H 02/DEZ_23H

AÏSHA
DEVI

(Suiça)



Apoio:

NOVAS
FREQUÊNCIAS

Fundação suíça para a cultura

prshelvetia

Dia 02 de dezembro de 2017, a convite do Festival **KINO BEAT**, que trouxe a Porto Alegre, a artista e Dj suíça Aisha Devi, a **IBG** abriu o evento **NENHUM BEAT A MENOS** Paredão das Mina que contou com a participação de Luiza Castro no bar Agulha.







dub step

DRUMS HATS GROOVE 12
 DRUMS DFX GROOVE 05

BASS HR GAMMY
 BASS DMT CNN BASS 4

Reggae

MELODIC MGB

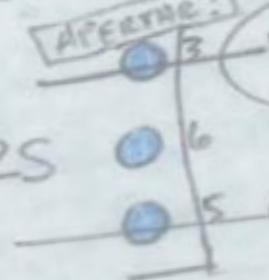
APERTAR:

ENTRA E SAÍ

+ BASS NER
 + BASS DM
 + BASS PHA

APERTAR:

BASS GRIDLOCK
 BASS DMT LAZERS
 BASS CYPHER



ARMINA:

DRUMS



EU
) quena
 sea
 boque
 do

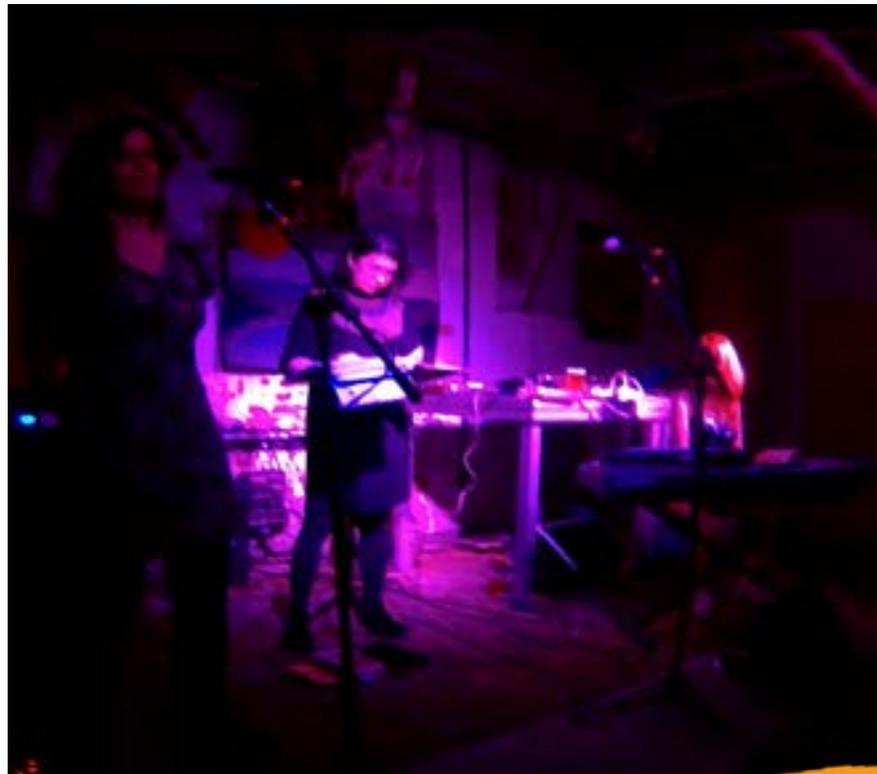
LA Q NÃO

6
 D

Aio-
 c q os
 O TROTA

NE 12

G 05









Fotos | Péetala La Maison | Andressa Ahlert | Marion Velasco



<http://kino-beat.blogspot.com/2017/12/kino-beat-apresenta-nenhum-beat-menos.html?m=1>

Kino Beat apresenta: Nenhum Beat a Menos com Aisha Devi (Suíça)



Se existe alguém que pode fundir dub music com maracas, tambores eletrônicos, este alguém é a suíça Aisha Devi. Seus sintetizadores e drums não são meramente um canal para a produção de sons, e métodos de auto-expressão em paralelo com seus faccionários e interesse vocais, o canto soprano. Devi experimenta constantemente com a voz, controlando alongando notas, enfiando notas curtas e drônes, e outras variações em certos ritmos de guitarra.

2012, no Rio de Janeiro

Link: [http://www.kino-beat.com.br](#)

Instagram: [@kino.beat](#)

Facebook: [http://www.facebook.com/kino.beat](#)

Twitter: [http://www.twitter.com/kino.beat](#)

SoundCloud: [http://www.soundcloud.com/kino-beat](#)

YouTube: [http://www.youtube.com/kino-beat](#)

Spotify: [http://www.spotify.com/kino-beat](#)

Bandcamp: [http://www.bandcamp.com/kino-beat](#)

Deezer: [http://www.deezer.com/kino-beat](#)

Apple Music: [http://www.apple.com/kino-beat](#)

Amazon Music: [http://www.amazon.com/kino-beat](#)

Tidal: [http://www.tidal.com/kino-beat](#)

YouTube Music: [http://www.youtube.com/kino-beat](#)

Google Play Music: [http://www.google.com/kino-beat](#)

Deezer: [http://www.deezer.com/kino-beat](#)

Apple Music: [http://www.apple.com/kino-beat](#)

Amazon Music: [http://www.amazon.com/kino-beat](#)

Tidal: [http://www.tidal.com/kino-beat](#)

YouTube Music: [http://www.youtube.com/kino-beat](#)

Google Play Music: [http://www.google.com/kino-beat](#)

INSTANT

NAS REDES





Foto Kelly Wendt

EXPOSIÇÃO PLAYLIST - A SALA | A SALA GALERIA | CEART UFPEL

16/10/18 PELOTAS - RS

exposição: **playlist - A SALA** artista: **Marion Velasco**

curadoria, texto e introduções **Adauany Zimovski**



participações de **Mariana Camargo e Joana Cecato**

ABERTURA: 19 DE SETEMBRO DE 2018 ÀS 18h
VISITAÇÃO DE 24 DE SETEMBRO A 14 DE OUTUBRO DE 2018
DAS 9h ÀS 17h

Conversa com artista e curadora dia 14/10 às 17h30, no Auditório 1 do Centro de Artes

Performance da **INSTANT BAND GRRRLS** com Marion Velasco, Alice Porto, Andressa Conferglani e Mariana Kircher no dia 14/10/18, às 19h



No dia 16 de outubro de 2018, um ano depois da sua formação, a IBG realizou a última apresentação sob o nome de Instant Band Grrrls. A performance aconteceu na galeria A SALA do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e encerrou a exposição Playlist_A Sala, de Marion Velasco que, uma hora antes, havia conversado sobre o seu trabalho com a curadora Adauany Zimovski, a comunidade universitária e público interessado.







Foto | Bruna Silva





Prints de tela a partir dos vídeos de Adauany Zimovski



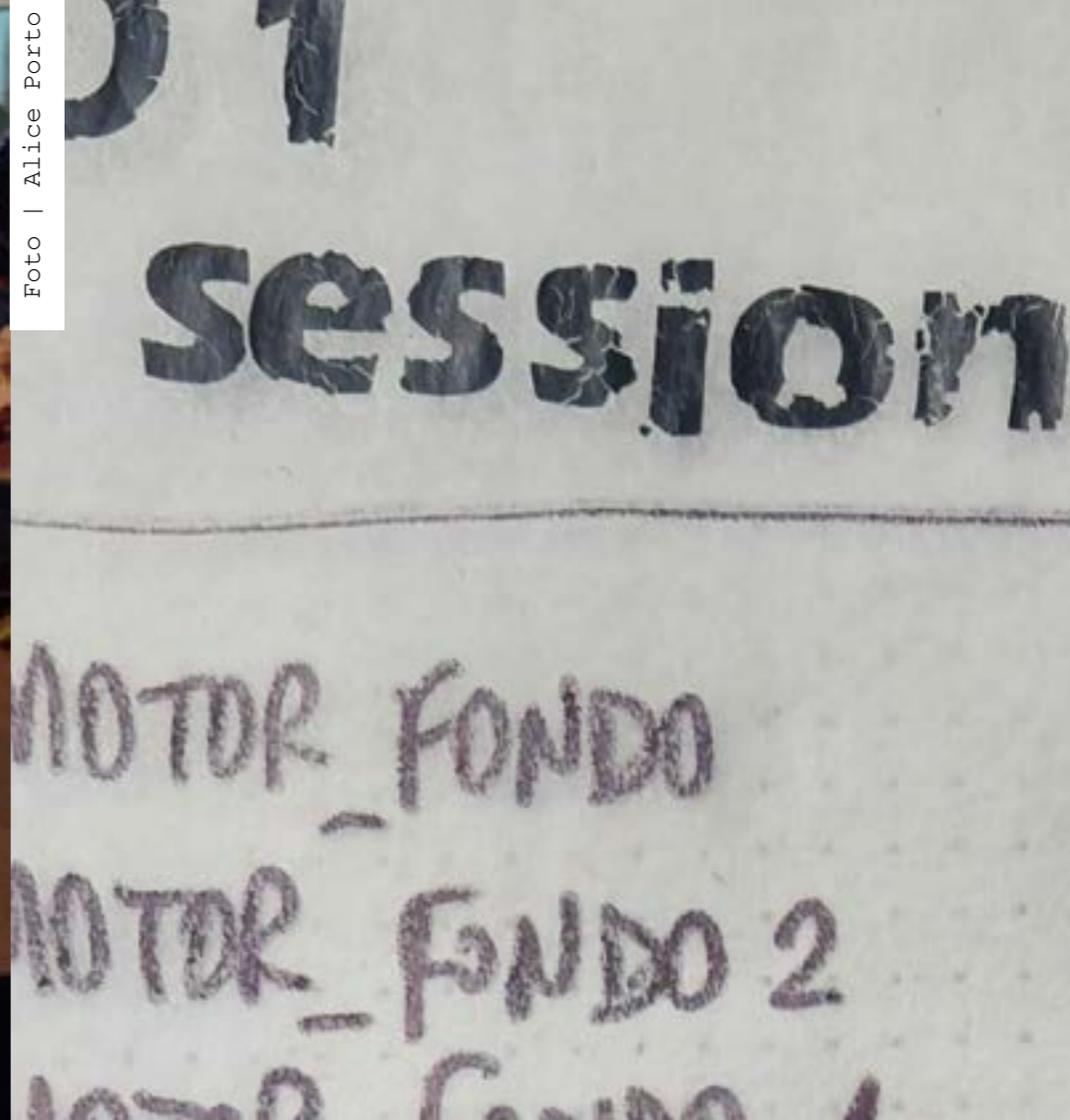


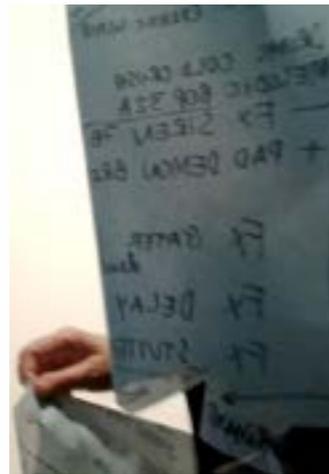
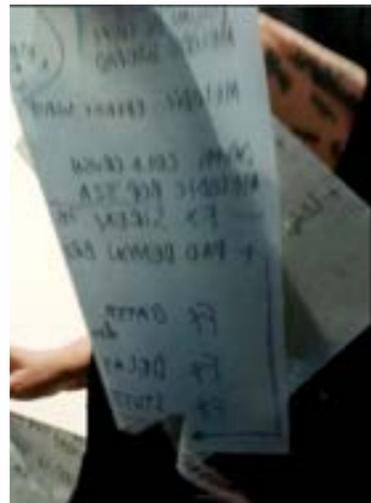
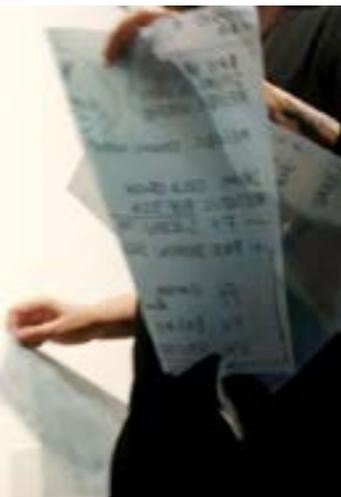
Foto | Bruna Silva





Foto | Alice Porto







Andressa Cantergiani
 16 de out. de 2018 · Pelotas · 🌐

Hoje performance sonora da **Instant Band Grrris** - depois de 1 ano nós aqui de novo meu Brasil, hoje, logo meninas em Pelotas. Ninguém vai nos impedir de gritar! Que alegria estar com vcs divas icônicas do feminismo, das artes e do electrorock ❤️❤️❤️ Vamo dale!
 (Foto: Luiza R. Castro)

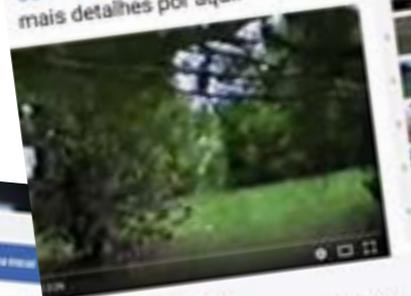


INSTANT

NAS REDES

Tempus Fugit
 19 de set de 2018 às 16:45 · 🌐

Pra quem estiver em Satolep, abre hoje na Galeria do Centro de Artes da UFPel a exposição "playlist - A SALA", da maravilhosa **Marion Velasco**! Tive a honra de fazer a curadoria e o texto para a mostra, que tem a participação de **Marina Camargo** e Joana Cecatto. No encerramento, (16/10) vai rolar performance da IBG-Instant Band Grrris (**Marion Velasco**, **Alice Porto**, **Andressa Cantergiani** e **Mariana Kircher**) que depois dou mais detalhes por aqui.



19 DE SET DE 2018, QUA
 Abertura da exposição: playlist - A SALA

Uma
 que a
 eu sou
 e nem era deboche
 era de coração
 elogio de homem é toda
 é toda

<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2018/10/15/a-sala-recebe-performance-da-ibg-instant-band-grrrls/>

CONTRATA-SE
ALGUÉM PRA CUIDAR
DO MEU CORAÇÃO



ARSILA MARAL
pr. foto

ZIMOVSKI CONTRA A
RETRADA DE DIREITOS
PELO ~~PROTECTORADO~~
E POR MAIS
POLÍTICAS PÚBLICAS

UMA ~~EDUCADORA~~
ASSASSINADA
A CADA ~~PROTECTORADO~~
NO BRASIL

ZIMOVSKI CONTRA A
REFORMA DA PREVIDÊNCIA
OU ATACA MEXICANOS
NO LARZINHO TRABALHANDO
ATÉ MORRER.

A TAXA DE ~~PROTECTORADO~~
DO ~~PROTECTORADO~~

Alice Porto está com Andressa Cantergiani e Marion Velasco.
★ Favoritos · 18 de out. de 2018 · 📍
Banda de Garotas Instantâneas - IBG, anteontem na galeria A Sala, da UFPel. Foto da Bruna Silva



40
1 compartilhado



Banda de Garotas Instantâneas - IBG
Foto de Aduany Zimovski - com Zimovski ME em A Sala Galeria.
20 DE OUT. DE 2018



Banda de Garotas Ins...
Visão geral Anúncios Caixa de
Página inicial Publicações Avaliações
Aproximadamente nessa época
Relembre suas publicações populares feitas nessa época nos anos anteriores.
20 de outubro de 2018 · 📍
Foto de Aduany Zimovski



Alice Porto (AP), Andressa Cantergiani (AC),
Mariana Kircher (MK) e Marion Velasco (MV)
em entrevista à Jessica Porciúncula (JP), em
17/10/2018, no quarto 710 do CURI PALACE Hotel.
Pelotas, Brasil

Transcrição de audio para texto | Marion Velasco
Fotos | Adauany Zimovski

JP Eu queria que vocês se apresentassem, se quiserem e, também, tem essa escolha de como se apresentar, mas... falassem o nome de cada uma e, por enquanto é isso e aí a gente começa essa conversa... mas queria ao menos saber.

AC Posso começar então. Bom, tudo bem? Bom dia [risos]. Olá, bom dia. Eu sou Andressa Cantergiani, trabalho com performance, com vídeo, com fotografia e trabalho em contexto com temáticas feministas. Enfim, acho que é por isso que estou junto com as meninas. Atualmente, estou trabalhando em Porto Alegre e quero sair desse país horroroso...

[risos]

MK Eu sou a Mariana, Mariana Kircher. Eu trabalhei a vida inteira com música, fiz trilha sonora pra cinema, para teatro e, aí fui convidada para participar do projeto Instant Band Grrrls, tocando guitarra com as meninas e, é muito legal, porque é diferente dos outros trabalhos que eu já fiz com música. Eu trabalhava mais com banda ou trilha sonora e, esse projeto, parte mais do improvisado e da criação coletiva. Acho bem legal.

AP Eu sou Alice Porto. Eu nunca trabalhei com música. Eu nem acredito que estou aqui e, sempre que eu paro para pensar sobre isso, eu acho muito engraçado. Sou artista também, trabalho mais com desenho, gravura e publicações de artista, mas, vim parar aqui, né? mais pela questão da escrita e, também, porque eu sou ativista, feminista e notória debochada, então, estamos aqui. E sou pesquisadora pela UFRGS também, faço doutorado lá.

MV Eu sou Marion Velasco. Sou artista visual, na verdade, eu sou multidisciplinar. O meu trabalho principal é performance e trabalho com som, também. Já tive banda nos anos 90, então, tenho uma familiaridade com a música e com o campo da música também, mas o centro do meu trabalho é a performance em Artes Visuais. Então, eu tento juntar essas coisas todas.

Na verdade, a gente está aqui em Pelotas por um convite da Universidade, da Ufpel através da Kelly Wendt e do Clóvis



Martins Costa, com uma exposição na **Galeria A Sala** do Centro de Artes, que terminou ontem. Então, como programa dessa exposição, eu convidei a **Instant Band Grrrls** para fazer uma apresentação e uma fala com a curadora Adauany Zimowski, para mostrar o que a gente faz, o que a gente anda fazendo em termos de performance com som.

A gente está fazendo um ano, né? A Instant Band Grrrls... Faz um ano que a gente resolveu trabalhar juntas, em setembro do ano passado, para uma apresentação num festival em **Porto Alegre**, que é um festival de mulheres que trabalham com som_ o **Vênus em Fúria**, um evento que arrecada fundos para um Girls Camp...

AC Girls **ROCK** Camp...





[risos]

Aquela que fica corrigindo, né?

MV_Girls Rock Camp... Não, não! Mas é bom, porque eu esqueço o nome das coisas.

É isso, a gente se juntou pra fazer esse trabalho e seria uma única vez. O formato é um formato de pesquisa que eu andei fazendo durante o doutorado: de encontrar e fazer uma vez só. Junta as pessoas e faz um trabalho com o som, uma performance sônica. Mas, na Instant Band Grrrls o protagonismo era das letras, dos textos que a Alice fazia pela Internet. A gente se conheceu no Instituto de Artes e tal... e o protagonismo desse texto, sabe? Eu achava que era o momento de falar alguma coisa e eu não sabia o que falar para as pessoas, então..., ela já estava fazendo isso, estava fazendo online e isso, agregado ao som, que para ela era novo, para mim não [e para as outras meninas, não], ficou muito maluco e as pessoas começaram a chamar a gente para outras coisas. Ela passou de uma banda instantânea, de uma coisa que ia ser só um encontro, uma performance única, para



um trabalho que a gente vem desenvolvendo... Já fizemos mais de três apresentações e ontem, foi a quarta.

AC_ Foi a quarta?

MV_ É, acho que sim...

AC_...Ah é. Uma no **Vênus em Fúria**, outra no **Agulha no Festival KinoBeat...**

MV_ E outra no **Centro Municipal de Cultura**, na **Sala Álvaro Moreyra**.

AC_ Acho que foi graças a nós que ele deu o nome. Eu ajudei a olhar, que foi **NENHUM BEAT A MENOS**. Estava rolando o movimento **Ninguna a Menos** e ele falou assim: eu queria dar um caráter feminista, mas queria contar com a aju-

da de vocês..., até porque era um menino que organiza o **KinoBeat**, né? E ele viu o nosso trabalho e disse: Vamos...

MV_ O Gabriel Cevallos, que tem um trabalho nesse campo [da imagem e do som].

AC_É, o Gabriel Cevallos. Ele disse: eu queria muito que vocês abrissem para a Aisha Devi que é uma suíça. O trabalho dela não perpassa por questões feministas, mas, enfim, é uma mulher que toca no mundo inteiro, música eletrônica. E ele falou, assim: Eu queria chamar pra abrir, uma banda que fosse mais ativista... E convidou a gente. Ele: - Ah, que nome eu dou? Eu: Ai, quem sabe a gente puxa essa coisa dos movimentos_ estava



começando a rolar o **ME TOO** e vários movimentos mundiais e aí acabou sendo **NENHUM BEAT A MENOS** por nossa causa. Isso foi legal.

MK_É...

JP_ Eu ia perguntar mais sobre essa origem e, vocês já acabaram falando mas se quiserem, a qualquer momento, complementar isso e a ideia do nome também... **Banda de Garotas Instantâneas?** Qual seria essa tradução?

[risos]

AP_ Acho que fica mais legal essa tradução, até. Vamos trocar gurias?

[risos]

AC_É muito bom! [todas falam ao mesmo tempo]

MK_É que eu acho que esse era um projeto...

JP_ Banda Instantânea de Garotas?

AP_ Ah! eu gostei de **Garotas Instantâneas...**

AC_ **Garotas Instantâneas** é ótimo!

MV_ Muito!

AP_ Aperta um botão e a gente surge.

[risos]

AC_É, surge, depois aperta, some..., mas na verdade esse era o nome do projeto da Marion, como ela falou,



AP_Acho que fica mais legal essa tradução, até.
Vamos trocar gurias?

AC_Garotas Instantâneas é ótimo!

MV_Muito!

AP_Aperta um botão e a gente surge. Risos

AC_É, surge, depois aperta, some...,

é das pesquisas dela, do doutorado onde se reuniam e faziam uma apresentação instantânea, efêmera. E aí... Como é que surgiu o seu negócio do girrrls?

MV_É isso, é um formato que eu descobri dentro do dou-

torado, na pesquisa de doutorado. Eu desenvolvi dois formatos de trabalho 1- os guias acústicos que são as peças sonoras, então, a minha atuação como performer, é só com voz, né? não tem imagem, não tem gravação de vídeo, não tem nada. E

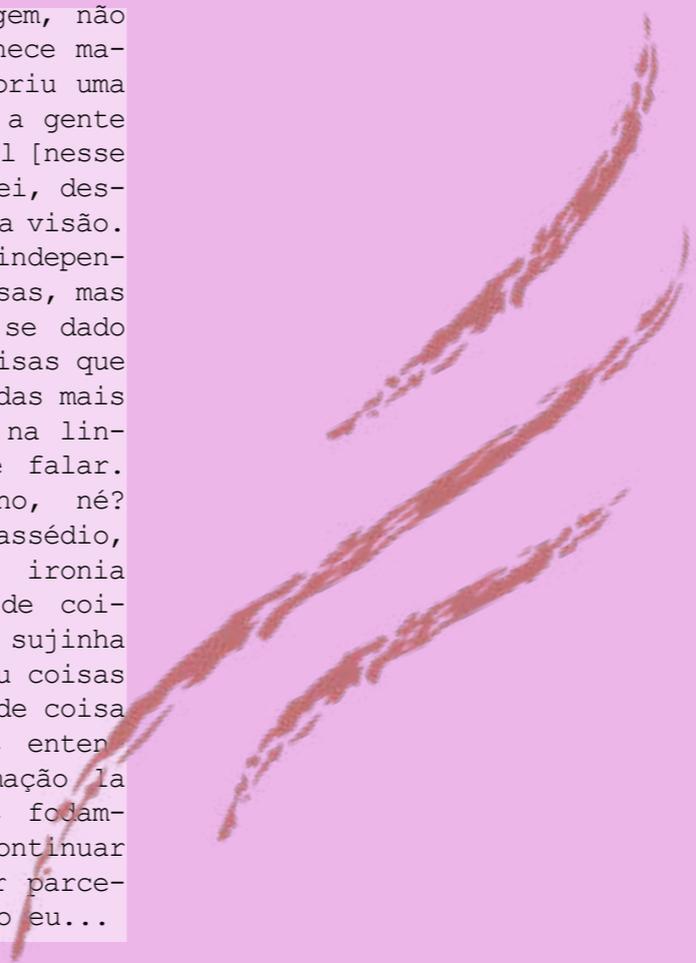
2- as Instant Bands que são esses encontros, encontros de lugares, encontros de pessoas, inspirado em trabalhos de rua mesmo, de pessoas que eu vi muito aqui..., meninas fazendo isso nas ruas de Pelotas, com uma caixa de

som, uma guitarra na frente das lojas com o microfone cantando, estas bandas que existem nas portas dos metrô e tal, então por isso, era uma banda instantânea, mas a configuração só existia por uma vez. Diferentemente dos trabalhos da Andressa, que trabalha com performance duracional, que dura, né? As minhas performances são micro, às vezes, são quase misturadas com o dia a dia, o meu dia a dia. Então, acontece uma coisa, faço uma micro gravação e tum..., essa é a ação.

É isso, [surtiu] desse desejo que eu tinha de dizer alguma coisa a respeito desse movimento que, sei lá, é a 3ª onda feminista, pode-se dizer assim?. É, né? Dessa consciência e ativismo que tá rolando no mundo todo.

Eu vivi uma outra onda, pela minha idade mesmo, de ter 58 anos... Os anos 70, eu vivi minha adolescente nos anos 70, então, o meu modo de pensar o feminismo é diferente. Ele veio dali. Então foi uma surpresa para mim... eu achava que tinham coisas que estavam resolvidas, porque eu era resolvida: nunca casei, sou avó solteira_eu tenho um neto, mas nunca me casei..., tem todas estas atitudes que eu fui tomando no meu dia a dia. Então, achava que eu tinha resolvido esta questão de ser mulher, de fazer as coisas por minha conta, do meu jeito. Se eu quiser andar de bermuda, vou andar de bermuda. Eu achava que isso já era possível, mas eu estava vivendo, assim como outras mulheres da mesma idade, na faixa dos

50s, vivendo à margem, não é? O sistema permanece machista e a gente abriu uma fenda e ficava ali, a gente se sentia confortável [nesse entre-lugar]. Não sei, desculpa, essa é a minha visão. A gente se sentia independente e fazendo coisas, mas a gente não tinha se dado conta que tinham coisas que tinham que ser mexidas mais a fundo, inclusive na linguagem, no modo de falar. Nossa! No cotidiano, né? Na permanência do assédio, da hostilidade, da ironia ou do deboche ou de coisas como: - Ai tu é sujinha porque não depila ou coisas assim... Esse tipo de coisa eu não quero ouvir, entender? Na minha formação, lá nos anos 70..., Ah, fodam-se vocês, eu vou continuar andando e vou achar parcerias que pensem como eu...



AP Mas, acho que isso vem muito de uma questão do privilégio que a gente tem

MV Também. Sim, somos brancas, mulheres classe média...

AP A gente pode escolher, a nossa vida não vai acabar. Nós não vamos ficar sem emprego, né? Então eu acho que, principalmente essa coisa da depilação é muito mais assim: Ó, eu não vou me depilar e a sociedade que se foda, bom, beleza, mas eu vou ter o que comer.

MV Aham...

AP Eu vou ter onde dormir, não vai acontecer nada, porque a gente é classe média branca, então, a gente pode até brincar com isso, né?

MV Mais ou menos. Porque, eu me coloquei nesse lugar [sobre construir um corpo] É, eu trabalhei muito tempo na Prefeitura de Porto Alegre e ouvia muita coisa como isso: - Ó, tu deve ser a única professora tatuada da SMED! Era uma coisa esquisita, tinha um estranhamento. Mas como eu era artista, eu não era uma pessoa da matemática, talvez ou sei lá, de outras áreas, isso ficava ok. Ela é esquisita mesmo, deixa assim. Então, entrava nesse corpo, nessa coisa de ser artista

JP Era dessa esfera...

MV Que é sempre uma pessoa extravagante. Essa não é a palavra certa, tem um nome para isso...

JP Mais Excêntrica?

MV É isso... essa palavra...

AP Excêntrico é quando é rico, né?

MV Será?

AP Quando é pobre, é louco... quando é rico é excêntrico

MV Louco!

[risos]

MV Por isso Instant Band Grrrls. Era isso, por causa do movimento Riot Girls, de falar algu-

ma coisa, de tocar nisso de alguma maneira. Então, como eu não tinha essa pertinência do que estava acontecendo agora e a Alice estava fazendo isso, eu me afinei muito, entendeu? Eu disse, eu quero conhecer, saber disso, eu quero estar junto. E ela estava falando essas coisas, já tinha todos esses textos e todas essas participações e ações... E ficou incrível, eu acho...

A gente mudou para IBG para poder se descolar deste primeiro momento que foi o formato Instant Band Grrrls. Por isso, a gente está achando ótimo que tu [Jessica] já redefiniu o conceito para a gente, porque a gente estava no IBG. Então, IBG fica muito eletrônico, é, fica muito eletrônico.

[risos]

Então, Garotas Instantâneas é o nosso novo nome.

AC É, agora, já é o nome

[risos]

AC Acho muito legal porque..., eu não falei, né? Eu venho de um lugar onde participei de três bandas punks. Atuei na cena hardcore muito tempo. Eu tinha uma banda super que a gente achava que era **[risos]**, super séria, que rodava festivais, né?

JP Quais as bandas?

AC Era Antítese Social.

[risos]

AC Eu tocava com cinco meninos. Eu era a úni-

Por isso Instant Band Grrrls.
Era isso, por causa do movimento
Riot Girls, de falar alguma coisa,
de tocar nisso de
alguma maneira.

MV



ca menina, então, tinha essa dificuldade na cena, né? Sempre teve na cena do rock, enfim...

MK_ Sim, tem.

AC_ hardcore... de ser uma maioria de meninos que tocavam, meninos que cantavam e, isso, já me revoltava na época. Eu acabei criando..., eu tive duas bandas só de meninas que não duraram muito, também. Mas, para mim, é um resgate disso, sabe? É reviver isso, do final dos anos 90 e início dos anos 2000, quando eu tocava nessas bandas. E tinha essa coisa do Riot Girl, sabe? do feminismo, das questões... A gente tinha muitas músicas que falavam de aborto. Enfim, as questões não mudaram muito do início dos

anos 2000 para agora em questão de direitos a gente não conseguiu..., avançou, talvez, nesta coisa da onda mundial de conscientização, da mídia social, porque a gente não tinha Internet tão forte na época e, agora, a gente tem. Mas...

MV_ Eram sozinhas, né?...

AC_ Mas as questões políticas e sociais continuam um pouco as mesmas, não é? Então, eu acho que esse desejo da gente gritar e falar, acho que vem disso. Assim que eu sinto. Quando estou tocando com as gurias, a Mariana ali tocando guitarra, eu me sinto..., parece que eu volto no tempo e estou nesse lugar das minhas bandas e é uma coisa que eu sempre amei fazer, sempre foi um hobby. Então, para mim, esse projeto é uma coisa muito diversão, muito hobby, que me desprende um pouco da coisa séria da artista visual, que eu estou vivendo agora. Não é? Enfim. Então, acho muito divertido.

MV_ E tem essa coisa da gente ter idades diferentes não é? Cada uma está numa faixa etária. A gente tem filhos, né? E tem letra que fala que isso é um problema.

AP_ só eu não tenho filho.

MV_ que é um incômodo, então, dentro da própria construção do grupo, existe essa diversidade que eu acho rica.

E só pra terminar a minha parte, nos anos 90, eu também vivi no campo da música e tive duas bandas. E a expectativa que se tem, que o campo da música [rock] tem de uma mulher que é vocalista ou que é guitarrista, enfim..., a Mari também pode falar sobre isso, porque vive fazendo shows e tal, a expectativa é que tu seja muito sexy...

AP_ Musa né?...

MV_ que tu seja musa, que tu vai ficar com todo mundo. Inclusive, nas entrevistas dadas [as perguntas] eram assim: quem tu come na banda?

JP_ AHHHH!

AC_ Nossa!

MK_ É! é horrível ser mulher no rock.

MV_ Quem te come ou quem tu come na banda? Sério, Sério, Sério mesmo.

AP_ Que nojo!

MV_ A minha banda era a Plastic Dream e, depois, eu tive um duo, um trabalho eletrônico chamado Adventure, onde trabalhava com um produtor musical.

AC_ Tá ativo ainda, né?

MV_ O Adventure ainda está, a gente fez umas versões com duas guitarras...

AC_ La na Península [galeria] vocês fizeram uma [ação].

MV_ Isso, dentro de uma

performance... Na Plastic Dream, eu era a única menina com outros quatro meninos: duas guitarras, baixo e bateria, mais rock inglês. Eu sempre escrevi as letras, por isso eu estou dizendo: o que eu vou dizer? não tenho o que dizer, eu vou viajar pelo cosmos, então, alguém precisa falar do que está acontecendo.

Acho que as meninas têm mais contribuições...

MK_ Sim, isso acontece muito. Eu toquei sempre com meninos e também fui casada com uma pessoa da minha banda. É um universo masculino e, como mulher, tu sofre mesmo esse preconceito e, ainda, ter sido casada com o cara e tal, as pessoas vão falar com os meninos da banda. Tu é

a musa gata e tem que dar pra alguém..., quem tá comendo quem. É muito ridículo [risos]. É muito irritante e eu me incomodei muito com isso, inclusive briguei com várias pessoas, vários caras das bandas que eu toquei. Fiquei até anos sem falar, fui voltar a falar agora [risos]. E daí, é muito bom trabalhar com as meninas, é outra história, sabe? Eu tenho uma banda onde toco com a baterista Letícia que daí... Claro, os meninos da banda, os que eu não toco mais, eles tinham esta mesma atitude, mas os que eu acabo tocando, ainda, é porque eles têm uma diferença, até brigo com eles, mas eles falam: - Mas não sou eu... é o sistema, sabe? Eu brigava muito com o cara que

eu era casada, porque as pintas iam falar com ele, eu ficava puta, brigava com todo mundo, mas não era..., senão, ele não ia estar tocando comigo também.

MV_ Ele foi formado assim, também é difícil...

MK_ É a formação da sociedade, das pessoas, a visão que se tem sobre as coisas. Então, daí, aqui na Instant Band é outra história e também por cada uma vir com uma ideia, da criação coletiva, do imprevisto, eu acho super bacana assim, porque, com as bandas é bem diferente, né? Tem todo aquele formato de ensaio, de fazer mil vezes aquela coisa e sempre alguém vem com uma ideia, quem compõe e quer

definir os outros.

AC_ Tem uma hierarquia ne?

MK_ É...é muito diferente.

AC_ É muito interessante, né? Porque, quando se vê, já saiu uma música nova, flui muito assim, né? Eu acho muito legal porque, como a Marion, eu também era a vocalista das bandas, eu sempre fazia as letras e eu acho muito legal este protagonismo ser de outra pessoa. E eu me sinto meio a base, sabe? E como nos meus trabalhos de Artes Visuais tem muito essa coisa da minha imagem, do meu corpo, de eu colocar esse meu corpo em risco, enfim. Tem isso de não ser exatamente essa a minha imagem e o protagonismo, mas uma imagem coletiva e estas letras que vem de outras pessoas,

né? Então, eu acho muito legal também, estar meio neste lugar de base, sabe? não tão..., Porque as vocalistas sempre são um pouco a frente, não é? Não que a gente tenha essa hierarquia, não é isso, mas eu acho legal esse lugar que eu me coloco.

MV De todas as bandas, dos meninos também, né o vocalista é o band líder, ele está na frente, ele é a voz e a voz sempre tem [protagonismo], não é só das mulheres, nesse caso então, sair desse lugar...

AC Acho muito legal... E, claro que é a nossa voz! porque se a gente não se sentisse representada por essas letras, enfim, eu acho que tem abertura pra tudo. Ontem já me veio uma ideia e eu disse, nossa! preciso

escrever isso, eu vou pro- por essa letra. Porque é isso, não é? Daqui a pouco, é isso, a Alice vai estar tocando teclado, a gente não sabe, não é?

MV Está tudo aberto!

AC Tá tudo aberto, exatamente.

MV E cada performance é diferente, mesmo que a gente faça alguns ensaios, a gente tem uma tranquilidade, que é diferente dos outros modos de trabalho, que é, estar em aberto... vai acontecer im- proviso vai ser diferente e a gente tem que se adaptar para o que vai acontecer..., porque, a Alice pode falar outros textos no meio. Ri- sos. Porque ela pode trazer outras informações, sei lá, lembrar de alguma coisa, fa-

zer alguma conversa em cima daquilo que foi estruturado, claro, da letra que já é, né? E elas estão no Sound-Cloud...

AP E a letra vai entran- do de um jeito diferente, porque a sensação que eu tenho é que é uma coisa um pouco movediça, não é? Vocês vão, na hora, se en- caixando e vai criando um espaço no som.

JP Uma atmosfera ali;;;

AP Que eu tava falan- do de manhã, com a Adau [Adauany] no café, que é isso:

A sensação que eu tenho é que vocês criam uma estru- tura que tem uns vazados ali, que eu consigo entrar com a letra. Então, até assim o tamanho da coisa que eu vou falar, meio que

surge na hora. Se a frase vai sair inteira, se ela vai ser quebrada, se ela vai ser estendida.

E isso pra mim é completa- mente louco porque eu nun- ca fui de botar o meu cor- po, a minha cara, a minha voz não é? Eu sempre fiquei escondida ali, botava um desenho ali, mudo, que fi- cava num cantinho E eu es- tava lá, né? Mas, em para- lelo, enquanto pessoa... sempre fui essa pessoa que fala as coisas. E que debocha, brinca e tal, e daí? Eu acho muito legal o papel, por exemplo, de to- das as coisas que a gente viveu, né? Jéssica, que eu acho que veio desembocar nisso.

Porque, por exemplo, aque- la publicação que a gente fez das Xoxotas de Pelo- tas, de ter uma vivência

com a Angélica Freitas, que hoje, é uma referên- cia internacional de es- crever sobre mulheres, a partir de uma perspectiva crítica, porque a Angéli- ca tem todo um embasamento feminista da vivência que ela teve com os coletivos feministas na Argentina e com a gente, aqui, também, né? que somos..., apesar da gente não ter um nome, ou talvez a gente seja as Xoxotas de Pelotas, mas a gente é um coletivo, ar- tista feminista, né? Cada uma está morando num lu- gar, mas a gente está sem- pre se comunicando, né?

E por isso eu acho mui- to engraçado quando eu tô na faculdade, porque aí agora Angélica é um super nome, citado, debatido e tal.

Então, às vezes, eu estou

em aula, na UFRGS, que é um lugar que, claro, por ser Universidade é um pouco careta, assim, nesse sentido de não poder falar de ativismo dentro da arte. Tem toda uma série de dizer... não! tem que ter uma ambiguidade, tem que ser uma arte mais..., não pode falar que estamos falando de mulher, né? Tem que ser neutro, né? Ou seja, tem que ser masculino.

E daí as pessoas falam... não! o trabalho da Angélica é fino, é chique, porque não é ativista, não é panfletário, porque as pessoas não sabem....

MV Segundo Freitas,

[risos]

AC É que existe esse pre-

conceito, né? lembra? A gente teve uma discussão na aula sobre o panfletário, acho que tu estava.

AP As pessoas não sabem ler, Angélica, porque ela é super ativista, super

AC Claro.

AP Olha, eu acho uma palhaçada esse conceito de panfletário.

AC É então, justamente, a gente discutiu isso, como algo pejorativo, não é? As pessoas olham isso, a arte ativista como algo pejorativo. Claro que, agora, que está todo mundo sufocado, em desespero, então dá, né?

AP Agora pode. Mas tu pode ser panfletário se tu for

tocar em assuntos específicos, mas o feminismo é tão mal visto no Brasil por questões históricas. Enfim, né, por causa da revolução feminista lá da segunda onda.

Eu ainda me baseio muito e claro, com adaptações, repensar a partir do hoje do agora também, mas acredito que as mulheres da segunda onda falaram as coisas mais importantes e que não foram resolvidas até agora.

Então, eu ainda confio muito nas mulheres da segunda onda, inclusive, vários estão vivas ainda, como a Germaine Greer, por exemplo, que para mim é uma grande referência, não só como teórica, mas também como uma pessoa muito resistente e engraçada também, debochada, né?

Eu me baseio muito nela, por exemplo, para escrever essas coisas, né? Nas aparições públicas que ela fazia, quando os caras vinham... ela ia falar do livro dela ou de alguma coisa que ela tinha feito, e aí vinham os caras da plateia com perguntinhas, pra se meter, querer ser mais esperto, não é? fazer alguma coisa para deixar ela sem saber como dizer... E ela respondia com um humor cáustico, assim que todo mundo ria no final e o cara voltava para casa, Com o rabinho no meio das pernas, espero... Ou pelo menos, todo mundo percebeu que o cara estava sendo um otário.

MV Penduricalhos?

AP É. Então eu acho mui-

to legal esse senso das mulheres da segunda onda delas. Perceberem e nomearem a guerra que a gente vive, sem meias palavras, sem negociação, é isso e pronto. E a gente não quer nada menos do que essa dignidade aqui.

E poder rir sobre isso também não é? Não, acho que a gente ficar num canto chorando, vai resolver qualquer coisa. Acho que a gente tem que aceitar a nossa raiva, nomear a nossa raiva e usar ela também como força pra gente.

Mas o que eu ia falar do Xoxotas de Pelotas é que é isso, eu sempre escrevi umas coisas no Facebook, que é o lixão, né?

[risos]

AC Facelixo!

[risos]

MV É ali que eu me inspirei..., no lixão da Alice!

AP É um lixão, eu escrevo ali, porque é como jogar fora.

MV Ah! eu também acho que o Facebook é isso... eu vou fazer xixi no Facebook. É bem essa ideia.

AC Claro

AC Sim, mas é,

AP É uma mistura de ativismo, com o querido diário, com o foto de um pão que eu fiz.

MV Ah Ta aqui...tu tu... [folheando o fanzine Xoxotas de Pelotas].

AP Sim...A Jessica é super importante

MV Jéssica Porciúncula no Xoxota de Pelotas!

AC Mas isso que tu fala do atual? Acho muito legal... Eu vim para cá, lendo o livro da DJamila Ribeiro: O que é Lugar de Fala?; em que ela fala desse lugar hegemônico e desse protagonismo branco, né? E daí? Eu acho quando fala atualizar.

Eu acho que agora, de uns anos para cá, tá vindo esta força que sempre existiu, né? Ela fala assim, há esta força, essa voz das mulheres negras sempre esteve aí, mas de quem era este protagonismo, né? Essa fala nessa época, então isso é legal, a gente pontuar que agora

tá vindo com força e ainda bem, né?

Está tendo esse espaço e estas vozes que sempre gritaram estão..., não sei se equalizando, porque acho que é difícil, quando a gente está bem longe, não é? Mas pelo menos está vindo e nós, brancas, estamos nos colocando no nosso lugar e tipo assim, opa! Só um pouquinho, né? A gente sempre esteve neste lugar de privilégio de fala e de escuta e que tem um monte de vozes aí que sempre estiveram gritando e tiveram um lugar muito pior, sem privilégio, mesmo sendo mulheres... A gente sabe que as mulheres negras sempre estão num lugar...

MV De exploração né?



AC Muito pior, então, eu acho que, quando tu fala, hoje agora, atualizar, eu acho que é uma coisa que passa por isso,,,

AP Passa. Por isso também.

AC Por um lugar de raça e classe, não é?

AP Com certeza! E, aqui em Pelotas, tem um movimento muito forte de artistas mulheres negras. Inclusive, a Jessica participa, maravilhosa! [risos] Tem um movimento do rap, aqui, que é incrível! Tem rolado muita coisa. Cada vez cresce mais e gravam clipes e fazem eventos e se colocam. E quem não conhece ainda, tinha muito que conhecer..., agora de ressaca, eu esqueci o nome

das gurias, me ajuda Jéssica?

JP Tem a Bartira que é muito importante aqui.

AP A Bartira! É foda demais.

JP Bartira Val Marques. Ela tem um movimento de poesia. A gente tem uns grupos de poesia que a gente faz umas performances de poesia na rua, também.

MV E os slams?

JP Então tem, tem vários slams acontecendo na cidade. A Bartira tem puxado os Slams das Minas. E é um coletivo, agora, na real. A Bartira que puxou, mas tem a Stephanie, tem a Isa, que são duas minas que..., Ontem, acho que elas chegaram a ver o

início da performance de vocês e, depois, elas tiveram que ir embora.

Sim, cada vez mais tem surgido esse movimento mesmo, sabe? das Minas estarem na rua, falando poesia, cantando, fazendo um som, levando uma caixa, sabe? Isso realmente, dá pra ver que tem crescido assim.

AP Isso, aqui em Pelotas, acho incrível, não é? Como as mulheres daqui tem se organizado assim, de uns anos para cá e, dominaram a cidade! Pixaram tudo, né? Os caras mijam na rua, a gente pixa por cima. Foda-se!

[risos]

AC performance simples

MV Olha isso, nossa próxima

música : "os caras mijam e a gente pixa por cima!" ótimo

AC Os caras mijam e a gente pixa por cima! porque nós somos... as Garotas Instantâneas.

MV as Garotas... Instantâneas

AP Tem aqui uma força de mulheres que são muitas e muito em comunicação. Que é uma coisa, por exemplo que, morando em Porto Alegre, eu não vejo. Pode ser que exista, a cidade é grande, não conheço todo mundo e tal.

MV É, mais nas...

AC Na Periferia...

MV periferias, nas bases delas...

Os caras
mijam na
rua, a gente
pixa por
cima.
Foda-se!

AC tem movimento de Slams das meninas, existe uma ocupação

JP Todas estão morando em Porto Alegre?

Todas Sim

AC Tem a ocupação Figueira que são só mulheres anarquistas, que são cinco meninas, eu acho, que também estão puxando várias coisas, mas elas estão super no underground, não tem Facebook. Tem... tem umas meninas puxando coisas, mas talvez porque é maior.

AP Tem... elas fizeram uma feira anarquista que eu inclusive participei...

MV O que eu acho que o que a Alice está falando é porque isto fica locali-

zado, tu pontua, né?

AP Fica segregado,

MV Tu sabe onde é, qual é o grupo, aonde acontece tal coisa e ela está falando da coisa disseminada nas ruas...

AP E aqui, os vasos comunicantes são muito mais fortes, entre...

MV Tu vira uma esquina, tem uma menina ali, sabe? Dá vontade de ficar parada em todos [os cantos]. Da outra vez que eu vim pra abertura da exposição, eu fiquei mais tempo em Pelotas, que eu consegui circular, eu vi isso. É diferente.

AP Mas mais do que isso, as artistas daqui são as ativistas, né? São mulheres que militam no movi-

mento das mulheres, são as mulheres que estão na linha de frente e que produzem arte. Então, em Porto Alegre, o que eu vejo é: tem as ativistas, as anarquistas, as feministas, cada uma, sei lá, faz sei lá o que da sua vida e tem as artistas, do outro lado, que não estão nos coletivos que, podem ser feministas em suas ações no cotidiano, mas que não organizam o movimento das mulheres e, aqui, nós somos todas as mesmas coisas. A gente está no movimento, a gente tá nas artes e isso gera uma troca muito maior, eu acho, uma arte que vem desse lugar de estar no meio, mesmo, entre uma coisa e a outra. Isso que eu acho bem legal.

AC Talvez, o que tu falou do preconceito das Artes....eu vejo que nas Visuais tem mais do que nas Cênicas, até. Porque eu venho das Cênicas, eu me formei em teatro e depois a partir do doutorado, agora, que eu estou mais nas Artes Visuais. E eu vejo que essa aceitação é mais difícil nas visuais, sabe? Talvez, por isso que a coisa esteja tão fragmentada assim, que a gente não vê...

AP Aceitação do que?

AC Do feminismo, enfim, da arte ativista na academia, sabe? que tu falou, aqui é tudo junto, não é?

JP Quem que é lá?

AP Ahmnn...

AC Ahmnn... Mas todo mundo está nos dois meios, porque, a maioria das mulheres feministas ativistas que eu conheço em Porto Alegre, realmente, não estão na academia. Eu acho que tu, nós aqui, acho que... as únicas!

AP É que é um lugar bizarro de tu querer entrar, né? Eu tive que respirar bem fundo, criar uma coragem para entrar. Inclusive, nem acredito que passei com esse projeto. E entrando...

AC Pra tu ter uma ideia, o meu projeto tinha toda uma parte sobre feminismo e trazendo coisas e pediram pra eu cortar. É difícil tu passar, alguém querer te orientar..., melhor tu deixar essa parte femi-

nista pra depois que tu entrar, aí depois tu insere... foi isso.

AP Cara, o meu era escancarado, eu citei Andrea Dworkin no meu projeto... Inclusive, acho incrível, a minha orientadora me bancar nessa? Mas é isso, eu entrei. Eu sabia que eu ia ter uma guerra ali de quatro anos, né? O primeiro ano foi extremamente difícil, todo mundo questionando isso dos meus referenciais serem militantes, serem ativistas, não serem coisas que o pessoal está acostumado, né? Se eu chegasse lá falando ah! Judith Butler e Paul Preciado, todo mundo é dizer, há tá bom, são pessoas que são...

AC Acadêmicas

AP Acadêmicas, e eu gosto desta escrita com sangue, sabe? Com as mulheres que falam assim, de estar em contato direto com as mulheres que estão sofrendo coisas, não é? A Dworkin, por exemplo, escutava centenas, milhares, não sei, de mulheres que apanharam do marido, estavam em situações bizarras e de ter uma escrita que vem de um lugar afetivo, uma conexão afetiva e não..., estudando o fenômeno das mulheres e, eu aqui na minha poltrona confortável, teorizando intelectualmente. Tudo bem... legal, mas eu não me interessava tanto por esse lugar, porque ele me parece meio falso e tende a abstrair também muito, entra num grau de teorização, que vai para outro mundo, não é?

MV o mundo acadêmico! [risos] Fica ali, né?

AP E eu acho que isso se não está nesse mundo. Para que então?

MV Falando de academia, como terminei o doutorado no ano passado, acho que a minha contribuição, pode-se falar nesse sentido... e, foi um incômodo, na verdade, uma surpresa, foi ver como a linguagem no mundo das Artes, de onde eu estou falando, não é? Está intradido do mundo dos homens, da história dos homens... A palavra homem apareceu muito e começou a gritar para mim, toda a vez que eu ia pegar uma citação e tal... até ou, principalmente, no surrealismo que, só queria as musas,

mas davam uma achatadinha nas maravilhosas mulheres que, também, estavam ali no Surrealismo... Então, toda vez que eu me deparrava com alguma referência que falava assim: na história dos homens, mas se o homem fizesse... não sei o que, eu riscava e colocava uma sugestão, [substituía] homem por "das pessoas" ou, "humana"... Então, fui fazendo isso... o texto está todo assim. Essa é a minha micro, miiiiicrinho política, né? E o recorde de usar realmente referências que fossem as mulheres, basicamente mulheres artistas, né? Escolher mesmo e fazer com que elas aparecessem ali. Então essa é a minha contribuição dentro da tese

de trabalhar dessa forma, de expor esse tipo de situação que acontece dentro da academia, né? Porque a gente vai usando as referências, as mulheres não estão na História da Arte, né? Tem que procurar e ir montando uma nova História, a partir dessa pontuação, né?

JP Muito legal, eu tenho uma pesquisa, só pra contar um pouquinho do meu trabalho... no meu TCC, eu apresento o termo minamônio para brincar que eu não sou representada nem por patrimônio, nem por matrimônio, né? Que seria a relação do que... Daí a ideia seria dia dessa herança que é deixada de mina para mina. Então, é a ideia de minamonio...

MV Ah que ótimo!

JP E eu apresento esse conceito e apresento também referências de artistas do meu entorno, gente que eu conheço, como uma ideia de recontagem dessa História Contemporânea, dessa História da Arte, de pensar realmente quem é que conta essa história da arte, não é?

Quem é que escreveu a história da arte que a gente tem hoje de referência? Eu acho muito potente. Eu lembrei também de uma música da Camila Cuqui que ela fala: "Quando eu digo homens, não é humanidade".

MV Isso, perfeito

JP Então é muito tipo onde descolar a imagem da palavra, porque as coisas re-

almente estão muito presas na linguagem.

AP É que são sete mil anos de patriarcado, né? Então isso está muito naturalizado e a língua absorve tudo. Acho muito legal também, né? Desde os anos 70 que o pessoal começou a fazer uma pesquisa na linguística interseccionada pelo gênero, que eu também falo sobre isso la no meu trabalho, que além das palavras, é a maneira como a gente usa também. Ou a maneira como nós... tem uma teórica que eu acho um super legal, que é a Robin Lakoff, que inaugurou esse tipo de estudo que ela diz que, nos reprimem quando a gente está aprendendo a falar..., então, determinadas coisas a gente não pode dizer. Sim, é como

se a gente fosse ensinado um dialeto dentro da nossa própria língua, e eu acho impressionante que ela fala isso em relação à língua inglesa, não é? E faz umas análises de estrutura gramatical e tudo, mas eu percebo isso claramente, assim, do jeito que é. Então ela coloca, sei lá, uma frase escrita por uma mulher, ela bota duas maneiras de falar a mesma coisa e tu sabe, claramente, que um jeito lá, só a mulher ia dizer, sabe? E é essa coisa assim, de ficar sempre pedindo, perguntando por validação. E também não podia ser agressiva.

AC E pedindo desculpa, não é? Como a gente pede desculpas para tudo! Não é?

AP Pedindo desculpa...

AC O tempo inteiro tipo, Ai, desculpa, aí, eu vou gritar, mas desculpa aí, tá? Desculpa aí, mas eu vou gritar, não é?

AP Ah, o que que vocês acham e nã nã nã?

AC Pedindo legitimação, exatamente...

E assim, até os momentos de fúria, não é?

Eu me pego muito, eu estou muito nesse processo de desfazer os preconceitos em mim, sabe? entre coisas profundas, desde o racismo estrutural até, por exemplo: -Ai caralho! Estou brava, sabe assim? Porque a gente não fala: -Ai buceta!, sabe? Tipo -Filha da puta! sabe assim, coisas que a gente

usa o tempo inteiro, sabe? em momentos de raiva, em momentos de alegria, então tudo é, são as nossas impressões...

MV É contra ti mesmo, é contra a mulher

AC É, mas não sei quem falou que existe a linguagem existe a segregação. É isso sabe? Desde que existe linguagem, existe segregação, existe machismo, existe patriarcado? Isso que a Alice falou, há sete mil anos... um reparo histórico...

AP Sete mil anos. Vocês imaginam... sete miil... É muito, ne? cara... faz cem anos que tem as mulheres brigando. -Ta não, chega então... já deu, então? Agora...

AC E tem mulher votando no Bolsonaro... Isso que dá mais raiva... AHHH!

AP Por isso que eu acho que isso entra muito nas letras, porque é isso, mulher não pode expressar raiva... E por isso que eu acho divertido fazer essa coisa assim mais agressiva possível e ao mesmo tempo não é sério, não é? essa brincadeira de falar que há vou castrar, não sei o quê. Claro que não, né? Ao mesmo tempo que tem um monte de mulher perdendo

MV a vida!

AP o clitóris.

MV o clitóris e a vida.

AP quem somos castradas somos nós, literalmente,

né? Como no caso de alguns países do Oriente médio, mas também é simbólica, culturalmente, no caso da gente não poder ter uma vivência da nossa sexualidade, né? Desde não poder fazer nada por ser ostra-cizada depois, tipo, assim, Ah! aquela lá é puta, piranha, não sei o quê, mas também por toda...

MV Os-tra-ci-za-da é uma palavra interessante, né? De ostra?

AP Fica dentro da concha. Mas também, no caso de..., aí, agora até me perdi agora...

MV Desculpe. Que somos castradas...

AP Ah sim, do que a Germaine Greer fala, não é? Ela

tem aquele livro A Mulher Eunuco. Tem toda a sexualidade...heterossexual, né? Esse é um problema das mulheres hétero e bi e tal, que todo o roteiro da coisa é centrado no pau.

MV Sim, adoradoras?

AC é complicado.

AP Os caras só pensam no pau deles e a gente é ensinada a nem se conhecer, nem se tocar e tal.

AC E como se diz..., e a idolatrar, que é o falocentrismo, bom, a gente vê toda a arquitetura, construída nisso, né?

JP Eu queria voltar um pouquinho pra Instant Band e perguntar, também, o que vocês estão pensan-

do pro futuro, agora, não sei como a gente está de horário?

[risos]

JP Quais são os planos futuros, aquela típica pergunta para a banda, sabe? Quais são os planos?

MV São 11 e poucas já.

AC Olha o horário: 11:11. Abriu o portal !!!

Todas oHHHH!

[risos]

JP 11:11

AP Acho que as coisas vão acontecendo assim

JP ou se é, exatamente assim, fluída...

AP Esses dias eu estive lá em São Paulo, visitei a Angélica e tal. Ela falou da possibilidade da gente ir a São Paulo. Ela ia tentar ajudar a gente nisso, não é? Nossa madrinha! Porque na verdade, as letras quase todas, surgiram numa vivência de escrita que eu fiz com a Angélica, porque, a partir do convite da Marion, ela disse assim: - Não, mas tu já escreve... Tu já tem. Mas eu olhei, separei vários escritos meus das redes sociais, fui lá, varei aquele lixo, catei no meio do lixo. Mas não dava para, simplesmente, pegar aquilo de um jeito que era feito para ser lido no Facebook, tinha que reformatar, não é?

MV Até, no momento de

construção mesmo, né? de como inserir o que ela já tinha trazido como texto, nas bases, na batida que a gente estava construindo... Então, como dar uma fatiadinha..., o que repetir, né?

JP Essa oralidade da palavra mesmo, né? que é diferente da lida.

MV É, da performance sonora.

AP Isso é uma etapa posterior, mas pegar um texto para virar uma poesia eu nunca tinha feito isso... Então, este projeto, para mim, são muitas coisas que eu nunca tinha feito isso...

MV Inovadoras! E até o encontro entre vocês, não é?

AP É que a Marion me enganou, não é? Ela falou, - Mas é uma vez só! Daí vai... uma vez só a gente vai, né?

MV Eu não enganei, vocês que quiseram mais

AP Ela me enganou. Para experimentar, acho que tudo dá para fazer em uma vez, mas aí foi rolando assim. Mas eu nunca tinha escrito poesia na minha vida.

MV Eu queria falar que tem alguns trechinhos, que são as minhas intromissões, como a Aduany falou ali no texto da minha exposição. Estes trechos vêm, às vezes, de algumas coisas que eu escrevo, que eu já tinha escrito ou, sei lá, e também de pesquisas de outras mulheres, de ou-

tros períodos, né? Porque a gente está falando disso: Quem são essas mulheres? Onde é que estavam essas mulheres? E como que a gente resgata essas mulheres?

Então, eu achei esse livro lá na Espanha, quando estava por lá, fazendo parte do doutorado e se chama Beat Atitude, que compila poesias das meninas, das mulheres Beatnik, né? Porque a gente também estuda que existiram os Allen... me ajudem com os sobrenomes? AP_Ginsberg?

MV É..., todos aqueles mocinhos que eram ambulantes e que faziam poesia em papel higiênico e tal, e a gente fica achando tudo incrível, não é? Esses caras com papelzinhos de bar e tal, mas existiam mulhe-

res junto, que faziam poesia, que estavam lá.

E tem uma segunda onda também, um pouco depois deles, né? Como a poetisa estadunidense Anne Waldman que continua fazendo poesia [e spoken word]. Tem uns vídeos dela na Internet, incríveis. E então, tem trechinhos que a gente rouba, rouba ou pede licença!

Na verdade, pra ir colando, né? Ir fazendo uma colagem de textos e de vozes... mas isso é importante falar, assim como a gente faz com o Xoxotas de Pelotas, né? Que a gente pede licença e fala junto, não é?

E sobre o futuro, eu acho que é uma coisa que a gente já sentiu falta e estamos falando é, que a gente grave com qualidade, essas

nossas versões... não, necessariamente, como uma banda grava um disco, mas que a gente possa gravar com mais qualidade. Vamos fazer, Gracyanne Barbosa tá? E a gente grava Gracyanne naquele momento, é aquilo, com todas as condições de estúdio pra que ela possa ser... Sei lá, depois a gente monta esse disco. E, também, que a gente tenha imagens das nossas performances com qualidade, como performance, né? Nós quatro, ali, em algum lugar... a gente já falou disso, de fazer num terraço, de ir num lugar para cima da Iberê Camargo,

JP Legal!

MV Lugares estranhos que ninguém tenha usado ain-

da, para a gente fazer a captura de uma ação da gente.

E então, ter esse material audiovisual com mais qualidade, né? E com mais precisão, pra gente ter e depois poder inclusive vender, negociar, fazer um business...

[risos]

AC Isso... é ótimo, a gente vai começar a ensaiar todo mês, se encontrar todo o mês...

MV Fazer o nosso fanzine, fazer fanzine ou fazer camisetas... A Andressa adora inventar camisetas... instantâneas? Ela faz isso com adesivos e tal? risos

A Alice, tem umas imagens incríveis, né? que são



propostas que eu fico, aí sim, eu fico instigando ela para fazer uma nova música com Piranhas Amazonas e ela já tem a imagem da piranha, né? Então assim, são coisas que eu acho super fortes que a gente tem que dar continuidade por aí, por essas coisinhas que a gente vai? Coisinhas não! coisas, coisonas.

[risos]

AP eu fiz as camisetas das Piranhas voadoras assassinas.

MV É.

JP Eu tinha uma outra coisa para perguntar... Ah! pensar...

MV Dá um medinho... Tá

dando um medinho. Algumas agressões começaram a acontecer em Porto Alegre. Aí a gente se sentiu, né? de alguma forma tocadas por isso e, pensou que, talvez, a gente pudesse estar correndo alguns riscos, não é?

AP Com certeza. Por eu e a Mari, também, sermos um casal, né?

AC É ta bem tenso

AP Nunca foi fácil, mas...

MV Então, este é um futuro próximo instável..., que não é instantâneo, mas é um instável que não é bom, né? Então, a partir daí, desses próximos dias, meses, a gente tem que ver como que a gente vai se proteger, talvez?

AP É porque..., um cara que já falou que não vai ter mais espaço para ativismo nenhum.

[risos]

AC Pois é.

AP Como é que ele fala dos gays?

AC Ah, ele é homofóbico, ele é tudo de ruim, né?.

AP Sei lá, tipo, somos vários tipos de alvo, né? A coisa está piorando muito rápido e as pessoas já começaram a ser assassinadas, agredidas e atacadas.

MV Hostilizadas... mesmo nas famílias!

AP E os nazi estão felizes da vida, pixando as coisas... e as pessoas..

AC Cravando faca nas pessoas, pixando...

JP Independente do resultado, né? Essa maldade já foi despertada. Já se deu um aval para algumas coisas acontecerem, independente do resultado da eleição que a gente tenha.

MV Sim, foi autorizado né? que tu pode se manifestar desta forma, no corpo do outro ou interferir no corpo do outro ou nos objetos do outro, né? Porque muitos carros foram riscados por terem uma campanha contrária, né?

AP Meudeus! isso eu não sabia...

MV Sim, o que estava adesivado...

AC Sim, facas foram cravadas, pessoas foram mortas...

MV É, e também nas coisas, né?

AC É horrível... Não sei onde que eu li, acho que foi uma amiga que escreveu que, independente do resultado das eleições, nós já perdemos, não é?

AP Com certeza!

AC A gente perdeu tudo.

AP A civilidade mínima

AC Civilidade, nosso direito, a gente nunca teve liberdade, não é?

MV Respeito...

AC Eu não acredito muito em liberdade, em todos os con-

textos que a gente viveu, mas a gente já tá, completamente... porque é isso não é? Isso que tu falou, essa violência já aconteceu..., se ele ganhar, vai ser mais, mas se ele não ganhar, também vai continuar.

AC Então, como disse a Pedra Costa, uma amiga que eu fiz lá na nessa residência que eu fiz em Berlim, ela disse assim: - Eu não acredito mais no Brasil. Eu desacreditei, não tem mais.

AP Mas é que é um ódio que já estava aí... no Brasil sempre teve essa falsa cordialidade. Essa falsa civilidade não é? Só que, como os movimentos sociais andaram avançando, se organizando muito mais e ganhando mais visibilidade,

a gente tinha a falsa sensação, talvez, dentro das nossas bolhas, que a gente estava com o país se encaminhando para um lugar melhor. Mas aí foi só aparecer esse cara encarnando todos os ódios, que as pessoas se sentiram legitimadas e, agora, a gente está num caos que parece, que cada dia a gente cava um pouco mais fundo. É muito assustador.

AC Mas a gente não vai parar, isso não vai nos impedir de continuar, mas como a Marion falou, talvez, pensar estratégias de como continuar sem ser mortas... porque a gente não sabe

MV Ai, aimeu... sim!

AC Mas a gente não sabe...

Claro, que a gente ainda está nesse lugar do privilégio da academia, da arte, da branquitude...

AP Eu sempre recebi ameaças de morte não é? Risos Na verdade, por ser ativista e coisa e tal, no ano retrasado, eu acho, eu recebia muitas mensagens anônimas, não é? das pessoas me ameaçando, me chamando de sapatão, suja, não sei o que..., aí tu vai ver... E isso, pré-Bolsonaro, né? E de pessoas muitas vezes que, também, participam de movimentos de direitos humanos, mas que são anti-mulher. Então, ser feminista já era um lugar bem maldito assim, desse lugar que eu me coloco, de não fazer concessão. E, agora..., se eu já era ameaçada an-

tes, mas eu dava risada, porque, tipo, então vem, duvido, porque esses caras são macho atrás do computador, não é? E ainda macho que, às vezes, diz que não é, mas enfim...

MV Depois que teve aquele incidente, aquela coisa horrível no MAM em São Paulo, de um artista fazendo uma performance no museu e uma criança interagindo, né? Que deu toda aquela polêmica... Aquele trabalho se chamava... [La Bête], era sobre o Bicho de Lygia Clark. O artista estava neste lugar...

AC Wagner Schwartz!?

MV É. O bailarino...

AC É que fizeram uma foto, foi toda uma polêmica da

nudez! Fizeram uma foto da mãe com uma criança, sei lá, estavam passando e assistindo uma performance.

MV Não! É que, na performance, tu tinha que manipular... Como ela era inspirada nos Bichos da Lygia Clark, o corpo era... ele estava neste lugar do Bicho, do objeto da Lúcia Clark e a criança estava ali com a mãe e...

AP Encostou na canela ou no pé do guri...

MV É... e o que é o Bicho? É uma coisa que se desdobra, com dobradiças. Justamente, ele foi criado para a manipulação e então, este corpo estava aberto à manipulação. As pessoas estavam interagindo, quem queria, ia

lá, a mãe era bailarina também, ou colega dele..., ela e a filha [criança] foram fazer uma modificação no corpo dele, a partir desta ideia da Lygia Clark e [a polêmica foi uma criança mexendo num corpo masculino nu].

E um dos trabalhos que eu fiz dentro da tese de doutorado, trabalhava com captura de som destes objetos, dos Bichos da Lygia Clark, se chama Selva de Metal.

Porque, hoje, tu não pode mexer mais nas peças mesmo, não é? Tu não pode mais mexer nos Bichos da Lygia Clark. Então, tem réplicas que foram feitas e aí tu manipula as réplicas. Essas réplicas produzem um som, um ruído, não sei se pelo metal ou pela dobradiça que usaram

e eu fiquei muito interessada nestes sons e fui fazer a captura.

O que eu quero dizer com isso é, então, eu fiz este trabalho e mostro no YouTube [o processo desta] a captura destes sons, eu manipulando estas obras e a peça está lá.

E neste período que aconteceu isto, o meu trabalho foi rastreado, acho que colocaram [na Internet] Bichos-Lygia-Clark e apareceu o meu trabalho... e umas pessoas entraram e mandaram mensagens assim: - É esse lixo que vocês chamam de arte? Em caixa alta, sabe? Um monte de coisa..., uns eu deletei. E tinha mais gente falando disso..., Parecia texto de homem...

Eu pensei, gente! Como assim? O meu trabalho é sono-

ro! não tem nada e tudo isso foi desdobrado daquela performance do corpo..., caiu na minha performance sonora sobre os Bichos da Lygia Clark que é um clássico de 1960, né? Ela ganhou prêmio em Bienal com este...

AP Botou o Brasil no mapa internacional.

MV Muito sinistro

AP E agora está tendo isso... e a gente está sendo pautado por moralismo de ator pornô. Este é o grau de surrealismo que a gente chegou no Brasil, agora.

MV Sim, o moço Frota que ganhou a eleição em São Paulo como deputado federal, né? vai lá, ele e... a Melchionna!

AP Ela vai ter que aguentar aquele cara...

A Fernanda Melchiona vai ter que segurar isso.

JP Pode crer...

MV Obrigada!

JP Então, eu queria finalizar... Muito obrigada, muito obrigada por tudo, eu queria que esta conversa pudesse durar muito mais tempo... a gente conversou por uma hora e pouco...

MV Oba!

JP mas é isso, não sei se vocês querem dizer mais alguma coisa...

AC A gente quer te agradecer!

AP Agradecer a todo o pessoal que foi ontem na nossa performance. Ou quem queria ir e não conseguiu, também, mas muito legal voltar aqui a Pelotas e reencontrar o pessoal e todo o apoio que a gente recebeu também da...

MV ...wda UFPEL, da Galeria, da Kelly.

AP Da UFPEL! Valeu, Kelly!

JP Então é isso. Então, tá.



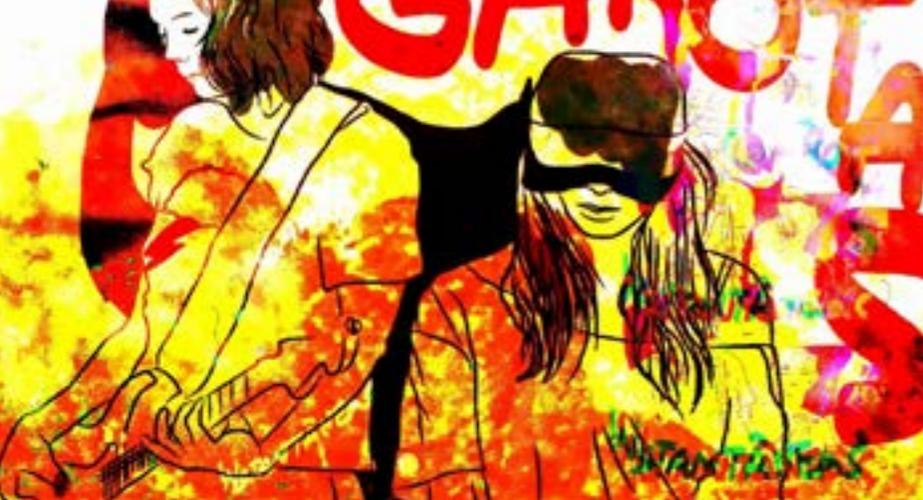


Foto | Alice Porto

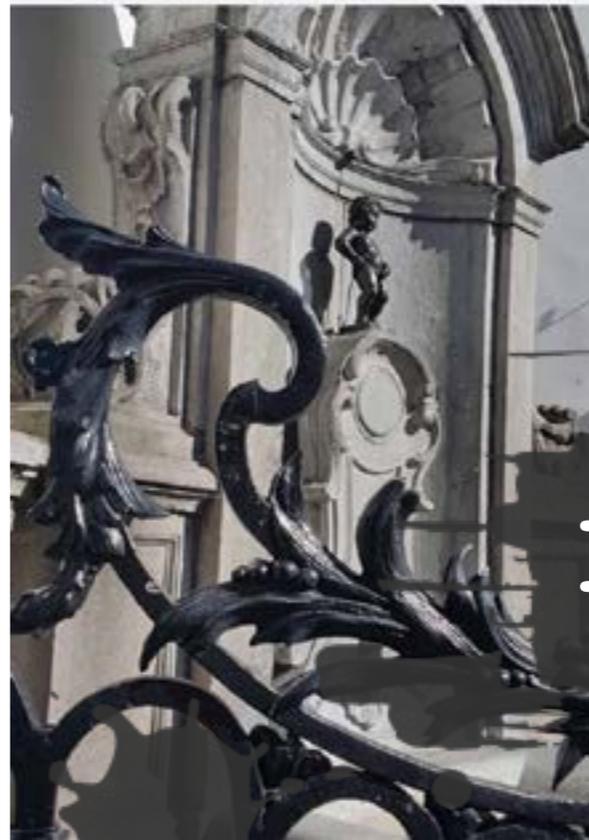
O ícone: Manóben Pia, um dos monumentos mais decepcionantes do mundo? Fiquei sabendo que ele simboliza o espírito belga de micro subversões cotidianas, apenas o melhor simbolismo e a certeza de que vim pro lugar certo.

29

5- **Projeto YOKO** 1ª ed. | BRONZE Residência

6- **Penduricalho** | Ação entre Porto Alegre, Brasil <> Bruxelas, Bélgica | Estúdio Sangha

7- **APARIÇÃO** | Encerramento (não-oficial) da 27ª ed. Festival Porto Alegre em Cena | BRONZE Residência



performances

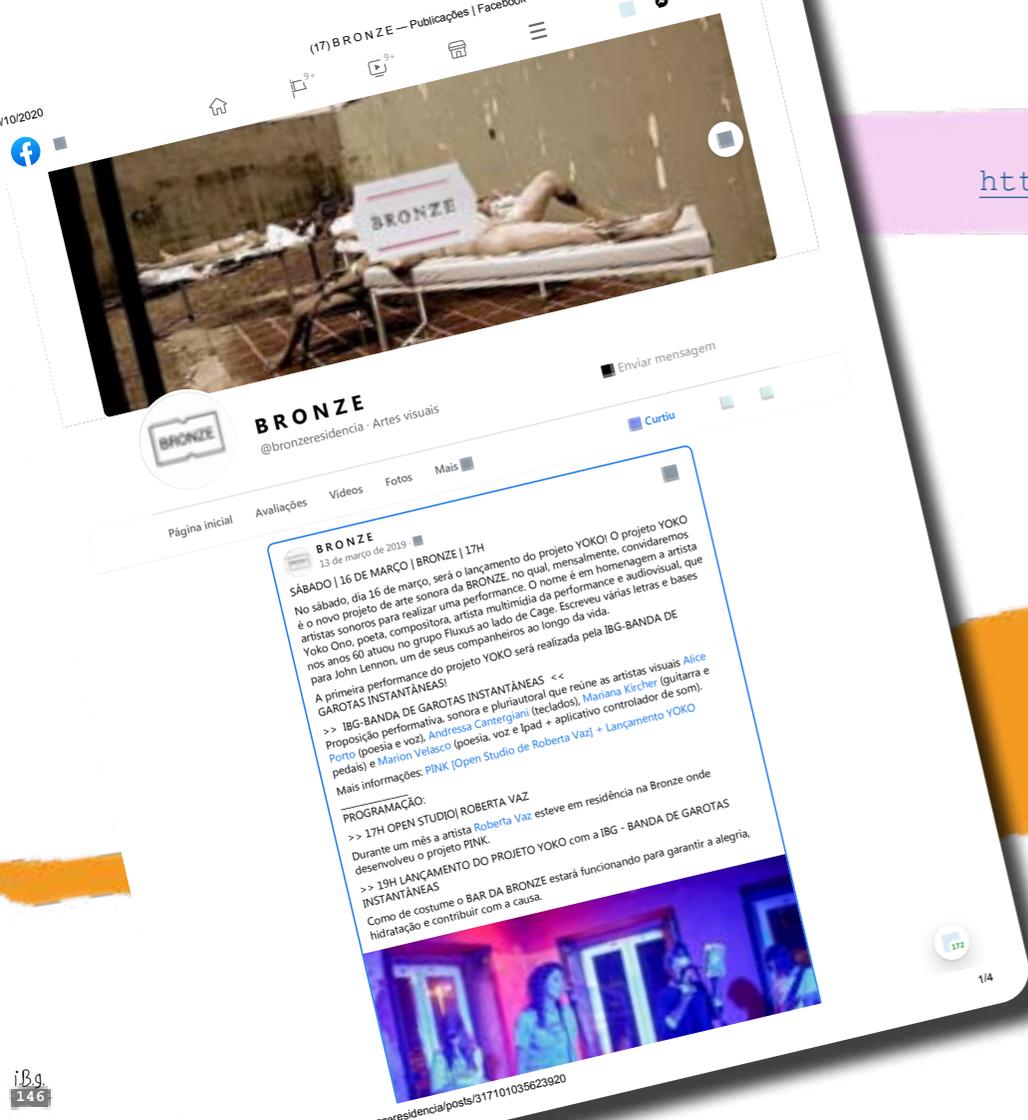
PROJETO YOKO 1ª EDIÇÃO | BRONZE RESIDÊNCIA

16/03/19



Foto | Alice Porto





<https://youtu.be/AF0f3KtK5wI>

PROJETO YOKO #1

Esta performance ao vivo, marcou o lançamento do projeto YOKO. No setlist das Instantâneas estava a 1ª versão da peça sonora Penduricalho. O registro sonoro (45') desta performance encontra-se no mixcloud.com.

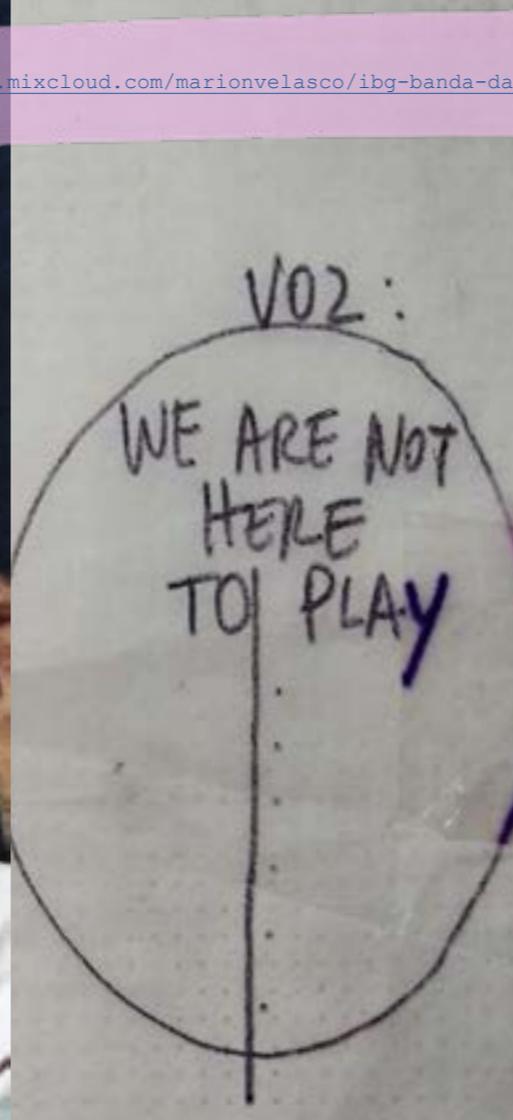
O projeto de Arte Sonora da BRONZE Residência teve

outras edições e o nome presta uma homenagem à YOKO ONO_ artista visual, poeta, performer, cantora e compositora que promoveu encontros com ações que mesclavam os campos da arte, em seu apartamento em NYC, no final de 1950, além de integrar o Grupo Fluxus e colaborar com artistas como John Cage, La Monte Young e John Lennon.

Neste dia, também aconteceu o Open Studio/Exposição PINK, resultado da residência artística de Roberta Vaz.



<https://www.mixcloud.com/marionvelasco/ibg-banda-das-garotas-instantaneas/>



BRONZE está com **Andressa Cantergiani e Fernanda Medeiros**.
18 de mar. de 2019 · 🌐

Obrigada a tod@s que vieram no Open Studio de Roberta Vaz (@robbievaz) e Lançamento do projeto YOKO com a performance da IGB-Banda de garotas Instantâneas



NAS REDES

facebook.com/instantbandgirls/photos/pcb.2376118715964696/2376118619298039/



Banda de Garotas Instantâneas - IBG.
17 de março de 2019 · 🌐

Partituras de Andressa

Turbinamento indisponível Editar

👍 Curtir 🗨️ Comenta ➦ Compartilha

Comentar como Ban... 🗨️ 📷 📧 📧



14/03/2019 (2) PINK [Open Studio de Roberta Vaz] + Lançamento YOKO

Pesquisar Marion Página inicial Criar 1 1

Eventos

Eventos Calendário 18

PINK [Open Studio de Roberta Vaz] + Lançamento YOKO

Aniversários Descobrir Organizando

[Criar evento](#)

MAR 16 PINK [Open Studio de Roberta Vaz] + Lançamento YOKO

Público · Organizado por **BRONZE**

[Comparecer](#) [Compartilhar](#)

Sábado de 17:00 a 22:00
Daqui a 2 dias · 21–29°C Muita nebulosidade

Bronzeresidência Rua Duque de Caxias 444, Porto Alegre, Rio Grande do Sul [Exibir mapa](#)

Organizado por **BRONZE** [Enviar uma mensagem ao organizador](#)

Gratuito

Convidado por **Andressa Cantergiani**

[Sobre](#) [Discussão](#)

88 comparecerão · 149 interessados

Eventos relacionados [Ver mais](#)

Corpo Espetáculo
Amanhã em Casa Baka
9 amigos confirmaram presença
[Tenho interesse](#) · [Comparecer](#)

Exposição "Vontade Aleatória..."
Qui, 21 de mar em Casa Musgo
13 amigos confirmaram presença
[Tenho interesse](#) · [Comparecer](#)

Abertura da exposição "Acerv..."
Sábado em MARGS
12 amigos confirmaram presença
[Tenho interesse](#) · [Comparecer](#)

Festa de aniversário, abertura...
Sábado em galeria hipotética
16 amigos confirmaram presença
[Tenho interesse](#) · [Comparecer](#)

Uberbau_house - OpenCall / ...
Dom, 31 de mar em Uberbau_h...
Monica Lopes Galvão confirmo...
[Tenho interesse](#) · [Comparecer](#)

Oficina: Literatura de Paisagem
Seg, 25 de mar em Fora da Asa...
274 convidados
[Tenho interesse](#) · [Comparecer](#)

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France)

[Privacidade](#) · [Termos](#) · [Anúncios](#) · [Opções de anúncio](#) · [Cookies](#) · [Mais](#)
Facebook © 2019

SUAS PÁGINAS **VER TUDO**

[Instant Band Grrris - IBG.](#)

[AdVenture](#) 9

[Marion Velasco](#) 9

CONTATOS

[Ricardo Romanoff](#)

[Joe Joeblack Prates](#)

[Andressa Cantergiani](#)

[Alice Porto](#)

[Marcelo Birk](#)

[Tula Anagnostopoulos](#)

[Daniela Távora](#)

[Valeria Brandini](#)

CONVERSAS EM GRUPO

[Alice, Andressa, Mari...](#)

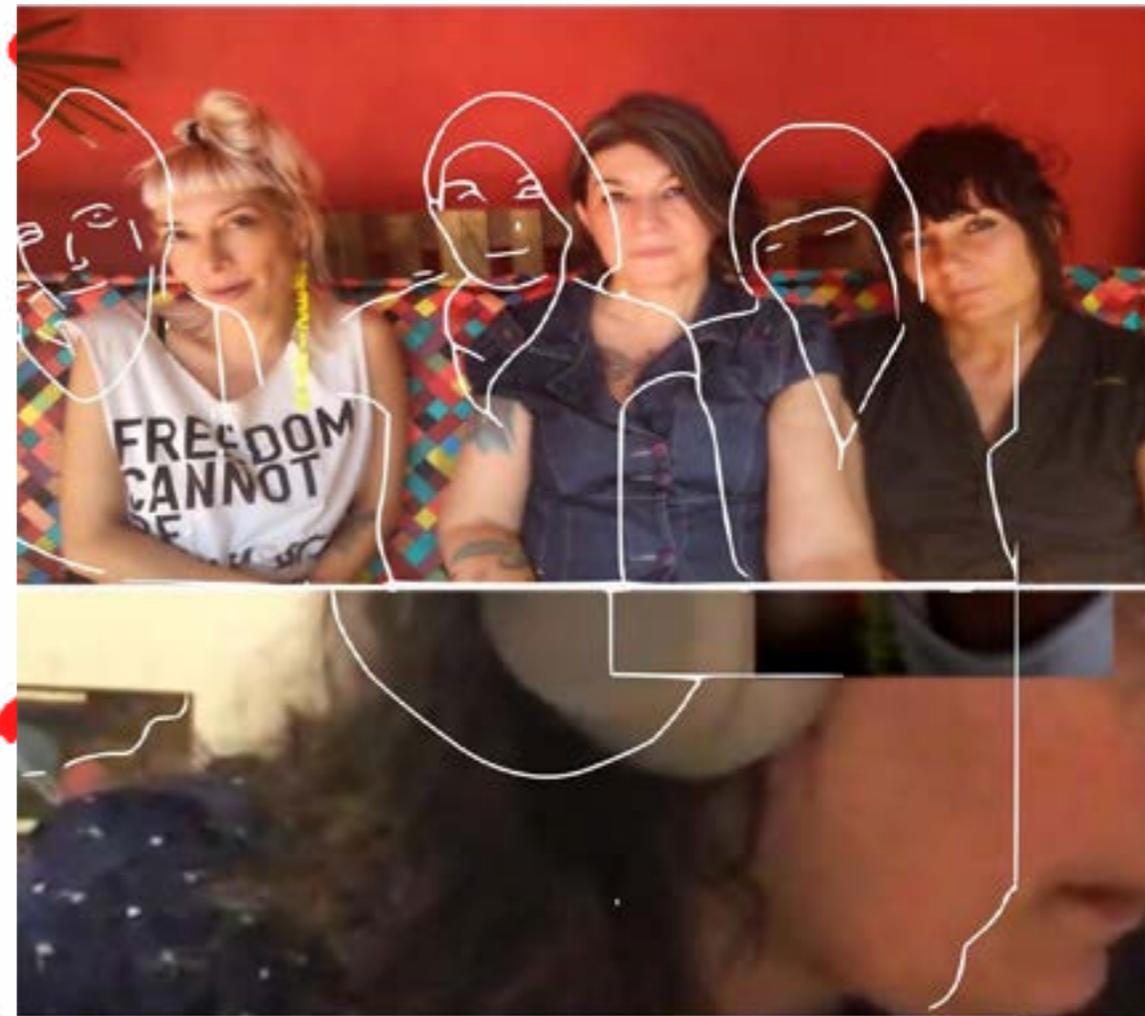
[Pesquisar](#)

<https://www.facebook.com/events/573544583149656/>

1/5

PENDURICALHO | PORTO ALEGRE<>BRUXELAS | ESTÚDIO SANGHA

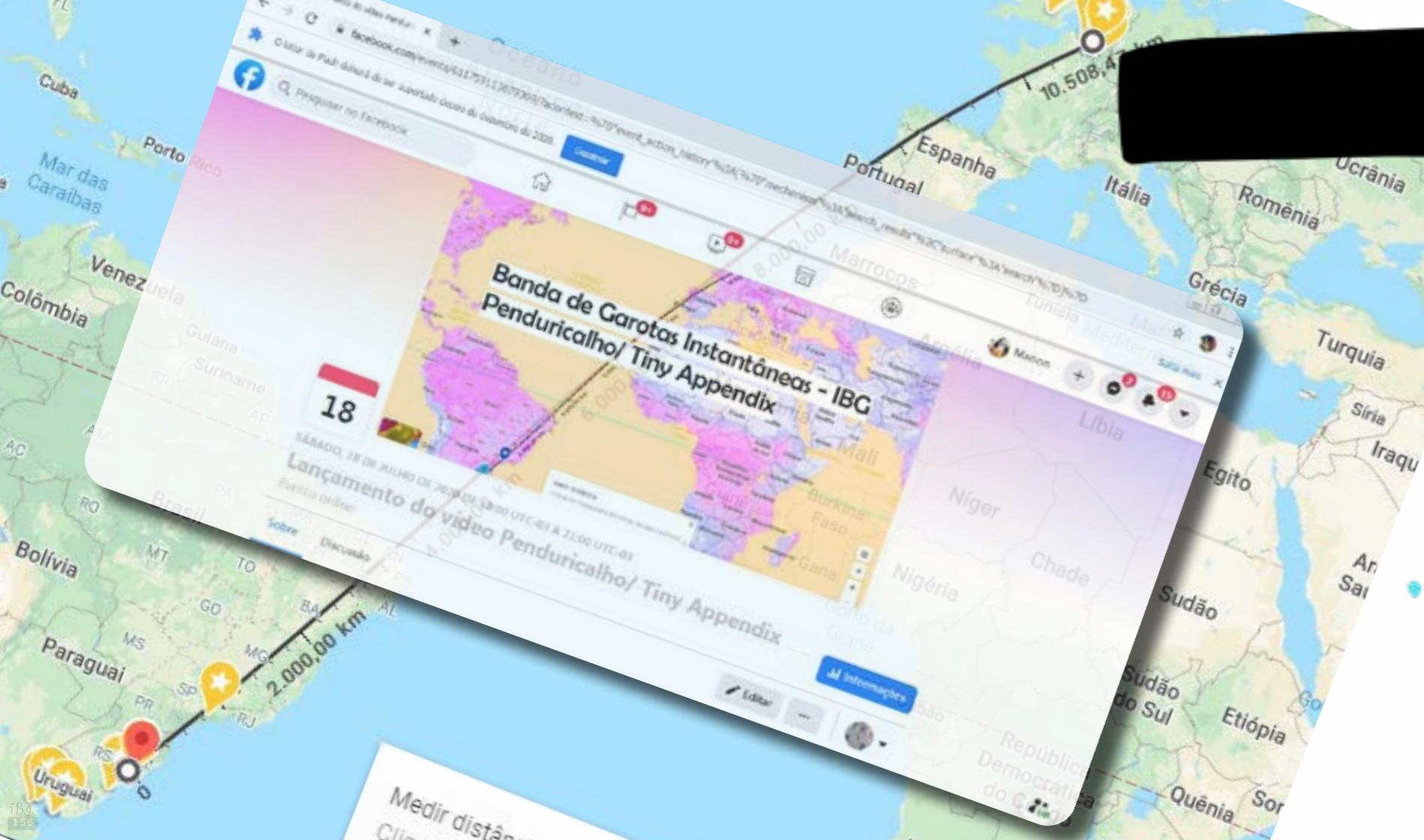
17/02/20 a 18/07/20



PENDURICALHO | TINY APPENDIX

É uma ação da **Banda de Garotas Instantâneas - IBG**, realizada por Marion Velasco (bases eletrônicas), Alice Porto (poesia, voz, desenhos e fotografias), Mariana Kircher (guitarra e pedais), Andressa Cantergiani (teclados) e Carol Grimm (projeção de imagens, montagem e edição de vídeo), que ocorreu no cruzamento audiovisual e poético remoto entre as cidades de Porto Alegre, Brasil e Bruxelas, Bélgica, no período de 17/02 até 18/07/20. A ação/transmissão de Penduricalho ao vivo|remota no Estúdio Sangha aconteceu no dia 11/03/20.

Marion, Mariana, Andressa e Carol se encontraram no *Estúdio Sangha*, em Porto Alegre, para performar com som e imagens projetadas junto à presença remota de Alice, que, através de um celular instalado em um pedestal para microfones, conectado por videochamada no *WhatsApp*, desde Bruxelas, recitou sua poesia em inglês. Simultaneamente, Alice lançou uma proposta no seu perfil no Facebook para tradução da palavra título "penduricalho", em busca de uma adaptação para o texto esboçado a partir de um fragmento de discussão feminista nas redes sociais, que propunha uma sátira à auto importância falocêntrica nas relações cotidianas e



agregava vocabulários e imaginários emprestados de uma rede de escrita, reflexão e humor coletiva. O texto foi reescrito em Bruxelas em uma atualização provocada pela mudança de contexto sociocultural, manifesto tanto nas relações interpessoais quanto na paisagem, nos monumentos e na experiência do espaço urbano.

O processo de criação das melodias, frases e ruídos da guitarra ocorre sempre de improviso, a partir da base eletrônica, de forma minimalista, experimental, usando distorções e *loopings* de melodias, para criar uma atmosfera hipnótica e, às vezes, perturbadora, com influência das bandas de *krautrock*, *eletrorock* e *eletropunk*.

Os teclados tiveram influência das bandas de *electro* dos anos 90 e 2000, assim como do *punk*, do *techno* e do *house*. As bases são cruas e de poucas notas com sintetizadores. Para conversar com a base eletrônica, mais dançante, foram compostas três bases,

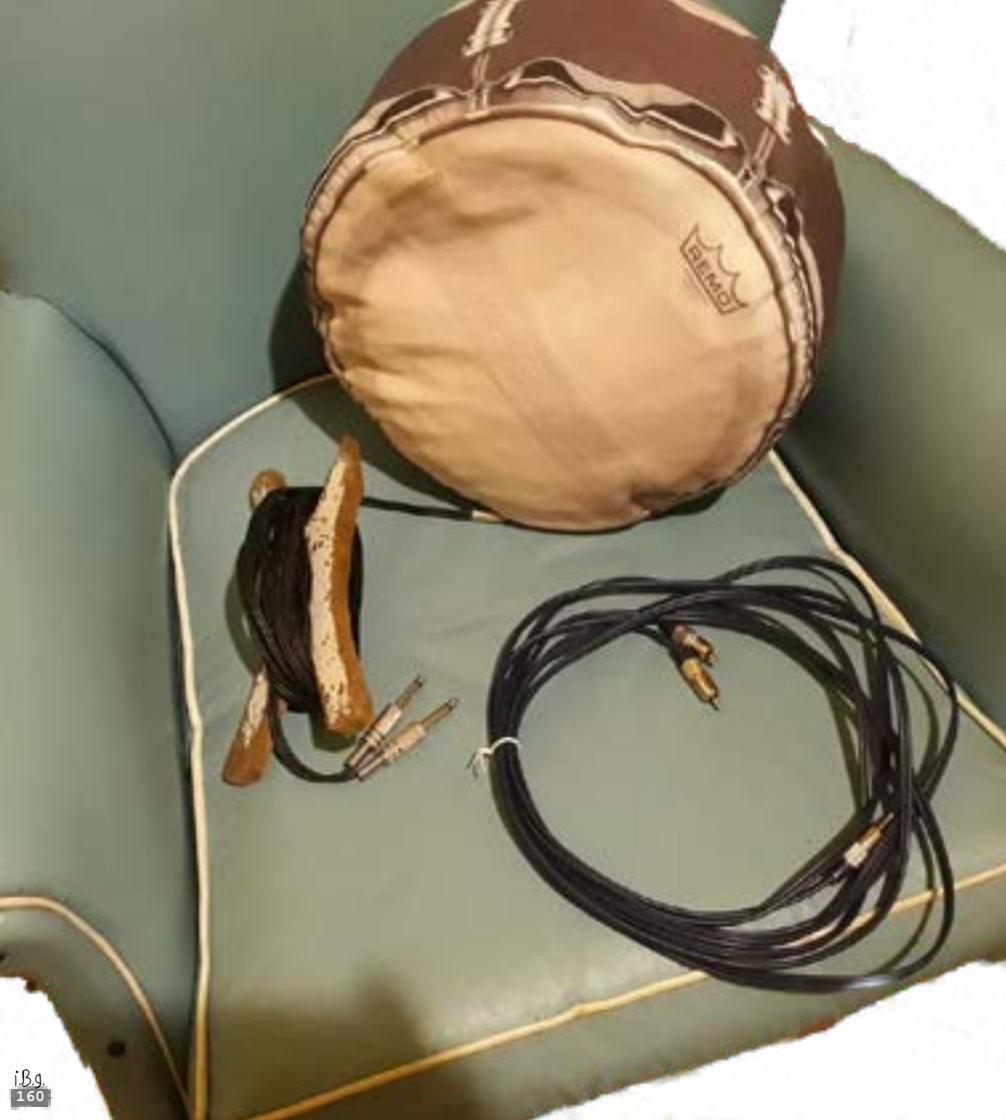
variações com escalas menores, que reforçam a atmosfera *house techno*.

A base eletrônica que corresponde ao som grave dos baixos, ao ritmo das baterias e aos samples com efeitos de voz e ruídos foi criada no app *Novation* e tocada ao vivo com *Ipad*. O processo de criação se baseou numa busca intuitiva, aural, no próprio aplicativo, das linhas de baixo, entradas e saídas de batidas ritmadas que se conectam à primeira versão da poesia, que havia sido tocada uma única vez, ao vivo, no lançamento do *Projeto YOKO*, na *Bronze Residência* (Porto Alegre, 2019). Essa poesia se dividia em três partes. Por conta disso, a base eletrônica ganhou três atmosferas distintas, uma para cada parte da poesia. Em *Penduricalho*, o subgênero musical escolhido foi o *Techno House*, com o batimento do pop e ou cardíaco, de 100Bpm e os *samples* usados foram: *Coxick* (ou *coccyx*), *Autobahn*, *Tribal Friend*, *Swamp*, *Shuffling*, *Giorgio Bass*, *Slightly Odd*. Além da sonoridade, esses nomes instigam a imaginação e isso, também, serviu à composição.



Ao criar esta ponte que conecta com sons, ruídos e *delay*, 10,508 km de distância, desde o quarto da república multinacional de artistas *Les Présidents*, onde Alice residiu durante o estágio de doutorado sanduíche e o estúdio de gravação na zona norte de Porto Alegre, atravessada, ainda, por dezenas de participantes de lugares diversos do Brasil e do mundo, que sugeriram adaptações no texto - dois dias antes do início do *lockdown* na Bélgica e a uma semana da quarentena no Brasil, a ação antecipava uma estratégia de produção por participação remota, mediada por aplicativos, que viria a se popularizar durante a quarentena da pandemia de *Covid19*.

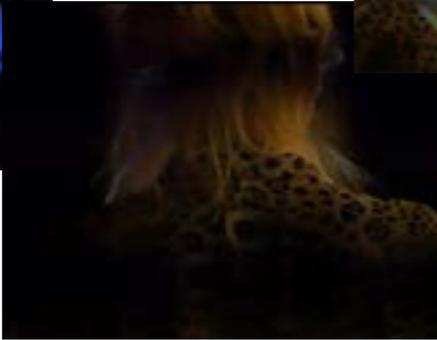
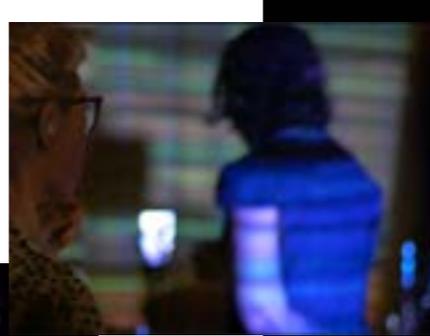
Em Porto Alegre, a ação contou com a projeção de imagens, bem



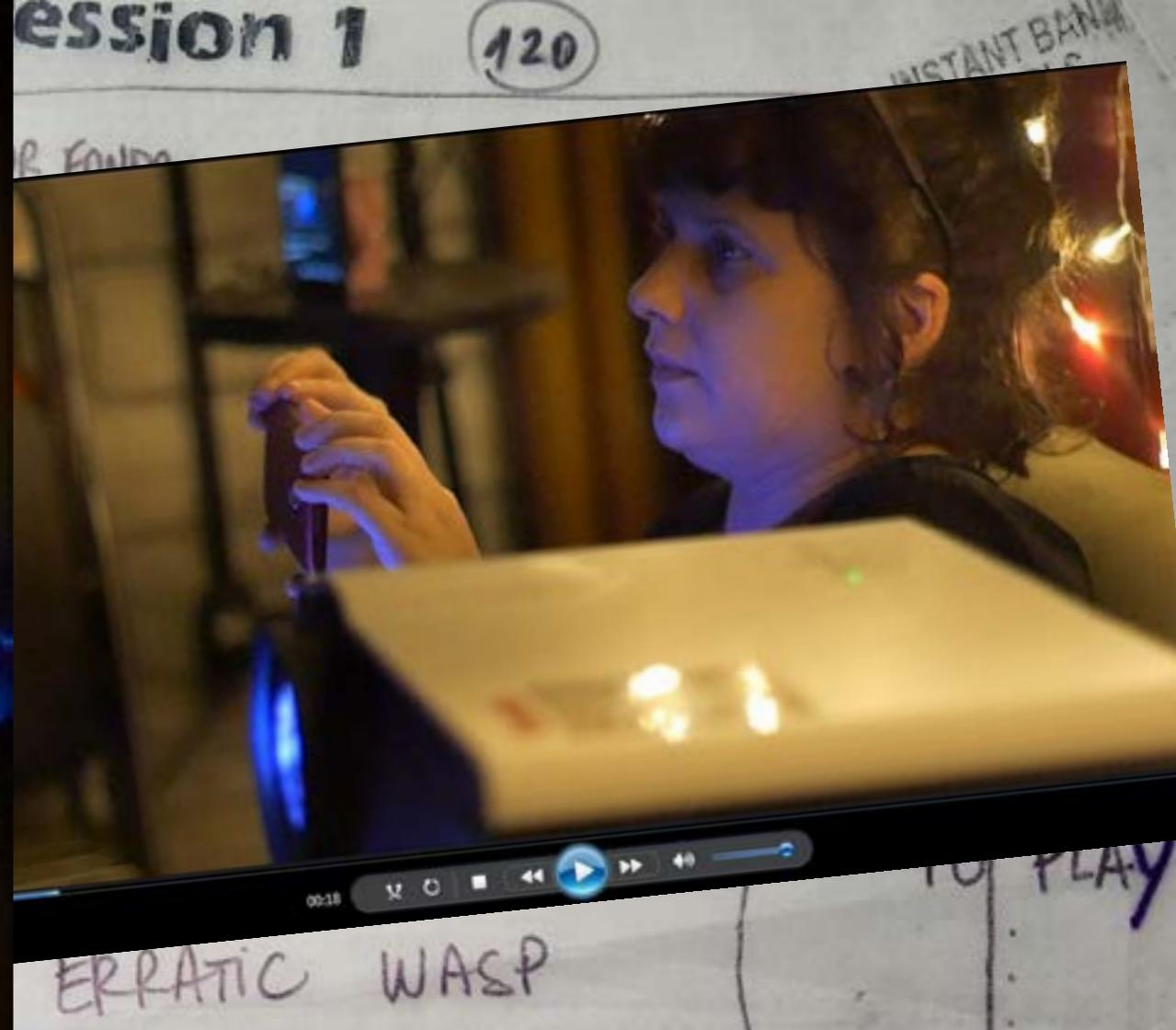
como, a montagem e edição do vídeo de Carol Grimm. A captação das imagens no *Estúdio Sangha* (Porto Alegre/BR), a transmissão simultânea (live) entre as cidades, a gravação e mixagem sonora foi do produtor musical Alexandre Birck. As fotografias, desenhos e captação de imagens na república *Les Présidents* (Ixelles, Bruxelas/BE) e na cidade, são de Alice Porto, que viajou e produziu essa ação com apoio do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais/Instituto de Artes da UFRGS, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal no Nível Superior (CAPES), LUCA School of Arts, Campus Sint-Lucas (Bruxelas/BE) e Katholieke Universiteit Leuven (Lovaina/BE).

A participação simultânea com sugestões de sinônimos para “penduricalho” nas redes sociais, contou com: José Rafael Bordin, Thays Prado, Felipe Leitão, Patricia Gondeck, Bacchieri Duarte, Adriana Sth, Anna Diniz, Tami Iris, Ligia Audibert, Welber Luiz, Natália Telha, Jai T Junior, Raquel Ebert, Julia Arostegi, Thiago Heinemann Rodeghiero, Carolina Christino, Ana Trevisan, Júlio Quadros, Anderson Almeida, Di Siqueira, Arthur Oliveira.



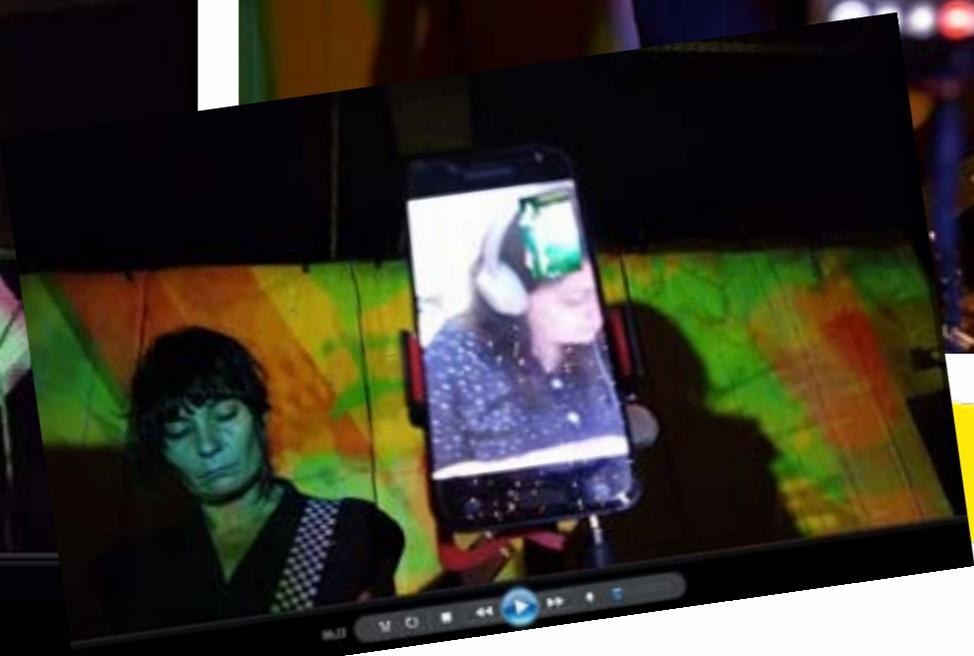












02:21





100

VOCÊS ...

E EU ...

~~...~~ ...

TENHO UMA
METRALHADA
SILENCIOSA

A 2245
METRALHADA
SILENCIOSA

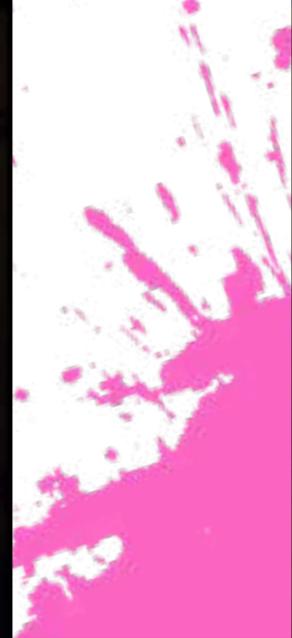
LIRICALHO
house

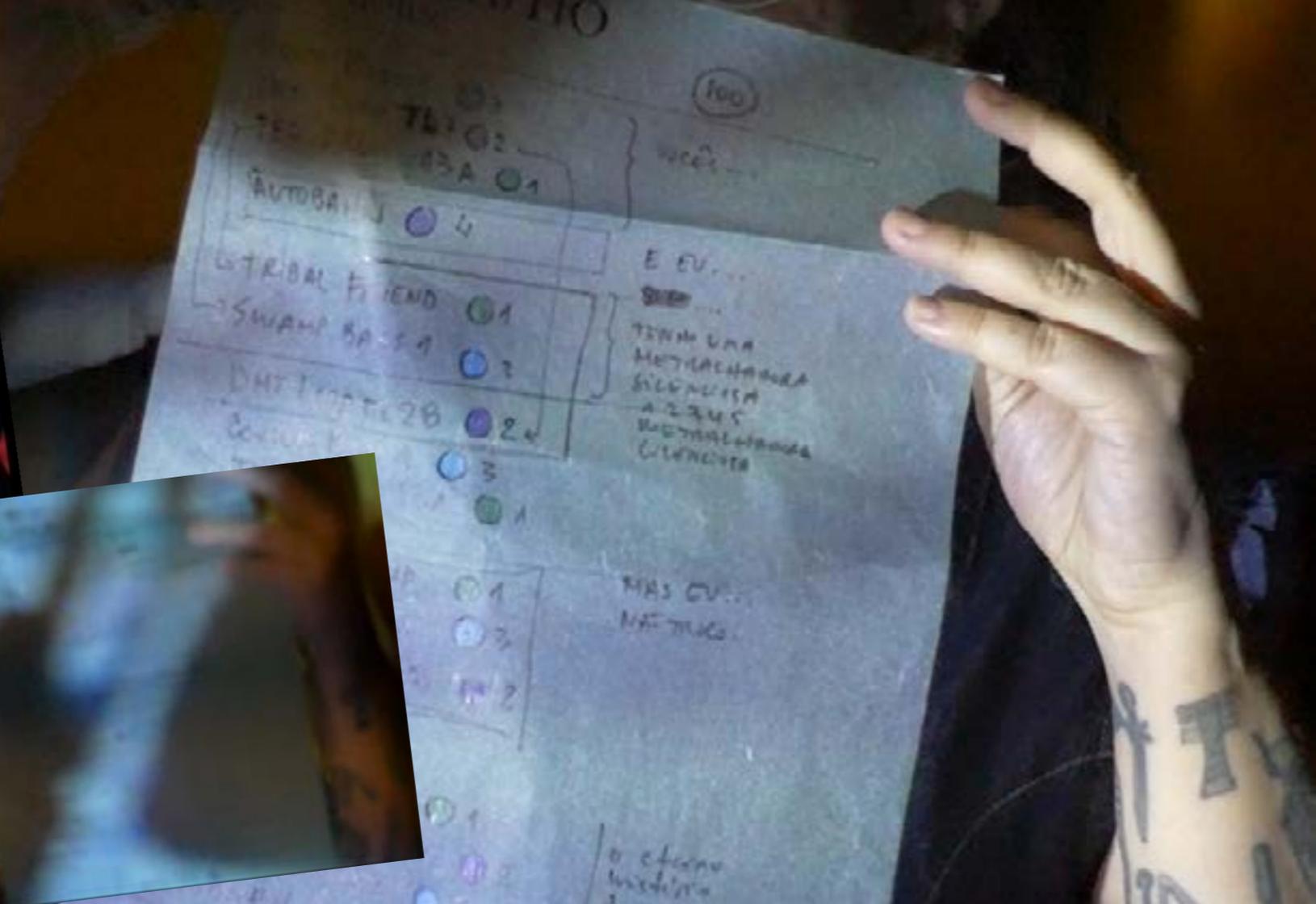
Bass 1

FREEDOM
CANNOT
BE
SIMULATED



APERTURE: Resolum
slightly UDDPUM
RESOPUM
(FIM)





TELEFON	TL 02	03A 01	100
AUTOBANGUN	4		E EV...
UTRIBAL FRIEND	01		SIB...
SWAMP 8A-11	2		TINAM UNA
DHT TMTL 28	24		METALHARANGA
	3		SILVANIA
	1		A 2345
			BUTALHARANGA
			WILHARANGA

MAS CV...
MATTUG...

o etano
misteri

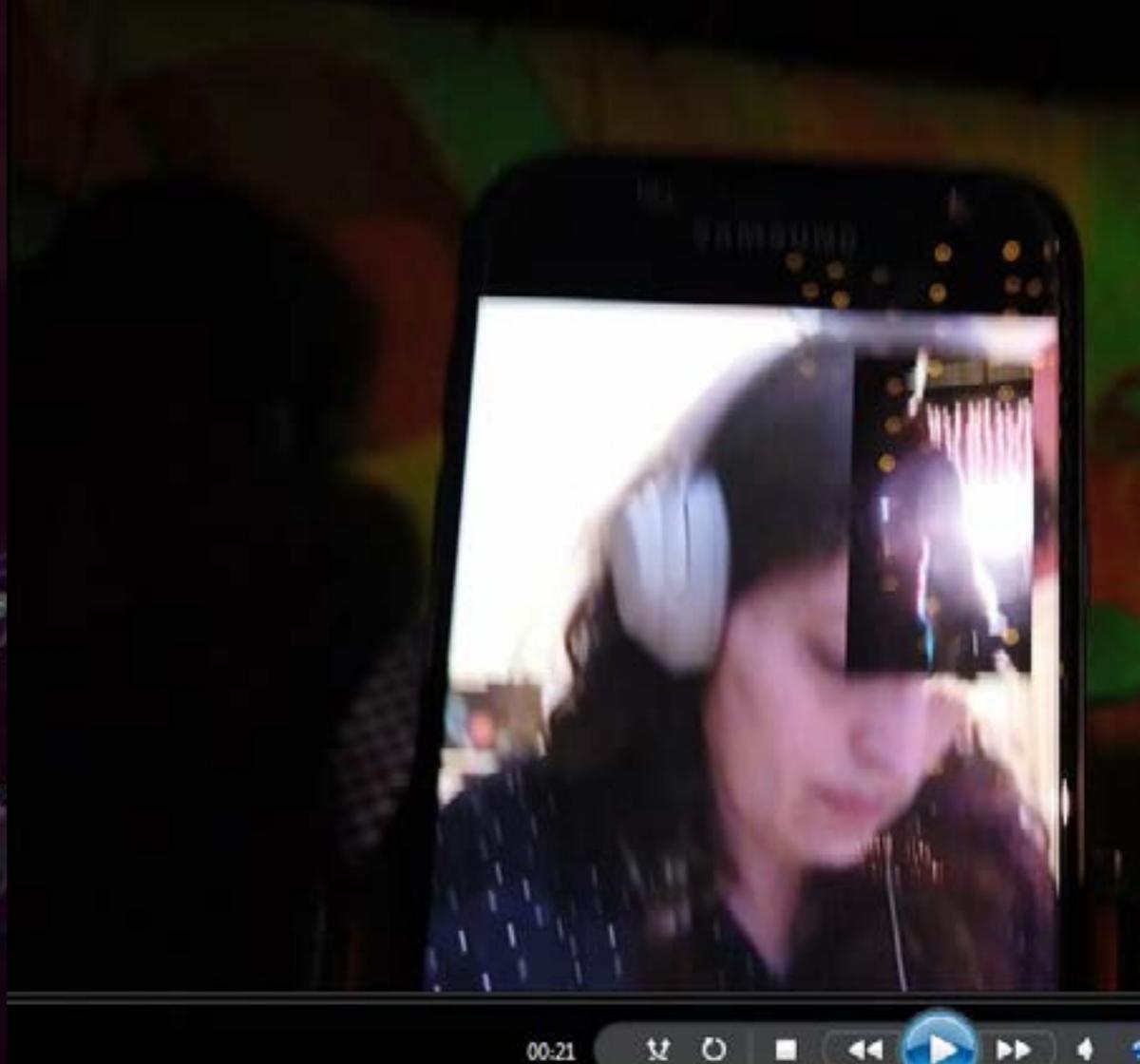


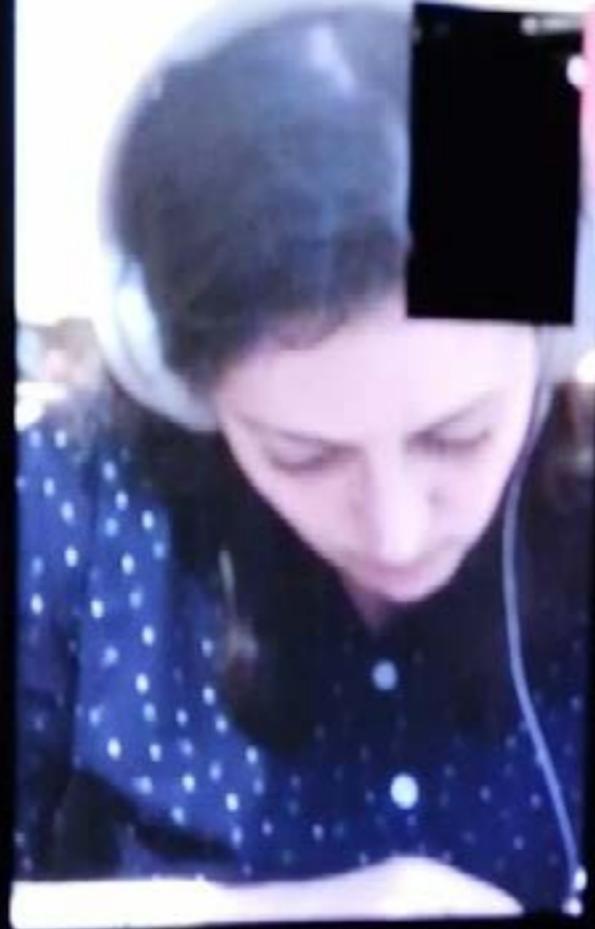




L28 2
LILENCIOSA

TL7 2
mistério do xixi





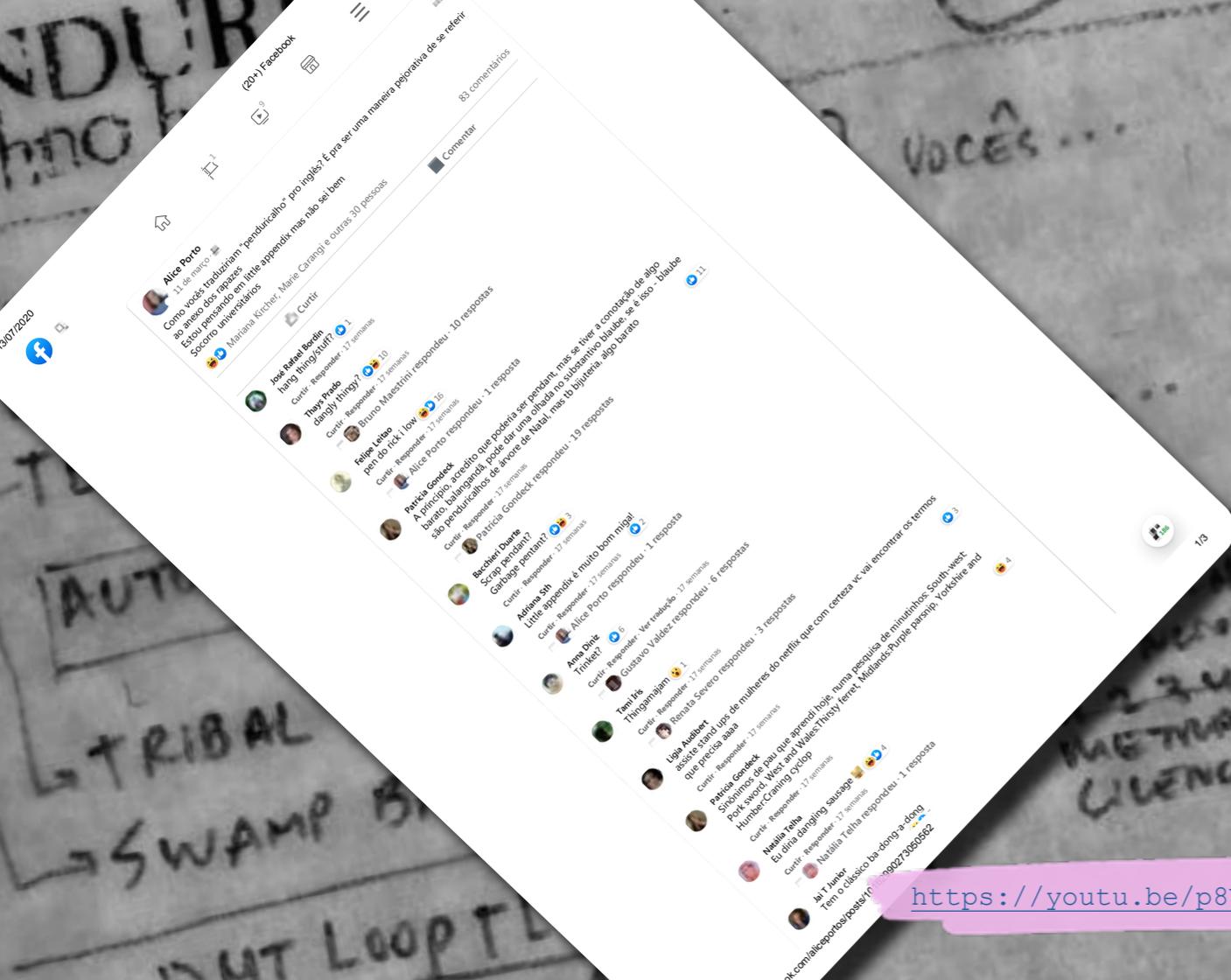
MELODIC ERRATIC
LUNDER











<https://youtu.be/p8VU9cNdXQM>

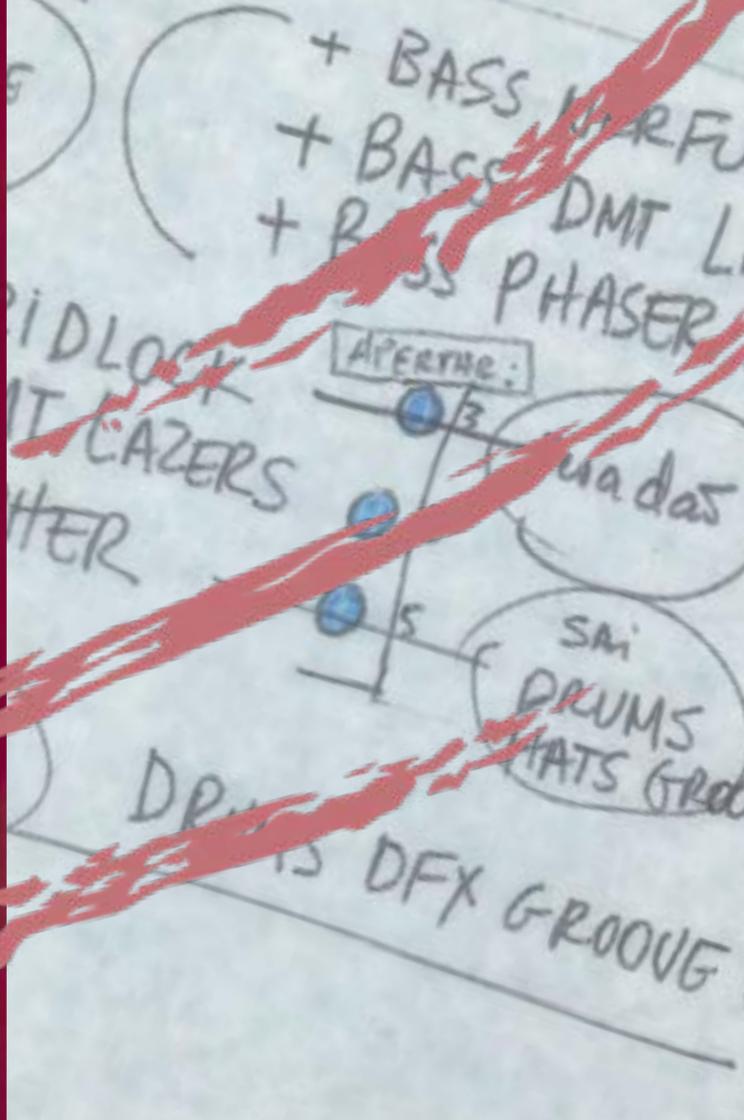


ESSE PENDURICALHO



IT IS NEVER AS GREAT AS YOU THINK

AND I BET IT MUST BE FUN





MAN
dub step

DRUMS	HATS
DRUMS	DFX
BASS	HR
BASS	DMT
Reggae	GAM
	CNN
	MEL

ARTAR:

A E

+ L

+ B

+ BA

PRIN

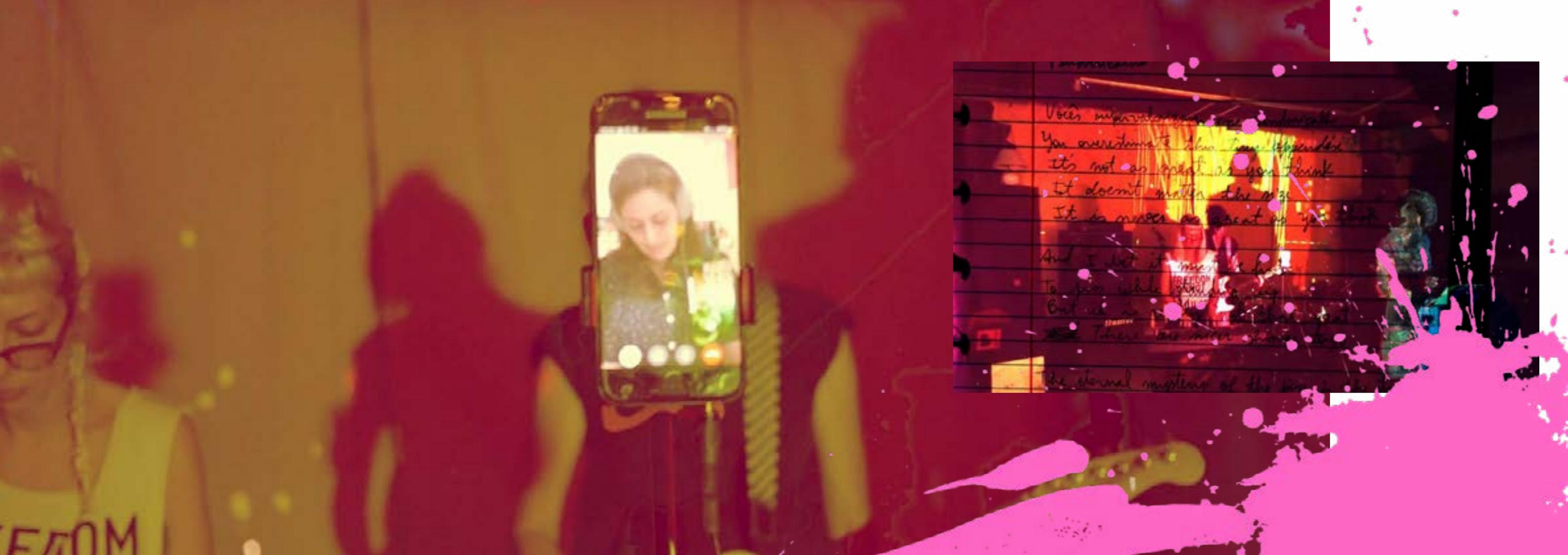






Pendorralho

Você supervaloriza esse pendorralho
You overestimate this thing appendix
It's not as great as you think
It doesn't matter the size
It is never as great as you think



Voices whispering in my mind
You overestimate how long I'll last
It's not as great as you think
It doesn't matter who you are
It is never as great as you think
And I bet it never will be
To you while you're still here
But we're in the same boat
There are never any winners
The eternal mystery of the sea



dangly daisy

trinket

dangly sausage

to hot like

teeny weeny scurvy little

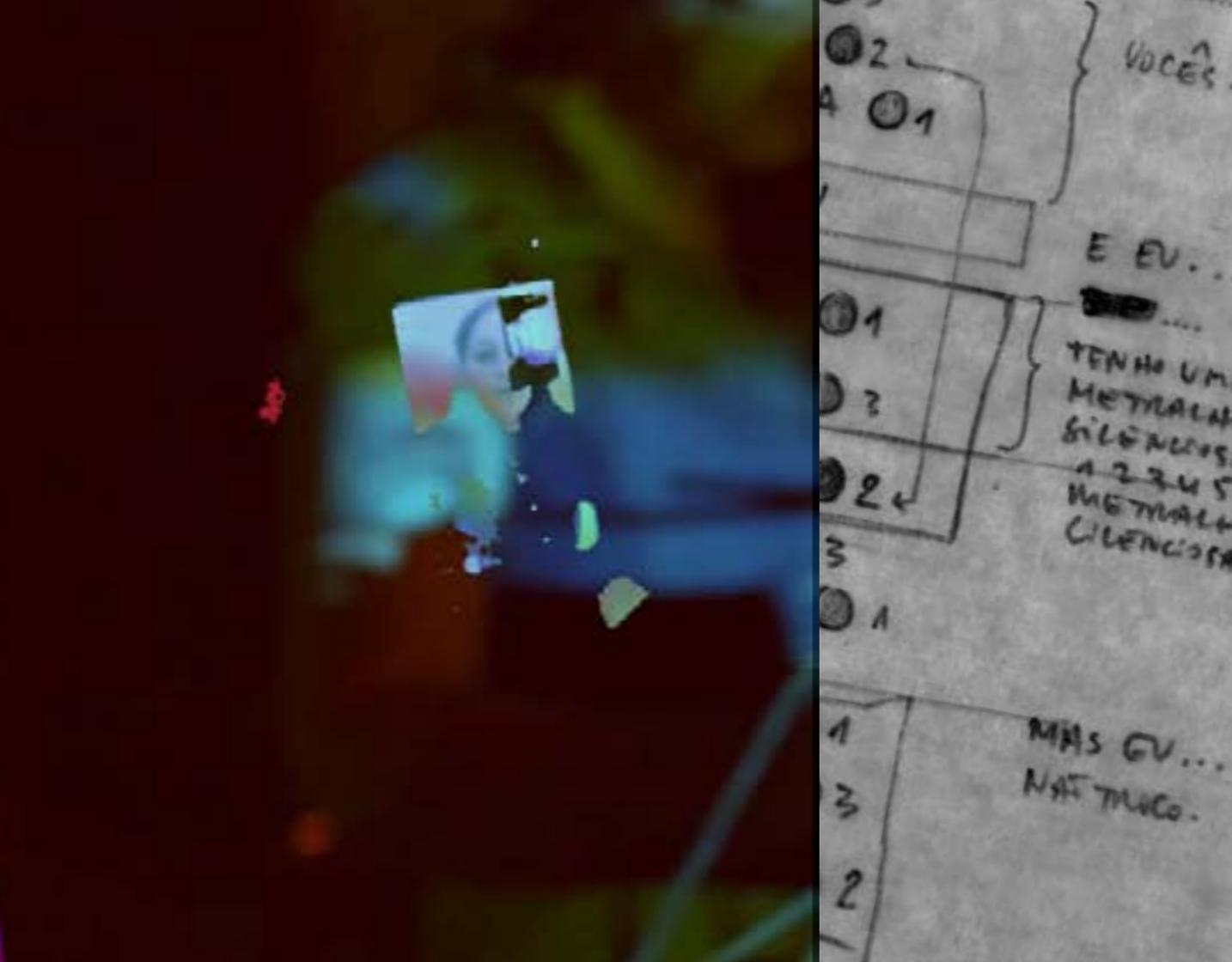
knick knack

baby snott

EDOM





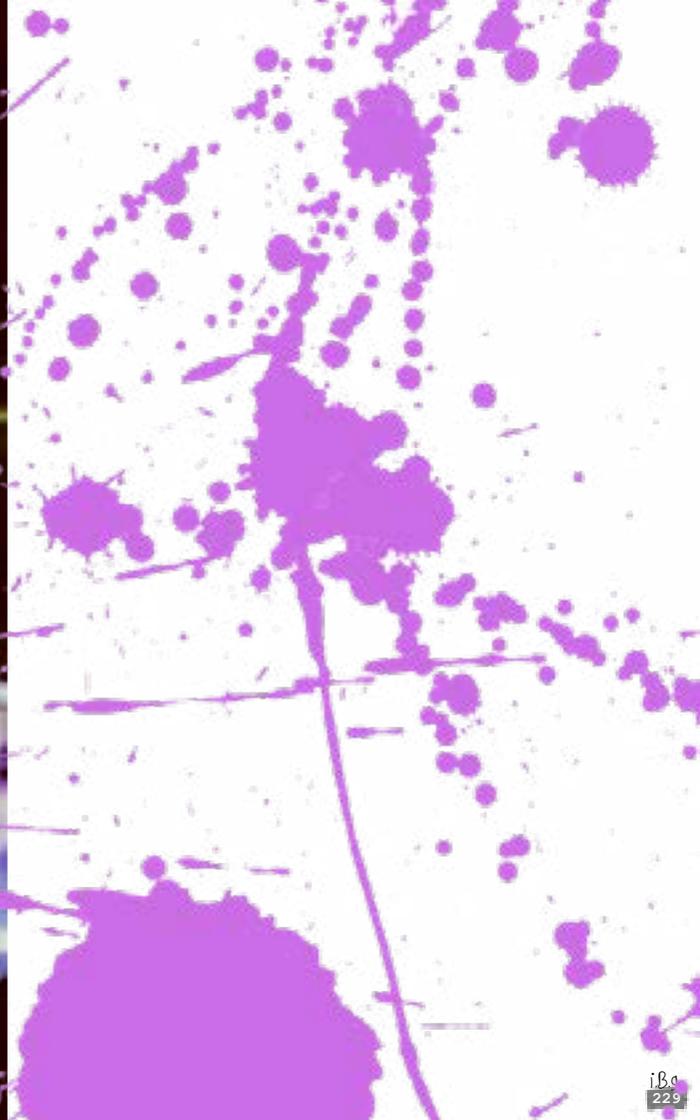
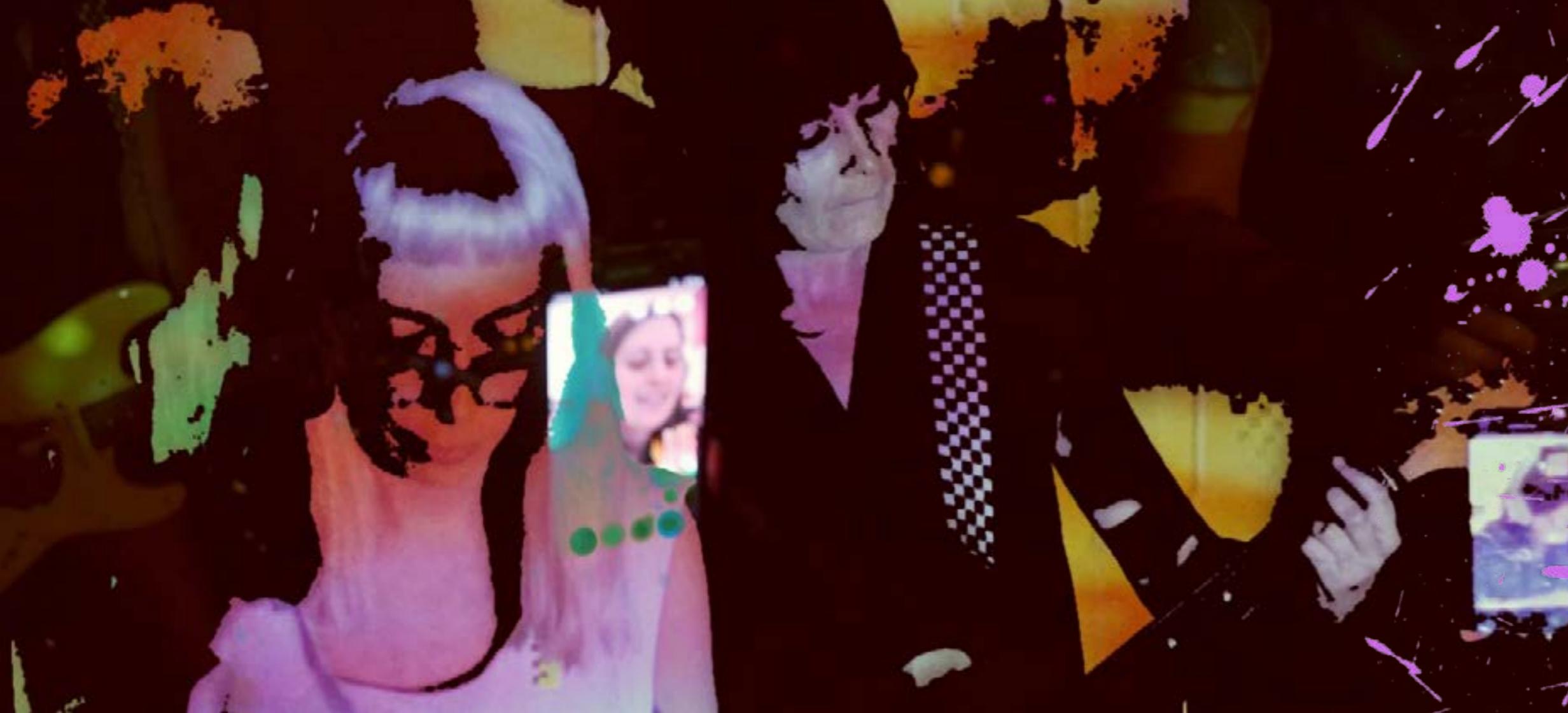


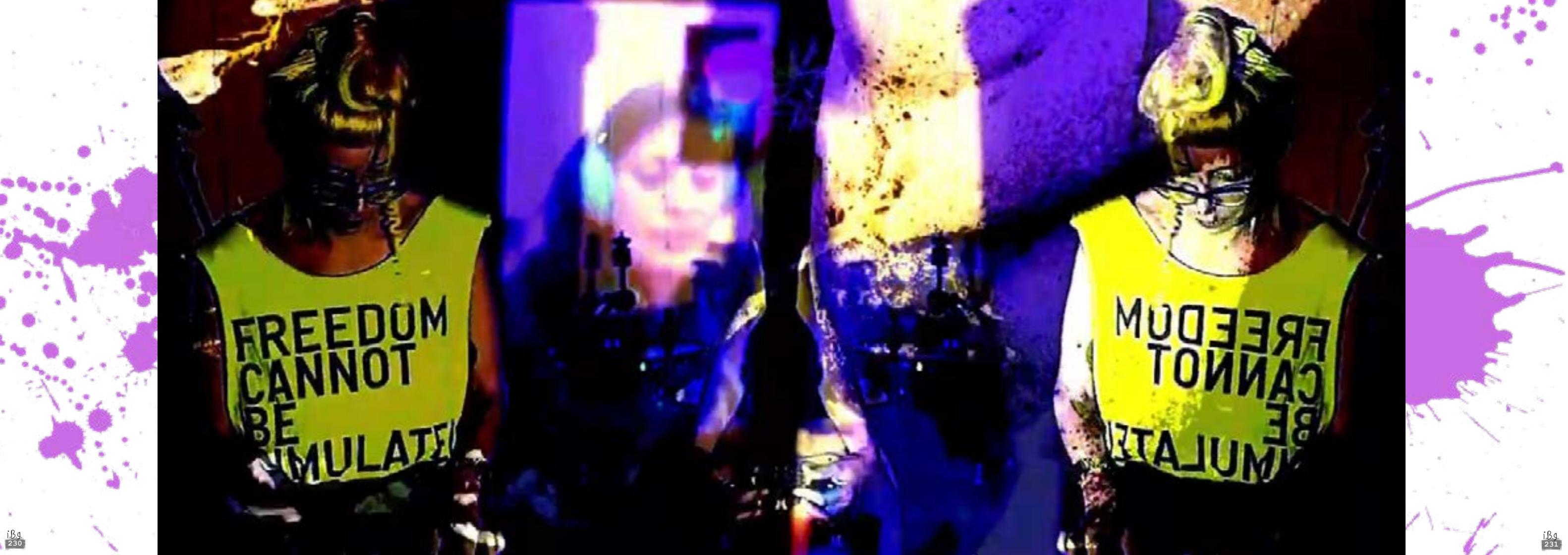


AL FRIEND ① 1
MP BASS 1 ① 3
Loop TL 28 ② 2
K BASS 1 ① 3
DRUM 13A ① 1

FRIEND ① 1
BASS ② 3
oop TL 28 ② 2

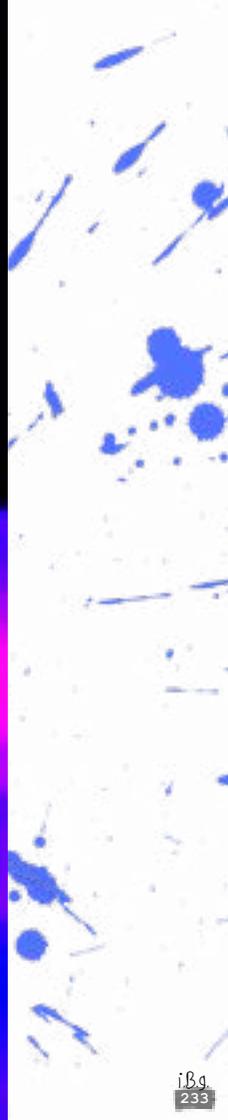
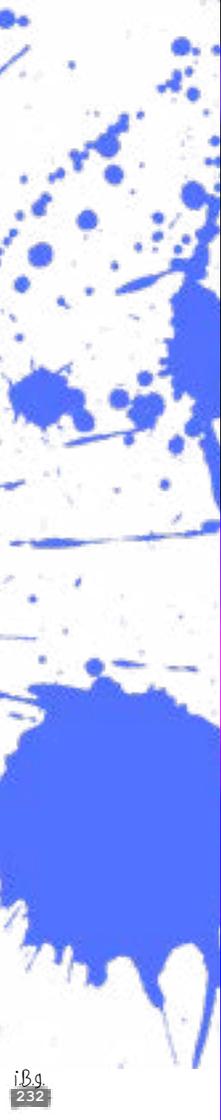
COW ① 1
P TL 7 ② 2
ASS 2 ③ 3





FREEDOM
CANNOT
BE
SIMULATED

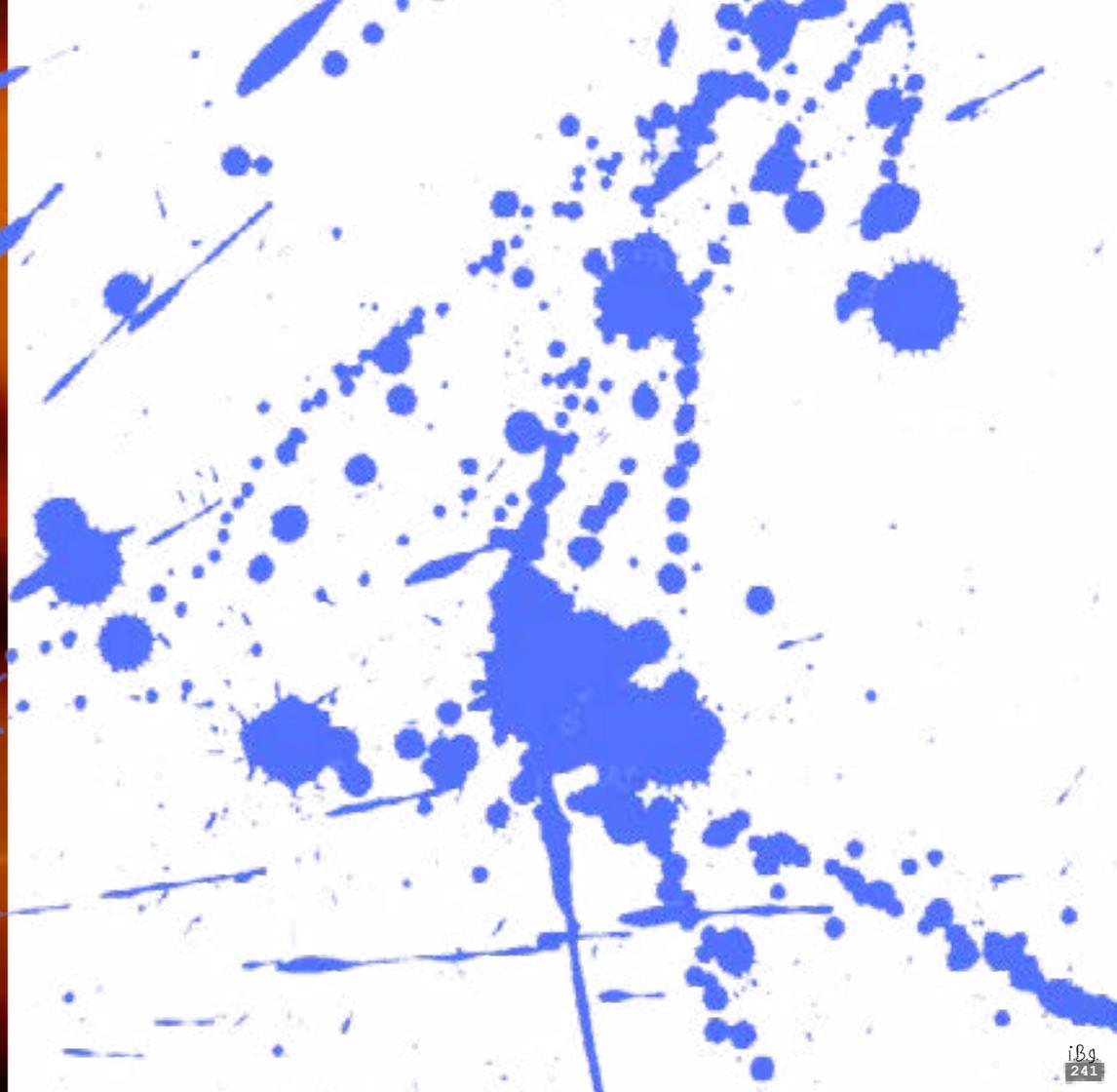
FREEDOM
CANNOT
BE
SIMULATED

















DE CAROL GRIMM PARA A BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS

Minha admiração pelos trabalhos artísticos, performáticos e discursivos das integrantes do projeto IBG é antiga, e pensar sobre o momento atual deste projeto me faz remeter à memórias flutuantes...

Venho trilhando uma trajetória profissional assimétrica, num primeiro olhar: das ciências sociais e tudo o que lhe é permissível, passeando pelas janelas dos estudos da psicologia, mergulhando nos fazeres da agricultura e suas ancestralidades, gestando práticas educacionais em ambientes institucionais e hostis, brincando em eventos artísticos formais... até chegar num lugar que me era totalmente desconhecido em termos técnicos: a produção audiovisual e todas as suas especificidades e demandas materiais.

Minhas atividades nesse ambiente sempre estiveram sustentadas pelo prazer compartilhado da experimentação e da espontaneidade amadora, do verbo amar.

O primeiro encontro com a proposta "IBG" ocorreu num atraso, pois quando cheguei ao local da performance ela já havia acontecido. E o atraso se fez um acontecimento em

mim. Foi daí que surgiu a semente da curiosidade, da satisfação do inesperado, de algum tipo de conexão mental que eu vi ser materializada.

E foi assim, através de um convite inesperado, sem tempo pra assimilação ou programação racional, que com desnudada reverência me permiti entrar em uma porta que se abriu pra mim, para entrar num lugar já sabido ser sagrado.

O convite veio através da Mari, um convite verdadeiro, eu pude sentir. E assim, verdadeiramente, coloquei meu tempo e minhas ideias à disposição dessas mulheres e de suas



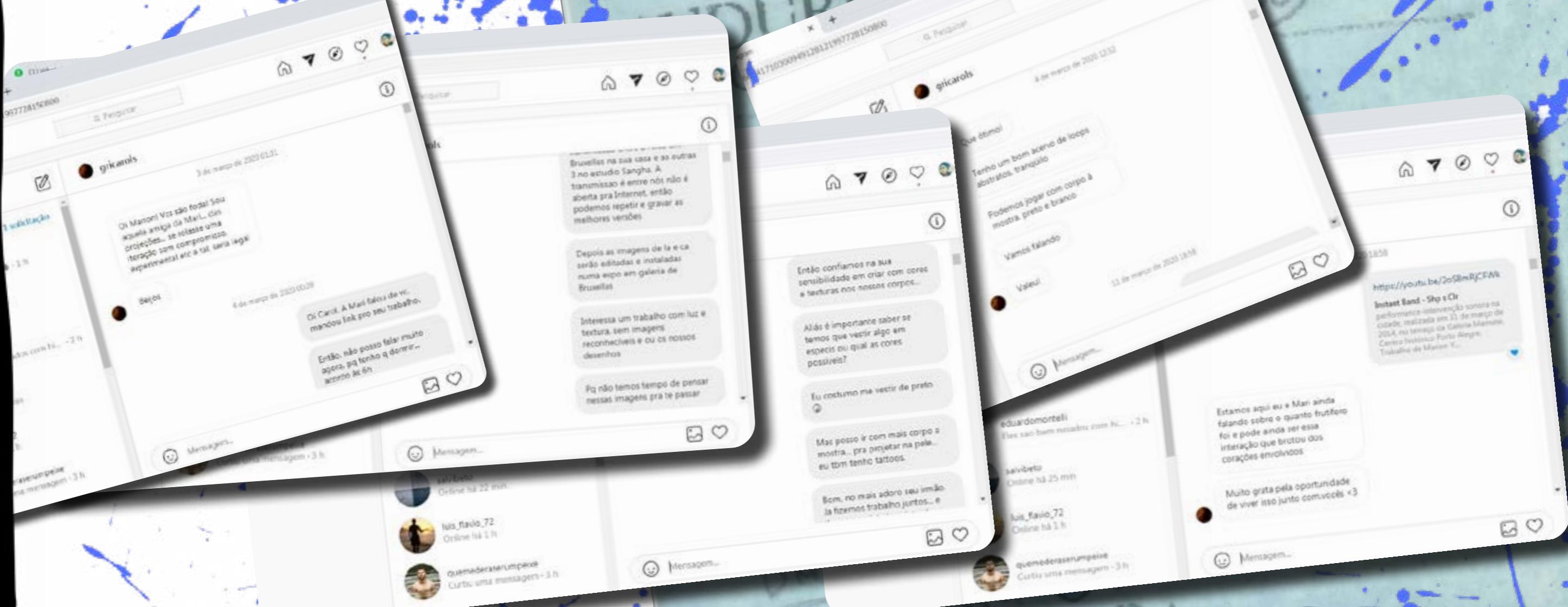
ideias... com um desejo de me conectar a alguma força, forma, fome...

A escolha dos loops e imagens que foram projetadas durante a gravação dos vídeos partiram desses sentimentos, instintivamente priorizei abstrações e linhas (retas, curvas, tangentes). A gravação ficou ótima, e foi aí que percebi de fato o que havíamos produzido. Uma super interação conectada com as ferramentas tecnológicas que tivemos acesso, que no meu entendimento foi superada por conexões mais profundas, misteriosas, guiadas por outras energias que existem; gosto de não catalogá-las.

A gravação/performance multiplicou em mim um poder/fazer, quando recebi todo o material captado nessa ocasião. Cada indivíduo participante brilhou como uma estrela viva nos meus olhos. Uma tensão muito forte se estabeleceu dentro de mim neste momento de pós-produção. Até hoje ela vibra, e já estamos nos entendendo melhor. O que fazer com todo esse material "visual"? Será que estou nadando à favor da correnteza? Como superar minha insegurança mesmo sendo convidada a entrar nessa imensa sala que nunca foi fechada? A razão de eu ter editado várias versões do vídeo

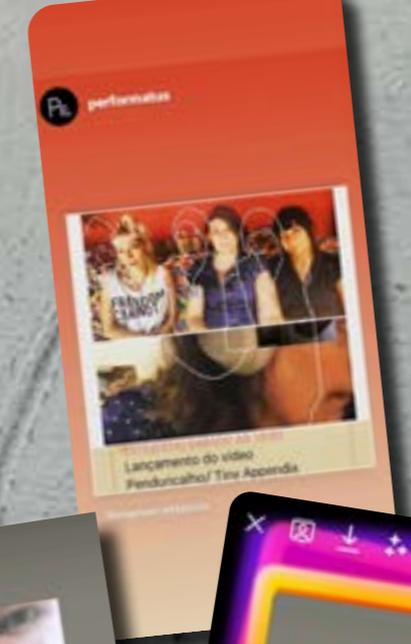
se explica um pouco por esse pensamento... foi muito difícil conceber um "produto" diante de tantas sensações e emoções que envolvem cada pedaço de cada tentativa/erro/acerto dessa proposta interativa. As sobreposições se mostraram uma alternativa de entendimento, as múltiplas camadas materializaram esse somatório de enfins. A alegria em seguirmos falando e pensando além não tem tamanho.

Espectros eram, de certa forma, todas vocês. Se fossemos produzir algo novo hoje, certamente seria diferente, com um inevitável novo olhar. Amo vocês. Obrigada.

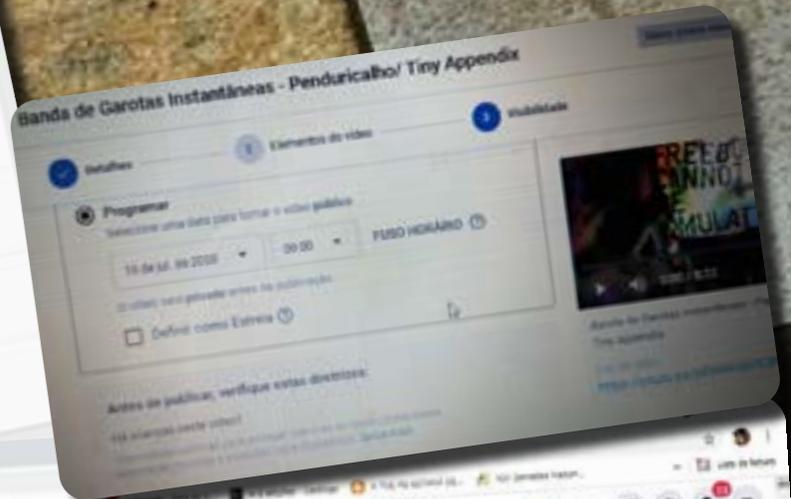
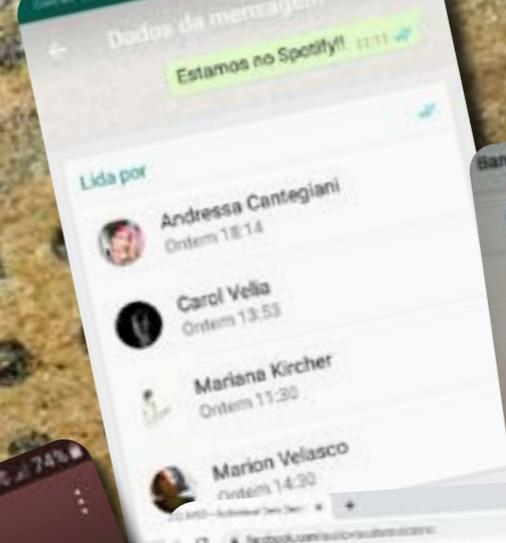
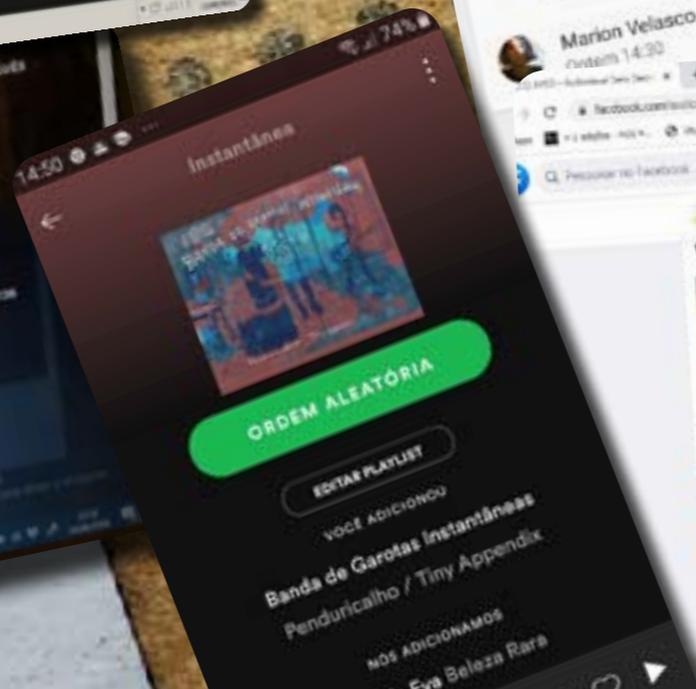
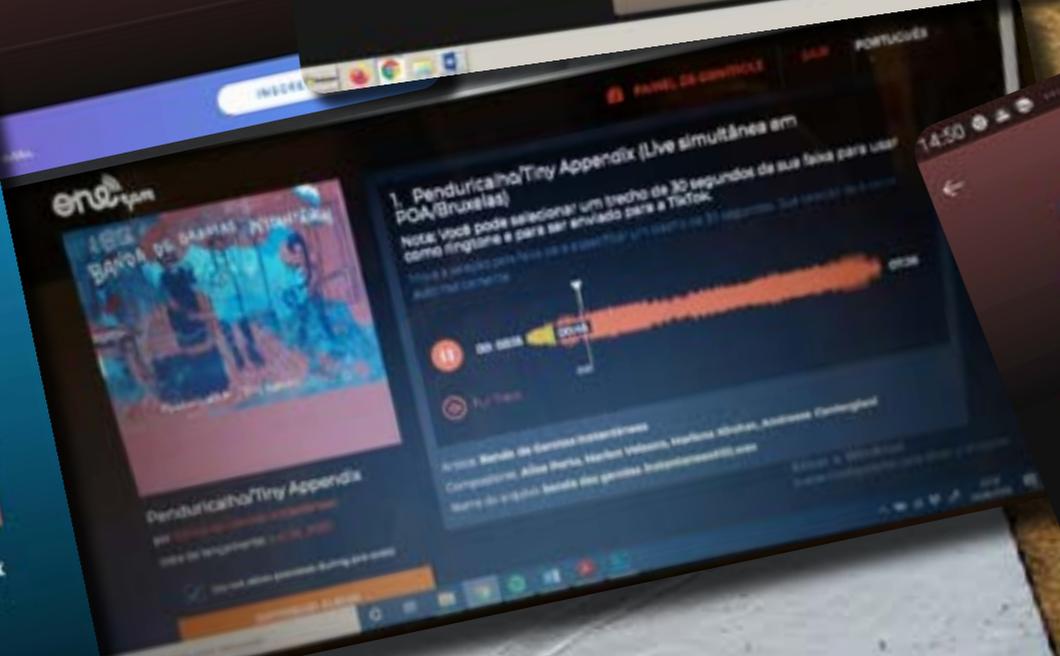
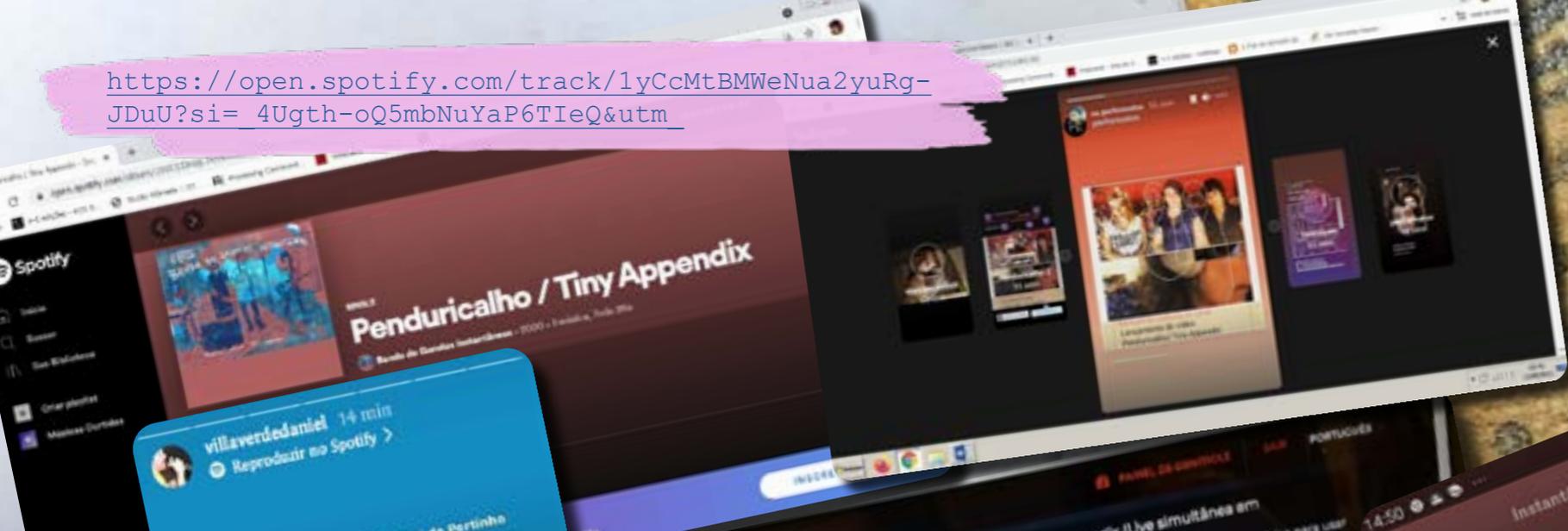


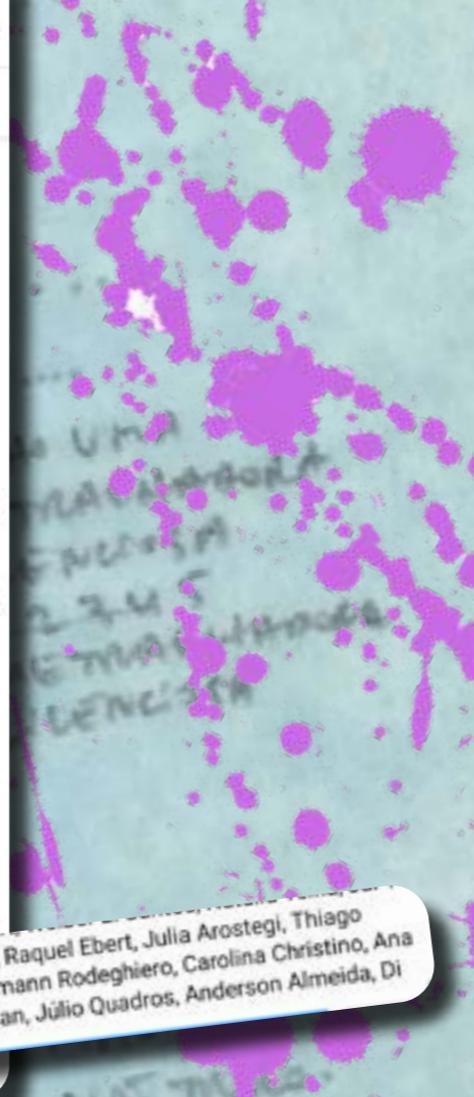
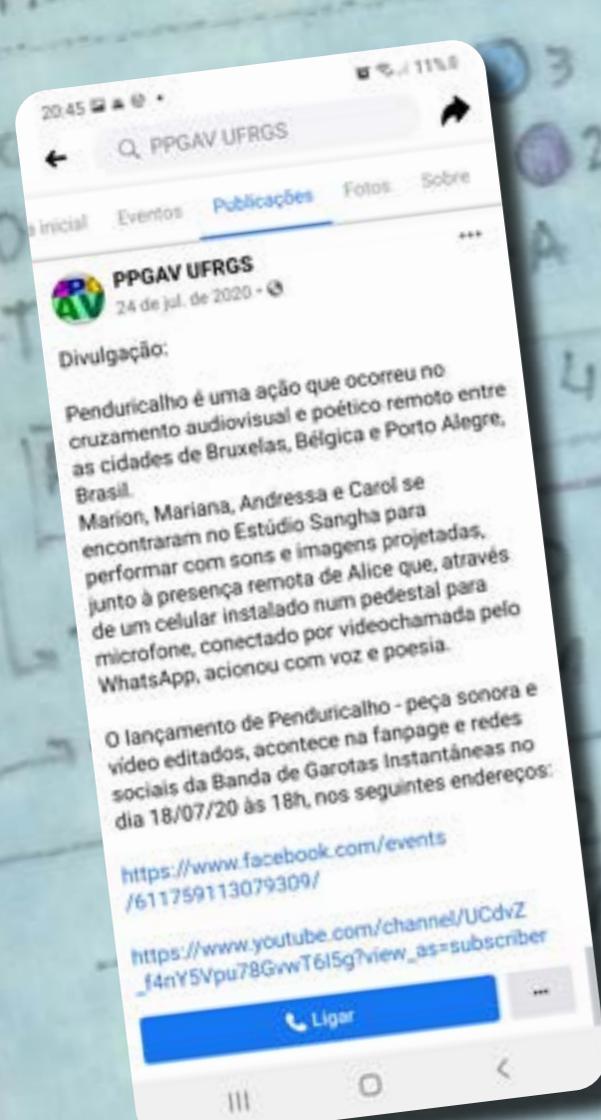
INSTANT

NAS REDES

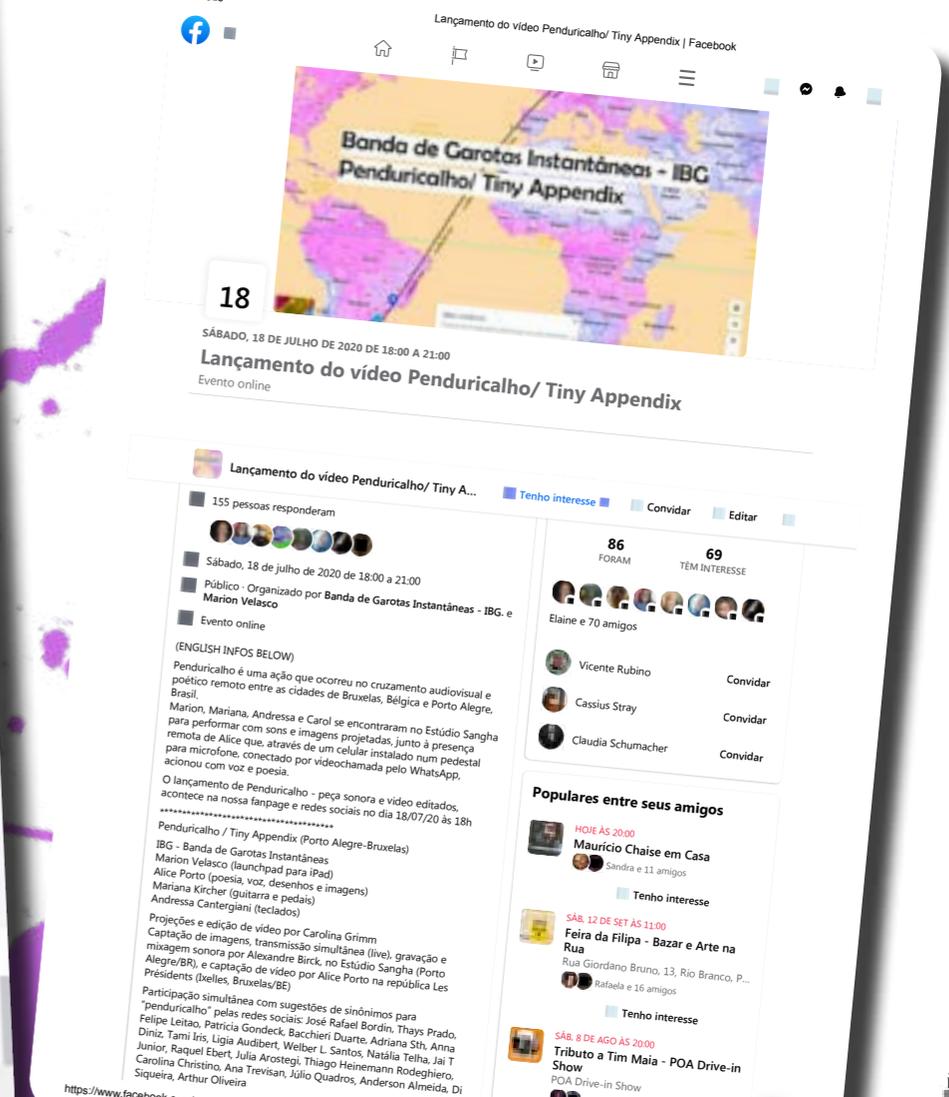


<https://open.spotify.com/track/1yCcMtBMWenua2yuRg-JDuU?si=4Ugth-oQ5mbNuYaP6TIEQ&utm>





Junior, Raquel Ebert, Julia Arostegi, Thiago Heinemann Rodeghiero, Carolina Christino, Ana Trevisan, Júlio Quadros, Anderson Almeida, Di Siqueira, Arthur Oliveira



Início → Eventos → Divulgação: Penduricalho

EVENTOS FUTUROS

JUL 10 09:00 Matrícula PPGAV (alunos regulares) (https://www.ufrgs.br/ppgavpt...)

AGO 4 14:00 Defesa de Dissertação "VIDEOGAME..." (https://www.ufrgs.br/ppgavpt...)

AGO 5 14:00 DEFESA DE TESE "As cartas de um..." (https://www.ufrgs.br/ppgavpt...)

AGO 9 09:00 Matrícula em regime especial 2021... (https://www.ufrgs.br/ppgavpt...)

Divulgação: Penduricalho

18 de julho de 2020 @ 18:00 - 19:00
America/Sa Paulo o Paulo
Fuso horário

Penduricalho é uma ação que ocorreu no cruzamento audiovisual e poético remoto entre as cidades de Bruxelas, Bélgica e Porto Alegre, Brasil. Marion, Mariana, Andressa e Carol se encontraram no Estúdio Sangha para performar com sons e imagens projetadas, junto à presença remota de Alice que, através de um celular instalado num pedestal para microfone, conectado por videochamada pelo WhatsApp, acionou com voz e poesia. O lançamento de **Penduricalho** - peça sonora e vídeo editados, acontece na fanpage e redes sociais da **Banda de Garotas Instantâneas** no dia 18/07/20 às 18h, nos seguintes endereços:

<https://www.facebook.com/events/611759113079309/>
https://www.youtube.com/channel/UCdVz_f4nY5Vpu78GywT6l5g?view_as=subscriber

Penduricalho / Tiny Appendix (Porto Alegre-Bruxelas)
IBG - Banda de Garotas Instantâneas
Marion Velasco (launchpad para iPad)
Alice Porto (poesia, voz, desenhos e imagens)
Mariana Kircher (guitarra e pedais)
Andressa Cantergiani (teclados)

Projeções e edição de vídeo por Carolina Grimm
Captação de imagens, transmissão simultânea (live), gravação e mixagem sonora por Alexandre Birk, no Estúdio Sangha (Porto Alegre/BR), e captação de vídeo por Alice Porto na república Les Présidents (Ixelles, Bruxelas/BE)

Participação simultânea com sugestões de sinônimos para "penduricalho" pelas redes sociais: José Rafael Bordin, Thays Prado, Felipe Leitao, Patricia Gondeck, Bacchieri Duarte, Adriana

18/07/2020

Banda de Garotas Instantâneas - IBG | Facebook

Informações
Últimos 28 dias: 20 de Jun - 17 de Jul

Pessoas alcançadas	669	24.1%
Engajamentos com a publicação	35	4.00%
Curtidas na Página	4	100%

Sobre

- Não somos uma banda. Não fazemos música. Somos artistas visuais. Através da performance, sons e textos, feministas, a IBG escancara o dia a dia das mulheres.
- 400 pessoas curtiram isso
- 401 pessoas estão seguindo isso
- <https://soundcloud.com/instantbandgirls>
- Promover site
- (51) 99242-3024
- Normalmente responde dentro de uma hora
- Enviar mensagem
- girotoinstantaneas@gmail.com
- Sempre aberto
- Artista · Artes visuais · Música

Fotos

Gerenciar Página

Banda de Garotas Instantâneas - IBG.

chi22ko Online agora

quansuor do registro

Não, não

Quero um clipe da gracieanne

Filmado em academias!!!

Aproveitem agora que elas estão meio vazias!!!

Ahahahahahahaha

Tem uma aqui perto que é numa casa antiga

Que ideia sensacional

Digitando...

chi22ko Online agora

Imagina, todas vocês puxando ferro!

Bem masculinas

Nenhuma de nós é fitness

Seria ótimo

Por isso que é bom!

Porque mostra que a culpa de vocês não serem ela é só de vocês

*não serem como ela

Auahhauhaja

Meritocracia da maromba

chi22ko Online agora

Cobre, faça mesmo

Adoro a música

Todas as minas amaram a ideia do vídeo na academia de ginástica

Hahaha

Queremos

Vamos!!!

Terça-feira falo com a mulher da academia aqui perto



APARIÇÃO | BRONZE RESIDÊNCIA

30/10/20



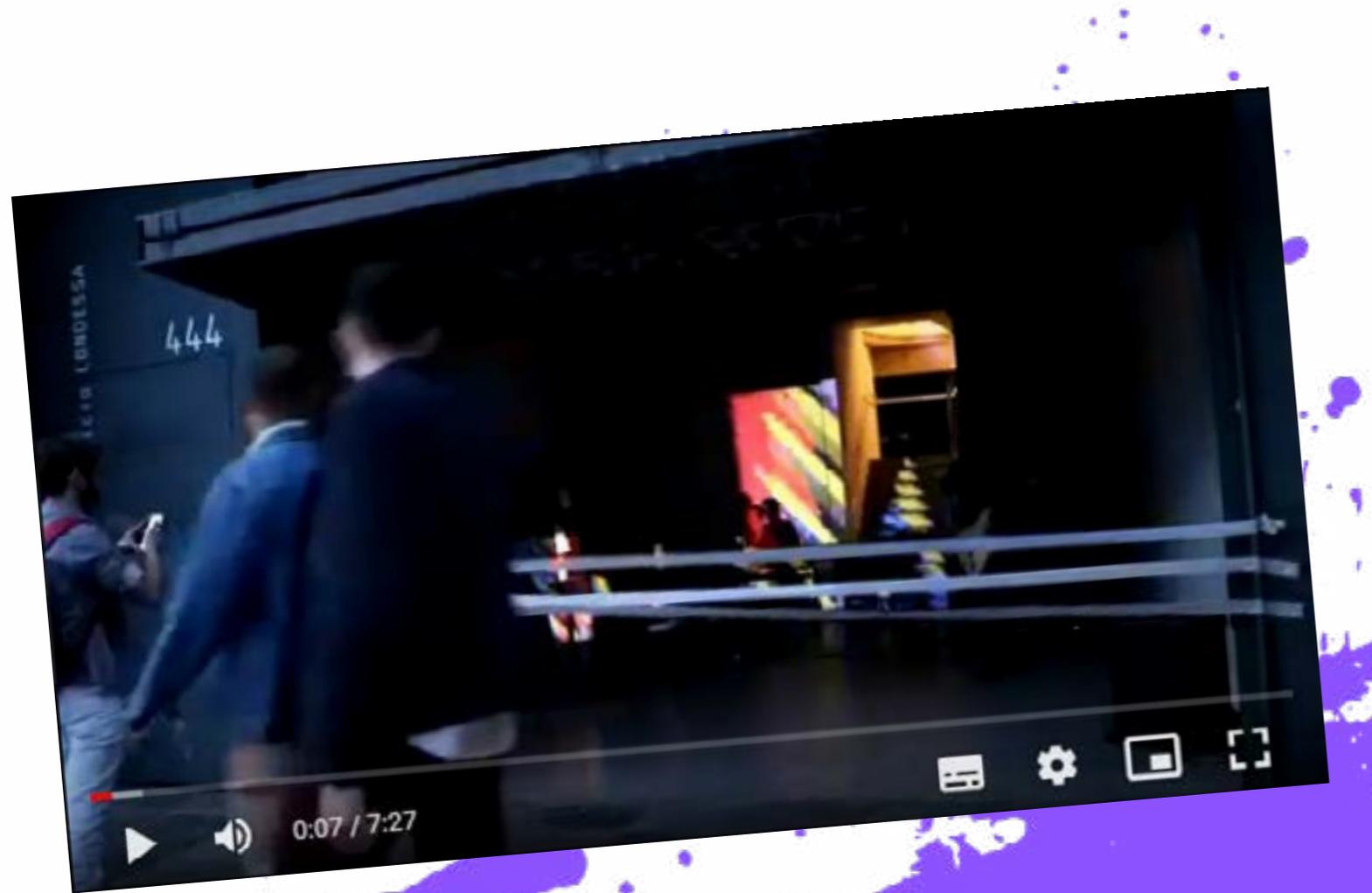
APARIÇÃO

Foi uma performance-relâmpago para apresentação, ao vivo, da peça sonora **Penduricalho_Tiny Appendix**, que foi criada de forma indoor e remota. Nesta ocasião, as **Instantâneas** criaram mais duas peças sonoras, uma delas, intitulada **Kill Duchamp**, rabiscada uns dias antes, no seu grupo de WhatsApp, que faz uma referência à História da Arte e o apagamento das mulheres artistas, a partir da icônica música **Papai Noel Velho Batuta** (1986) da banda punk paulistana **Garotos Podres**. Esta releitura deu origem à peça sonora M.D.F.D.P.

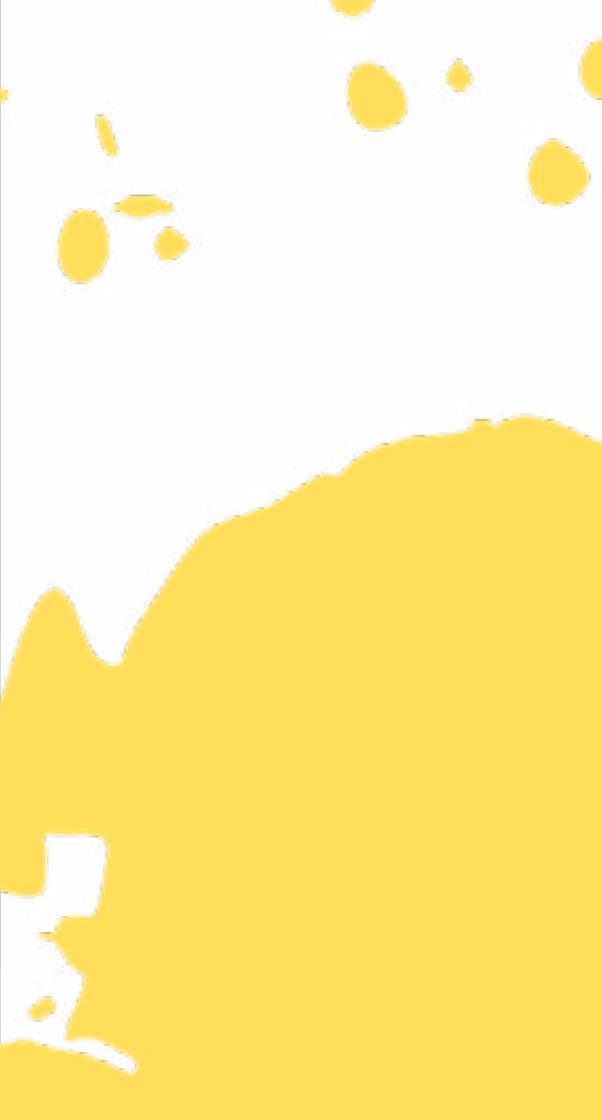
O público foi convidado a comparecer, sob recomendações da prática de distanciamento de 2 metros e uso de máscaras, através de chamadas nas redes sociais, 24h antes da ação. O Brasil e a cidade de Porto Alegre, ainda, estavam em isolamento social, mas algumas ações começaram a acontecer, seguindo agendamentos e rígidos protocolos sanitários para o enfrentamento da Covid-19. A **Bronze** é uma garagem com ventilação, por um pátio nos fundos e um portão rollup automático aberto à calçada e de frente a uma praça. O lugar foi isolado com fita adesiva do artista **Jorge Menna Barreto** e o público que compareceu ao local, assistiu a performance da calçada. Esta ação teve projeções, ao vivo, de **Carol Grimm**, com imagens do vídeo **Penduricalho** e marcou o encerramento da programação-agendada do **27° Porto Alegre em Cena**.

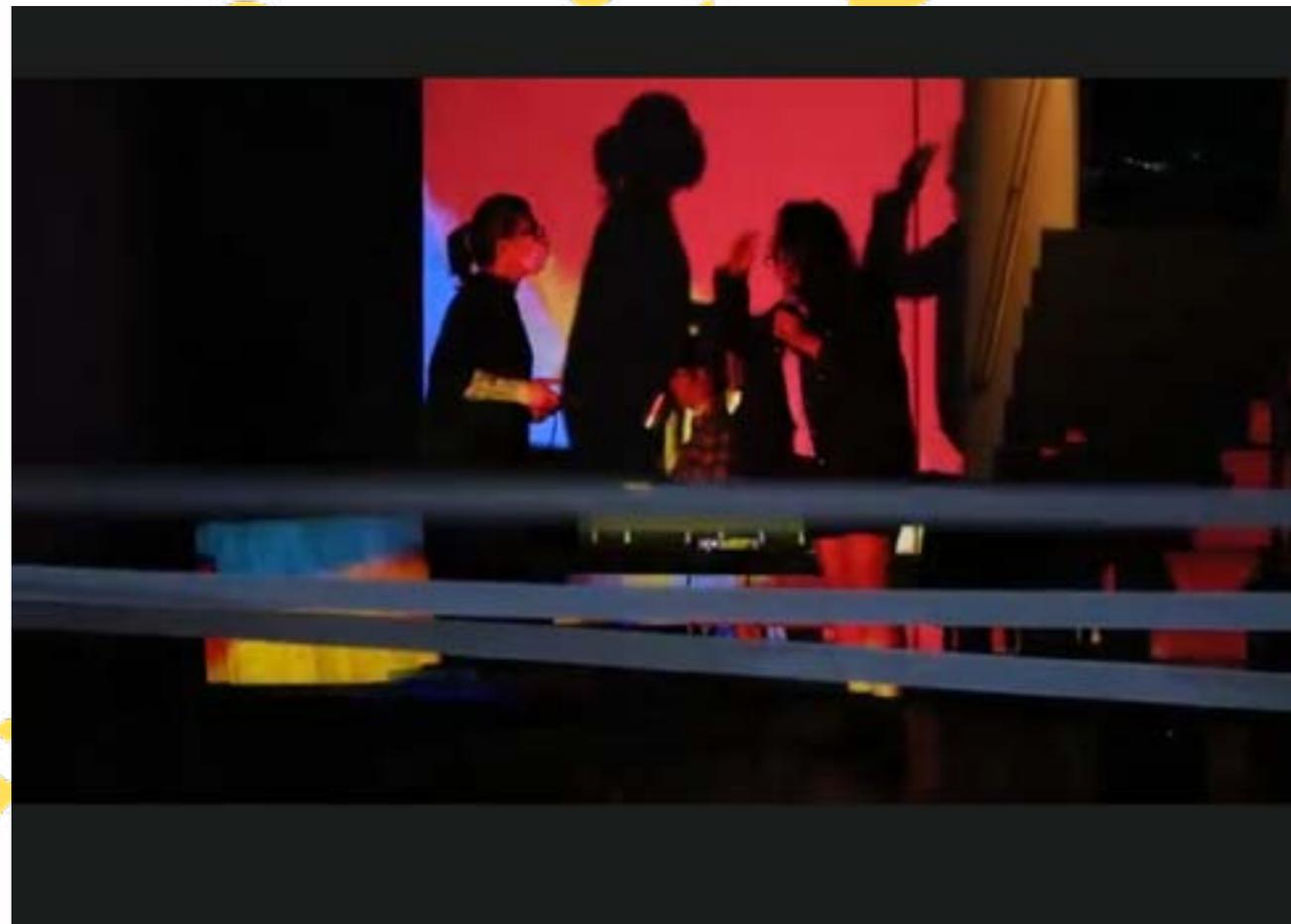








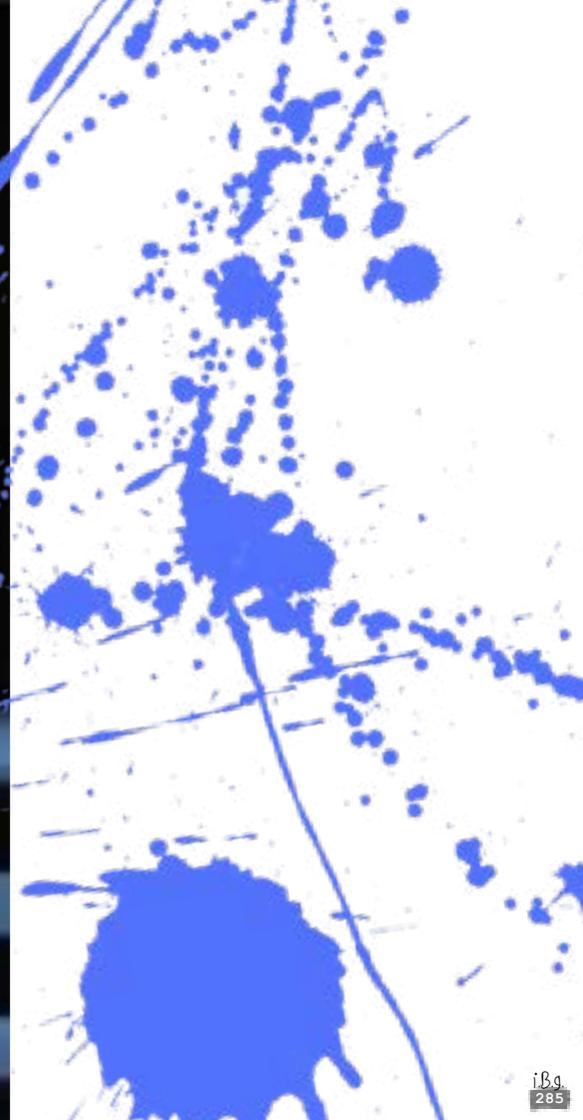






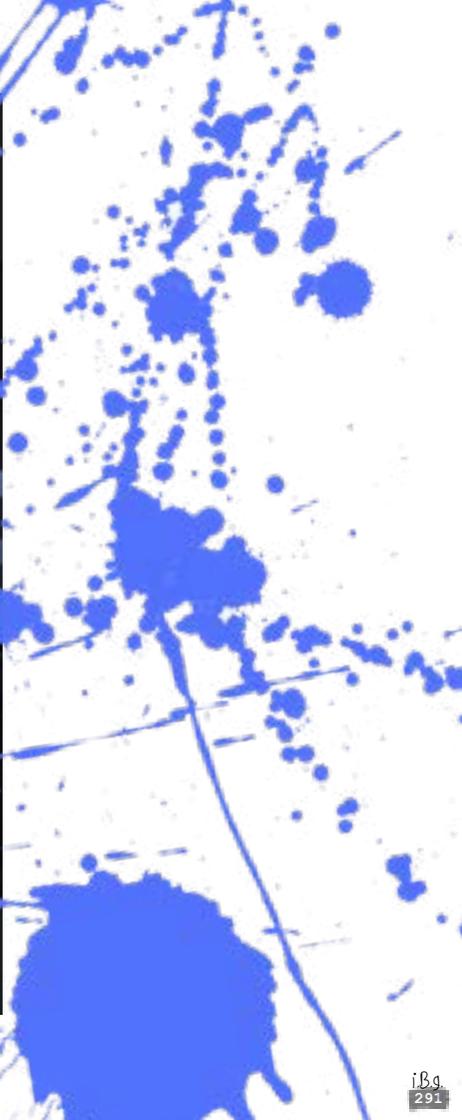
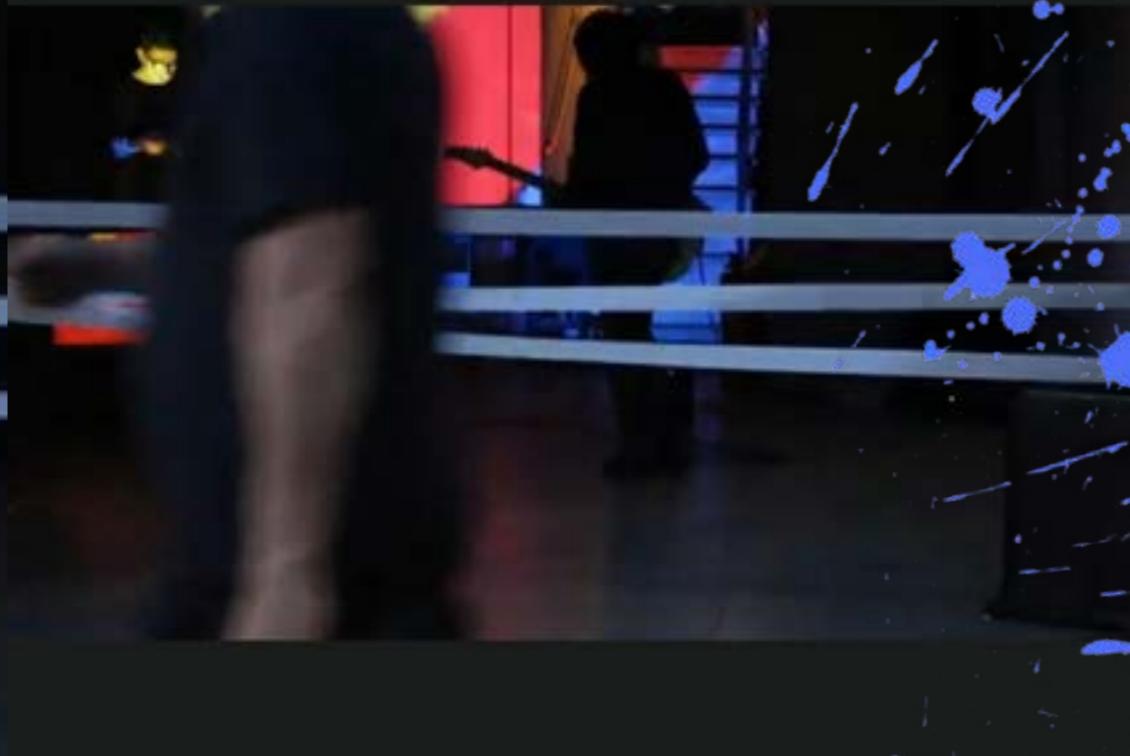












INSTANT
NAS REDES



garotasinstantaneas
Bronze



bronzeresidencia 11 h

olha a novidade aí

30/10
18h30

Encerramento do Porto Alegre em Cena



participação especial com performance
Garotas Instantâneas

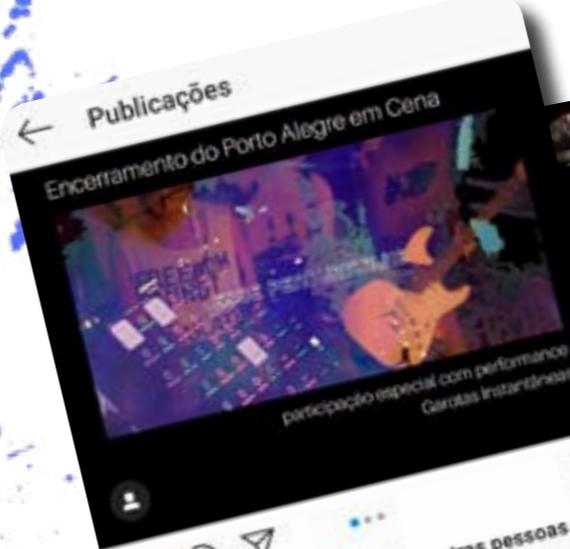
@bronzeresidencia

Curtido por gricarols e outras pessoas
garotasinstantaneas Banda de Garotas Instantâneas

- APARIÇÃO.
No encerramento do 27. @poaemcena na
Bronze (@bronzeresidencia) hj, 30/10/20.
Performance anti-aglomeração, entre 18h30-19h,
para ser vista da rua. 🔥🔥🔥

Ver todos os 4 comentários
marion.velasco 🍷
alld85 ⚡⚡⚡

há 1 hora · Ver tradução



Publicações

Encerramento do Porto Alegre em Cena



participação especial com performance
Garotas Instantâneas

Curtido por gricarols e outras pessoas
bronzeresidencia Hoje antes dos horários finais para
assistir À MARCHA RE, teremos a Aparição da Banda
de Garotas Instantâneas (@garotasinstantaneas) no
encerramento do Porto Alegre em Cena
(@poaemcena).
~ Hoje (30/10), às 18h30 na Bronze ~
Junto com a participação da @gricarols com
projeções ao vivo 🔥

- Não será permitida a entrada no espaço, a performance é para ser vista da rua.
- Mantenham os 2 metros de distanciamento recomendados
- Obrigatório o uso de máscara :)



Penduricalho 2 36 sem

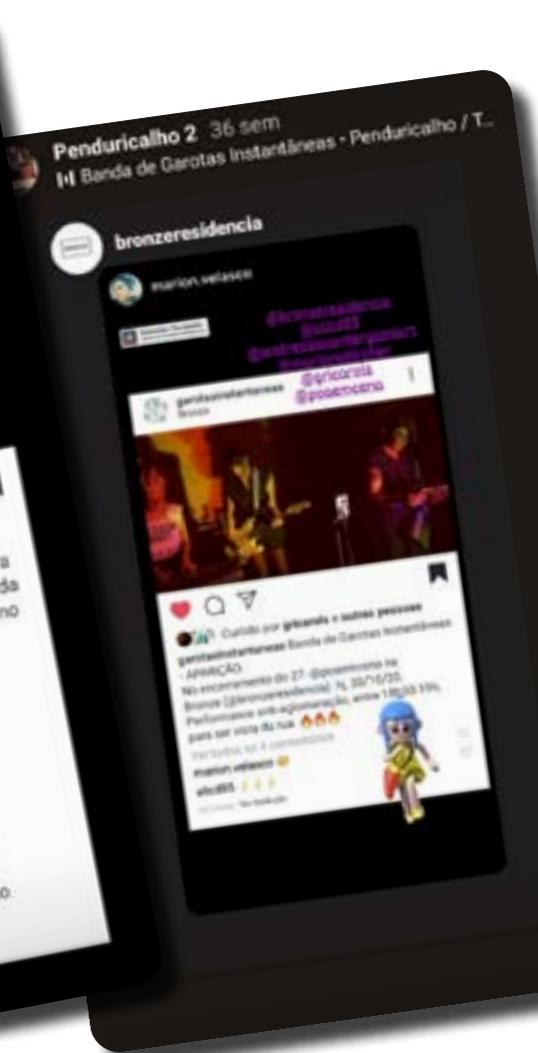


Alto Porto
Andressa Carbergins
Marlon Velasco
Marlene Kachel

garotasinstantaneas

Curtido por gricarols e outras pessoas
bronzeresidencia Hoje antes dos horários finais para
assistir À MARCHA RE, teremos a Aparição da Banda
de Garotas Instantâneas (@garotasinstantaneas) no
encerramento do Porto Alegre em Cena
(@poaemcena).
~ Hoje (30/10), às 18h30 na Bronze ~
Junto com a participação da @gricarols com
projeções ao vivo 🔥

- Não será permitida a entrada no espaço, a performance é para ser vista da rua.
- Mantenham os 2 metros de distanciamento recomendados
- Obrigatório o uso de máscara :)



bronzeresidencia

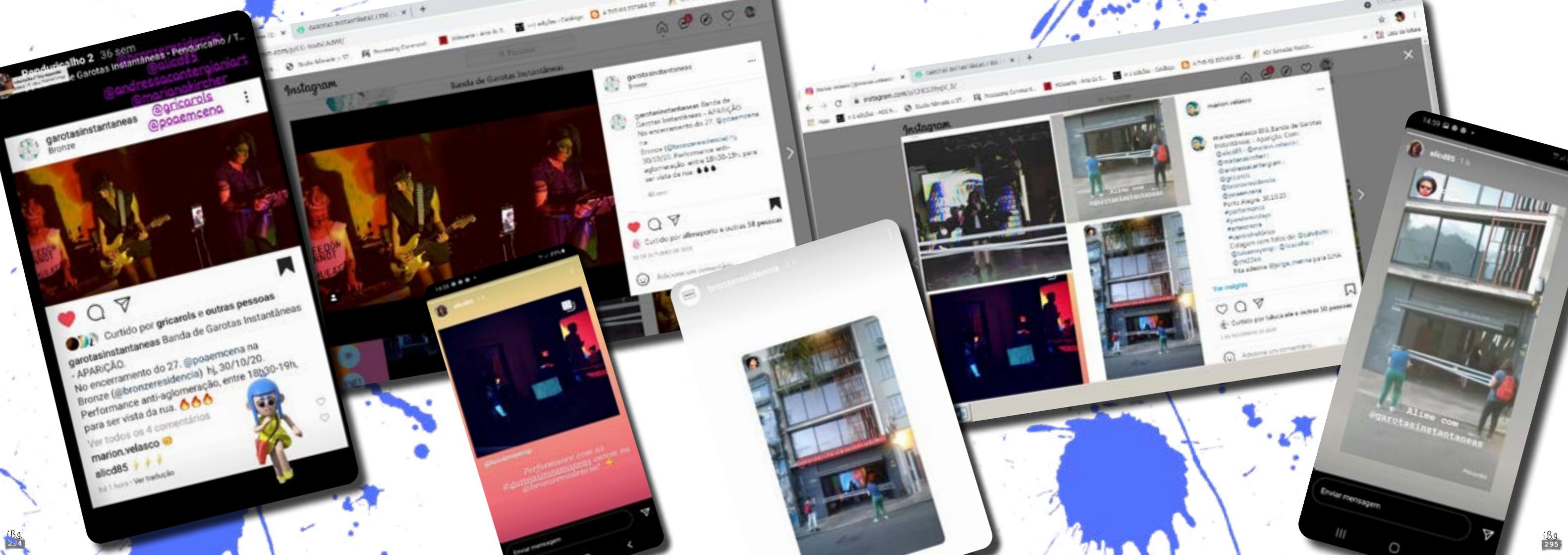
@bronzeresidencia
@poaemcena
@gricarols
@poaemcena



garotasinstantaneas Banda de Garotas Instantâneas

Curtido por gricarols e outras pessoas
garotasinstantaneas Banda de Garotas Instantâneas
- APARIÇÃO
No encerramento do 27. @poaemcena na
Bronze (@bronzeresidencia) hj, 30/10/20.
Performance anti-aglomeração, entre 18h30-19h,
para ser vista da rua. 🔥🔥🔥
Ver todos os 4 comentários
marion.velasco 🍷
alld85 ⚡⚡⚡

- Não será permitida a entrada no espaço, a performance é para ser vista da rua.
- Mantenham os 2 metros de distanciamento recomendados
- Obrigatório o uso de máscara :)



Bandas Instantâneas - Península / T...
 @aliced85
 @andressacantegianiart
 @marianokircher
 @gricarols
 @poaemcena

garotasinstantaneas
 Bronze

Curtido por gricarols e outras pessoas

garotasinstantaneas Banda de Garotas Instantâneas - APARIÇÃO. No encerramento do 27. @poaemcena na Bronze (@bronzeresidencia) hj, 30/10/20. Performance anti-aglomeração, entre 18h30-19h, para ser vista da rua. 🔥🔥🔥
 Ver todos os 4 comentários
 marion.velasco
 aliced85

Instagram

Banda de Garotas Instantâneas

garotasinstantaneas
 Bronze

garotasinstantaneas Banda de Garotas Instantâneas - APARIÇÃO. No encerramento do 27. @poaemcena na Bronze (@bronzeresidencia) hj, 30/10/20. Performance anti-aglomeração, entre 18h30-19h, para ser vista da rua. 🔥🔥🔥
 30 sem
 Curtido por altesporito e outras 58 pessoas
 16 DE OUTUBRO DE 2020

Instagram

Performance com as @garotasinstantaneas! Curtido na @bronzeresidencia hj!

Instagram

Alime com @garotasinstantaneas

Instagram

marion.velasco

marionvelasco BS, Banda de Garotas Instantâneas - Aparição. Com @aliced85 @marianokircher @andressacantegianiart @gricarols @bronzeresidencia @poaemcena Porto Alegre 30/10/20. Aparição. Performance anti-aglomeração. Colagem com fotos do @aliced85 @marianokircher @andressacantegianiart @gricarols @poaemcena. Filia alcedia @grica, mesma para BSA.

Ver imagens

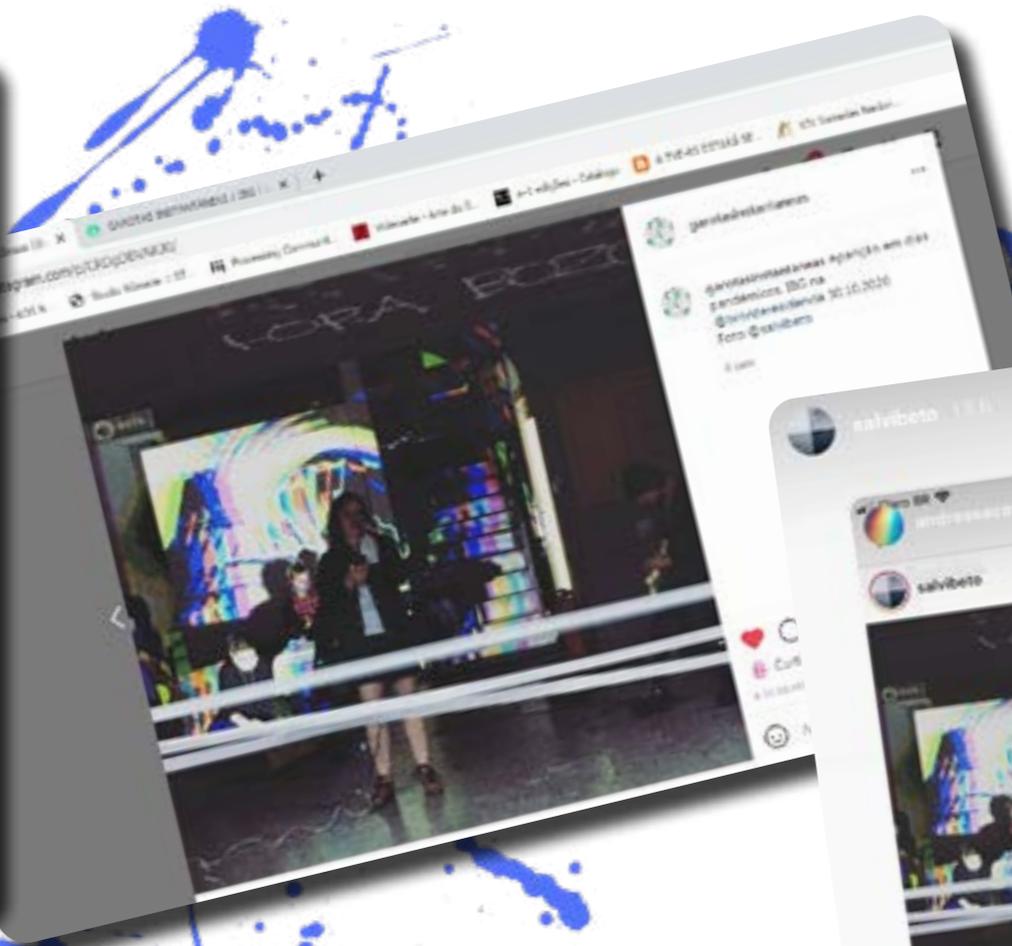
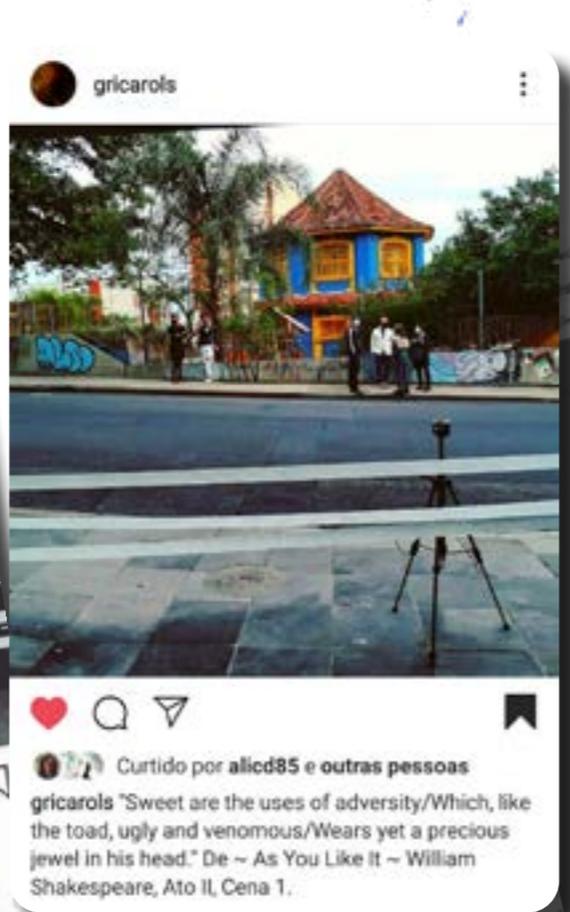
Curtido por tubatale e outros 30 pessoas
 1 DE NOVEMBRO DE 2020

Instagram

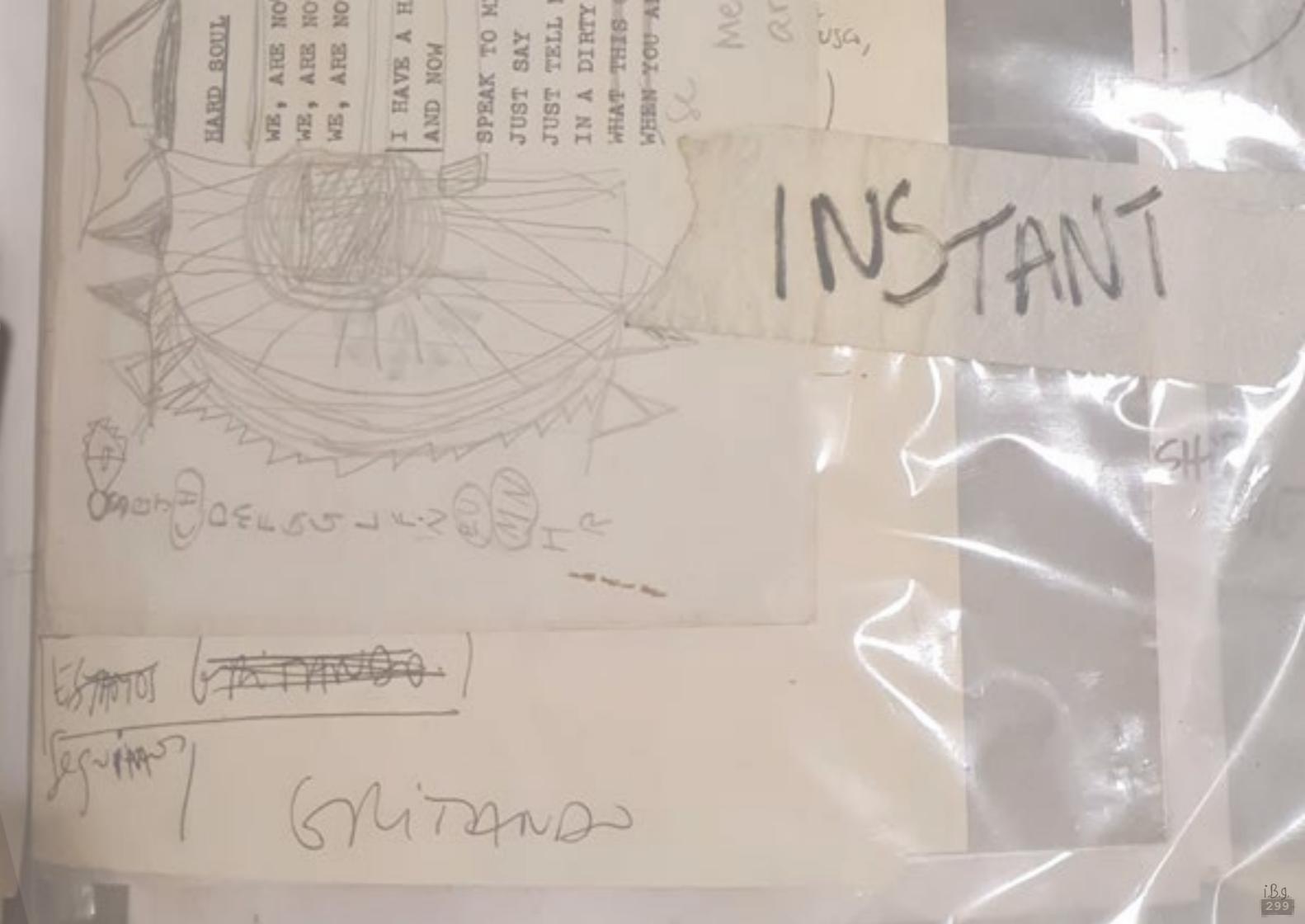
aliced85

Alime com @garotasinstantaneas

Enviar mensagem



STERO
breaks



ações online

- 1- **IN SONORA SP** | Playlist #2 | Rádio **CASO** | Buenos Aires Argentina
- 2- **OVÁRIAS Ocupação** | 5ª Edição | **Audiovisual**
- 3- **FRESTA** | MOSTRA DE AUDIOVISUAL 5ª EDIÇÃO | **LIVE** | ILA-FURG
- 4- **NO AQUÁRIO** | 7 AO ENTARDECER | **SECULT PELOTAS**

A performance **Penduricalho (2020)**, que aconteceu ao vivo e remota, no **Estúdio de Som Sangha Porto Alegre+residência em Bruxelas**, foi orientada para áudio e vídeo com som. A edição do vídeo ganhou três versões e a peça sonora foi mixada para ser apresentada de modo independente. Com o **isolamento social** pela pandemia de **Covid 19**, a **Banda de Garotas Instantâneas** fez o lançamento oficial de uma versão do vídeo, nas redes sociais, abriu um perfil no **Spotify**, com a peça sonora e inscreveu esses documentos (áudio e vídeos) em diversas **chamadas públicas que aconteceram no formato online**, em 2020.

.....A peça sonora **Penduricalho** foi selecionada na Chamada Pública do projeto curatorial **In Sonora - música(s) | feminismo(s)***, em parceria com a **Radio Caso do Centro de Arte Sonoro de la Casa del Bicentenario**, de Buenos Aires, Argentina. A **Playlist #2** teve organização de Mariana Carvalho e Marina Mapurunga e reuniu música experimental, arte sonora e música contemporânea de artistas brasileiras. A sua veiculação aconteceu em três audições nas sextas-feiras de agosto/2020: **14/08, 21/08 e 28/08**, transmitidas on-

line pela Radio Caso, desde Buenos Aires, ARG. <http://www.sonora.me/>

** é uma rede colaborativa que, desde abril/2015, reúne artistas e pesquisador_s interessad_s em manifestações feministas no contexto das artes, para dar visibilidade e possibilitar o diálogo sobre o trabalho artístico das mulheres. Está vinculada ao Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com apoio do NuSom - Núcleo de Pesquisas em Sonologia/USP, realiza transmissão online e participação virtual de membr_s da rede.*

IN SONORA SP | PLAYLIST #2 | RÁDIO CASO | ARGENTINA

I) I follow you

sonora sonoramusicafefeminismos

Chamada para a Playlist#2 da Sonora

Envie seu trabalho para compor nossa Playlist para a Radio CASO!

Arte Sonora, Música Experimental e Contemporânea feita por mulheres, trans, lésbicas, não-binaries e outras dissidências brasileiras e residentes no Brasil.

Prazo prorrogado: 05/agosto/2020

Chamada no link: www.sonora.me/chamada

SONORA nvs o m RADIO CASO

Curtido por leandralambert e outras pessoas

sonoramusicasefeminismos A chamada aberta para a Playlist#2 da Sonora é prorrogada para dia 5 de agosto de 2020.

1

12 de agosto de 2020

Alice porto

Sonora: músicas e feminismo

Cara Alice,

Ficamos muito contentes com todo o material que recebemos para a playlist #2 da Sonora - em todo 34 artistas diferentes, quase 3h de música! É muito importante para nós conhecer o trabalho de outros artistas.

Selecionamos a faixa de vocês para a playlist #2 da Sonora!

A playlist vai ao ar nesta sexta-feira, 14/08/2020, às 18h (UTC-3, Argentina e Brasil), e será retransmitida no mesmo horário nas próximas sextas-feiras de agosto (21/08 e 28/08).

Artistas participantes: Amanda Jacometti, Ariane Stoff, Banda de Garotas Instantâneas, BARTIRA, Carrisa Machado, desconcerta, ...

Andressa Canter

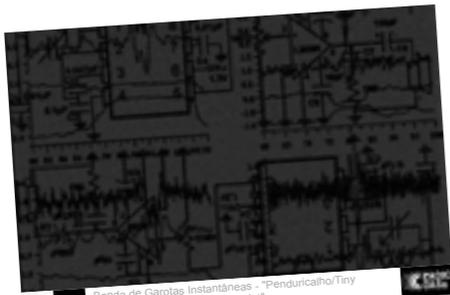
uhuuu

Girls sonhei com vcs muito rrra noite! Muito doído vcs vieram aqui comer pão, queijo e salame e rivemos altas conversas



RADIO CASO

Radio CASO es el streaming de audio 24hs del Centro de Arte Sonoro



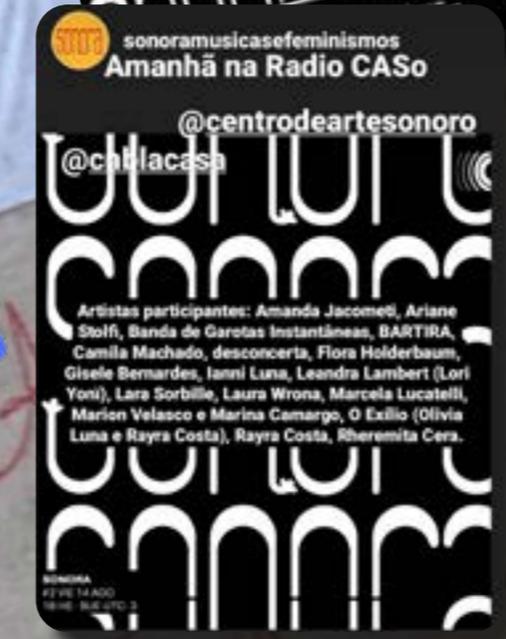
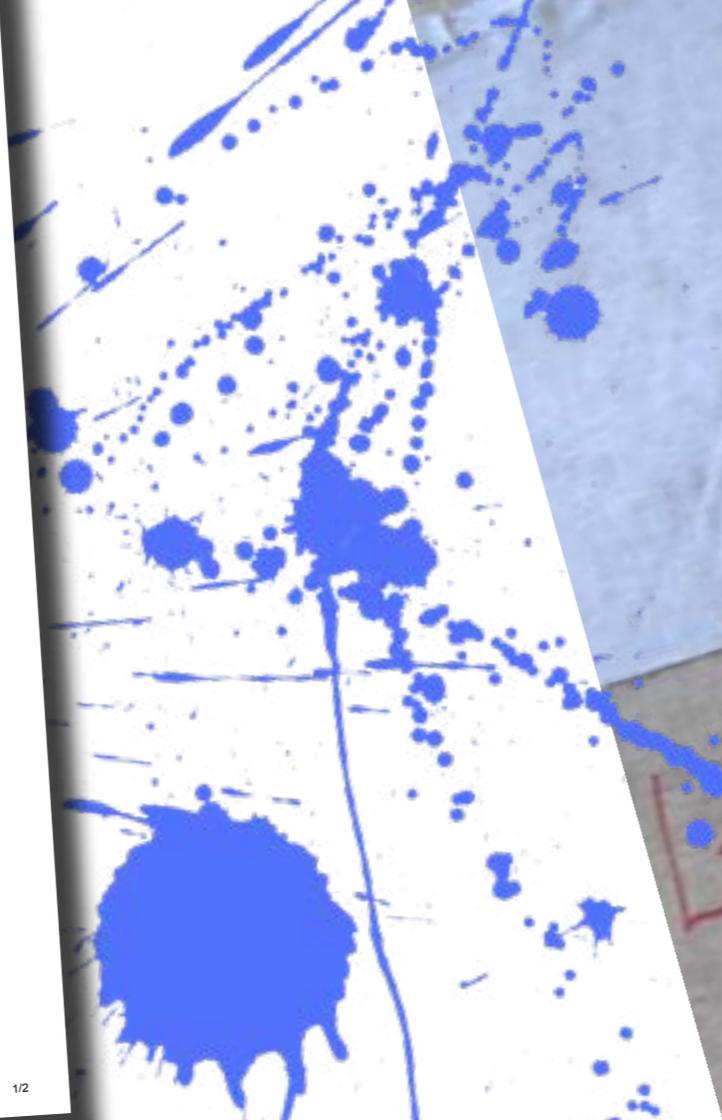
Banda de Garotas Instantâneas - "Penduncho/Tiny Appendix (Porto Alegre-Brussels)"

En Radio CASO difundimos y promovemos músicas experimentales, contemporáneas y arte sonoro.

Priorizamos generar espacios de encuentro mediante el sonido y la escucha, incentivamos la producción de radio en vivo y la experimentación radiofónica en general.

Nuestra programación se escucha a través de la radio, no disponemos de un sistema on-demand individual. En estos tiempos de aislamiento social, la superabundancia de contenidos virtuales tiene como contracara la escasez casi total de espacios y momentos compartidos. Desde RADIO CASO proponemos este espacio de escucha colectiva como un modo de sanar y regenerar vínculos.

Los horarios de las transmisiones se publican en la solapa "Actividades" de este sitio web y en nuestras redes sociales.





Marion Velasco
28 de ago. de 2020

Começa agora, a 3ª e última audição da Playlist#2 de Sonora - Músicas e Feminismos, na Radio CASO, Argentina, em que participo com duas peças sonoras:
The Map of the Moon/ Mar Aberto em colaboração com **Marina Camargo** para Solar Sound System Missions e,
Penduricalho com a IBG- Banda das Garotas Instantâneas com **Alice Porto**, **Addressa Cantergiani**, **Mariana Kircher**.

<https://centrodeartesonoro.cultura.gob.ar/info/radio-caso/?fbclid=IwAR3-b9DdpOXbZehbPgZjF17JAYIsh10COq188X-WCr8mnlJ9-TawLHrsFIE>

#centrodeartesonoro #argentina #brasil #sonoramusicasefeminismos #performancesônica #artesonora #radiocaso #bandadegarotasinstantaneas #eletrônica #paisagemsonora #voz #spokenwordpoetry



OVÁRIAS OCUPAÇÃO | 5ª EDIÇÃO | AUDIOVISUAL

11:41
Claro BR 3G

ATENÇÃO: O EMAIL É GRANDE E CADA DETALHE É MUITO IMPORTANTE!

Em nossa programação, a descrição do seu trabalho estará da maneira que se encontra no arquivo em anexo. Confira com atenção suas informações de título, duração, sinopse e ficha técnica.

ITENS IMPORTANTES:

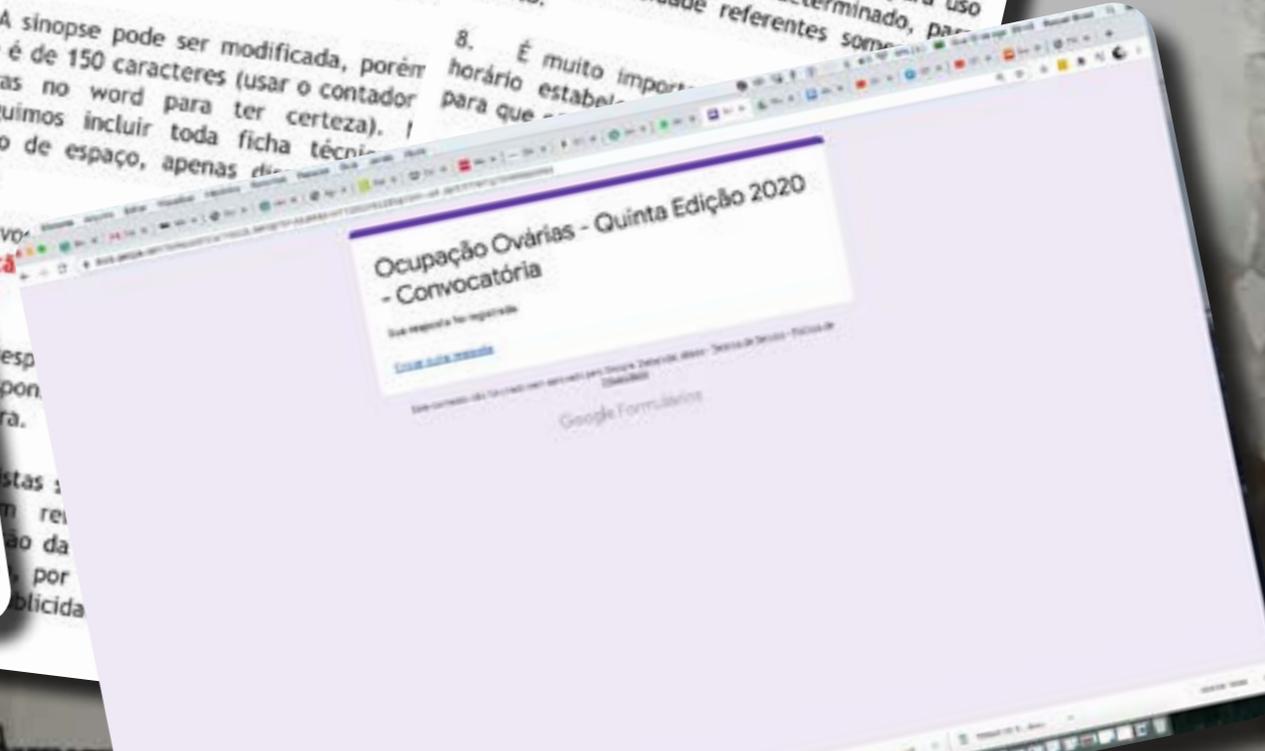
1. Precisamos que vocês nos enviem o **arquivo em alta** até a próxima **segunda, dia 31/8**.
2. Precisamos que você nos responda este e-mail confirmando se está tudo ok com as informações no documento em anexo até **26/08 as 20h**. Caso contrário consideraremos que as informações estão corretas.
3. A sinopse pode ser modificada, porém o limite é de 150 caracteres (usar o contador de palavras no word para ter certeza). Não conseguimos incluir toda a ficha técnica por questão de espaço, apenas direção, texto e elenco.

11:41
Claro BR 3G

2. Precisamos que você nos responda este e-mail confirmando se está tudo ok com as informações no documento em anexo até **26/08 as 20h**. Caso contrário consideraremos que as informações estão corretas.
3. A sinopse pode ser modificada, porém o limite é de 150 caracteres (usar o contador de palavras no word para ter certeza). Não conseguimos incluir toda a ficha técnica por questão de espaço, apenas direção, texto e elenco.

11:41

6. A responsável pelo vídeo assume neste ato a responsabilidade pelos direitos autorais da sua obra.
7. As artistas selecionadas cedem os direitos de imagem referentes à participação na Quinta Edição da Ocupação Ovárias, para uso da produção, por tempo indeterminado, para ações de publicidade referentes somente ao evento.
8. É muito importante o horário estabelecido para que...





em instantes





OVARIASSS
MÚSICA
MÚSICA
MÚSICA

PENURICALHO - 10G (BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS)
A MARCHE PARA PAPE, MARCA BRANCA E PÁLIA, VCC, BICOMBO E MÚSICA ALIC POMO / TUBARÃO E PEDAL MARINHO / HONOR / TUBARÃO / TUBARÃO / TUBARÃO / TUBARÃO

ADICIONAL

4/SET SEX
18H
VIMED

ocspacoovarias.com.br

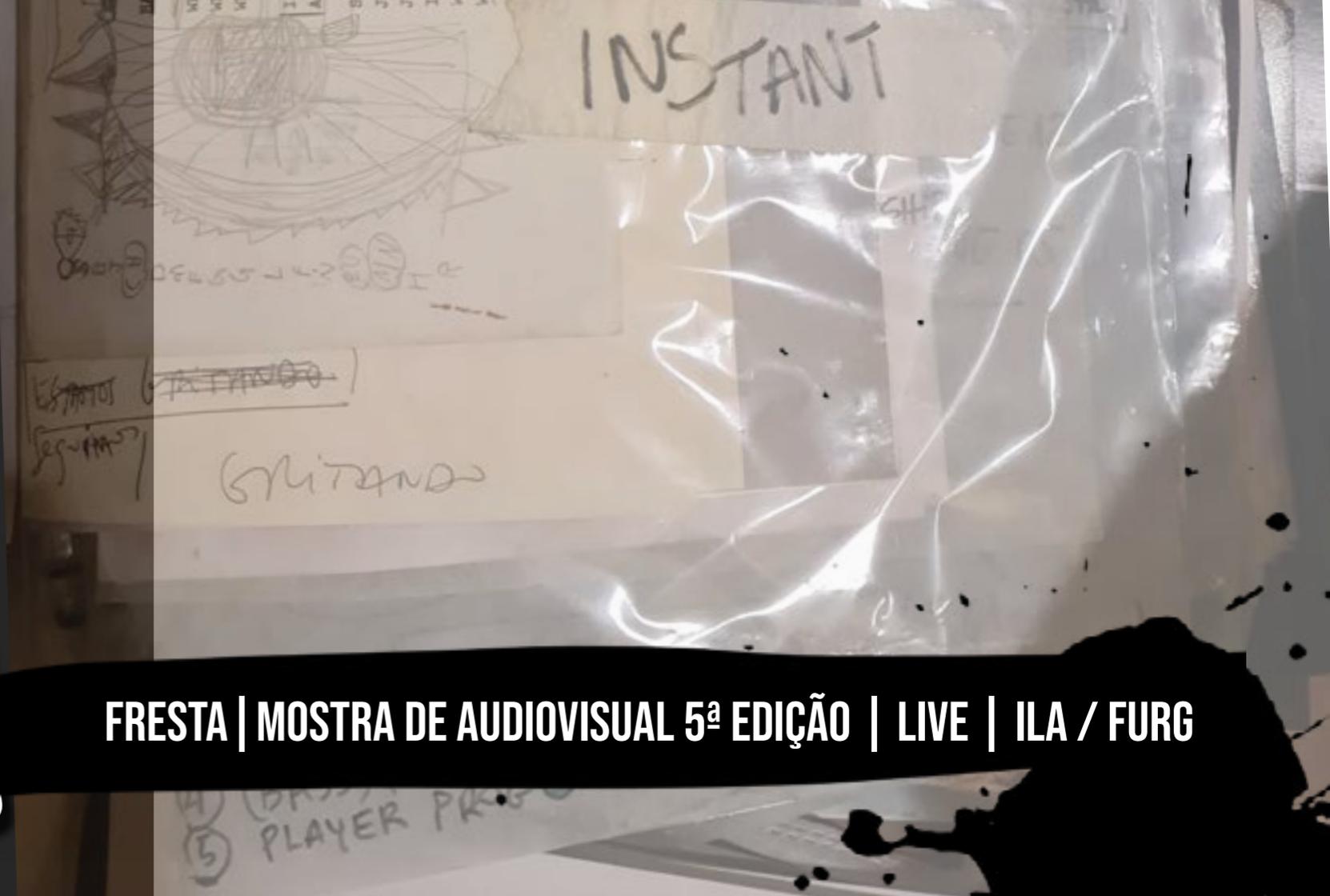
Dúbitas
7 de setembro de 2020

PENURICALHO - 10G (BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS) @227

Penuricalho/ Ting Appendix é uma videoperformance realizada simultaneamente em Porto Alegre/RS e Brusque/SC. Já 10G - Banda de Garotas Instantâneas é uma proposição performática, sonora e pluriáudio formada por Marion Velasco (baixo para iPad), Alice Pomo (poesia, VCC, desenhos e imagens), Mariana Kircher (guitarra e pedal) e Aníselas Carterpans (tecladost).

O livro se jacto exibido na plataforma VIMED no canal [vimeo/ocspacoovarias](https://vimeo.com/ocspacoovarias) Ver mais

Marion Velasco
Anel
Escreva um comentário...
Compartilhe



FRESTA | MOSTRA DE AUDIOVISUAL 5ª EDIÇÃO | LIVE | ILA / FURG

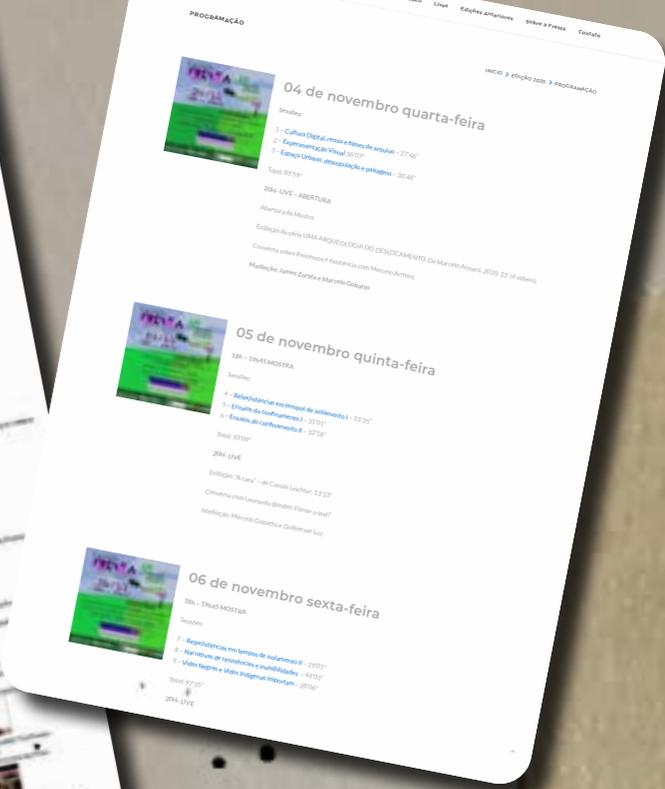
Conversa com Leonardo Bonfim: Filmar o quê?
Mediação: Marcelo Oubato e Guilherme da Luz

DS111 (sexta-feira) às 20h:
Exibição: Maria Congo - Série Gestos. De Luanda, 2019, 17'
Intertítulo: De Gláuber Layart, 2020, 4'33"
Conversa "Vidas Negras e Indígenas Importantes", com V...
Mediação: Luanda

DS111 às 19h15
Conversa sobre Autovisualidades Insurgentes
Mediação: Rosângela Fachel

DS111 das 20h15 às 21h15 - Live de encerramento
Exibição da versão inédita do vídeo:
Pondurcalho/Tiny Appendix, da Banda de Garotas Instantâneas - BGI, 2020, 8:22.
Conversa com Marion Velasco e Alice Porto.
Mediação: Ana Má e Laura Cattani

Período Emergencial	Institucional	Control de conteúdos	Serviços
Comunicação de emergência (24 horas)	Política Institucional	Monitoramento de conteúdos	Assessoria Jurídica
Comunicação institucional (24 horas)	Política de Comunicação	Monitoramento de conteúdos	Assessoria de Comunicação
Comunicação de emergência (24 horas)	Política de Comunicação	Monitoramento de conteúdos	Assessoria de Comunicação



PROGRAMAÇÃO **07/11**
18h-19h15 **SESSÕES**
 Corpos: Transgressões 36'13"
 Corpos: Gestos 28'22"

19h15
 Conversa sobre "Audiovisualidades
 insurgentes e Corporalidade(s)
 Expandida(s)"
 Convidadas: Ledys Gonzales e Wanda Lopes Trelles
 Mediação: Rosângela Fachel

20h15 LIVE DE ENCERRAMENTO
 Exibição: **PENDURICALHO/TINY APPENDIX**
 Banda de Garotas Instantâneas, 2020, 8'22"
 Convidadas: Marion Velasco e Alice Porto
 Mediação: Ana Malo e Laura Cattani

Marion Velasco
 Artista visual e trabalha com o atravessamento da performance com o vídeo, a fotografia, a arte sonora, a música e a poesia. É doutora em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com estágio doutoral em Arte Sonora e Performance pela Facultad de Bellas Artes da Universidade Politécnica de Valência na Espanha. Participou de exposições coletivas e individuais nacionais e internacionais e possui videoperformance na coleção do MACRS. Estreou produzindo e apresentando programas de rádioarte em FM e web rádio. Nos anos 1990, responsável pela voz e lírica da banda de rock The Plastic Dream e do duo eletrônico Adventure. Atualmente, participa da Banda de Garotas Instantâneas, onde é responsável pelas bases eletrônicas.

Alice Porto
 Artista e doutoranda em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre pela mesma instituição, estagiária em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande e bacharel em Gravura pela Universidade Federal de Pernambuco, recentemente do estágio doutoral nas instituições LUCA School of Art (Bruxelas) e Katholieke Universiteit Leuven (Lovaina), na Bélgica, onde realizou a imersão "Longer", participou da feira de publicações "Marché Importé Diorisme", e é representada pela galeria Omi Fehmiou (2016), Jovens de Petelas (2016), Quase um Quadrado (2017), Ainda (2018), Piranha (2018), Instant Band Girls (2018), Grayline (2019), Alimarevi (2020). Integra a IBC - Banda de Garotas Instantâneas, composta as letras e vocais.

FRESTA
 19h15 - LIVE
 Conversa sobre Audiovisualidades Insurgentes e Corporalidade(s) Expandida(s) com Ledys Gonzales e Wanda Lopes Trelles
 Mediação: Rosângela Fachel

20h15 - 21h15 LIVE - ENCERRAMENTO
 Exibição de vídeo inédito do vídeo
 Penduricalho/Tiny Appendix, da Banda de Garotas Instantâneas - IBC, 2020, 8'22"
 Conversa com Marion Velasco e Alice Porto

FRESTA
 mostra de audiovisual experimental

2020
 sábado **07/11**
20h15
 exibição do vídeo
 Penduricalho/Tiny Appendix

!Live de encerramento!
 convidadas
Alice Porto
 artista brasileira com pesquisas desenhos, poesia, a feminista e publicações artísticas. Integra a Banda de Garotas Instantâneas, composta as letras e vocais.

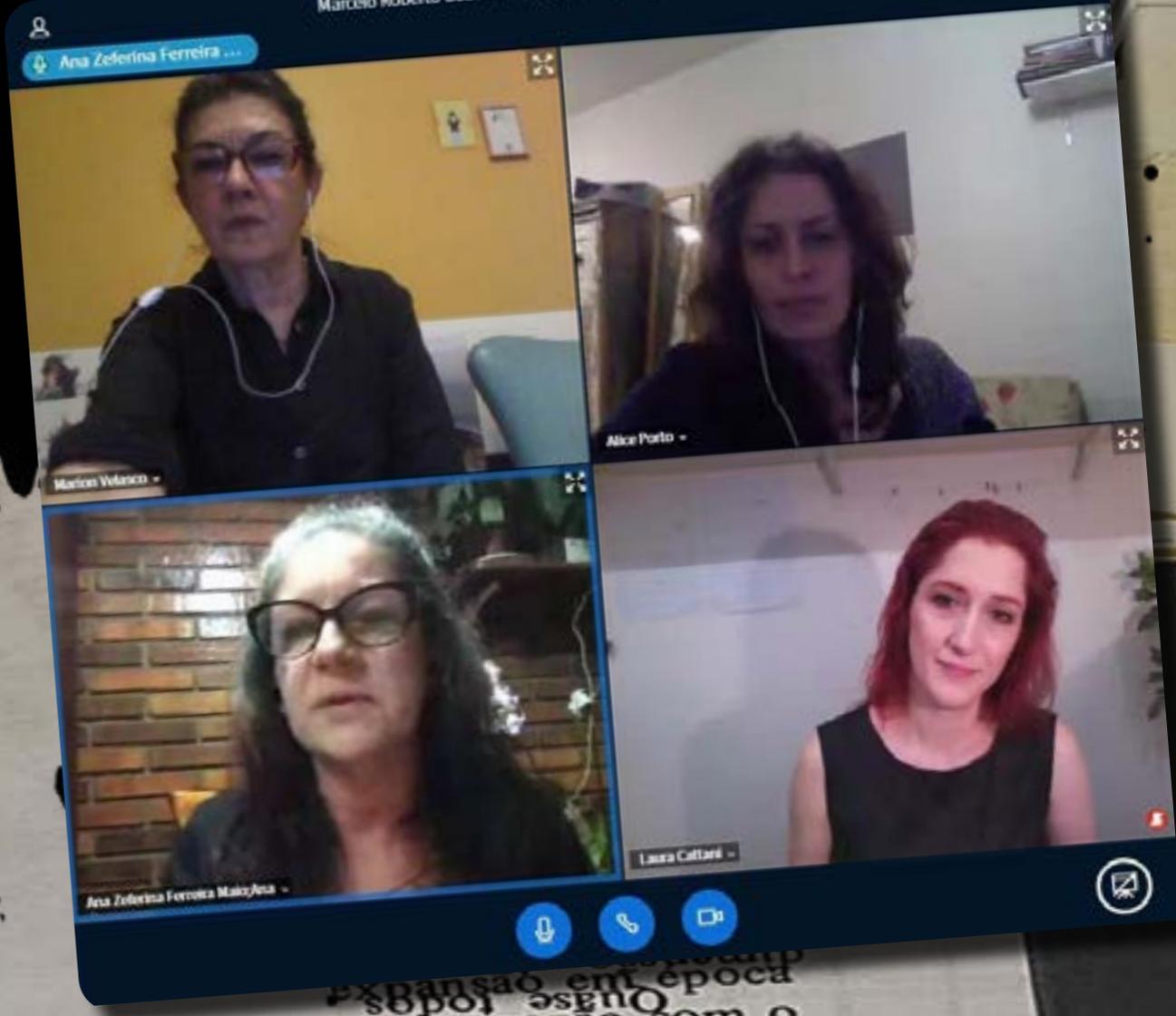
Marion Velasco
 artista visual, trabalha com o atravessamento da performance com o vídeo, a fotografia, a arte sonora, a música e a poesia. Pesquisa as Bases de Artistas

Banda de Garotas Instantâneas - IBC, 2020, 8'22"
 Mediação: Ana Malo e Laura Cattani

www.mostrafresta.com.br

Assistir no **YouTube**

<https://mostrafresta.com.br/site/live-encerramento/>

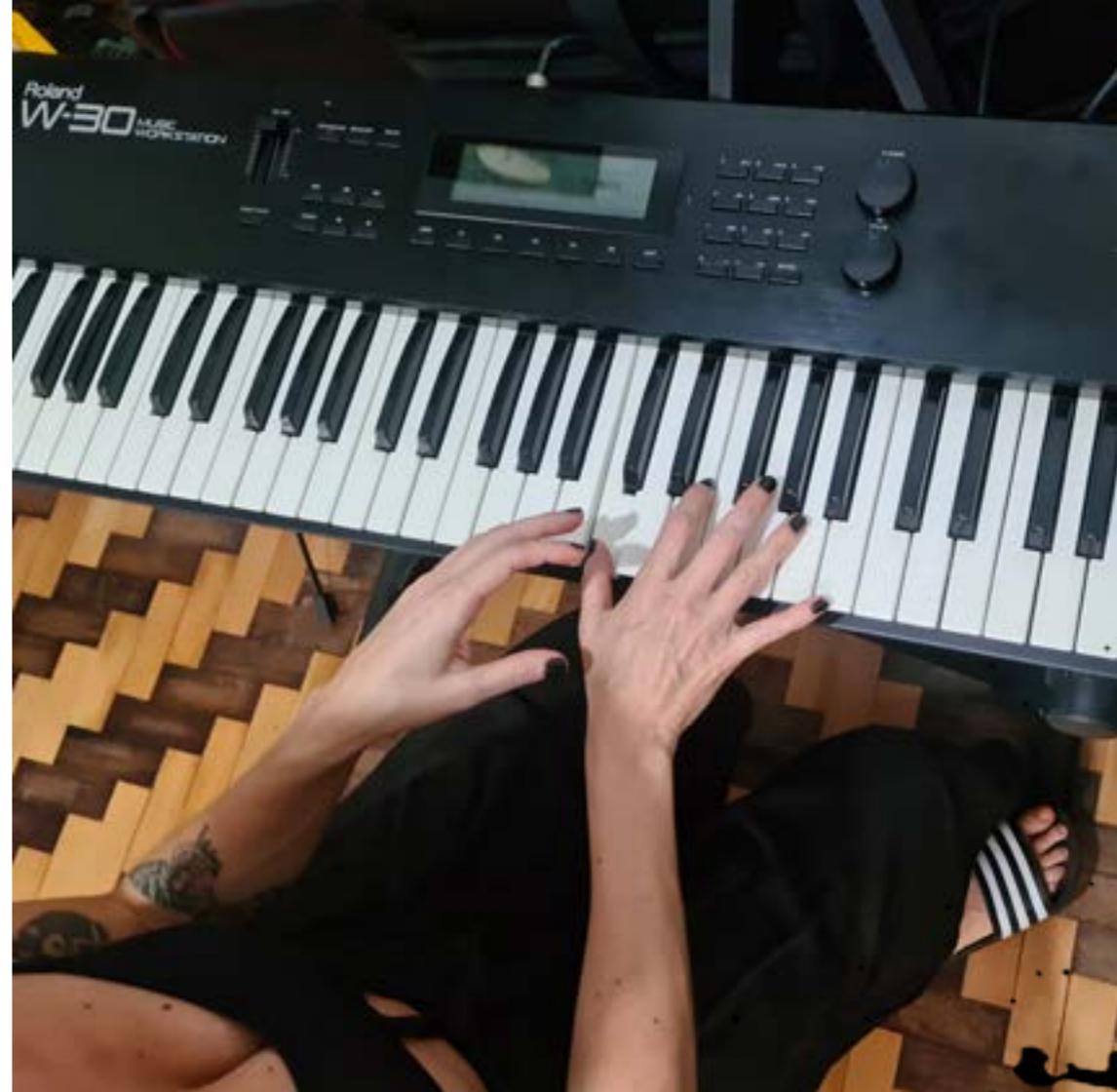


expansão em época
sobre o ensino com o



NO AQUÁRIO | 7 AO ENTARDECER | SECULT PELOTAS



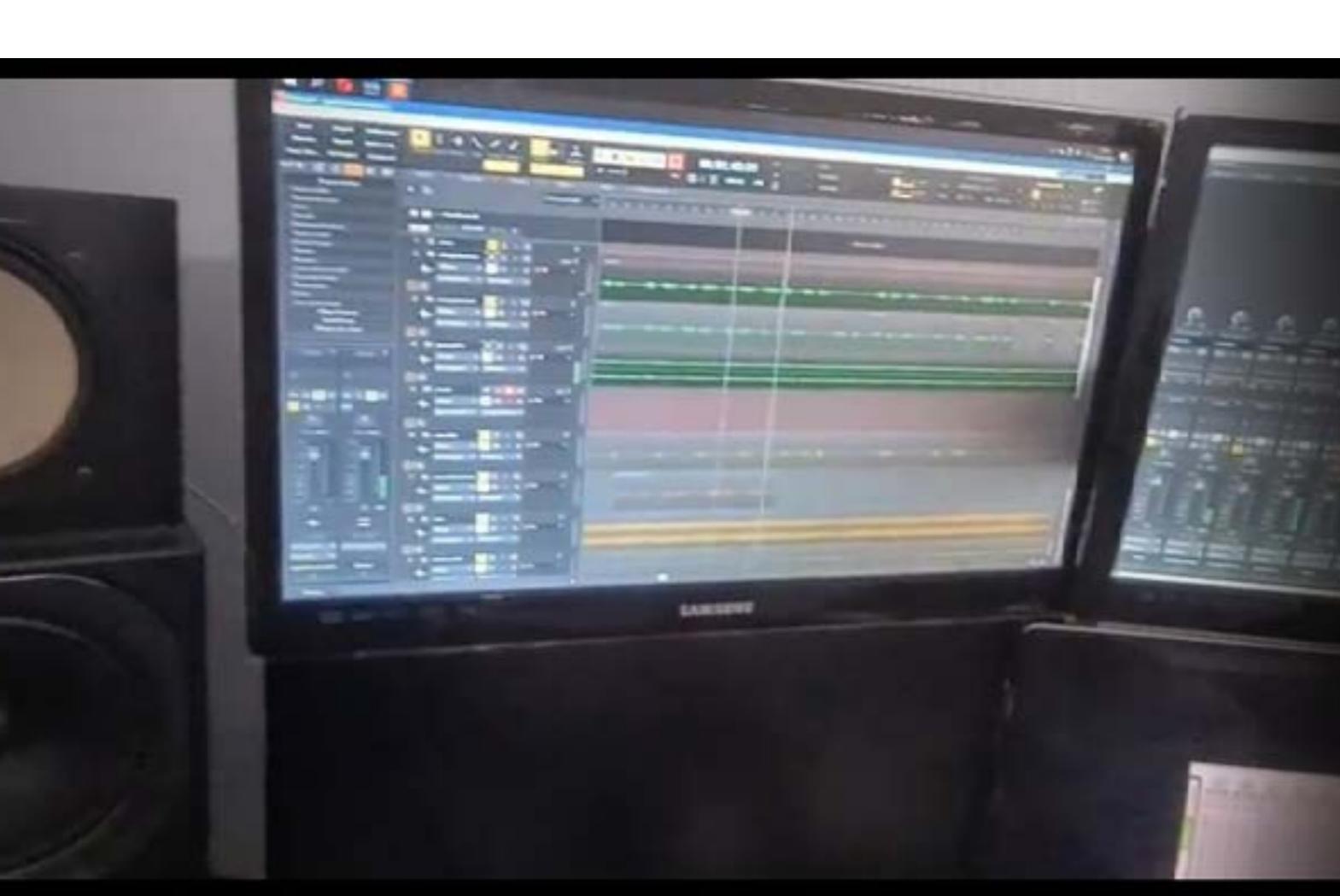






Todas fotos | **Marion Velasco**. Estúdio Cadela Records | **Porto Alegre**







Gracyanne



20211130_192644_1.mp4



20211201_181325.mp4



Sem áudio (m)

0:03 / 1:17





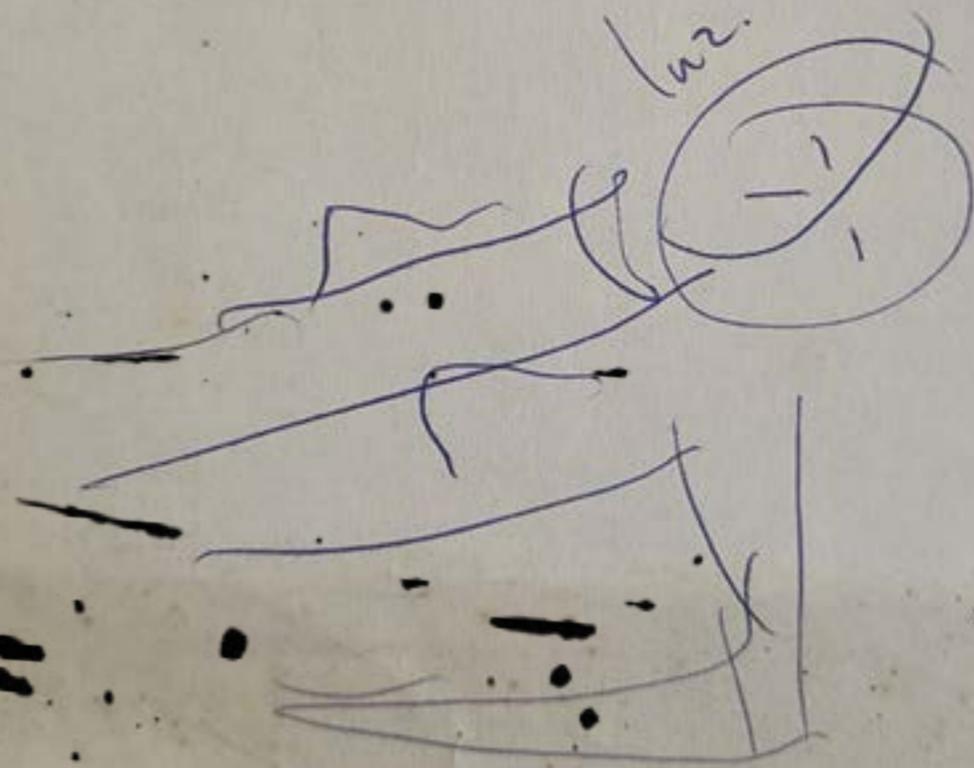




Antes da.

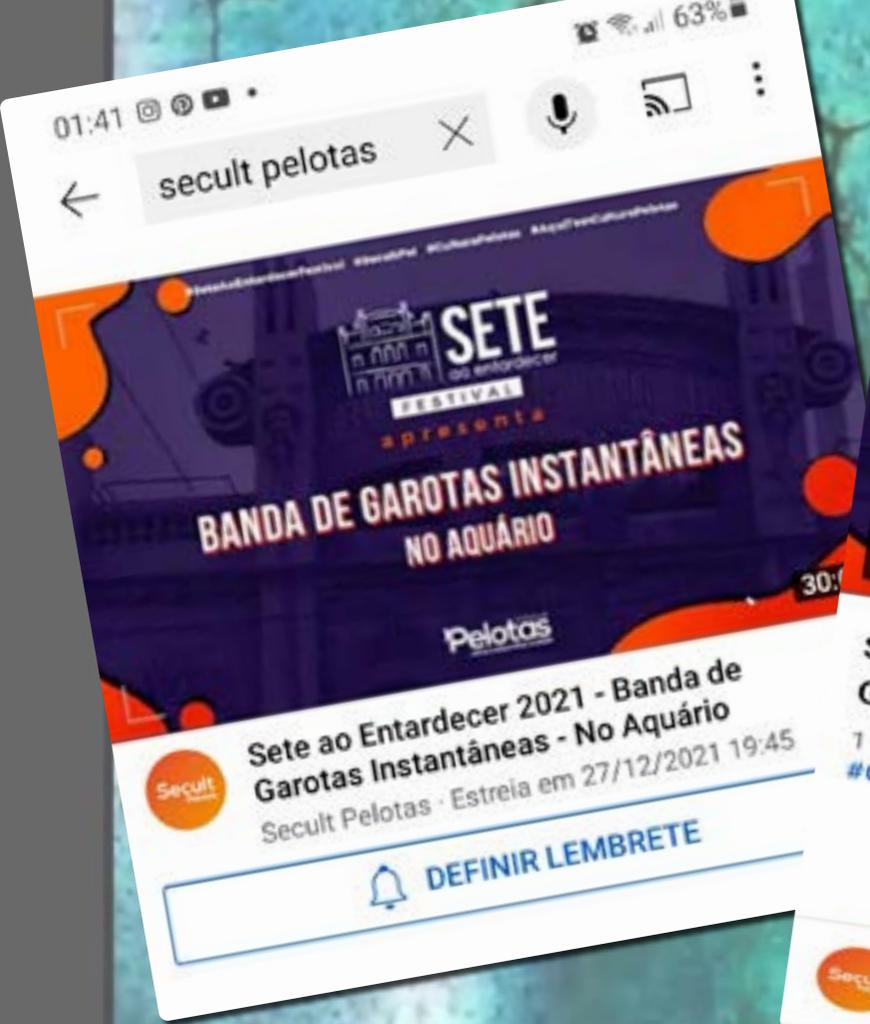
luz no norte.

cabeca unido p/ tres.





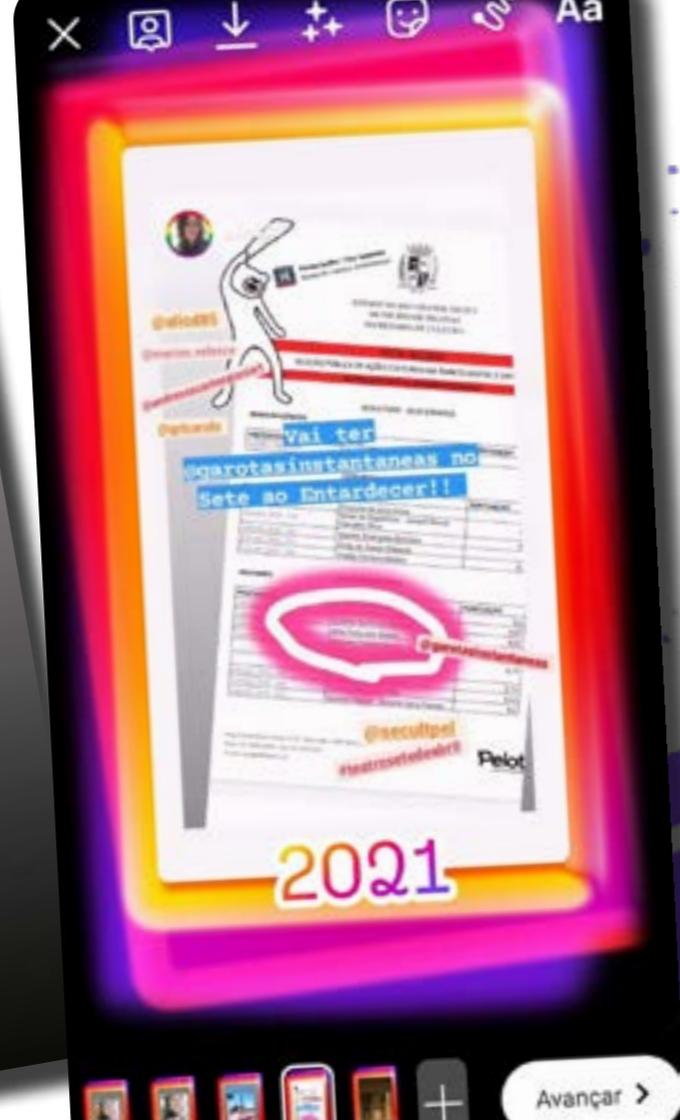






aliced85 5 h







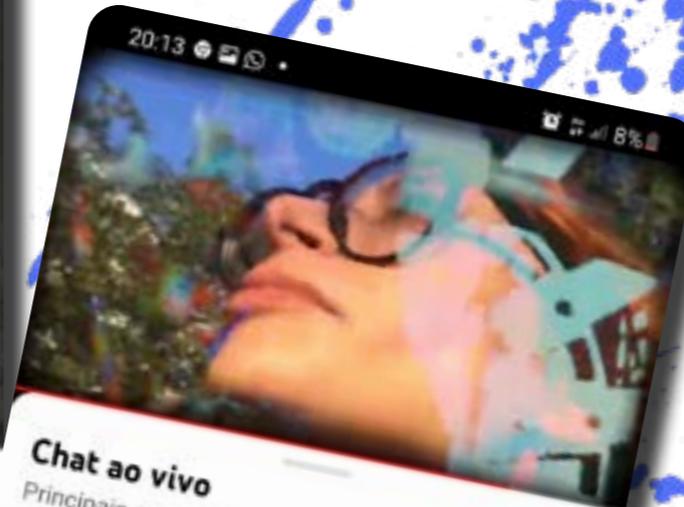
Sete ao Entardecer 2021 - Banda de Garotas Instantâneas - No Aquário

3 assistindo [#SeteAoEntardecerFestival](#) [#SecultPel](#) [#CulturaPelotas](#)

4 Não gostei Chat ao vivo Compartilhar

Secult Pelotas
276 inscritos

INSCRITO



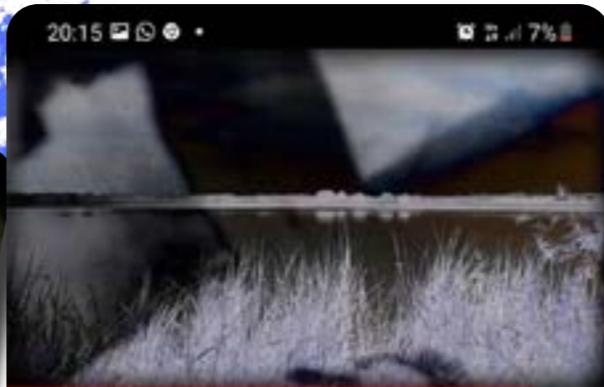
Chat ao vivo

Principais mensagens 10

19:46 Reshrame muito feliz em participar do Festival 7 ao Entardecer

Estreia em andamento: você é oficialmente um dos primeiros fãs a assistir este vídeo. Para aproveitar ainda mais, converse com outros fãs em tempo real. Não se esqueça de proteger sua privacidade e seguir nossas diretrizes da comunidade.

SAIBA MAIS



Sete ao Entardecer 2021 - Banda de Garotas Instantâneas - No Aquário

8 assistindo [#SeteAoEntardecerFestival](#) [#SecultPel](#) [#CulturaPelotas](#)

8 Não gostei Chat ao vivo Compartilhar

Secult Pelotas
277 inscritos

INSCRITO



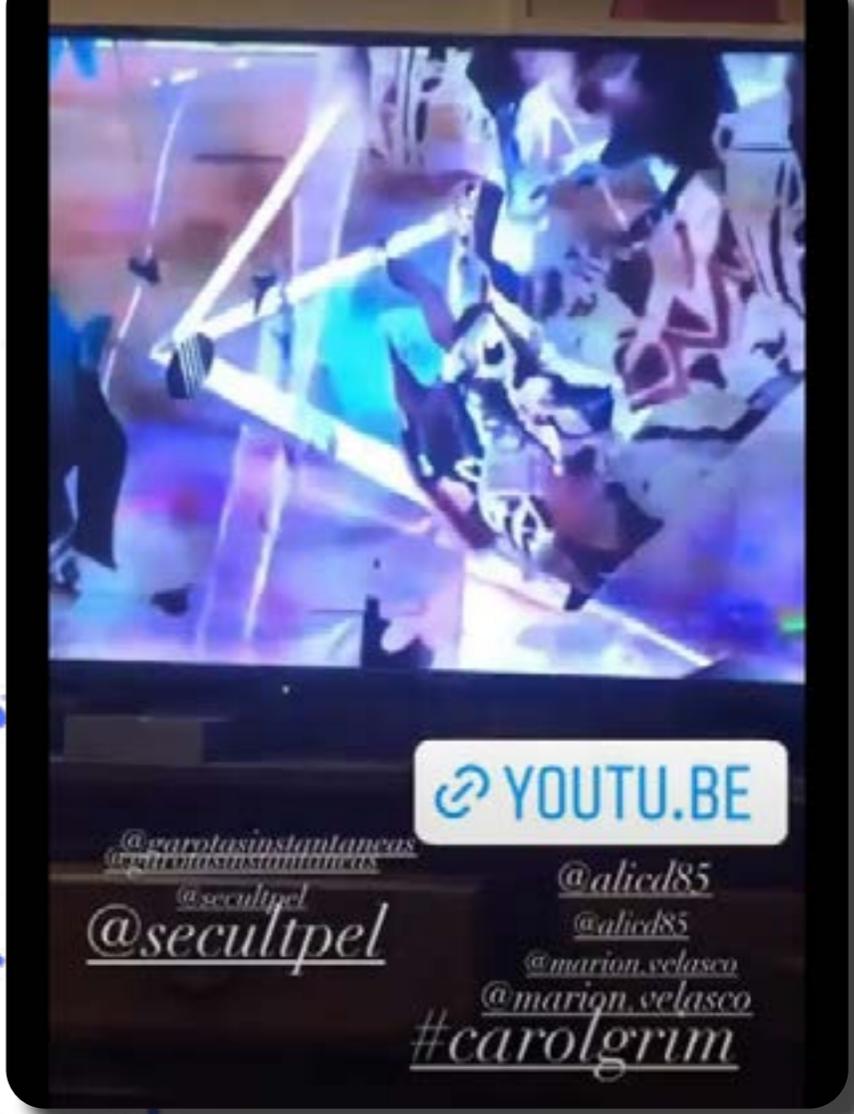
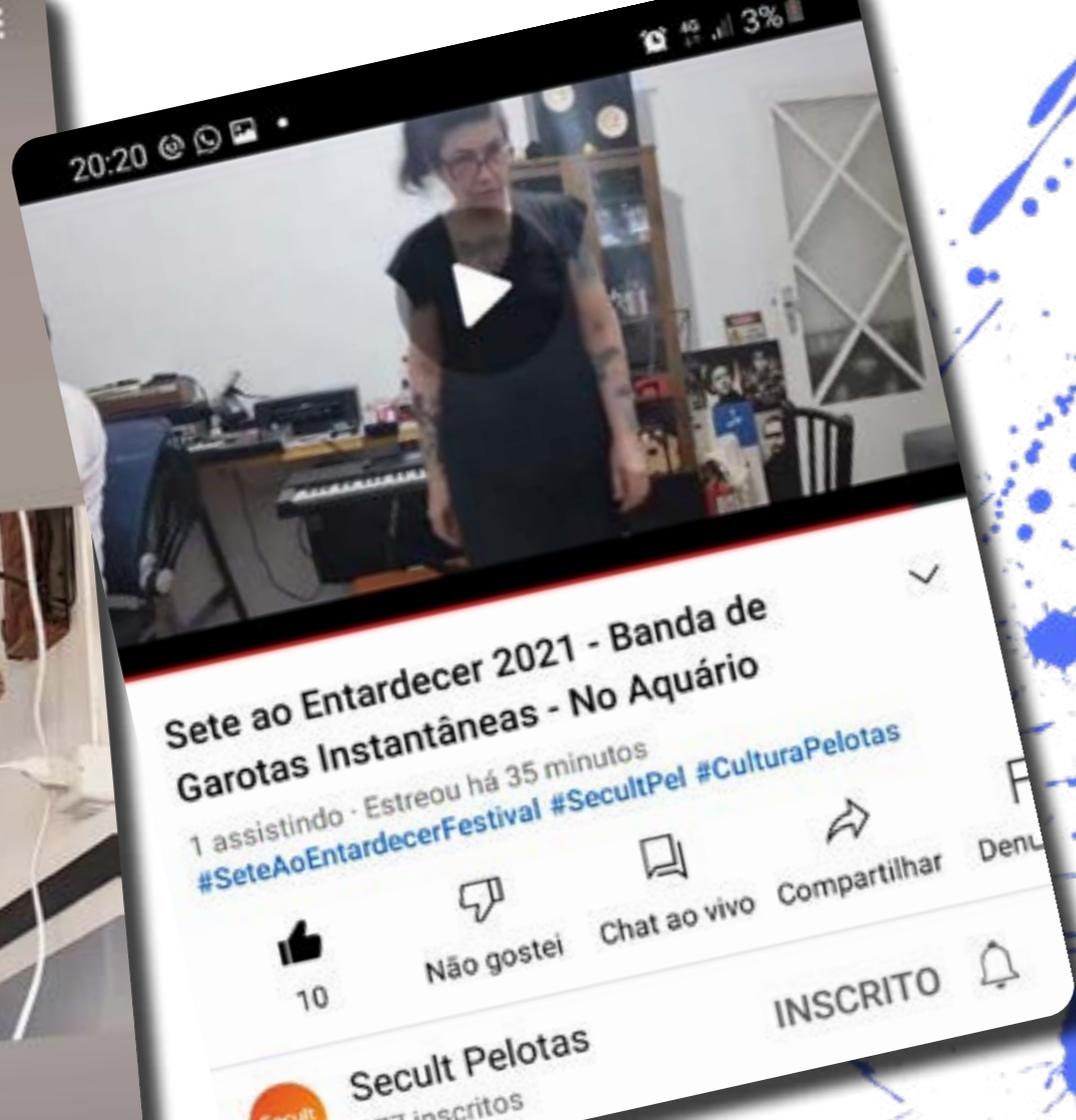
Sete ao Entardecer 2021 - Banda de Garotas Instantâneas - No Aquário

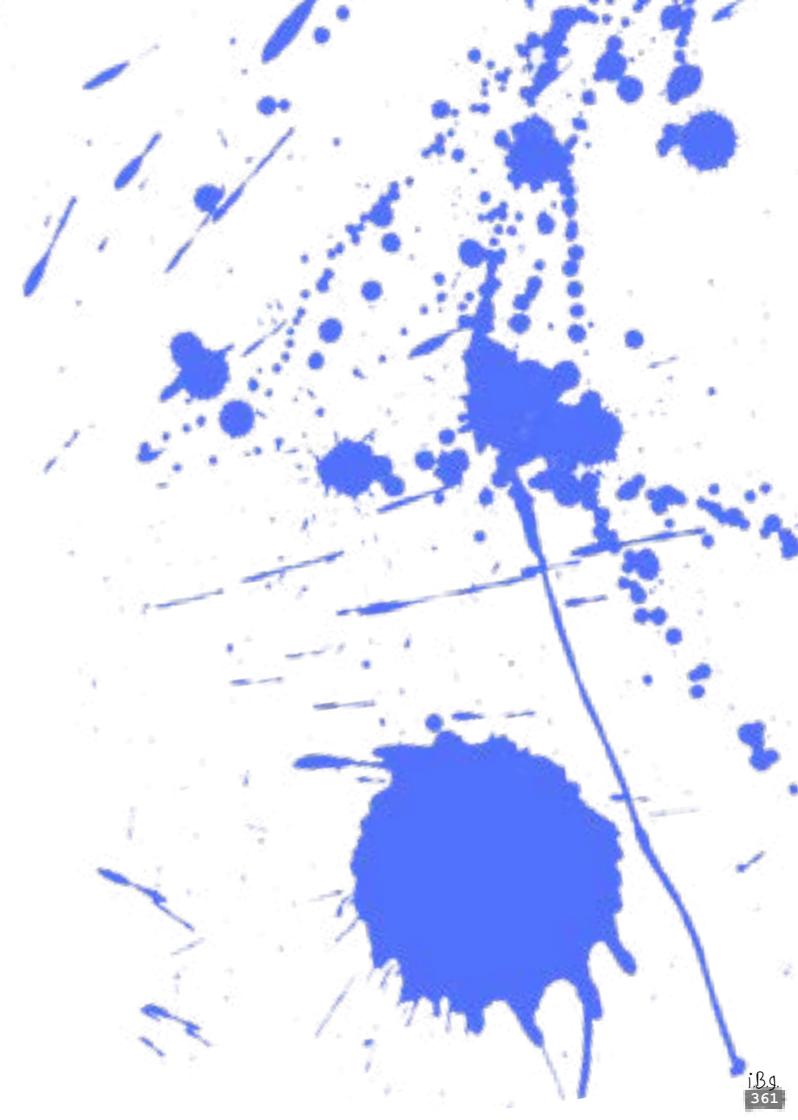
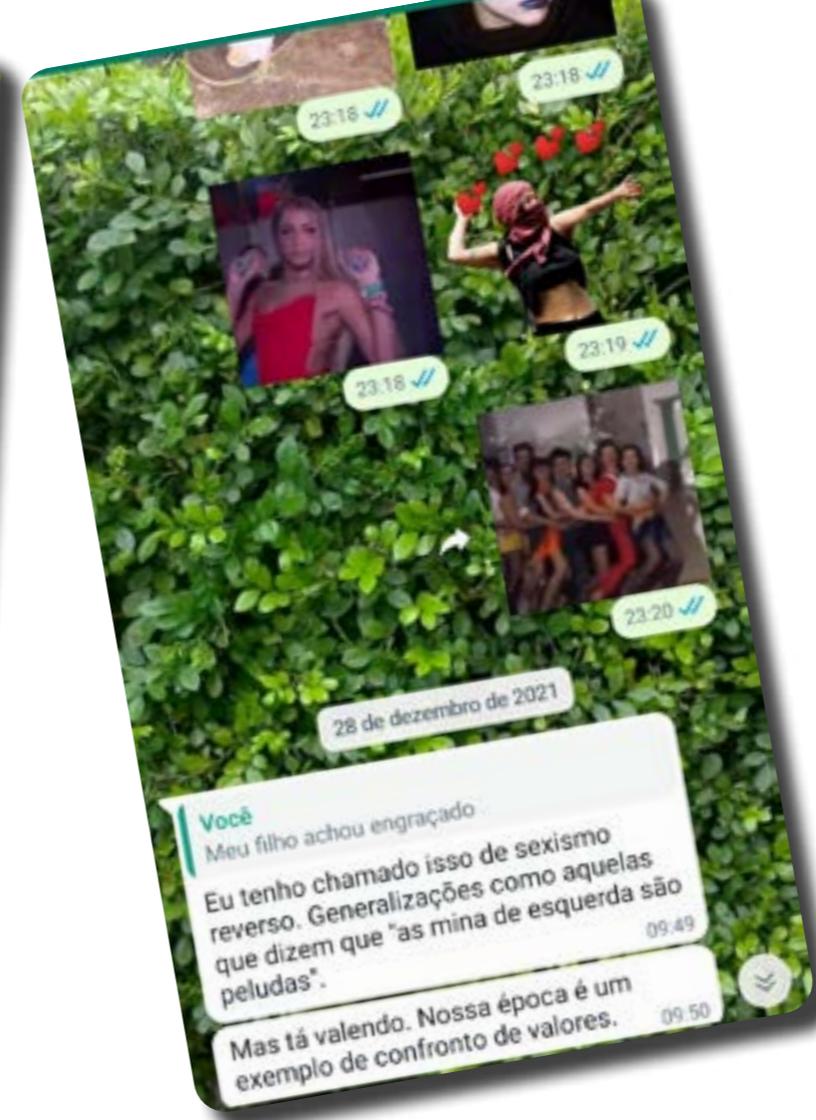
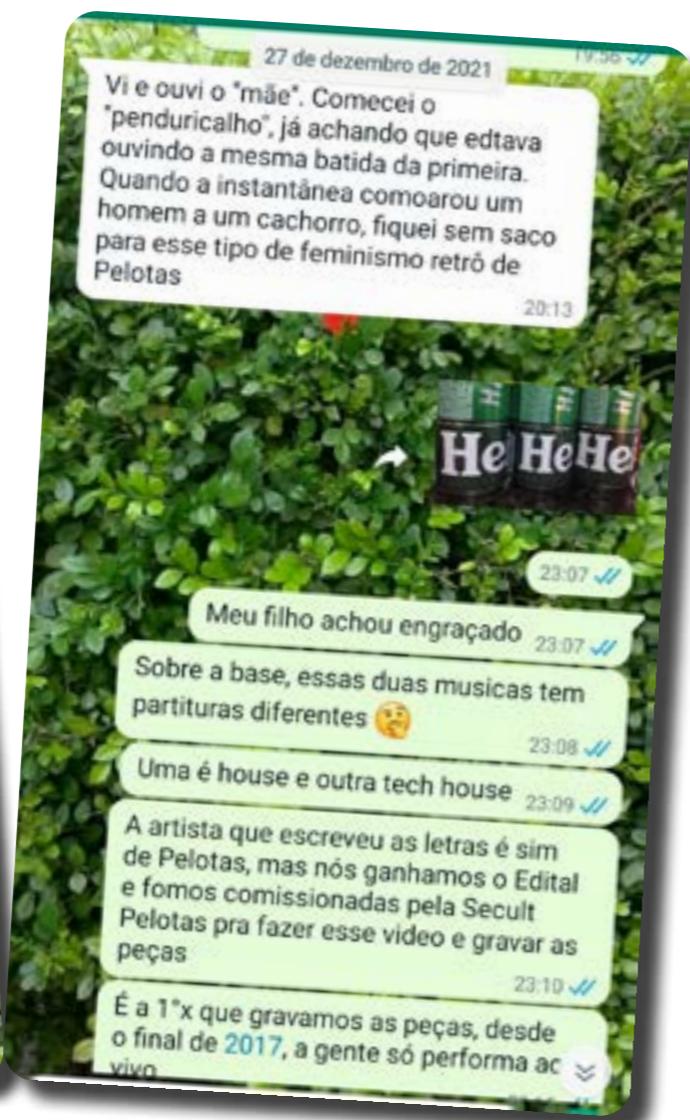
8 assistindo [#SeteAoEntardecerFestival](#) [#SecultPel](#) [#CulturaPelotas](#)

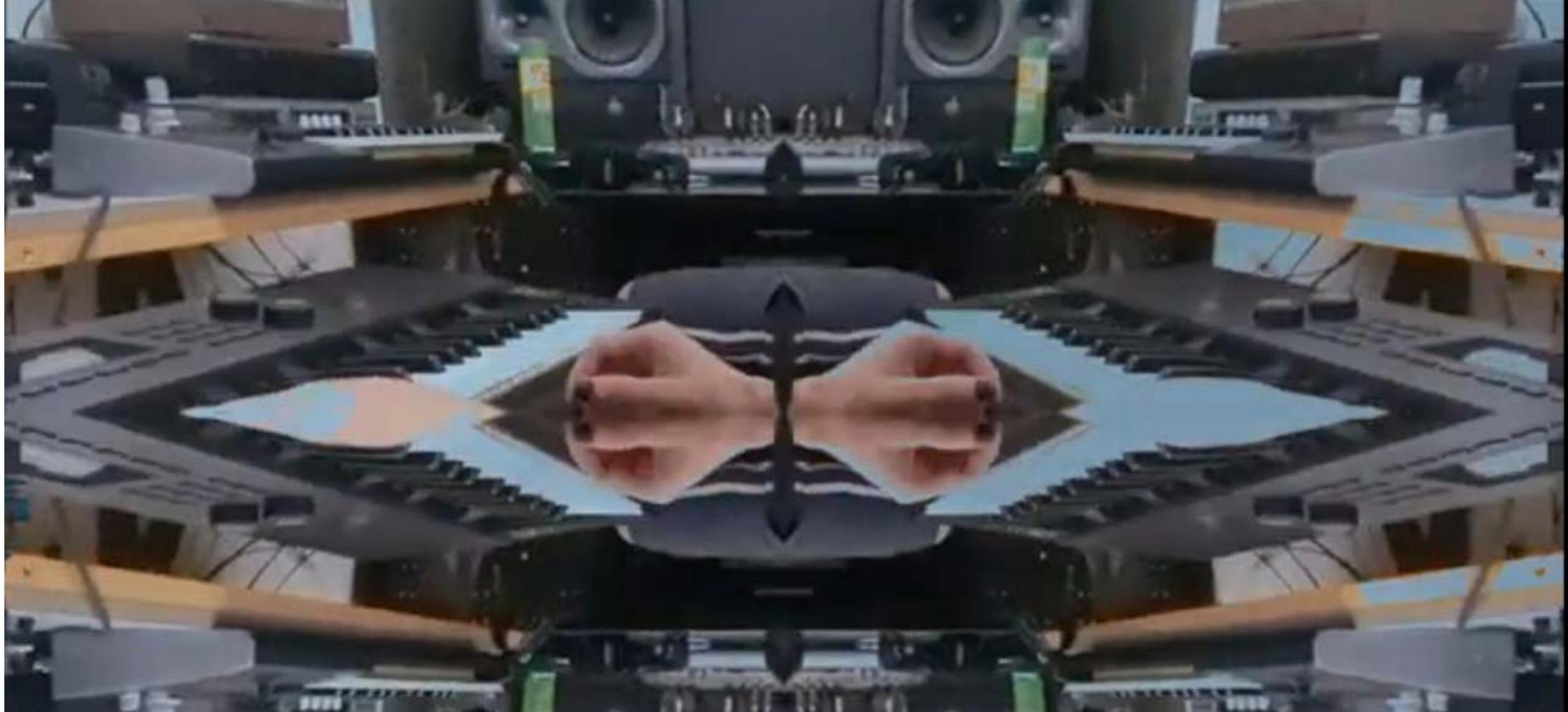
8 Não gostei Chat ao vivo Compartilhar

Secult Pelotas
277 inscritos

INSCRITO







SONGBOOK DA BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS | LÍRICOS E PARTITURAS

1- INTRO - HARD SOUL (M.Velasco/N.Pie, 1991)

We are not here to play
We are not here to dream
We are not here to drift
I have a hard word to say (2x)
And now
Speak to me
Just say
Just tell me
In a dirty screaming
What this game can make
When you are dreaming

HARD SOUL (M.Velasco, B.Pie)

WE, ARE NOT HERE TO PLAY
WE, ARE NOT HERE TO DREAM
WE, ARE NOT HERE TO DRIFT

I HAVE A HARD WORD TO SAY
AND NOW

SPEAK TO ME
JUST SAY
JUST TELL ME
IN A DIRTY SCREAMING
WHAT THIS GAME CAN MAKE
WHEN YOU ARE DREAMING

INTRO 1
new session 1

120

INSTANT BRASS
DRUMS

Imported MOTOR_FONDO
Imported MOTOR_FUNDO 2
Imported MOTOR_FUNDO 1

Imported MOTOR_SILBIDO
Imported MOTOR_ELECTRICO
Imported MOTOR_ELECTRICO 4

1. BASS ULTRA GRIME
Imported MOTOR_SUSPIDOS

2. MELODIC ERRATIC WASP
3. MELODIC UNDERCOVER

4. MELODIC THE DEEP

1. BASS ULTRA GRIME
4. MELODIC THE DEEP

travels
Fog
opens

VOZ:
WE ARE NOT
HERE
TO PLAY

INTRO_MANIFEST (M.Velasco, 2020 version)

WE are not here to play
WE are not here to bluff
WE are not here to blur

Our word is hard to say
Our word it is a hard saying
Then,

Talk to me
Tell me,
HERE, in the midst of dirt,
What can U Do?
In this dirty game!

We keep screaming (2x)
While U...
Pretend, mask,
Take for a ride (4x)
Folling Around
Pull a fast one

INTRO MANIFESTO (M.Velasco, 2020)

NÓS
não estamos aqui pra Brincar

NÓS
não estamos aqui pra Blefar

NÓS
não estamos aqui pra Embaçar

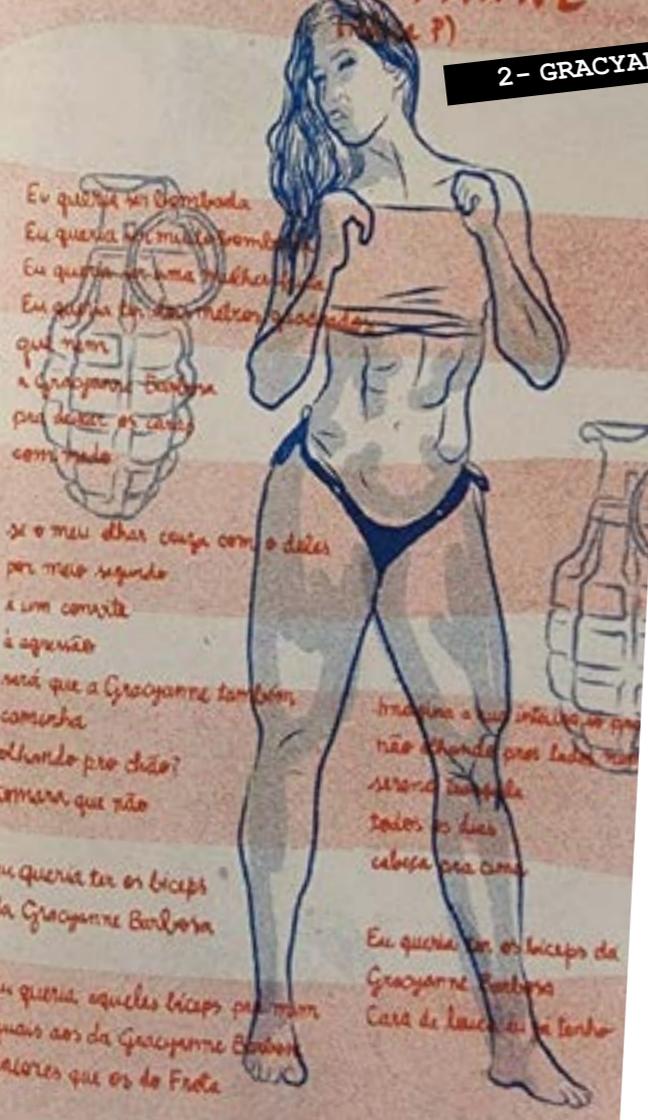
Nossa palavra É de difícil dizer
Nossa palavra,
É difícil dizer
Então,

Fala comigo
Diz pra mim,
AQUI,
em meio à sujeira, o que se pode fazer,
nesse jogo sujo ?!

Seguimos gritando (2x)

Enquanto Você...
Finge, mascara,
Segue enrolando (4x)
Enrolando
Segue enrolando...

2- GRACYANNE BARBOSA (A. Porto)



Eu queria ser bombada
Eu queria ser bombada
Eu queria ser bombada
Eu queria ser bombada
que nem a Gracyanne Barbosa
pra deixar os caras com medo

se o meu olhar cruza com o deles
por meio segundo
é um convite
à agressão
será que a Gracyanne também caminha
olhando pro chão?
tomara que não
tomara que não

eu queria ter os bíceps
da Gracyanne Barbosa

eu queria aqueles bíceps pra mim
iguais aos da Gracyanne Barbosa
maiores que os do Frota

imagina a rua inteira só pra eu passar
não olhando pros lados, nem pra trás
serena, tranquila
todos os dias
cabeça pra cima

GRACYANNE BARBOSA

I wish I was muscular
I wish I was so muscular
I wish I was a "fruit woman"¹
I wish I was two meters squared
Just like Gracyanne Barbosa²
To scare the guys away

If my eyes happen to meet theirs
For half a second
It is an invitation for being harassed
I wonder if does Gracyanne ever walk
Staring at the ground as well
I hope not
I sure hope not

I wish I had byceps just like Gracyanne Barbosa's
I wish I could own those byceps
Bigger than Frota's³

Could you imagine the whole street
Just for me to walk on
Not watching out for the surroundings, nor over my
shoulder
Everyday
Keeping my head straight

I wish I had byceps just like Gracyanne Barbosa's
Because I already have crazy eyes

1-"fruit women" ("mulheres fruta", in the original Brazilian Portuguese) is the way some Brazilian female funk dancers from the early 2000's are referred to. This is due to their artistic names being "Melon Woman" (Mulher Melão), "Watermelon Woman" (Mulher Melancia), "Strawberry Woman" (Mulher Moranguinho), and so on. They are usually big, strong and curvy.

2-Gracyanne Barbosa is a famous model, body-builder, social influencer and former dancer in Brazil. You can see her working out everyday at the Instagram @graoficial.

3-Alexandre Frota is a Brazilian right wing politician, former porn star and actor.

GRACIANE 2

dub step

80

DRUMS HATS GROOVE 12 ● 2
DRUMS DFX GROOVE 05 ● 1

BASS HR GAMMY
BASS DMT CNN BASS 4

3 3
LANTOS
ALTERNANDOS
cu quem
seu
boyton
de

Reggae
MELODIC MGB PLOD 20 ● 1
TOMADA q não

APERTAR:

ENTRA E
SAI

+ BASS NERFUS ● 6
+ BASS DMT LAZERS ● 6
+ BASS PHASER LOOP 40

BASS GRIDLOCK
BASS DMT LAZERS ● 6
BASS CYPHER

APERTAR:

puadas

maio-
mê q os
do FROTA

SAI
DRUMS
HATS GROOVE 12

TERMINA:

DRUMS DFX GROOVE 05

3- MÃE (A.Porto)

eu queria ter os bíceps da Gracyanne Barbosa
cara de louca eu já tenho

O melhor anticoncepcional do MUNDO
é essa criança gritando
no meio do restaurante

mãe
mãe
mãe
mãe
mãe
mãe
mãe

ô mãe
mãemãemãemãemãemãemãemãemãemãe
mãe!

reparem que pai ela não tem

mãe
mãe
mãe

E é por isso que
a menstruação é o fogo de artifício no corpo
Fogo de artifício do corpo

4- CASTRO (A.Porto/ Ruth Weiss por M.Velasco)

E quando o cara é babaca
e o sobrenome
ainda por cima é Castro?
eu repito mentalmente:
castro
castro
castro
castro
vem cá que eu castro
vem aqui
chega mais
chega aqui pertinho

Caio Castro
Felipe Castro
Luiz Castro
Pedro Castro

"No podemos ser amigos
Pero no tenemos por qué ser enemigos"

Paulo Castro
João Castro
Maurício Castro

"No podemos ser amigos..."

Leonardo Castro
Mateus Castro
vem aqui
Rafael - pode vir Rafael - Castro
Flávio Castro
Rogério Castro
Yuri Castro
Rodrigo Castro

"No podemos ser amigos
Pero no tenemos por qué ser enemigos"

Todos Castro
Vocês são todos da mesma família

já dizia
a rainha de copas
vem cá
cortem as cabeças
Cortem mais um pouco
cortem tudo

CASTRO 4
house 2

70 → 72

DRUMS FRM LOOP ●
DRUMS CRIMINAL B ● (depois)

BASS NEW GATES ●
BASS DIP DIRT > mais pra fim ●

MELODIC CHORDUROY ●
LEAD NIGHTMARE ●

1) → E quando o cara é babaca

Voz:
No podemos ser amigos
PERO,
2x

entre nomes

2) → depois das 113 memórias

+ VOCAL T F U VOZ 12 ●
+ VOCAL T F U VOZ 04 ●
+ VOCAL D D F X VOZ ●
+ VOCAL COME ON ●

+ LEAD UNEXPECTED ●

CASTRO

And what about when the guy's
an asshole
And on top of that
His last name is Castro⁴
I mentally repeat
castro
castro
castro
castro
Come here and I'll castrate you
Come a bit closer
Get over here
Caio Castro
Felipe Castro
Luiz Castro
Pedro Castro

⁴Castro is a common last name in Brazil (and also elsewhere), which can also mean the verb "Castrate" in the present tense.

Castro

(Alice P, Marion V)

Alice Castro

(No podemos ser amigos...)

Michel Castro
Igor Castro
Leonardo Castro
Mateus Castro
vem aqui
Rafael Castro
Rogério Castro
Yuri Castro
Leandro Castro
Rodrigo Castro
Mário Castro

Vocês são todos da mesma família

Já dizia
a rainha de copos
vem cá
contem as cabeças
Contem mais um pouco
contem tudo!

E quando o cara é balança
e o rolamento
ainda por cima é Castro?
eu repito mentalmente:
castro
castro
castro
castro
castro
vem cá que eu castro
Caio Castro
Felipe Castro
Kaleguiri Castro
Pedro Castro
(No podemos ser amigos
pero no tenemos por que
ser inimigos)

Fiapio Castro
Paulo Castro
Castro

No podemos ser amigos
Pero no tenemos por que ser inimigos⁵

Paulo Castro
João Castro
Maurício Castro

No podemos ser amigos...

Leonardo Castro
Mateus Castro
Come here
Rafael, come over Rafael... Castro
Flávio Castro
Rogério Castro
Yuri Castro
Rodrigo Castro

Every one of them: castro
You're all from the same family

As would the Queen of Hearts say
Off with their heads
Cut off their heads
Cut off a little more
Cut it all away

⁵In Spanish: "we cannot be friends but neither do we have to become enemies"

5- ELOGIO DE HOMEM (A.Porto)

Uma vez o meu amigo disse
que apesar de feminista
eu sou uma pessoa boa
e nem era deboche
era de coração
elogio de homem é foda
é foda

porra cara
é foda
elogio de homem é muito foda
tem que paciência com vocês hein
é foda
Homem não serve nem pra dizer que ficou bom

ELOGIO b
d & b

120

BASS UP RITE
DRUMS DC LOOP1
MELODIC WOODPAD

MELODIC ERRATIC WASP

DRUMS COLD CRUSH
MELODIC BOP 32A

FX SIREN 7B

+ PAD DEMON BREATH

FX GATER / GATER
dentinhos (2)

FX DELAY (2)

FX STUTTER (?)

TERMINA COM PAD DEMON BREATH

VOZ:

1. ELOGIO d.H
e phoda

2. ...
3. ...
4. ...
5. ...

2x

sai ERRATI
C

into

TRAVA
GERAL?



A MAN'S PRAISE

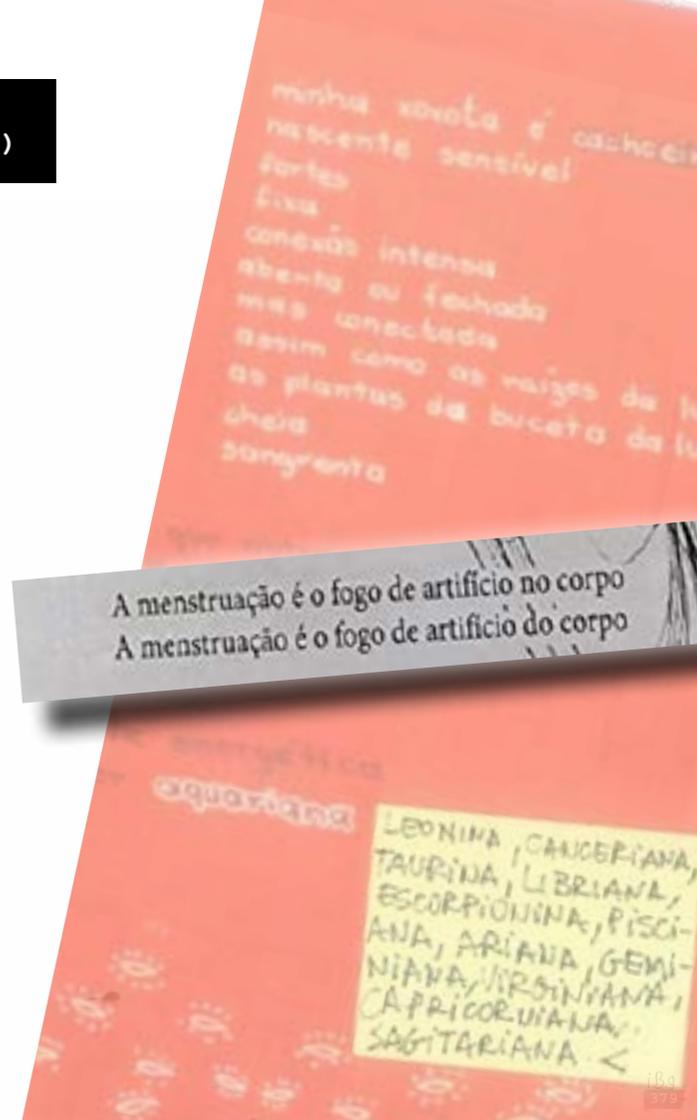
Once upon a time a friend of mine said
That even though I'm a feminist
I'm still a nice person
And he wasn't even joking
It came from the bottom of his heart
A man's praise is disappointing
It's fucking disappointing

Oh man
It's so fucking disappointing
A man's praise is utterly fucking disap-
pointing
It's fucked up
A man isn't even fit to say if something
has turned out well

**6- XXTAS-CACHOEIRA | BCT FUMEGANTE
(A PARTIR DO FANZINE XOXOTAS DE PELOTAS)**

Minha xoxota é cachoeira
Nascente sensível
Fortes
Fixa
Conexão intensa
Aberta ou fechada
Mas conectada
Assim como as raízes da lua
As plantas da buceta da lua
Cheia
Sangrenta
Cheia
Sangrenta
Cheia
Sangrenta
Minha xoxota é planta
Respira
Toma sol
Toma lua
Floresce
É planta que cresce quase árvore
Em luas derrama seiva
Que aduba terra
Planta carnívora
Que luta sobrevive
Com folhas

A menstruação é o fogo de artifício no corpo
A menstruação é o fogo de artifício do corpo



E lábios
 E dentes
 Com folhas e lábios e dentes
 Sangue que nutre as folhagens
 Revigora
 Arrasta, leva, flui
 Fluxo
 De processo
 Corrente energética
 De poder aquariana
 Canceriana
 Taurina
 Ariana
 Leonina
 Geminiana
 Capricorniana
 Pisciana
 Sagitariana
 Escorpiônica
 A menstruação é o fogo de artifício no corpo
 A menstruação é o fogo de artifício do corpo

XOXOTAS CACHOEIRA (8)
 (BUCETA FUMEGANTE)
HIP HOP (120)

① DRUMS STATE LOOP
 DRUMS TOB 91 CRASH
 BASS FUZZ BASS GROOVE
 PERCUSSION WEIRD HAT

③ + MELODIC C MENTION
 ② + LEAD WEST COAST

10Z:
XOXOTAS de Pelotas.

④ (BASS) FLAT BASS
 ⑤ PLAYER PROG

WATERFALL PUSSY/ CUNT ON FIRE
 (FROM THE ZINE PUSSIES FROM PELOTAS)

My pussy is a waterfall
 Sensitive spring
 Strong
 Fixed
 Intense connection
 Open or closed
 But always connected
 Just like the roots of the moon
 The plants of the moon's pussy
 Full
 Bloody
 Full
 Bloody
 Full
 Bloody
 Full
 My pussy is plant
 Breathes
 Takes sun
 Takes in the moon
 It blooms
 It's a plant that grows almost like a tree
 In moons it pours sap
 That fertilizes the earth
 Carnivorous plant
 That struggles to survive

With leaves
 And lips
 And teeth
 With leaves and lips and teeth
 Blood that nourishes the foliage
 Invigorates
 Drags, carries, flows
 Flows
 Of process
 Energetic current
 Aquarian power
 Cancerian
 Taurine
 Arien
 Leonine
 Gemini
 Capricornian
 Piscean
 Sagittarian
 Scorpionic
 Menstruation is fireworks
 inside the body
 Menstruation is the body's
 fireworks

Penduricalho

Me tira do pedestal, eu sou uma mulher de verdade

vocês supervalorizam esse penduricalho nem é tão legal assim não importa qual seja o tamanho nunca é tão legal quanto você imagina mas deve ser super bacana poder mijar em pé mas eu aposto nem é tão tudo isso existem brinquedos muito mais divertidos por aí mas pelo jeito você nunca vai saber

o eterno mistério do xixi na calçada de quem que é? é de um homem ou é de um cachorro? é de um homem ou é de um cachorro? é bem difícil descobrir

eu viajei pelo mundo e mesmo aqui, na cidade de Pelotas ainda é difícil distinguir entre um homem e um cachorro é um homem ou um cachorro? é uma criança ou será que é um homem?

e por que essa menina está presa atrás das grades? é bem difícil descobrir as sutis diferenças entre um homem e um cachorro só pelo rastro você nunca vai saber porque nenhum dos dois é muito limpo

não é nem de longe tão maravilhoso quanto você pensa aquela coisinha pendurada salsicha balançante

bugiganga

coisinha encolhida

quinquilharia

mini cenoura

flauta de passarinho

realmente não é o centro do universo conhecido

e você já devia saber

sinto muito mas alguém tinha que dizer isso em voz alta e quem dera não fosse eu por que você se esforça tanto pra ser como um cachorro?

existem tantos brinquedos mais legais por aí

mas eu acho que você nunca vai descobrir

está mesmo fora do seu alcance

[[[[[pow]]]]]

.....

vocês supervalorizam esse penduricalho nem é tão legal assim

Penduricalho

Você supervaloriza esse penduricalho

You overvalue this tiny appendix

it's not as great as you think

It doesn't matter the size

It is never as great as you think

And I bet it must be fun

To pee while standing up

But it's not really not that great

~~and~~ There are nicer shiner toys

The eternal mystery of the pee in the street

Whose pee is that?

Is it a man or is it a dog

I travelled around the world, and

even here in the city of Brussels I fail

to distinguish between a man and a

dog. Is it a man or a dog?

Is it a child or a man?

Why is the little girl behind bars?

There are several things more important than you

longly skinny
trinket

longline sausage

lowball

teeny weeny schneid little

snack snack

slightly cannoli

chard flute

PENDANT BRUSSELS VERSION
(ENGLISH VERSION)

You overestimate this tiny appendix
it is never as great as you think
and I bet it must be fun
to piss while standing up
but it's really not that great
there are nicer shinier toys
but I guess you'll never know
the eternal mystery of the piss
in the street
whose piss is that?

is it a man or is it a dog?
is it a man or is it a dog?
it's really hard to tell

I've travelled around the world
and even here in the city of Brussels

I fail to distinguish
between a man and a dog
is it a man or is it a dog?
Is it a child or is it a man?
and why is the little girl
behind bars?
it's really hard to tell
the subtle differences between
a man and a dog
by it's trail you'll never guess
they're both quite not so clean

HINDURICALHO
techno house

100

COXICK BASS 1 ③
DMT LOOP TL7 ②
TEC DRUM 13A ④

10000...

AUTOBAHN ④

E EV...

TRIBAL FRIEND ④

SWAMP BASS 1 ②

TECH VMA
MUTUALWANDA
SICAPUSA
A 2 3 4 5
MUTUALWANDA
CICAPUSA

DMT LOOP TL28 ②

COXICK BASS 1 ③

TEC DRUM 13A ④

TRIBAL FRIEND ④

SWAMP BASS ②

DMT LOOP TL28 ②

MAS GV...
MUTUAL...

STUFFING COW ①

DMT LOOP TL7 ②

GIORNO BASS 2 ③

AUTOBAHN ...

o cetero
mish'no
Juxta
he cetero
Human
Cicapusa?

Slightly odd ①

APETAR: ResoPump 04

(FIM) slightly odd + Giorgio Bass
ResoPump 502.000.....

it's really not that awesome
as you think
that dangly thingy
that depicable trinket
forgettable dangly sausage
tchotchke
teeny weeny schrivel little
knick knack
baby carrot
bird flute

it's really not the axis of
the known universe
you really oughta know
I'm sorry but someone just
had to go and say it out loud
and I wish it wasn't me

why do you try so hard to
be like a dog?
there are nicer shinier toys out
there
but I guess you'll never know
it's really something elsebut I guess
you'll never know
it's really something else
. . .



ZONA DE AMIZADE *
(L. Castro/A. Porto)

Não confunda
A companhia de um homem carente e
egocêntrico
Com a amizade sincera e descomunal
A maioria dos meus amigos homens
Só queria me comer
Só queria me mostrar aquele vinil
do Led Zeppelin lá em casa
Pois eles são incapazes de sentir
Qualquer coisa vinda
Pelas mulheres que convivem
Tudo ou quase tudo
Que é próprio do amor
A maioria dos homens héteros
Reservam, exclusivamente,
Para outros homens héteros
Para outros homens héteros
Não confunda a companhia de um homem
Carente e egocêntrico
Com a amizade sincera e descomunal
A maioria dos meus amigos homens

Só queria me comer
Só queria tomar um vinhozinho lá em
casa

Só queria me mostrar a coleção de
bonequinhos dos power rangers
Só queria me comer
Só queria fazer um naturismo doméstico

**criada em colaboração com a
fotógrafa Luiza R. Castro
e performada durante a residência
artística da IBG no Festival de
Arte Cidade de Porto Alegre e no
Agulha Bar*



ZONA (so queriam) 5
breaks

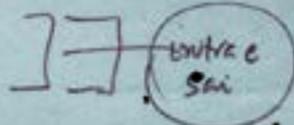
(66)

LEAD SMURFS

~~MELODIC~~ MELODIC BAPBAP

DRUMS BUM CHA

MELODIC LUSTY



DRUMS DEEP BREAK

BASS SLAM

BASS RUSTBUCKET

tira tudo.

"Lana del Rey"

so' andressa + Luiza Castro

FRIENDZONE*

Don't confuse
The company of a needy and self-centered man
With a sincere and monumental friendship
Most of my male friends
Just wanted to fuck me
(They just wanted to show me that Led Zeppelin
vinyl back home)
For they are incapable of feeling
Anything that comes
By the women they live with
Everything or almost everything
That is particular of love itself
Most straight men
Reserve, exclusively
For other straight men
For other straight men
Don't confuse the company of a man
Needy and self-centered
With the sincere and monumental friendship
Most of my male friends
Just wanted to fuck me
They just wanted to have a little wine back home
They just wanted to show me their collection of
power rangers action figures
They just wanted to fuck me
They just wanted to do some home naturism

INTRO (FLAUTA - SOL / LA)

GRACIANE (LA - RE (TEU PIANO))

MÃE (TEU PIANO)
VINHETA DE PECHE

CASTRO (SOL / MI) (TEU PIANO)
(ELETRICO)

ZONA DE MIZADE
(TEU PIANO) (LA - PA MI DO)

ELOGIO DE H...
(TEU PIANO) (LA - LA#)
(SOL - SOL#)

UTERO

XOXOTA CACHOEIRA
MC CAROL (MI - SOL)
(LA - LA)

*Created in collaboration with photographer Luiza R. Castro, and performed during IBG's artist residency at the Porto Alegre City Art Festival and Agulha Bar

Para Elsa von Freytag-Loringhoven

Garotas Instantâneas relêem a música
Papai Noel da Banda Garotos Podres

Marcel Duchamp filho da puta (2x),
Plagia as vulneráveis
Eu quero matá-lo.

Homenageia os caras
E cospe nas minas
(2x)

Vamos sequestrá-lo e vamos matá-lo (2x)
Por que
Elsa Freitag R.MuTT (2x)

Vamos sequestrá-lo e vamos matá-lo (2x)
Mais fácil encaixar um urinol em
um pedestal (6x)
Do que uma mulher em um livro de
História da Arte

Mais fácil encaixar um urinol em um
pedestal

MD filho da Puta (2x)

Marcel Duchamp
Filho da Puta
Plagia as vulneráveis

Eu quero matá-lo (2x)
Aquele porco dadaísta (2x)

Homenageia os caras e cospe
nas minas
Eu quero matá-lo (2x)

Vamos sequestrá-lo e vamos matá-lo

Por que
Elsa Freitag R.Mutt (2x)

Mais fácil encaixar um urinol
em um pedestal
Um urinol em um pedestal
Do que uma mulher (2x)
Em um livro de História da Arte

Marcel Duchamp
Filho da Puta

Handwritten notes on a piece of paper:

Kill Duchamp FA-Si b - 2x

I follow you

FA
MI
DO

MI Si b
MI Re Si b
Sol

INTRO (flauta) Sol-LA
- GRACIANE -> - RE
- MAE ^{virada} _{de Duchamp} - LA
- CASTRO ^{BOM DE AMIGOS}
- GLOGIO DE FOME E FODA
- ÚTERO (LA-RE-MI-SOL)
- BUCETA FUMIGANTE
- PINDURICOLA - LA# FA#
2019
RH 70

LA	FA	RE
f	Re do	fa
MI/RE/DO	Si	MI
MI	La	DO

Garotos Podres - Papai Noel FDP

Papai Noel FDP

rapista os miseráveis
eu quero matá-lo
aquele porco capitalista
perante os ricos
coque nos pobres

Vamos sequestrá-lo
e vamos matá-lo

Por que?

Aqui não ~~existe~~ natal
Aqui não ~~existe~~ natal

Marcel Duchamp filho da puta
Plagia os vulneráveis

Eu quero matá-lo
Aquele porco dadaísta

Faz arte com os meus
Roubou das minhas!

Vamos sequestrá-lo

e vamos matá-lo

Por que?

M.D.S.O.A.B.

To Elsa von Freytag-Loringhoven
Instant Girls Band re-read the song
Papai Noel by Garotos Podres Band

Marcel Duchamp son of a bitch(2x),
Plagiarizes the vulnerable
I wanna kill him

Pays homage to guys
And spits on women (2x)

Let's kidnap him and let's kill him(2x)
Because
Elsa Freitag is R.MuTT(2x)

We'll kidnap him and we'll kill him(2x)
It's easier to fit a urinal on a pedestal(6x)
Than a woman in an art history book

Easier to fit a urinal on a pedestal

Marcel Duchamp son of a bitch(2x)
Marcel Duchamp

Son of a Bitch
Plagiarizes the vulnerable

I wanna kill him(2x)
That Dadaist pig(2x)

Pay homage to guys and spits
on women
I wanna kill him(2x)

Let's kidnap him and let's
kill him
Because
Elsa Freitag is R.Mutt(2x)

It's easier to fit a urinal on
a pedestal
A urinal on a pedestal
Than a woman(2x)
In an art history book

Marcel Duchamp
Son of a Bitch



No processo de criação, composição, dos sons de guitarra na IBG, explorei estruturas minimalistas a partir de improvisos, experimentando efeitos distorcidos e ruídos através do uso de pedais, sobre tratadas eletrônicas e samplers criados pela artista Marion Velasco.

O caso e o não planejamento eram recursos determinantes e essenciais na composição dos arranjos da parte instrumental da performance sonora, que contava ainda com o teclado de Andressa Cantergiani.



VÍDEO - SAMPLERS, VOZ, TECLADO
ENTRA POUCO C/ ALGUM BARULHO!!!
EM LA.

XOXÓIA CAHOUEIRA - RE... LA... SOL... RE... LA... SOL

CASTRO - Entra só às vezes - SEM MELÓDIAS
APENAS BARULHOS
IMPROVISOS ...
FICA + OS SAMPLERS DIRETO
E VOZ

GRACZYME - C/ TREMULO! ~~DISSONÂNCIA~~ NOTA SOANDO

Mi (agudo) - LA' (grave) - DÓ
E BARULHOS ALEATÓRIOS
ÀS VEZES.

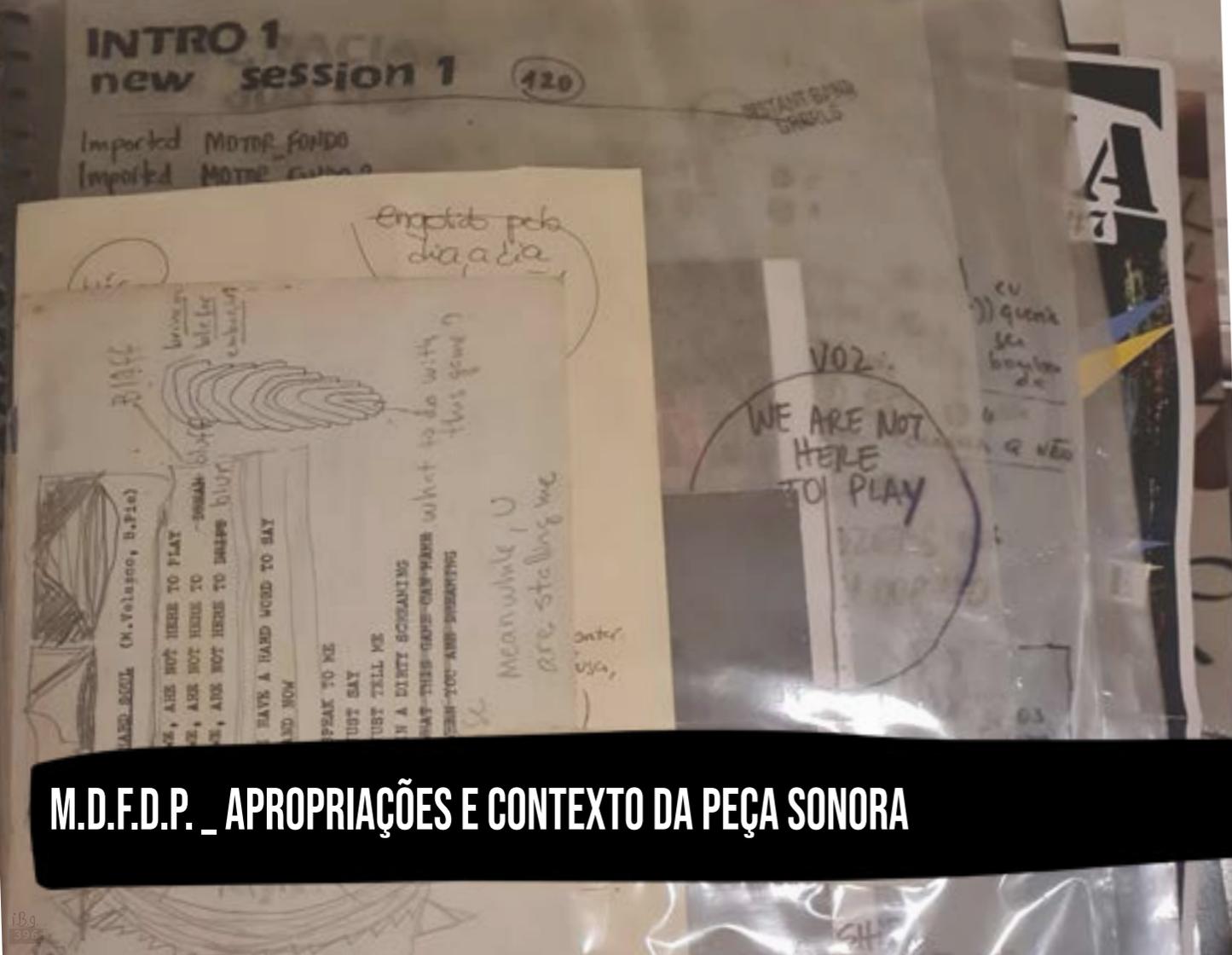
ELOGIO DE HUMEM - DISTORÇÃO

Mi, Si

Mi, SOL

DÁI LÁ PELAS TANTAS MI (agudo) - SEGURA

INTRO → SOL, LA } segura FA



M.D.F.D.P. _ APROPRIAÇÕES E CONTEXTO DA PEÇA SONORA

No grupo **Garotas Instantâneas** do **WhatsApp**, os assuntos e o fluxo das postagens, variam muito. Há momentos em que as conversas se intensificam, se misturam, pulam de um tema a outro. Noutros momentos, nada acontece. Isso se reflete na periodicidade das ações da banda que, também, oscilam entre a afluência e a dispersão das atividades.

Numa semana do segundo semestre de **2020**, as postagens de **Alice**, **Andressa** e **Marion** estavam assim: "cólica aqui, todo dia abraçada na bolsa térmica"; "eu tbmmmm, período intenso, cachoeira_buce-ta cachoeira"; "tudo tá

vingando online"; "hoje desânimo total, exausta, almocei bolo e fui dormir de novo"; "eu jantei bolo ontem e não conseguia sair da cama. Trigo sarraceno e achocolatado orgânico"; "**fiz um bolo de cenoura que fracassou**"; "o meu bolo ficou incrível, de banana com especiarias e fermentação natural, mas passa longe de ser almoço. Mas na hora foi bom, o útero aprovou"; "como é solitário não ser mística [**emoji de risos**]".

Para além da aparente melancolia, das coincidências gastronômicas e dos ciclos femininos, as conversas transitaram por demandas da vida de ar-

tista-pesquisadora em final de tese, no pós-tese e outras burocracias acadêmicas, concursos públicos, sonhos e pesadelos vivenciados, compartilhados e comentados por todas. Nesse período, o grupo foi um ponto de apoio, em meio aos assombros causados pelo (des) governo federal e as inseguranças com a pandemia de **Covid19**. Os momentos de alegria vieram com os aceites das peças sonoras e vídeos nas **Chamadas Públicas** e **eventos online**. Mas, naqueles tempos, em que os corpos precisavam se manter isolados, comemorar e beber junto, se deu com conversas na madrugada, mediadas por te-

las **pop-up**, entremeadas de postagens e clipes de áudio nas **DMs** dos perfis nas redes sociais e uma avalanche de emojis e gifs feministas, no grupo. Com a necessidade de difundir o trabalho já realizado e as participações nos eventos online, **as demandas da Banda aumentaram**. Tudo passou pela aprovação de todas: da seleção de imagens e vídeos à redação dos releases e textos para cards e seus compartilhamentos. Nisso, aflorou a vontade de compor uma **letra coletiva**, de cantar junto, de fazer performances ao vivo com uma infraestrutura de melhor qualidade. Muitos editais de fomento pipo-

caram pelo grupo e para alguns, houve submissão, mas não vingaram.

Neste contexto animoso, desejante e virtual, entre agosto e outubro de 2020, foi proposta uma temática para um novo lírico. Frases e palavras sobre a **Baronesa Elsa e Marcel Duchamp** se empilharam no grupo, misturadas a outras questões. Assim surgiu **Kill Duchamp** ou **Marcel Duchamp Filho da Puta** que, mais adiante, se materializou na peça sonora **M.D.F.D.P.**

A vida e a obra da artista **Dada Elsa Hildegard (1874-1927)** ou **Baronesa Elsa von Freytag-Loringhoven** im-

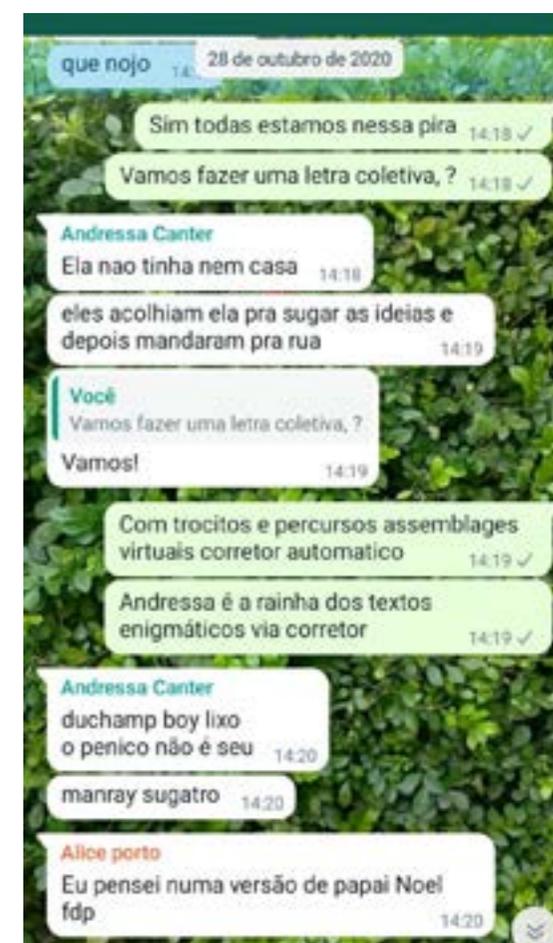
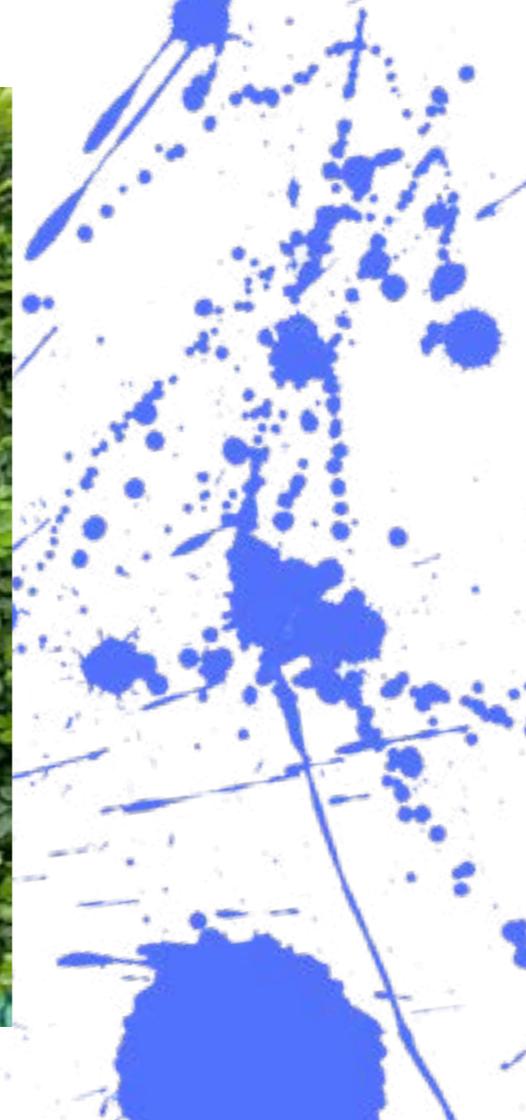
pressionava a todas. Elsa escrevia poesias, criava pequenas esculturas, assemblages, performances de rua e adereços para o corpo com o material reciclado dos objetos que encontrava nas ruas de **Greenwich Village**, em **NYC**, nas primeiras décadas do século XX.

As discussões sobre uma possível autoria e ou participação na proposição da obra **A FONTE/Fountain (1917)** _a apropriação de um mictório de porcelana, peça industrial disposta na posição invertida da sua função e com a assinatura **R.Mutt**, cuja ação e pseudônimo foram atribuídos a **Marcel Duchamp**,

atizaram historiadores e a prática artística de diversos artistas, inclusive, das **Garotas Instântneas**. Pesquisas recentes evidenciam o convívio e as colaborações entre **Elsa, Duchamp e Man Ray** em **NYC**. Eles moraram juntos, conversaram sobre arte. Ela modelou para eles e performou, raspando os pelos pubianos, em um dos seus filmes. Conforme o título diz, **Elsa** dedicou o **assemblage Portrait of Duchamp (1920)** ao artista e, ainda há uma carta de **Duchamp** a sua irmã, onde conta o caso da amiga e do objeto recusado no **Sallão da Associação dos Artistas Independentes**, em Nova York.

A **FONTE**, sua trajetória cercada de mistérios e lacunas de informação e o conceito readymade revolucionaram a Arte Contemporânea. Elsa viveu uma vida genuína, com muitas dificuldades e sem o devido reconhecimento no campo da Arte. A peça sonora **M.D.F.D.P.**, presta uma homenagem à **Baronesa Dada** e se junta a teses, artigos e publicações que questionam a autoria da obra e reivindicam uma revisão das **mulheres artistas, invisibilizadas, pelo patriarcado**, na História da Arte.





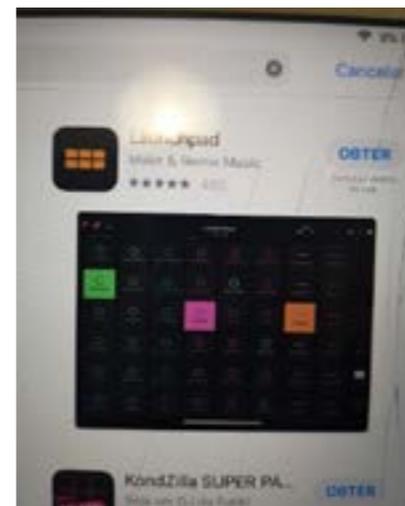
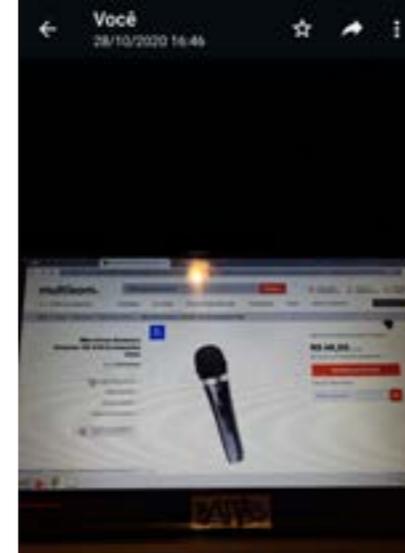


A performance **APARIÇÃO** realizada, ao vivo, em meio à pandemia, teve uma articulação-relâmpago, a fim de se apropriar dos equipamentos audiovisuais da **27ª edição do Festival Porto Alegre Em Cena**, que estavam na **Bronze Residência**, à espera da sua desprodução. Naquele ano, o Festival teve a programação no formato **online** e algumas ações presenciais, que ocorreram em espaços culturais da cidade, mantendo os protocolos sanitários, como o agendamento de visitação. É bom lembrar que no Brasil, em outubro de **2020**, não haviam vacinas contra a **Covid19**.

Com um projetor de ima-

gem, caixas acústicas e uma mesa de som de alta qualidade instalados, a banda produziu o que faltava para um Rider mínimo. Em **28/10/2020**, **Andressa** diz: precisa de pedestal ou improvisamos sem? **Alice** responde: por mim não precisa. **Marion** manda um clipe de áudio sobre microfones e diz: Esse talvez tenha que falar colando a boca no mic. Sensibilidade baixa. **Alice** responde: **Menos de 50 pila** posso investir. E continua: Gurias eu vou terminar de enviar essa burocracia aqui e vou lá na multisom e vocês me fazem acompanhamento remoto pode ser? Mando foto do equipo e vocês me di-

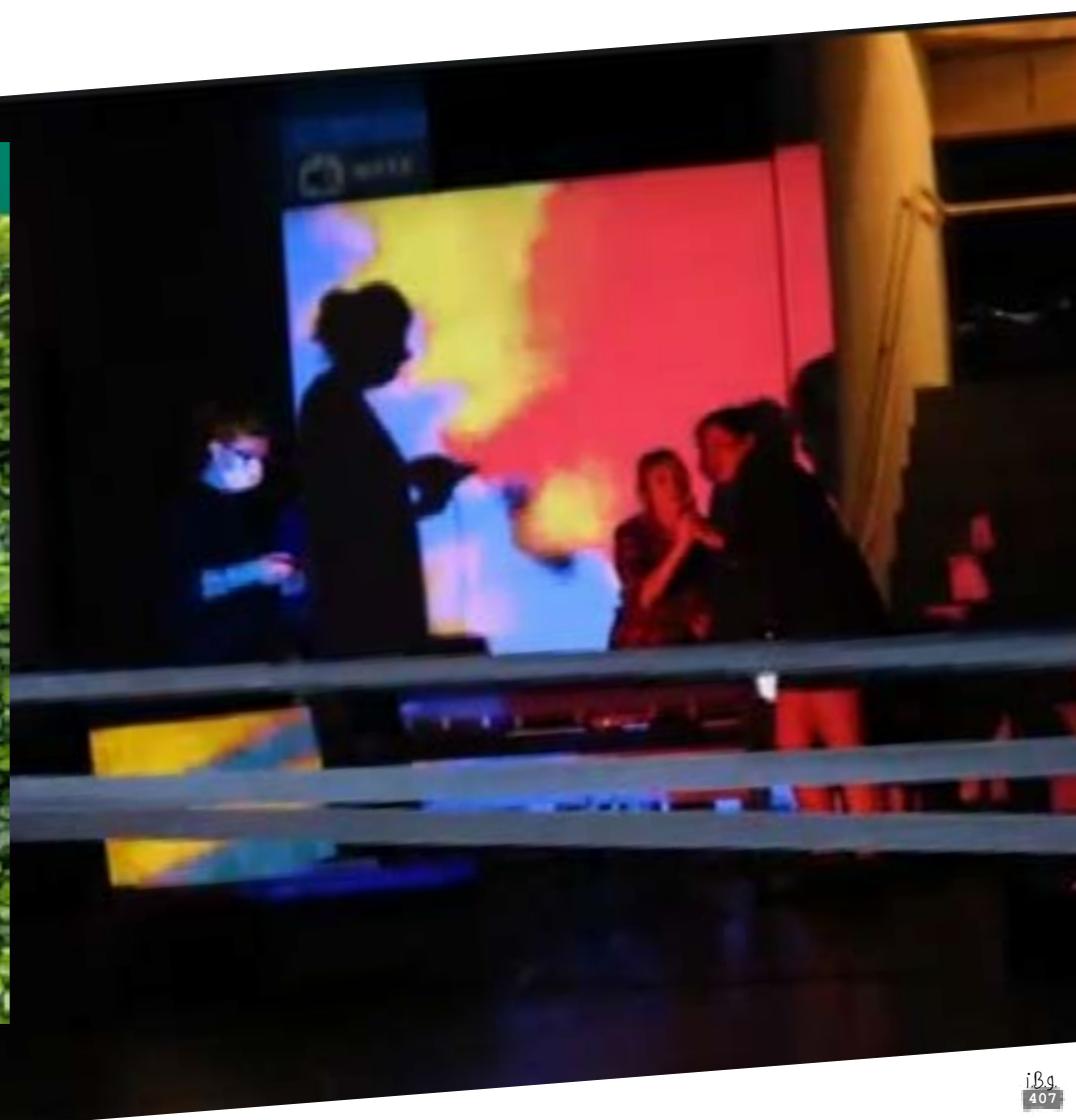
zem se vale". **Alice** comprou um microfone standard. **Mariana** pegou um amplificador de guitarra, emprestado de um estúdio de som e **Marion**, que estava sem o seu 'equipamento' **Ipad Air** pois o emprestou à família para os acompanhamentos do ensino remoto, usou o **Ipad Air mini** da **Alice**, que precisou de uma instalação do **App Nova-tion**.

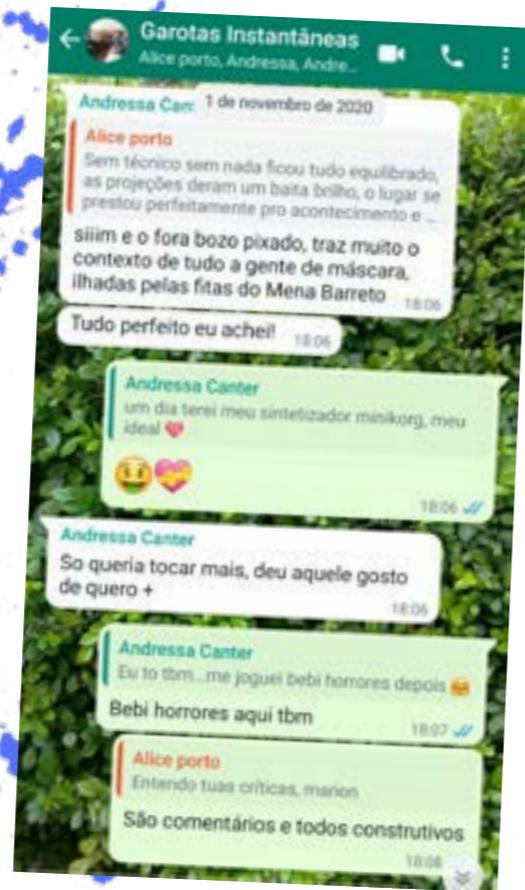


Algumas chamadas da **Aparição** foram veiculadas nas redes sociais da banda e em outros perfis. No dia seguinte, **30/10/22**, a porta automática da **Bronze Residência** foi aberta, com as **quatro integrantes** e a **videoartista** performando, isoladas do público por fitas adesivas do artista **Jorge Menna Barreto**. A performance começou com uma versão, em português, da peça sonora **Penduricalho** (na performance orientada para **áudio-e-vídeo** o lírico foi recitado em inglês), com a projeção indoor do vídeo **Penduricalho**, numa parede de frente para a rua e, na

sequência, foi improvisada a peça sonora-surpresa **Kill Duchamp**. A base eletrônica composta de **baixo-bateria-e-feitos**, o **teclado** e a **guitarra** foram compostos **ao vivo**. Pessoas passaram pelo local e outras seguiram os **protocolos sanitários** contra a aglomeração e **permaneceram, em pé**, nos dois lados da calçada, entre o prédio da **Bronze** e uma praça. A ação durou **30 minutos**.

Kill Duchamp em **Aparição**: <https://www.youtube.com/watch?v=YxOQ8q-DKL5M>





GAROTAS INSTANTÂNEAS RELÊEM GAROTOS PODRES

Como **Elsa e Duchamp** ensinaram na prática e, o crítico de arte francês **Nicolas Bourriaud** (2009:22) explica, "a **apropriação é a primeira fase da pós-produção**: não se trata mais de fabricar um objeto, mas de escolher entre os objetos existentes e utilizar ou modificar o item escolhido segundo uma intenção específica". E o autor segue dizendo, "os **artistas da pós-produção inventam novos usos para as obras**, incluindo as formas sonoras e visuais do passado em suas construções. Mas eles

também trabalham num novo recorte das narrativas históricas e ideológicas, inserindo seus elementos em enredos alternativos" (Bourriaud, 2009:49). O lírico **Kill Duchamp**, rabiscado no grupo de WhatsApp e recitado na performance **Aparição**, se apropria da letra da música **Papai Noel** (1993) da banda punk rock **Garotos Podres** (SP, Brasil) e faz as devidas adaptações para o campo das **Artes Visuais**, ao tratar da polêmica autoria da obra **A FONTE / Fountain** e do apagamento das mulheres

na História da Arte. No final de **2021**, o trio **Garotas Instantâneas** entrou em estúdio de som para produzir o material sonoro selecionado no **Edital da Secult/Pelotas** e, aproveitou para gravar a voz de **Alice** e o sintetizador de **Andressa** para a peça sonora **M.D.F.D.P.**. A base eletrônica **Kill Duchamp** (baixo-bateria-e-efeitos) criada, formada e gravada no **Ipad Air Mini** por **Marion**, em **30/10/2020**, foi usada, na íntegra, na gravação de **M.D.F.D.P.**. Essa ação evidencia a qualidade

performativa do documento produzido na performance **APARIÇÃO**. Pelo conceito de Performatividade, pensado e adaptado para o campo da performance em Artes Visuais, pelo Prof. **Philip Auslander** (2006), a base eletrônica **Kill Duchamp** constitui a performance em si, já que a descreve e age, toda a vez que for tocada. A peça sonora **M.D.F.D.P.** foi editada por **Marion** e pelo produtor musical **Nando Barth** e, masterizada na produtora de som **Cadela Records**, em Porto Alegre, Brasil, entre junho e julho de 2022.

M.D.F.D.P. foi financiada pelo Encontros Hemisféricos: Desenvolvendo práticas transfronteiriças de pesquisa-criação, pela Universidade de York, Toronto, Canadá, através do pos-doutorado em performance e política realizado por Marion Velasco.

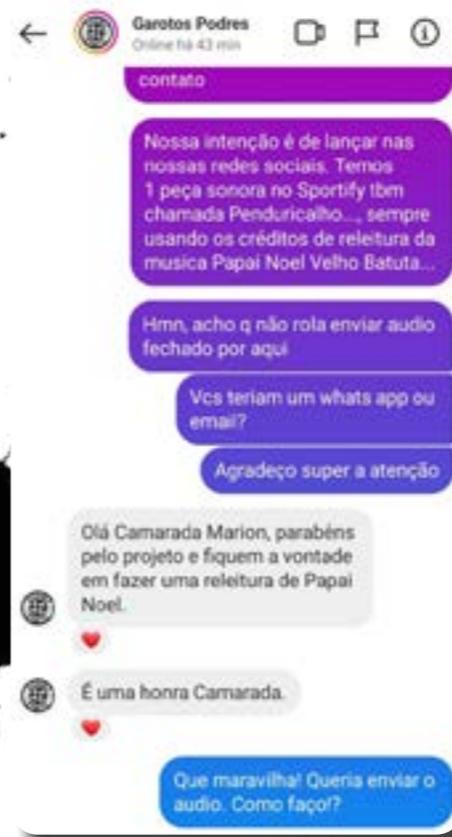


Nando Barth | Foto |
Marion Velasco

L.H.O.O.Q. readymade de Marcel Duchamp (1919) na exposição **MARCEL DUCHAMP La peinture, mème** | Centre Pompidou, Paris, dez.2014 | Foto | **Marion Velasco**



- O título **M.D.F.D.P.** significa Marcel Duchamp Filho da Puta e se apropria da forma adotada pelo artista francês, para nomear o readymade **L.H.O.O.Q.**, uma obra que, também, se apropriou de uma reprodução popular da pintura Monalisa, de **Leonardo da Vinci** e ganhou intervenção gráfica como bigode e cavanhaque sobre o rosto. As iniciais camuflam a frase '**Elle a chaud au cul**', que, em português, significa '**Ela tem o rabo quente**'.
- Esta é a **primeira vez** que a **Banda de Garotas Instantâneas** combinou uma temática para a criação de peça sonora.
- Na performance **Aparição**, Alice, Andressa e Marion cantaram juntas **Kill Duchamp**. Na gravação de **M.D.F.D.P.**, o lírico foi recitado na voz de Alice, sem o backing vocal das outras integrantes.



Show dos Garotos Podres | Bar Opinião | Porto Alegre

- A proposta de releitura da letra da música **Papai Noel** da banda **Garotos Podres**, com informações sobre as adaptações feitas para o contexto da História da Arte e uma breve biografia da **Banda de Garotos Instantâneas** foram enviadas por DM, no perfil **@garotospodresoficial**, no Instagram. O retorno encorajador veio com a frase: **"Avante Camarada"**. O produtor da banda recebeu, por email, a peça sonora **M.D.F.D.P.**.
- Em 09 de outubro de 2022, **Marion** e **Alice** foram ao show da **Banda Garotos Podres** no **Bar Opinião/Porto Alegre** e conversaram com o vocalista (José Rodrigues) **Mão Junior**.



Ouçã M.D.F.D.P.
 por Banda de Garotas
 Instantâneas de Marion
 Velasco no #SoundCloud
<https://on.soundcloud.com/3TqPs>





Referências Bibliográficas

AUSLANDER, Philip. A performatividade da documentação de performance. eRevista Performatus, Inhumas, Ano 2. Nº7, 2013. ISSN:2316-8102.

BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DURÀN, Gloria G.. Baronesa Dandy Reina Dadá: La vida-obra de Elsa von Freytag-Loringhoven. Madrid: Díaz & Ponz Editores, 2013.

GAROTOS PODRES <https://youtube.com/@garotospodres444>



Pré-lançamento da peça sonora **M.D.F.D.P.** em palestra de **Marion Velasco** no Seminário Especial Performance e seus Registros: entre o ativismo e a Encenação. **PPGAV-IA/UFRGS**, coordenado pelas profs.Drs. **Elaine Tedesco** e **Paula Zordan**. Porto Alegre, Brasil.



NÓS SOMOS



Artista, professora, padeira, pesquisadora, ativista feminista. Doutora em Artes Visuais pelo Instituto de Artes/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2021) com estágio doutoral na Katholieke Universiteit Leuven, Bruxelas/Bélgica (2019-2020).

Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015). Especialista em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande (2012) e Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (2009). Trabalha principalmente com gravura, desenho, arte feminista e publicações independentes. Publicou os fanzines com temática feminista: *Ser Um Omi Feminista* (2016), *Xoxotas de Pelotas* (2016), *Quase Um Quadrado* (2017), *Instant Band Grrrls-IBG/Gracyzine* (2018), *Piranhazine* (2018) e *Gracyzine* (2019), além do livro *Alime News* (2020), que também tangencia questões feministas e políticas. Atualmente é professora do ILA/FURG, Rio Grande/RS e reside entre Pelotas/RS e Porto Alegre/RS, Brasil.

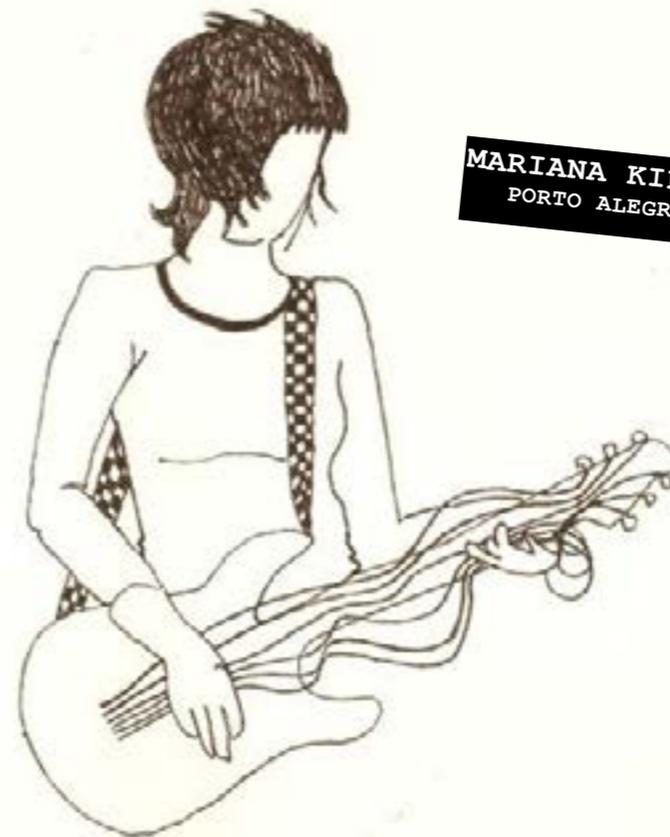
Na *Instant Band Grrrls/IBG/Banda de Garotas Instantâneas* é responsável pelas poesias-líricas e voz-recitação, além de contribuições gráficas em desenho e animação para capas de discos e fragmentos de vídeos.

ALICE PORTO PELOTAS | RS



Artista visual e performer, feminista e mãe. Doutora em Artes Visuais pelo Instituto de Artes/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2021) com estágio doutoral na University of Applied Sciences and Arts-Hochschule, Hannover/DE (2019). É Mestre pelo Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Bacharel em Arte Dramática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Estudou Performance Arte no Summer School da UDK-Universidade de Artes de Berlin. É gestora do espaço independente de arte contemporânea BRONZE Residência, Porto Alegre/Brasil. Pseudopianista de fundo de quintal, ex-atriz, ex-acróbata de circo, ex-bailarina, ex-hostess, ex-vocalista de banda de hardcore, ex-gestora da Galeria Península-Porto Alegre. Tem experiência com performance, vídeo, fotografia, instalação, educação e interesse nos estudos de gênero e feminismo interseccional. Atualmente, mora e trabalha em Berlim/DE. Na Instant Band Grrrls/IBG/Banda de Garotas Instantâneas é responsável pelos teclados e sintetizador.

ANDRESSA CANTERGIANI
CAXIAS DO SUL | RS



MARIANA KIRCHER
PORTO ALEGRE | RS

Artista, cantora, compositora e instrumentista. Integrou as bandas Autobahn, Dating Robots, Planondas, Space Rave. Atualmente trabalha como professora de Artes e desenvolve projeto-solo com música eletrônica experimental e vídeo. Participou da criação de trilhas sonoras para cinema, no curta metragem em 35 mm "Outros" (2000), no desenho animado "Limpador de Chaminés" (2002), no curta metragem em 16 mm, "Éternau" (2006), e também para teatro, na montagem "Anatomia da Boneca" (2012). Criadora e produtora de vídeos e de festivais de bandas. É graduada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013) com a monografia Self-Obsessed and Sexxee. De 2017 a 2020, integrou a Instant Band Grrrls/IBG/Banda de Garotas Instantâneas, onde compôs e tocou frases, melodias e ruídos na guitarra.

MARION VELASCO

PORTO ALEGRE | RS



Artista transdisciplinar. Trabalha com o atravessamento da performance com vídeo, fotografia, arte sonora, música e poesia. Artista-pesquisadora (pós-doutoranda) em performance e política, pelo Hemispheric Encounters da Universidade de York, Toronto/Canadá (2022-23). É doutora em Artes Visuais pelo Instituto de Artes/UFRGS (2017) com estágio doutoral em Arte Sonora e Performance pela Facultad de Bellas Artes/UPV/Valencia/ES (2015).

Especialista em Performance CNPq/UFRGS (1990) e graduada em Artes Plásticas/UFRGS (1988). Participou de exposições coletivas e individuais, nacionais e internacionais. Tem obras na coleção do MACRS. Recebeu os prêmios: Intercâmbio MINC/BR/Lisboa/PT (2013); LAB POA 2020 Lei Aldir Blanc Artes Plásticas; Destaque Artista-Trajetória e Destaque Publicações-online sobre videoperformances no XIV Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (2021). É autora de artigos sobre performance e arte sonora apresentados em Lisboa, Paris, Istambul, Brasil e publicados em livros, sites, revistas nacionais e internacionais. Foi responsável pela voz e líricos da banda The Plastic Dream (1990-91), do duo eletrônico Adventure (1992-96), da banda Satélite MVR (1999). Editou, produziu e apresentou programas radiofônicos (FM, webradio, radioarte). É fundadora e responsável pelas bases eletrônicas da Instant Band Grrrls/IBG/Banda de Garotas Instantâneas, entre outros projetos sonoros.



CARMEN FONSECA

DESIGN GRÁFICO

@editorapontoevirgula

meu útero
é laço

© Marion Velasco, 2023

Banda de Garotas Instantâneas. Nossa luta é diária_performances sônicas e ativismo feminista
Marion Velasco (org.)

Concepção, pesquisa documental, organização Marion Velasco

Textos Cristina Ribas, Marion Velasco, Alice Porto, Andressa Cantergiani

Outros documentos Mariana Kircher, Carolina Grimm (depoimentos); Jessica Porciúncula (entrevista); Marion Velasco (introdução, textos-miolo e transcrição de áudio-entrevista para texto)

Revisão dos textos Simone Paixão (exceto em *É preciso ocupar os espaços...* de Marion Velasco e *Elas Estilhaçadas - Elas -BANDA DE GAROTAS INSTANTÂNEAS* de Andressa Cantergiani)

Versão dos líricos para o inglês Alice Porto

Design gráfico Carmen Rita B. da Fonseca (miolo);

Lilian Becker (textos e montagem)

Capa, sticker (colagem digital) e contracapa Cauan Ferreira

Título (pixo-ação) e fotografias (capa e contracapa) Marion Velasco

Fotografias (miolo): Luiza Castro, Louise Soares, Juliana Mass, Fernanda Chemale, Pétala La Maison, Andressa Ahlert, Kelly Wendt, Adauany Zimovski, Bruna ~~Silva~~ Jeguakai Charrúa, Marion Velasco, Alice Porto, Andressa Cantergiani, Liliana Velho, Beto Salvi, Luisa Meyer

Videogravuras (prints de tela) Carol Grimm

Ilustrações da banda Camila Cuqui (@camcuqui)

Edição de Artista

Publicação Online

Esta publicação é parte integrante da pesquisa de pós-doutorado em performance e política de Marion Velasco, intitulada **Free_Form (to) Transform - poéticas de ativismo feminista:arquivos e performances sônicas da Banda de Garotas Instantâneas e novas configurações, pelo Encontros Hemisféricos:** Desenvolvendo práticas transfronteiriças de pesquisa-criação, da Universidade de York em parceria com Social Sciences and Humanities Research Council (SSHRC), Toronto, Canadá (2022).

As fotografias contidas nesta publicação fazem parte do acervo pessoal das artistas integrantes da banda, das fotógrafas que documentaram as performances e compartilharam as imagens nos seus perfis e dos eventos nas redes sociais e Internet, além das fotografias que foram, gentilmente, cedidas e enviadas por email à organização.

Se você teve alguma imagem publicada sem o devido crédito e/ou fotografou a Banda de Garotas Instantâneas e gostaria de contribuir com o nosso acervo, por favor, envie uma mensagem para onvelasco@gmail.com

Os links ativos para diversos perfis nas redes sociais, sites e plataformas na Internet, distribuídos ao longo desta publicação, estavam acessíveis até a data do seu fechamento. Não é de responsabilidade da organização, as possíveis falhas no acesso por erros, por estarem fora do ar, por suspensão e outros transtornos como páginas e contas modificadas, canceladas e desativadas pelos seus administradores.



ACTIVISMO FEMINISTA
PERFORMANCES SONICAS

HEMISPHERIC
ENCOUNTERS

YORK U



Social Sciences and Humanities
Research Council of Canada

Conseil de recherches en
sciences humaines du Canada

Canada

VÍDEO
e VHS
E LEVE
CAÇÃO e
ENDA
DO MUNDO

TE
PA
AÍ
EN
TRO?

WW7

DEN
TRO?



TEM PAZ
AI
DEN
TRO?

lute

DV
VH
DS

IN
SCR
ITIC
ÃO

LETRASCUL
1989-1990